

M A R I E L U



LEGEND

A VERDADE SE TORNARÁ LENDA

|PRUMO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

M A R I E L U



LEGEND

A VERDADE SE TORNARÁ LENDA

Tradução
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

| PRUMO
1999

Sumário

Dedicatória

Parte 1: O MENINO QUE CAMINHA SOB A LUZ

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

Parte 2: A MENINA QUE ESTILHAÇA O VIDRO RELUZENTE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

DAY

JUNE

Agradecimentos

Notas

Créditos

A Autora

Para Minha Mãe

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA
REPÚBLICA DA AMÉRICA



POPULAÇÃO: 20.174.282 HABITANTES

Parte 1

**O MENINO
QUE CAMINHA
SOB A LUZ**

DAY

Minha mãe pensa que estou morto.

Obviamente, não estou morto, porém é mais seguro para ela pensar que estou.

Pelo menos duas vezes por mês vejo meu cartaz de “Procura-se”, exibido nos telões de TV espalhados no centro de Los Angeles. Ele parece meio deslocado lá. A maioria das fotos nas telas mostra coisas felizes: crianças sorridentes sob um céu de brigadeiro, turistas posando diante das ruínas da Golden Gate, comerciais da República em cores de néon. Há também propaganda anticolônias. “As Colônias querem nossas terras”, afirmam os anúncios. “Eles querem o que não têm. Não permita que eles conquistem seus lares. Apoie nossa causa!”

E então aparece minha ficha criminal. Ela ilumina os telões de TV, em toda a sua glória multicolorida:

PROCURADO PELA REPÚBLICA

Arquivo Nº 462178-3233 “DAY”

PROCURADO POR AGRESSÃO,
INCÊNDIO, ROUBO, DESTRUIÇÃO DE
PROPRIEDADES MILITARES, E POR
PREJUDICAR O ESFORÇO DE GUERRA.
RECOMPENSA DE 200.000 NOTAS
DA REPÚBLICA POR INFORMAÇÕES
QUE LEVEM À PRISÃO DESSE ELEMENTO.

Os cartazes sempre trazem uma foto diferente com minha ficha. Certa vez era a de um menino de óculos, com a cabeça cheia de grossos cachos cor de cobre. De outra vez, a foto era de um garoto de olhos negros e carequinha. Às vezes sou negro, às vezes, branco, outras vezes pardo, moreno, amarelo ou vermelho, ou qualquer outra coisa que lhes venha à cabeça.

Em outras palavras: a República não tem ideia da minha aparência. Parece que eles não sabem quase nada sobre mim, exceto que sou jovem e que, quando verificam minhas impressões digitais, não encontram no seu banco de dados nenhuma que corresponda. É por isso que me odeiam, porque não sou o criminoso mais *perigoso* do país, e sim o mais *procurado*. Eu faço que eles pareçam ineficientes, pois não conseguem me capturar.

Estamos no início da noite, mas já está um breu lá fora, e os reflexos das telas grandes de TV são visíveis nas poças da rua. Eu me sento no parapeito esfacelado de uma janela a três andares de altura, oculto da visão, atrás das vigas de aço enferrujadas. O prédio era um conjunto de apartamentos, mas agora está em ruínas. Lâmpadas quebradas e cacos de vidro se espalham desordenadamente no chão deste cômodo, e todas as paredes estão com a tinta descascada. Em um canto, no chão, um velho retrato do Primeiro Eleitor jaz no chão, virado para cima. Eu me pergunto quem morava ali. Ninguém é pirado o bastante para deixar seu retrato do Primeiro Eleitor abandonado no chão daquele jeito.

Meu cabelo, como sempre, está enfiado num velho boné de jornaleiro. Meus olhos estão fixos na pequena casa de um andar do outro lado da rua. Minhas mãos mexem com o medalhão pendurado no meu pescoço.

Tess se debruça na outra janela do cômodo, ela me observa atentamente. Estou inquieto e, como sempre, ela percebe isso.

A praga atingiu com força o setor Lake. O brilho dos telões possibilita, a Tess e a mim, ver os soldados no fim da rua, à medida que eles inspecionam todas as casas, com suas capas negras reluzentes, usadas soltas por causa do calor. Cada um deles usa uma máscara de gás. Às vezes, quando aparecem, marcam uma casa com um grande X vermelho na porta da frente. Depois

disso, ninguém entra ou sai da casa. Pelo menos, não enquanto alguém está olhando.

– Você ainda não consegue ver os caras? – Murmura Tess. As sombras ocultam sua expressão.

Numa tentativa de me distrair, monto um estilingue improvisado com pedacinhos de antigos tubos de PVC:

– Eles não jantaram. Faz horas que eles não se sentam à mesa.

Eu mudo de posição e estendo meu joelho ruim.

– Vai ver eles não estão em casa.

Olho irritado para Tess. Ela está tentando me consolar, mas não estou a fim:

– Uma luz está acesa. Veja aquelas velas. Mamãe não gastaria velas se ninguém estivesse em casa.

Tess se aproxima e diz:

– A gente devia sair da cidade por umas duas semanas, né? – Ela tenta manter a voz calma, mas dá para notar seu medo. – Logo a praga vai acabar e você pode voltar para visitar. Temos dinheiro mais do que suficiente para duas passagens de trem.

Sacudo a cabeça e digo:

– Uma noite por semana, lembra? Só quero ver como eles estão uma noite por semana.

– Sei... você veio aqui todas as noites essa semana.

– Só quero ter certeza de que eles estão bem.

– E se você ficar doente?

– Vou me arriscar. E você não precisava ter vindo comigo, podia ter me esperado em Alta.

Tess dá de ombros e diz:

– Alguém tem de vigiar você.

Ela tem dois anos a menos do que eu, embora às vezes pareça velha o bastante para tomar conta de mim.

Observamos em silêncio enquanto os soldados se aproximam da casa da minha família. Toda vez que eles param numa casa, um soldado bate à porta enquanto um segundo homem fica ao lado, de arma em punho. Se ninguém abre a porta em dez segundos, o primeiro soldado a arromba com um pontapé. Não consigo vê-los quando entram às pressas, mas conheço esse procedimento: um soldado vai colher uma amostra de sangue de cada membro da família, depois vai conectá-la num leitor portátil para verificar se há indícios da praga. Todo o processo demora dez minutos.

Conto as casas entre o local onde os soldados estão agora e onde mora minha família. Vou precisar esperar uma hora antes de saber o que aconteceu com meus familiares.

Ouve-se um guincho vindo do outro lado da rua. Meus olhos se movem rapidamente em direção ao barulho, e minha mão agarra a faca embainhada no meu cinto. Tess engole em seco.

É uma vítima da praga. Essa mulher deve estar se deteriorando há meses, porque sua pele está rachada e sangrando. Eu me pergunto como os soldados não repararam nela nas inspeções anteriores. Ela cambaleia por um tempo, desorientada, depois vai à frente, tropeça e cai de joelhos. Olho mais atrás, na direção dos soldados. Eles agora a veem. O soldado com a arma na mão se aproxima, enquanto os outros onze ficam onde estão e observam. Uma vítima da praga não é uma grande ameaça. O soldado ergue a arma e mira. Uma salva de faíscas acaba com a mulher infectada.

Ela desmorona, depois fica imóvel. O soldado volta a unir-se aos companheiros.

Eu gostaria que pudéssemos pegar uma das armas dos soldados. Uma arma bonita como aquela não custa muito no mercado, 480 Notas, menos que um fogão. Como todas as armas, tem precisão, é guiada por ímãs e correntes elétricas, e pode atingir com exatidão um alvo a três quarteirões de distância. É tecnologia roubada das Colônias, disse papai uma vez, embora seja claro que a República jamais admitiria isso. Tess e eu poderíamos comprar cinco armas daquela, se quiséssemos... Ao longo dos anos aprendemos a estocar o dinheiro extra que roubamos, e a mantê-lo

escondido, para emergências. Mas o verdadeiro problema em ter uma arma não é a despesa, é que é muito fácil de ser rastreada, levando até você. Toda arma tem um sensor que informa o formato da mão de quem a usa, impressões digitais, e localização. Se isso não me denunciasse, nada mais o faria. Então, permaneço com minhas armas caseiras, estilingues de tubos de PVC e outras bugigangas.

– Eles encontraram outra casa – diz Tess. Ela aperta os olhos para conseguir ver melhor.

Olho e vejo os soldados saírem rapidamente de outra casa. Um deles sacode uma lata de spray de tinta e desenha um X vermelho gigantesco na porta. Conheço essa casa. Há tempos, a família que mora lá tinha uma filhinha da minha idade. Meus irmãos e eu brincávamos com ela quando éramos mais novos, de pega-pega e hóquei de rua, com pás de ferro e bolinhas de papel.

Tess tenta me distrair ao apontar com a cabeça para o embrulho de pano perto dos meus pés:

– Que foi que você trouxe aí dentro?

Sorriso e depois me abaixo para desamarrar o nó do pacote:

– Algumas das coisas que a gente conseguiu esta semana. Vão render uma ótima comemoração depois que eles passarem pela inspeção.

Meto a mão na pequena pilha de objetos legais no pacote e mostro um par usado de óculos de proteção. Eu os examino bem, para me certificar de que os vidros não estão rachados. “Para John, um presente adiantado de aniversário.” Meu irmão mais velho faz dezenove anos no fim da semana. Ele trabalha em turnos de catorze horas na fábrica de fornos de fricção do bairro, sempre chega em casa esfregando os olhos por causa da fumaça. Dei a maior sorte de poder surrupiar esses óculos de um carregamento de material militar.

Largo os óculos e reviro o resto das coisas. A maioria é de latas de ensopadinho de carne e batata que roubei da despensa de um avião, além de um velho par de sapatos com as solas intactas. Eu queria muito estar na sala

com eles quando entregar esses troços todos, mas John é a única pessoa que sabe que estou vivo, e ele prometeu não contar à mamãe nem ao Édén.

Daqui a dois meses Édén faz dez anos, o que quer dizer que ele precisará então submeter-se à Prova. Eu próprio fui reprovado quando completei dez anos. Por isso me preocupo com Édén, porque mesmo ele sendo o mais inteligente dos três irmãos, pensa de maneira muito parecida com a minha. Quando terminei minha Prova, tinha tanta certeza das minhas respostas, que nem me preocupei em ver as notas que receberiam. Aconteceu, porém, que os administradores me levaram para um canto do estádio onde a Prova foi realizada, com um grupo de outros garotos. Carimbaram não sei o quê no meu exame e me enfiaram num trem que se dirigia ao centro da cidade. Não pude levar nada comigo, exceto o cordão que usava no pescoço. Não pude nem me despedir.

Várias coisas podem acontecer depois que se faz a Prova.

Você consegue o número perfeito de pontos: 1.500. Ninguém *já* alcançou essa contagem, isto é, à exceção de uns garotos há alguns anos, a respeito de quem os militares fizeram o maior estardalhaço. Quem sabe o que acontece com alguém com um número tão alto de pontos? Provavelmente, muito dinheiro e poder, não é?

Se você marca entre 1.450 e 1.499 pontos, pode se dar um tapinha nas costas, porque vai ter acesso instantâneo a seis anos de ensino médio e depois a quatro anos nas melhores universidades da República: Drake, Stanford e Brenan. Depois o Congresso o contrata e você ganha uma fortuna. Em seguida, você vai ter muita alegria e felicidade. Pelo menos, de acordo com a República.

Se você consegue uma boa marcação, entre 1.250 e 1.449 pontos, frequenta o ensino médio, e em seguida o enviam para uma faculdade. Nada mau.

Se você só consegue marcar entre 1.000 e 1.249 pontos, o Congresso o impede de frequentar o ensino médio, e você passa a fazer parte dos pobres, como a minha família. Você provavelmente vai se afogar enquanto estiver

trabalhando nas turbinas de água, ou morrerá sufocado pelo vapor das centrais elétricas.

Você é reprovado.

Quase sempre os meninos das favelas não passam na prova. Se você está nessa categoria infeliz, a República manda funcionários do governo à casa da sua família. Eles forçam seus pais a assinar um contrato, dando ao governo custódia total sobre você. Dizem que você foi mandado para os campos de trabalho forçado da República e que sua família não o verá mais. Seus pais têm de fazer um sinal positivo com a cabeça e concordar. Alguns pais chegam a comemorar, porque a República lhes dá mil Notas, como um presente de condolências. Ganhar dinheiro e ter menos uma boca para alimentar? Que governo atencioso!

Exceto que isso tudo é mentira. Uma criança inferior com maus genes não é útil ao país. Se você tiver sorte, o Congresso o deixará morrer sem antes ser mandado a um laboratório, para ser examinado em busca de imperfeições.

Restam cinco casas. Tess percebe a preocupação nos meus olhos e põe a mão na minha testa:

– Você está ficando com dor de cabeça?

– Não, eu estou bem.

Espreito a casa de minha mãe pela janela aberta, e vejo de relance um rosto familiar. Éden caminha, então olha sorrateiramente pela janela para os soldados que se aproximam, e aponta para eles uma engenhoca de metal feita à mão. Depois se esconde rapidamente, e desaparece de vista. Seus cachos louros como trigo reluzem sob a luz vacilante do poste. Conhecendo-o, calculo que ele tenha construído aquele dispositivo para medir a distância em que está uma pessoa, ou algo assim.

– Ele está mais magro – sussurro.

– Ele está vivo e andando bem – responde Tess. – Para mim, isso já é lucro.

Minutos depois, vemos John e minha mãe passando pela janela, conversando muito. John e eu somos bem parecidos, embora ele seja um pouco mais corpulento devido aos longos dias de trabalho na usina. Seu cabelo, como o da maioria que vive no nosso bairro, passa dos ombros e está amarrado num rabo de cavalo. Seu colete está manchado de barro vermelho. Dá pra ver que mamãe o está repreendendo por alguma coisa, possivelmente por ter deixado Édén espiar pela janela. Ela afasta a mão de John com um tapa quando um acesso de sua tosse crônica a ataca. Eu suspiro. Bem, pelo menos eles três estão saudáveis o bastante para andar. Mesmo se um deles estiver infectado, há tempo suficiente para se recuperar.

Não consigo parar de imaginar o que acontecerá se um dos soldados marcar a porta da minha mãe. Minha família ficará paralisada na nossa sala de visitas muito tempo depois de os soldados partirem. Depois mamãe vai expor seu costumeiro rosto corajoso, mas passará a noite toda sem dormir, silenciosamente enxugando as lágrimas. De manhã, eles vão começar a receber pequenas quantidades de alimento e água, então simplesmente esperarão se recuperar. Ou morrer.

Minha mente vagueia até a pilha de dinheiro roubado que Tess e eu temos escondida. Duas mil e quinhentas Notas. O bastante para nos alimentar durante meses, mas não o suficiente para comprar os frascos de remédio contra a praga de que minha família precisa.

Os minutos se arrastam. Guardo meu estilingue e começo a jogar *Pedra, Papel, Tesoura* com Tess. (Não sei por quê, mas ela é fera nesse jogo.) Olho de relance várias vezes para a janela da minha mãe, mas não vejo ninguém. Eles devem estar juntos perto da porta, prontos para abri-la tão logo ouçam um punho batendo na madeira.

E então chega a hora. Eu me debruço tanto para a frente no parapeito, que Tess agarra meu braço para garantir que eu não me esborrache no chão. Os soldados batem na porta. Minha mãe abre imediatamente, deixa os soldados entrarem, e depois fecha a porta. Eu me esforço para ouvir vozes, passos, qualquer coisa que venha da minha casa. Quanto antes isso terminar, mais cedo posso entregar furtivamente os presentes ao John.

O silêncio se arrasta. Tess murmura:

– Falta de notícias é boa notícia, certo?

– Muito engraçado!

Conto os segundos mentalmente. Um minuto se passa. Depois, passam-se dois, depois quatro e, finalmente, dez minutos.

E depois quinze. Vinte minutos.

Olho para Tess, e ela dá de ombros:

– Vai ver a leitora portátil deles está enguiçada.

Decorrem trinta minutos. Não ousou sair da minha vigília. Receio que algo aconteça tão depressa, que passe despercebido por mim, se eu piscar. Meus dedos tamborilam ritmadamente contra o cabo da minha faca.

Quarenta minutos. Cinquenta minutos. Uma hora.

– Alguma coisa está errada – murmuro.

Tess franze os lábios e diz:

– Você não sabe se está.

– Sei sim. O que poderia demorar tanto?

Tess abre a boca para responder, mas antes de poder dizer alguma coisa, os soldados saem da minha casa, numa fila única, e com os rostos impassíveis. Finalmente, o último soldado fecha a porta e pega uma coisa enfiada na cintura. Subitamente, fico tonto: sei o que vai acontecer.

O soldado borrifa uma linha diagonal comprida e vermelha na nossa porta, depois borrifa outra linha, formando um X.

Xingo silenciosamente e começo a me virar de costas, mas então o soldado faz uma coisa inesperada, que eu nunca havia visto.

Ele borrifa uma terceira linha, vertical, na porta da minha mãe, cortando o X pela metade.

JUNE



13H47.

UNIVERSIDADE DE DRAKE, SETOR BATALLA.

22 °C EM AMBIENTE FECHADO.

Estou sentada na sala da secretária do reitor. De novo. Do outro lado da porta de vidro fosco, vejo um grupo de colegas meus de classe (veteranos, todos pelo menos quatro anos mais velhos do que eu), andando por ali, numa tentativa de ouvir o que está acontecendo. Vários deles me viram ser arrancada do exercício vespertino da classe (aula de hoje: como carregar e descarregar um rifle XM-621) por uma dupla de guardas ameaçadores. Sempre que isso acontece, a notícia logo se espalha no campus todo.

A pequena menina-prodígio favorita da República está encrocada de novo.

A sala está silenciosa, exceto pelo fraco zumbido do computador da secretária do reitor. Memorizei todos os detalhes desta sala, os pisos de mármore cortados à mão e importados do estado de Dakota, 324 azulejos quadrados de plástico no teto, seis metros de cortinas cinzentas pendem nos dois lados do retrato do glorioso Eleitor na parede dos fundos da sala. Uma tela de trinta polegadas na parede lateral, sem som tem uma legenda que diz: “Grupo de ‘Patriotas’ traidores lança bomba sobre uma base militar local e mata cinco”, seguida por “A República derrota as Colônias na batalha por Hillsboro”. Arisna Whitaker, a secretária do reitor, está sentada à sua mesa, dando pancadinhas no vidro do móvel; sem dúvida está teclando meu relatório. Esse será meu oitavo relatório este trimestre. Posso apostar que sou a única estudante da Drake que já conseguiu oito relatórios sobre comportamento inadequado num só trimestre sem ser expulsa.

– Machucou a mão ontem, Sra. Whitaker? – Pergunto, após um tempinho.

Ela para de teclar e me olha fixamente.

– Por que acha isso, Srta. Iparis?

– As pausas quando a senhora tecla estão desencontradas. A senhora está usando mais a mão esquerda.

A Sra. Whitaker suspira e se recosta na cadeira:

– Machuquei sim, June. Torci o pulso ontem num jogo de *kivaball*.

– Lamento. A senhora devia tentar balançar mais o braço, não o pulso.

Minha intenção era simplesmente declarar um fato. Mas minha frase soou meio zombeteira, e não a deixou muito contente. Ela disse:

– Vamos deixar clara uma coisa, Srta. Iparis. A senhorita se acha muito inteligente. Talvez pense que suas excelentes notas a fazem merecer um tipo de tratamento especial. É possível até que ache que tem admiradores nesta escola, por causa desse burburinho lá fora. – Ela apontou para os estudantes reunidos do lado de fora da porta. – Mas eu não aguento mais nossas reuniões na minha sala. E pode acreditar, quando a senhorita se formar e este país escolher um posto onde a senhorita vai trabalhar, suas gracinhas não vão impressionar seus superiores. Entendido?

Aceno afirmativamente com a cabeça, porque é isso que ela quer que eu faça, mas a Sra. Whitaker está enganada. Eu não apenas *me acho* inteligente. Sou a única pessoa em toda a República que alcançou a pontuação máxima de 1.500 na sua Prova. Designaram-me para cá, para a melhor universidade do país, aos doze anos, quatro anos antes do habitual. Eu ainda pulei meu segundo ano de faculdade. Há três anos recebo as notas máximas na Universidade de Drake. Eu *sou* inteligente. Tenho o que a República define como *bons genes*. Meus professores sempre dizem que genes melhores são a base dos melhores soldados, dos que trazem maiores oportunidades de vitória contra as Colônias. Acho que meus exercícios vespertinos não estão me ensinando o suficiente sobre como escalar muros portando armas, então... bem, não foi culpa *minha* eu ter precisado escalar

a lateral de um edifício de dezenove andares com uma arma XM-621 presa por uma correia às minhas costas. Foi um autoaperfeiçoamento, pelo bem do meu país.

Corre por aí que Day uma vez escalou cinco andares em menos de oito segundos. Se o criminoso mais procurado da República é capaz dessa façanha, como é que nós vamos conseguir prendê-lo se não formos tão rápidos quanto ele? E se a gente não conseguir prendê-lo, como vamos vencer a guerra?

A mesa da Sra. Whitaker emite um sinal sonoro três vezes. Ela aperta um botão e diz:

– Pois não?

– O Capitão Metias Iparis está aqui no portão – responde uma voz. – Ele quer falar com a irmã.

– Tudo bem, pode mandá-lo entrar. – A secretária solta o botão e aponta um dedo para mim. – Espero que esse seu irmão comece a fazer um trabalho melhor quanto ao seu comportamento, porque se você vier à minha sala mais uma vez neste trimestre...

– Metias faz um trabalho melhor do que nossos falecidos pais – respondo, talvez mais rispidamente do que pretendia.

Um silêncio constrangedor domina a sala.

Após o que parece uma eternidade, finalmente escuto um tumulto do lado de fora. Os estudantes que estavam comprimidos contra a porta de vidro abruptamente se dispersam, e suas sombras se movimentam para o lado, para abrir caminho para uma silhueta alta: meu irmão.

Quando Metias abre a porta e entra, vejo algumas garotas no hall abafando risinhos com as mãos. Metias, porém, concentra em mim toda a sua atenção. Temos os mesmos olhos, negros com um brilho dourado, os mesmos cílios compridos e cabelos pretos. Os longos cílios se acentuam especialmente em Metias. Mesmo com a porta fechada, ainda posso ouvir os sussurros e os risinhos do lado de fora. Parece que ele veio direto de sua ronda obrigatória para meu campus. Ele está usando seu uniforme

completo: um paletó negro de oficial, com filas duplas de botões dourados, luvas (de neoprene, forro de polietileno, ornamentos do posto de capitão), dragonas reluzentes nos ombros, quepe militar formal, calças pretas, botas envernizadas. Meus olhos se encontram com os dele.

Ele está furioso.

A Sra. Whitaker sorri afavelmente para Metias e exclama:

– Capitão! Que prazer em vê-lo!

Metias toca na aba do quepe, num cumprimento gentil, e diz:

– É uma pena que seja mais uma vez nessas circunstâncias. Minhas desculpas.

– Sem problema, capitão.

A secretária do reitor acena de modo indiferente. Tremenda puxa-saco, especialmente depois do que ela disse sobre o Metias!

– A culpa não é sua, capitão. Flagraram sua irmã escalando um prédio alto na hora do almoço hoje. Ela se afastou dois quarteirões do campus para fazer isso. Como o senhor sabe, os alunos só devem usar as paredes de escalada no campus durante o treinamento físico, além disso, sair do campus no meio do dia é proibido...

– Sim, eu estou a par disso. – Metias para de falar e olha para mim com o canto do olho. – Vi helicópteros sobrevoando a Drake ao meio-dia, então *desconfiei* que a June talvez estivesse metida nisso.

Foram *três* helicópteros. Como não podiam escalar a lateral do prédio para me tirar dali, tiveram de me puxar com uma rede.

– Obrigada pela ajuda – disse Metias à secretária do reitor. Estalou os dedos para mim, o que era a dica para eu me levantar. – Quando June voltar ao campus, garanto que seu comportamento será muito melhor.

Ignoro o sorriso dissimulado da Sra. Whitaker enquanto saio da sala com meu irmão e chegamos ao hall. Os estudantes vêm imediatamente até nós.

– June – diz um garoto chamado Dorian, ao se reunir a nós. Ele havia me convidado, sem êxito, dois anos seguidos, para comparecer ao baile

anual da Drake. – É verdade mesmo? A que altura você chegou?

Metias o interrompe com um olhar severo e diz:

– A June está indo para casa.

Ele põe uma das mãos firmemente no meu ombro e me afasta dos colegas de classe. Olho para eles de relance e dou-lhes um sorriso.

– Catorze andares – grito para eles, o que os faz recomeçar a falar animadamente. De alguma forma, esse é o relacionamento mais próximo que tenho com os outros alunos da Drake. Sou respeitada, discutem e fofocam sobre mim, mas ninguém fala *pra valer* comigo.

Essa é a vida de uma estudante veterana de quinze anos, numa universidade destinada a alunos de dezesseis anos para cima.

Metias não diz mais uma palavra enquanto caminhamos pelos corredores, passamos pelos gramados centrais bem tratados, pela gloriosa estátua do Eleitor, e finalmente por um dos ginásios cobertos. Passamos pelos exercícios vespertinos, nos quais eu supostamente deveria estar. Observo meus colegas de classe correr numa trilha gigantesca cercada por uma tela de 360 graus, simulando uma estrada desolada num *front* de guerra. Eles estão segurando rifles à sua frente, tentando carregá-los e descarregá-los o mais depressa possível, enquanto correm. Na maioria das outras universidades, não há tantos alunos soldados, mas, na Drake, quase todos nós estamos a caminho de designações de carreira nas forças armadas da República. Alguns outros são selecionados para a política e o Congresso, e outros são escolhidos para lecionar. Drake, porém, é a melhor universidade da República, e sabendo que os melhores alunos são sempre designados para as forças armadas, a sala de treinamento está repleta de estudantes.

Quando chegamos a uma das ruas fora da Drake, eu subo no assento traseiro do jipe militar que nos espera. Metias mal consegue conter sua raiva:

– Suspensa por uma semana? Dá pra me explicar o que houve? Volto depois de passar a manhã lidando com os rebeldes Patriotas, e o que me

contam? Que há helicópteros a dois quarteirões da Drake porque uma garota está escalando um arranha-céu.

Troco um olhar amigável com Thomas, o soldado no assento do motorista, e murmuro:

– Desculpe.

Metias se vira do assento do carona e estreita os olhos para mim:

– Porque você fez essa idiotice? Você sabia que tinha ido além do campus?

– Sabia.

– É claro, você tem *quinze* anos. Você escalou catorze andares de um...

– Ele respira fundo, fecha os olhos, e se controla. – Só pra variar, eu gostaria que você me deixasse cumprir meus deveres diários sem morrer de preocupação com o que você possa estar aprontando.

Tento trocar olhares com Thomas de novo pelo espelho retrovisor, mas ele está olhando fixamente para a rua. É claro que eu não devo esperar nenhuma ajuda dele. Ele está tão arrumado como sempre, com o cabelo perfeitamente penteado e o uniforme perfeitamente passado. Não há um fio fora do lugar. Thomas deve ser muitos anos mais novo do que Metias, é um subordinado na sua patrulha, porém é mais disciplinado do que qualquer pessoa que conheço. Às vezes gostaria de ser disciplinada assim. É provável que ele desaprove minhas travessuras ainda mais do que Metias.

Saímos do centro de Los Angeles e percorremos em silêncio a sinuosa rodovia. Dos arranha-céus de cem andares do centro de Batalla o panorama se altera para as densamente populosas torres de caserna e conjuntos habitacionais de civis, cada um com vinte ou trinta andares de altura, com luzes vermelhas indicadoras piscando nos telhados, a maioria com a pintura desbotada depois da série de tempestades desse ano. Vigas metálicas de apoio se entrecruzam nas paredes. Espero que em breve eles fortaleçam essas vigas. Ultimamente a guerra tem sido intensa, e com as várias décadas de recursos de infraestrutura sendo desviados para abastecer o *front*, não sei se os prédios aguentariam mais um terremoto.

Depois de alguns minutos, Metias continua, com voz mais calma:

– Você hoje realmente me assustou. Tive medo de que eles te confundissem com o Day e atirassem em você.

Sei que ele não quer que essa frase soe como um elogio, mas não consigo evitar de sorrir. Debruço-me para frente para descansar os braços em cima do assento dele.

– Ei! – digo, puxando-lhe a orelha, como eu fazia quando criança. – Desculpa ter deixado você preocupado.

Ele emite um risinho debochado, mas percebo que sua raiva está diminuindo.

– Sei... você diz isso toda vez, Joaninha^[1]. A Drake não está ocupando seu cérebro o suficiente? Se não está, então não sei o que poderia fazer isso.

– Sabe de uma coisa? Se você me levasse em algumas de suas missões, é provável que eu aprendesse muito mais e não me metesse em confusão.

– Boa tentativa, mas você não vai a lugar algum até se formar e designarem sua própria patrulha.

Mordo a língua. Metias me escolheu uma vez – *uma vez* – para uma missão no ano passado, quando todos os alunos do terceiro ano da Drake tiveram de seguir de perto uma divisão das forças armadas. Seu comandante o mandou matar um prisioneiro de guerra fugitivo das Colônias. Metias me levou com ele, e juntos perseguimos o PDG^[2] cada vez mais para dentro do nosso território, distante das cercas divisórias e da faixa de terra entre Dakota e o Texas Ocidental, que separa a República das Colônias. Chegamos bem longe do *front* de guerra, onde aeronaves pontilham o céu. Eu o encurrelei num beco em Yellowstone City, em Montana, e Metias o matou a tiros.

Durante a perseguição, quebrei três costelas e me enfiaram uma faca na perna. Agora Metias se recusa a me levar a qualquer lugar.

Quando Metias fala de novo, mostra-se curioso, embora rabugento.

– Me conta uma coisa – ele sussurra –, em quanto tempo você escalou aqueles catorze andares?

Thomas faz um som desaprovador com a garganta, mas eu abro um sorriso: a tempestade passou. Metias voltou a me amar.

– Seis minutos – murmuro para meu irmão – e quarenta e quatro segundos. Que tal?

– Deve ser um recorde. Mas isso, você sabe, não quer dizer que você deva fazer o que fez.

Thomas para o jipe num sinal vermelho, dirige um olhar exasperado a Metias, então diz:

– Francamente, capitão! June, isto é, a Srta. Iparis não vai aprender nada se o senhor continuar a elogiá-la por quebrar as normas.

– Anime-se, Thomas! – Metias se inclina e dá uma pancadinha nas costas do motorista. – É claro que quebrar uma norma de vez em quando é tolerável, especialmente se você fizer isso para aumentar suas habilidades em prol da República. Vitória contra as Colônias, certo?

Acende-se o sinal verde. Thomas volta a manter o olhar concentrado na rua (ele parece contar mentalmente até três antes de dar partida ao jipe).

– Certo – resmunga –, mas mesmo assim o senhor deve tomar cuidado com o que está incentivando a Srta. Iparis a fazer, especialmente porque seus pais já faleceram.

A boca de Metias se contrai, e uma expressão familiar tensa lhe surge nos olhos.

Independentemente do alto grau de percepção de minha intuição, independentemente de como eu me saia bem na faculdade, ou da contagem máxima que sempre alcanço nos exercícios de defesa e alvo, e também no combate corpo a corpo, os olhos de Metias sempre expressam medo. Ele receia que alguma coisa possa acontecer comigo um dia, como o acidente de carro que matou nossos pais. Esse medo está sempre estampado no seu rosto. E Thomas sabe disso.

Não conheci nossos pais tempo bastante para sentir falta deles como Metias. Sempre que choro por causa da morte deles, choro porque não tenho nenhuma lembrança dos dois, apenas lembranças nebulosas de pernas

compridas de adultos se movimentando no nosso apartamento, ou de mãos me erguendo da minha cadeirinha de criança. E só isso. Todas as demais lembranças de minha infância, ao olhar para a plateia quando recebo um prêmio, ao tomar sopa feita para mim quando adoço, ou ser posta na cama, são de Metias.

Passamos de carro por metade da área de Batalla e alguns quarteirões de gente pobre. “Será que esses mendigos não podem se afastar do nosso jipe?” Finalmente chegamos aos cintilantes prédios com varandas do Ruby, estamos em casa. Metias salta primeiro. Quando me preparo para sair, Thomas me sorri levemente.

– Até mais, Srta. Iparis – ele diz, tocando no quepe.

Parei de tentar convencê-lo a me chamar de June, ele nunca vai mudar. Entretanto, não é mau ser chamada de algo adequado. Talvez quando eu for mais velha e Metias não desmaiar à ideia de eu namorar...

– Tchau, Thomas. Obrigada pela carona.

Eu lhe sorrio antes de saltar do jipe.

Metias espera a porta se fechar antes de se virar para mim e baixar a voz:

– Vou chegar tarde hoje à noite – ele diz. Seus olhos voltam a expressar tensão. – Não saia sozinha. Recebi uma notícia do *front* de operações de que vão cortar a luz das casas esta noite para economizar energia para as bases dos aeroportos. Portanto, sossegue o facho, está bem? As ruas vão ficar mais escuras do que de costume.

Fico decepcionada. Queria que a República se apressasse e ganhasse logo a guerra, para que a gente pudesse ter eletricidade sem apagões um mês inteiro.

– Aonde você vai? Posso ir junto?

– Vou supervisionar o laboratório do centro de Los Angeles. Vão entregar lá frascos de um vírus em mutação. Não deve demorar a noite toda. E eu já disse a você que *não, nada de missões*. – Metias hesita. – Vou chegar o mais cedo possível. Temos muito que conversar. – Ele põe as mãos

nos meus ombros, ignora minha expressão perplexa, e me dá um beijinho na testa. – Eu te amo, Joaquina – essa é sua marca registrada ao se despedir. Ele se vira e entra no jipe de novo.

– Eu não vou ficar acordada esperando você – grito para ele, mas a essa altura ele já está dentro do jipe, que se afasta. – Tenha cuidado! – Digo em voz baixa.

Mas agora é inútil. Metias já está longe demais para me ouvir.

DAY

Quando eu tinha sete anos, meu pai passou uma semana de licença em casa, vindo do *front*. Seu trabalho era pôr em ordem as coisas que os soldados da República bagunçavam, por isso ele estava quase sempre fora de casa, e mamãe tinha de nos criar sozinha. Daquela vez, quando ele veio para casa, as patrulhas da cidade fizeram uma inspeção de rotina no imóvel, então arrastaram meu pai para a sede da polícia local, para ser interrogado. Acho que eles devem ter encontrado alguma coisa suspeita.

A polícia o trouxe de volta com os dois braços quebrados, e o rosto sangrando e machucado.

Várias noites depois, mergulhei uma bola de gelo triturado numa lata de gasolina, deixei que o óleo revestisse o gelo numa espessa camada, e a acendi. Depois a arremessei com meu estilingue pela janela da sede da polícia local. Eu me lembro dos carros de bombeiros que pouco depois vieram zunindo em redor do quarteirão, e das ruínas carbonizadas da ala oeste do prédio da polícia. Nunca descobriram quem foi o responsável, e eu, claro, não me denunciei. Afinal de contas, não havia provas. Eu cometera meu primeiro crime perfeito.

Minha mãe costumava ter a esperança de que eu renasceria de minhas humildes raízes, de que me tornaria bem-sucedido, e até famoso.

Famoso eu sou, mas não da forma que ela tinha em mente.



É anoitecer de novo, mais de 48 horas desde que os soldados marcaram a porta da minha mãe.

Espero nas sombras de um beco nos fundos do Hospital Central de Los Angeles e observo os funcionários entrando e saindo pela entrada principal.

A noite está nublada, não há lua, assim, não consigo nem distinguir no alto do edifício o cartaz despedaçado da Torre do Banco. Luzes elétricas brilham em cada andar, um luxo que apenas os prédios governamentais e as casas da elite podem ter. Jipes militares se acumulam na rua enquanto esperam autorização para entrar nos estacionamentos subterrâneos. Alguém verifica suas identidades. Eu fico imóvel, com os olhos fixos na entrada.

Eu estou incrível hoje. Estou usando meu belo par de botas, feitas de couro escuro e amaciado com o tempo, com cadarços fortes e bico de aço. Eu comprei essas botas com 150 Notas do dinheiro guardado. Escondi uma faca na sola de cada bota. Quando mexo os pés, sinto o metal frio na pele. Minhas calças pretas estão enfiadas no cano das botas, e carrego um par de luvas e um lenço preto nos bolsos. Uma camisa preta de mangas compridas está amarrada ao redor da minha cintura. Meu cabelo solto passa dos ombros. Desta vez borrifei de preto meu cabelo louro como trigo, ficou como se eu o tivesse mergulhado em breu. Mais cedo, Tess havia trocado 5 Notas por um balde de sangue de leitão, no beco dos fundos de uma cozinha. Meus braços, minha barriga e meu rosto estão lambuzados desse sangue. Também passei lama no rosto, por precaução.

O hospital ocupa os primeiros doze andares do edifício, mas só estou interessado no andar sem janelas. É o terceiro andar, que abriga o laboratório onde estão as amostras de sangue e os remédios. Do lado de fora, o laboratório fica totalmente escondido atrás de sofisticados entalhes de pedra e desgastadas bandeiras da República. Atrás da fachada, há um vasto andar, sem hall e sem portas: é um cômodo gigantesco, com médicos e enfermeiras atrás de máscaras brancas, tubos de ensaio e pipetas, incubadoras e macas. Eu sei disso porque já estive lá. Estive lá no dia em que fui reprovado na minha Prova, o dia em que eu supostamente devia ter morrido.

Meus olhos examinam as laterais da torre. Às vezes consigo invadir um edifício pelo lado de fora, depois de observá-lo, de ver se há sacadas das quais saltar e parapeitos de janelas onde me equilibrar. Uma vez escalei um edifício de quatro andares em menos de cinco segundos, mas essa torre é

lisa demais, sem apoio para os pés. Vou precisar alcançar o laboratório pelo lado de dentro. Estremeço um pouco, mesmo no calor, e me arrependo de não ter chamado a Tess para vir comigo. Entretanto, é mais fácil pegar dois invasores do que um. Além disso, não é a família *dela* que precisa de remédios. Certifico-me de ter escondido meu medalhão debaixo da camisa.

Um caminhão de remédios estaciona atrás dos jipes militares. Vários soldados sobem e cumprimentam as enfermeiras, enquanto outros descarregam as caixas do caminhão. O líder do grupo é um rapaz de cabelo preto, todo vestido de preto, exceto por duas fileiras de botões dourados que se enfileiram no seu paletó de oficial. Esforço-me para ouvir o que ele está dizendo a uma das enfermeiras:

– ... do redor da beira do lago. – O homem aperta as luvas. Vejo que carrega uma arma no cinto. – Meus homens estarão nas entradas hoje à noite.

– Sim, capitão – diz a enfermeira.

O homem a cumprimenta com o quepe:

– Meu nome é Metias. Se você tiver alguma pergunta, fale comigo.

Espero até que os soldados se espalhem pelo perímetro do hospital, e o homem chamado Metias se concentre numa conversa com dois dos seus homens. Vários outros caminhões com remédios vêm e vão, largando soldados, alguns com membros quebrados, outros com cortes profundos na cabeça ou lacerações nas pernas. Respiro fundo, depois saio das sombras e me dirijo aos tropeções à entrada do hospital.

Uma enfermeira me vê, perto das portas principais. Seus olhos percebem rapidamente o sangue nos meus braços e rosto.

– Posso ser internado, amiga? – Pergunto a ela. Gemo, como se estivesse sentindo dor. – Tem algum quarto vago? Eu posso pagar.

Ela me olha sem piedade, antes de voltar a rabiscar num bloco de notas. Acho que ela não gostou do afetuoso amiga. Um crachá de identidade balança no seu pescoço. Ela pergunta:

– Que aconteceu?

Eu me dobro em dois quando me aproximo dela e fico de joelhos:

– Foi uma briga – digo, gemendo. – Acho que me apunhalaram.

A enfermeira não volta a me olhar. Acaba de escrever, aponta com a cabeça para um dos guardas, e ordena:

– Revistem-no.

Fico imóvel enquanto dois guardas me revistam, à procura de armas. Dou um gemido no momento certo, quando eles tocam meus braços ou minha barriga. Eles não encontram as facas enfiadas nas minhas botas. Apanham o pequeno maço de Notas preso ao meu cinto, pagamento para ser internado no hospital. É claro que eles fariam isso.

Se eu fosse um mauricinho do setor dos ricos, seria internado sem pagar nada. Ou mandariam um médico me atender de graça na minha casa.

Quando os soldados fazem à enfermeira um sinal com os polegares para cima, ela me aponta a entrada e diz:

– A sala de espera é à esquerda. Sente-se lá.

Eu agradeço e vou aos tropeções pelas portas giratórias. O homem chamado Metias me observa quando passo. Ele está ouvindo pacientemente um dos soldados, mas vejo que examina meu rosto como se fosse inusitado. Eu também gravo mentalmente o rosto dele.

Por dentro, o hospital é fantasmagoricamente branco. Vejo a sala de espera à minha esquerda, como disse a enfermeira, é um enorme espaço lotado de gente com todos os tipos e tamanhos de ferimentos. Muitas pessoas gemem de dor. Uma pessoa está imóvel no chão. Nem quero adivinhar há quanto tempo algumas delas estão ali, nem quanto pagaram para ser atendidas. Reparo onde estão todos os soldados. Dois estão ao lado da janela da secretária, dois ao lado da porta do médico, a certa distância, vários perto dos elevadores, cada um usando um crachá de identificação, e então fico olhando para o chão. Ando com dificuldade até a cadeira mais próxima e me sento. Desta vez, meu joelho ruim é útil e me ajuda com meu disfarce. Mantenho as mãos comprimindo a lateral do meu corpo, por precaução.

Conto mentalmente até dez minutos, tempo suficiente para novos pacientes chegarem à sala de espera e os soldados se interessarem menos por mim. Então me levanto, finjo tropeçar, e ando vacilante em direção ao soldado mais próximo. Sua mão, num reflexo, pega na arma.

– Sente-se de novo – ele diz.

Tropeço e caio contra ele. – Preciso ir ao banheiro – sussurro, com voz rouca. Minhas mãos tremem quando seguro no uniforme preto dele, para me equilibrar. O soldado me olha com nojo e alguns dos seus colegas riem debochadamente. Vejo os dedos dele se mexerem lentamente e se posicionarem no gatilho da arma, mas um dos outros soldados sacode negativamente a cabeça. Nada de tiros no hospital. O soldado me afasta com um empurrão, então aponta com a arma para o fim do corredor.

– É lá – diz ríspidamente. – Veja se limpa um pouco dessa sujeira na sua cara. E se você me tocar novamente, vou te encher de balas.

Eu o solto e quase caio de joelhos. Depois me viro e cambaleio até o banheiro. Minhas botas de couro rangem ao pisar nos azulejos do chão. Sinto os olhos do soldado em mim quando entro no banheiro e tranco a porta.

Não importa. Eles vão se esquecer de mim daqui a uns dois minutos. E vai demorar vários minutos antes que o soldado a quem me agarrei se dê conta de que o seu crachá sumiu.

Dentro do banheiro, abandono minha pequena farsa de doente. Jogo água no rosto e esfrego até sair a maior parte do sangue do leitão e da lama. Descalço as botas e rasgo as palmilhas para pegar minhas facas, que então enfio no cinto. Volto a calçar as botas, depois desato a camisa de gola preta da cintura e a visto, abotoando até o pescoço e prendendo os suspensórios nela. Puxo o cabelo para trás num rabo de cavalo apertado e enfio a ponta na camisa, para que ele fique comprimido contra minhas costas.

Finalmente, calço as luvas e amarro um lenço preto em volta da boca e do nariz. Se alguém me pegar agora, vou ser mesmo obrigado a fugir, de modo que é melhor esconder o rosto.

Quando termino, uso a ponta de uma das facas para desaparafusar a tampa do duto de ventilação do banheiro. Então pego o crachá de identificação do soldado, prendo-o ao cordão no meu pescoço, e me meto de cabeça no túnel do duto.

O ar no duto tem um cheiro esquisito. Ainda bem que estou com um lenço no rosto. Vou me esgueirando pouco a pouco, o mais rapidamente que posso. O duto não deve ter mais de sessenta centímetros de largura em qualquer direção. Cada vez que eu me mexo à frente, tenho de fechar os olhos e me lembrar de respirar, lembrar que as paredes de metal à minha volta não estão me comprimindo. Não preciso ir longe, nenhum desses dutos leva ao terceiro andar. Só tenho de ir longe o bastante para sair próximo de uma das escadas do hospital, longe dos soldados no primeiro andar. Esforço-me para avançar. Penso no rosto de Éden, nos remédios que ele, John e minha mãe vão precisar tomar, e no estranho X vermelho atravessado por uma linha.

Depois de vários minutos, o vão chega ao fim. Olho pelo respiradouro, e sob as nergas de luz enxergo parte de uma escada curvada. O chão é imaculadamente branco, quase lindo, e, o que é mais importante, está vazio. Conto mentalmente até três, estico meus braços para trás o máximo que posso, então empurro com força a tampa do duto. A tampa voa. Consigo ver bem a curva da escada: é uma câmara grande e cilíndrica, com altas paredes de gesso e minúsculas janelas. É um enorme conjunto de escadas em espiral.

Agora me mexo a toda velocidade e sem nenhuma dissimulação. “Corre!” Eu me espremo para sair do duto e subo correndo os degraus. Na metade do caminho, agarro o corrimão e me arremesso até a curva mais próxima e alta. As câmeras de segurança devem estar focalizadas em mim. A qualquer instante vai soar um alarme. Segundo andar, terceiro andar. Meu tempo está acabando. Quando me aproximo da porta do terceiro andar, arranco o crachá de identidade do medalhão e paro tempo suficiente para passá-lo pela leitora da porta. As câmeras de segurança não dispararam o

alarme em tempo de trancar a passagem pelas escadas. O trinco da porta clica: estou dentro. Abro a porta com rapidez.

Estou num enorme cômodo com fileiras de macas e substâncias químicas com tampas metálicas. Doutores e soldados me olham estupefatos.

Agarro a primeira pessoa que vejo: um jovem médico perto da porta. Antes que um dos soldados possa apontar uma arma na nossa direção, pego uma das minhas facas e a ponho junto do pescoço do homem. Os demais médicos e enfermeiras ficam paralisados. Vários deles gritam.

– Se alguém atirar, ele é que vai ser atingido – grito para os soldados, por baixo do meu lenço. As armas deles miram em mim. O médico treme enquanto eu o seguro firmemente.

Pressiono minha faca mais fortemente contra o seu pescoço, tomando cuidado para não machucá-lo.

– Não vou machucar você – murmuro ao ouvido dele. – É só me dizer onde estão os remédios para curar a praga.

Ele emite um gemido sufocado, e sinto que está suando. Ele aponta para as geladeiras. Os soldados continuam a hesitar, mas um deles se dirige a mim:

– Solte o doutor! – Grita. – E levante as mãos.

Tenho vontade de rir. O soldado deve ser um novo recruta. Atravesso o cômodo com o doutor, paro junto às geladeiras, e digo a ele:

– Mostre onde estão.

O médico ergue a mão trêmula e abre a porta da geladeira. Uma lufada de vento gelado nos atinge. Eu me pergunto se o médico pode sentir que meu coração está batendo a mil.

– Aí estão – ele murmura.

Dou as costas para os soldados tempo bastante para ver o médico apontar para a prateleira mais alta do frigorífico. Metade dos frascos na prateleira está rotulada com o X de três linhas: T. *Filoviridae Virus Mutations*. A outra metade dos frascos está etiquetada 11.30 *Curas*. Todos os frascos, porém, estão vazios: os remédios acabaram. Digo um palavrão

baixinho. Meus olhos percorrem outras prateleiras, mas elas só apresentam redutores da praga e diversos antibióticos. Digo outro palavrão. É tarde demais para voltar.

– Vou soltá-lo – sussurro para o médico. – Abaixese.

Solto o homem e o empurro com força bastante para que ele caia de joelhos.

Os soldados abrem fogo, mas estou preparado para eles: eu me escondo atrás da porta aberta da geladeira, e as balas ricocheteiam. Agarro vários vidros de redutores e os meto na camisa. Eu me protejo. Uma das balas perdidas me pega de raspão, sinto uma dor lancinante no braço. Estou quase na saída.

Um alarme dispara quando me arremesso pela porta da escadaria. Ouvem-se vários cliques quando todas as portas na escadaria se trancam pelo lado de dentro. Estou encurralado. Os soldados podem vir por qualquer porta, eu não vou conseguir sair. Gritos e passos ecoam no laboratório. Uma voz grita:

– Ele está ferido!

Meus olhos se concentram nas minúsculas janelas nas paredes de gesso da escadaria. Elas estão muito longe para que eu possa alcançá-las dos degraus. Ranjo os dentes e pego minha segunda faca. Agora tenho uma em cada mão. Rezo para que o gesso seja macio o bastante, depois pulo dos degraus e me atiro contra as paredes.

Enfio uma faca no gesso. Meu braço machucado jorra sangue, e eu grito por causa do esforço. Estou pendurado a meio caminho entre minha plataforma de lançamento e a janela. Balanço para frente e para trás com a maior força que consigo.

O gesso está cedendo.

Atrás de mim, ouço a porta do laboratório se abrir violentamente e soldados saírem correndo. Balas cruzam de todos os lados. Eu me arremesso rumo à janela e solto a faca enfiada na parede.

A janela estoura de repente, então, subitamente, me vejo do lado de fora, na noite, e caindo, caindo, caindo como um cometa até o primeiro andar. Rasgo minha camisa de manga comprida e ela se enche de ar atrás de mim enquanto pensamentos me percorrem a cabeça. Meus joelhos se dobram. Primeiro os pés. Relaxo os músculos. Bato com as solas dos pés. Rolo o corpo. O chão parece se precipitar contra mim. Tento aguentar o choque.

O impacto me causa dificuldade para respirar. Eu giro quatro vezes e me esborracho na parede do outro lado da rua. Por um instante fico ali atordoado, completamente impotente. Acima de mim ouço vozes furiosas, vindas da janela do terceiro andar, ao passo que os soldados se dão conta de que vão ter de voltar para o laboratório e desarmar o alarme. Meus sentidos pouco a pouco se aguçam. Agora tenho total consciência da dor em um lado do corpo e no braço. Meu peito lateja. Acho que fracturei uma costela. Quando tento me levantar, percebo que também torci um tornozelo. Não sei dizer se a adrenalina está evitando que eu sinta outros efeitos da queda.

Ouço gritos vindos da esquina do prédio. Forço-me a raciocinar. Estou perto dos fundos do edifício, então, há vários becos atrás de mim que levam à escuridão. Vou mancando em direção à sombra.

Quando olho por cima do ombro, vejo um pequeno grupo de soldados correndo para o local onde caí, eles apontam para os cacos de vidro e o sangue. Um dos soldados é o jovem capitão que vi antes, o homem chamado Metias. Ele ordena a seus subordinados que se espalhem. Apresso o passo e tento ignorar a dor. Curvo os ombros para que minha roupa e meus cabelos negros ajudem a me misturar na escuridão. Mantenho os olhos para baixo. Preciso encontrar uma tampa de bueiro.

Os cantos da minha visão estão turvos. Ponho uma das mãos na orelha, para ver se está sangrando. Por enquanto não, o que é um bom sinal. Momentos depois, avisto uma tampa de bueiro na rua. Suspiro, ajeito o lenço negro que me cobre o rosto, e me inclino para levantar a tampa.

– Parado! Fique onde está.

Dou uma volta com o corpo e vejo Metias, o jovem capitão da entrada do hospital, me encarando. Tem uma arma apontada diretamente para meu peito mas, para minha surpresa, ele não a dispara. Agarro a faca que me resta. Alguma coisa muda no olhar dele, eu sei que ele me reconhece: sou o garoto que fingiu cambaleiar para entrar no hospital. Sorrio, eu agora tenho um bocado de ferimentos para o hospital tratar.

Metias estreita os olhos e diz:

– Mãos para cima. Você está preso por roubo, vandalismo e invasão de propriedade.

– Você não vai me prender vivo.

– Terei prazer em levá-lo morto, se você preferir.

O que acontece em seguida é uma névoa para mim. Vejo Metias tenso, prestes a disparar sua arma. Atiro minha faca contra ele com toda a força. Antes que ele possa disparar, minha faca o atinge no ombro com força e ele cai para trás, com um baque. Não espero para vê-lo se levantar. Eu me debruço e, com esforço, levanto a tampa do esgoto, depois desço pela escada e penetro na escuridão, após colocar a tampa no lugar.

Meus ferimentos estão se fazendo sentir agora. Tropeço enquanto percorro os esgotos. Minha visão entra e sai de foco, uma das mãos comprime com força um lado do meu corpo. Tomo cuidado para não tocar nas paredes. Cada vez que respiro, sinto dor. Eu devo ter fraturado uma costela. Estou alerta o bastante para saber em que direção estou me dirigindo e me concentro em rumar para o setor Lake. Tess estará lá. Ela vai me encontrar e me ajudar a ficar em segurança. Penso ouvir o estrondo de passos acima, gritos de soldados. Sem dúvida alguém já descobriu o Metias, e é capaz de eles terem se dirigido para os bueiros também. Eles talvez estejam me perseguindo bem de perto, com uma matilha de cães. Resolvo dar várias voltas e andar na água imunda do esgoto. Atrás de mim, ouço respingos e sons de vozes. Dou mais voltas. As vozes se aproximam, depois se afastam. Mantenho minha direção original fixa na cabeça.

Seria irônico, não seria? Ter fugido do hospital e acabar morrendo aqui, perdido num labirinto vertiginoso de bueiros.

Conto os minutos para me impedir de desmaiar. Cinco minutos, dez minutos, trinta minutos, uma hora. Os passos atrás de mim soam distantes agora, como se estivessem num caminho diferente do meu. Às vezes ouço sons estranhos, algo parecido com um tubo de ensaio borbulhante, e um som de tubulação de vapor, uma lufada de ar. Isso vai e vem durante duas horas. Duas horas e meia. Quando vejo a próxima escada que leva à superfície, resolvo arriscar e me puxar para cima. Corro o perigo de desmaiar agora. Recorro a toda a força que me resta para me arrastar até a rua. Estou num beco escuro. Quando recupero a respiração, pisco para desanuviar a vista, e examino os arredores.

Consigo enxergar a estação de trem, a Union Station, a vários quarteirões de distância. Não estou longe agora. Tess vai estar lá, esperando por mim.

Mais três quarteirões. Mais dois quarteirões.

Só falta um quarteirão. Não suporto mais. Encontro um local escuro no beco e desmorono de repente. A última coisa que vejo é a silhueta de uma garota a distância. Talvez ela esteja vindo na minha direção. Eu me enrosco todo e desmaio.

Antes de apagar, percebo que meu medalhão já não está no meu pescoço.



Ainda me lembro do dia em que meu irmão perdeu sua cerimônia de posse no serviço militar da República.

Era uma tarde de domingo. Quente e suja. Nuvens pardas cobriam o céu. Eu tinha sete anos, e Metias, dezenove. Meu filhote de cão pastor branco, Ollie, dormia no chão frio de mármore de nosso apartamento. Eu estava de cama, com febre, com Metias sentado ao meu lado, seu rosto franzido de preocupação. Dava para ouvir os alto-falantes lá fora, tocando o Juramento de Lealdade à República. Quando chegou a parte mencionando nosso presidente, Metias levantou-se e fez uma continência na direção da capital. Nosso ilustre Primeiro Eleitor havia acabado de aceitar o quarto mandato presidencial. Isso significava seu décimo primeiro período de gestão.

– Você sabe que não precisa ficar aqui comigo, né? – Eu disse a ele depois que terminou o Juramento. – Vá tomar posse. De qualquer jeito, eu estou doente mesmo.

Metias me ignorou e pôs mais uma toalha fria na minha testa.

– Eu vou tomar posse de qualquer maneira, indo ou não à cerimônia – ele disse, e me deu uma fatia de laranja. Lembro dele descascando a laranja para mim. Ele cortou uma linha comprida e reta na casca da fruta, depois retirou tudo de uma só vez.

– Mas é a Comandante Jameson. – Pisquei com os olhos inchados. – Ela fez um favor quando não te designou para o *front*, vai ficar aborrecida se você não comparecer. Será que ela não vai anotar isso no seu histórico? Você não vai querer ser expulso como se fosse um vigarista qualquer.

Metias bateu de leve no meu nariz, de maneira desaprovadora, e disse:

– Não chame as pessoas assim, Joanelha: é grosseiro. E ela não pode me expulsar da sua patrulha por eu não ter ido à cerimônia. Além disso – ele

acrescentou, piscando o olho –, eu posso invadir o banco de dados e deixar minha ficha limpinha.

Dei um risinho. Eu também queria tomar posse como militar, usando os trajes pretos da República. Talvez eu até tivesse a sorte de ser designada para um comandante renomado, como aconteceu com o Metias. Abri a boca para ele me dar mais um pedaço de laranja e disse:

– Você devia ir menos a Batalla. Quem sabe assim você arranjaría uma namorada?

Metias riu e respondeu:

– Eu não preciso de namorada. Tenho uma irmãzinha de quem tomar conta.

– Corta essa! *Algum dia* você vai arranjar uma namorada.

– Vamos ver. Acho que sou muito exigente.

Parei e olhei meu irmão diretamente nos olhos:

– Metias, nossa mãe tomava conta de mim quando eu estava doente? Ela fazia esse tipo de coisa que você está fazendo?

Metias se debruçou e tirou fios suados de cabelo do meu rosto.

– Não seja boba, Joaíinha. É claro que mamãe tomava conta de você, e fazia isso muito melhor do que eu.

– Não. *Você* é quem melhor toma conta de mim – disse. Minhas pálpebras estavam ficando pesadas.

Meu irmão sorriu e disse:

– Legal você dizer isso.

– Você não vai me deixar também, né? Você vai ficar comigo mais tempo do que mamãe e papai?

Metias me beijou na testa e respondeu:

– Vou ficar com você para sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar pra minha cara.



00H01.

SETOR RUBY.

22 °C EM AMBIENTE FECHADO.

Sei que alguma coisa está errada no instante em que Thomas aparece na nossa porta. Falta luz em todos os prédios residenciais, exatamente como Metias disse que aconteceria, e apenas lampiões a óleo iluminam o apartamento. Ollie está latindo por causa da tempestade. Estou vestida com meu uniforme de treinamento, um colete preto e vermelho, botas amarradas e o cabelo preso num rabo de cavalo apertado. Por um momento, fico contente de não ser Metias esperando na porta. Ele me veria de pé, e assim saberia que estou pronta para sair, desobedecendo à sua ordem, mais uma vez.

Quando abro a porta, Thomas tosse nervosamente por causa da expressão de surpresa do meu rosto, logo finge sorrir. Há uma mancha de graxa preta na sua testa, provavelmente feita pelo seu dedo indicador. Isso quer dizer que ele poliu seu rifle de tardinha e que a inspeção de sua patrulha é amanhã. Cruzo os braços. Ele me cumprimenta gentilmente com o quepe:

– Olá, Srta. Iparis – ele diz.

Respiro fundo e digo:

– Estou indo à pista de treinamento. Onde está Metias?

– A Comandante Jameson pediu que a senhorita vá comigo ao hospital o mais depressa possível.

Thomas hesita um instante e continua:

– É mais uma ordem do que um pedido.

Sinto um vazio no estômago e pergunto:

– Por que ela não me telefonou?

– Ela prefere que eu acompanhe a senhorita.

– Por quê? – Elevo a voz. – Onde está meu irmão?

Agora é Thomas que respira fundo. Pressinto o que ele vai dizer:

– Sinto muito. Mataram o Metias.

Neste instante, o mundo ao meu redor fica silencioso.

Como se de uma grande distância, vejo que Thomas continua a falar, gesticular, e me abraça. Eu também o abraço, sem me dar conta do que estou fazendo. Não sinto nada. Aceno que sim com a cabeça quando ele me ampara e me pede para fazer uma coisa: segui-lo. Ele põe um braço em volta dos meus ombros. O focinho úmido de um cachorro cutuca minha mão. Ollie me segue quando saio do apartamento, eu mando que fique quieto. Tranco a porta, ponho a chave no bolso e deixo que Thomas nos guie na escuridão até a escada. Ele fala sem parar, mas não escuto nada. Fico olhando fixamente para os adornos metálicos espelhados que revestem a escadaria, para os reflexos, meu e de Ollie, distorcidos.

Não consigo expressar nenhuma emoção. Nem sei se tenho uma.

Metias devia ter me levado com ele. Esse é meu primeiro pensamento coerente quando chegamos ao andar térreo do nosso prédio alto e subimos no jipe que nos espera. Ollie pula para o assento traseiro e mete a cabeça para fora da janela. O veículo tem um cheiro úmido, como borracha, metal e suor recente. Um grupo de pessoas deve ter viajado aqui há pouco tempo. Thomas se senta no assento do motorista e se certifica de que estou com o cinto de segurança afivelado. Que coisa pequena e irrelevante!

Metias devia ter me levado com ele.

Esse pensamento não me sai da cabeça. Thomas não fala mais nada. Ele me deixa ficar olhando a cidade às escuras enquanto viajamos, e ocasionalmente me olha hesitante. Uma pequena parte de mim ressalta que devo pedir desculpas a ele depois.

Meus olhos vidrados observam os edifícios familiares à medida que passamos por eles. Pessoas, a maioria de operários contratados nas favelas, se aglomeram em estandes no primeiro andar, mesmo com as luzes apagadas, debruçadas sobre tigelas de comida barata no andar das lanchonetes. Nuvens de vapor flutuam à distância. Telões, sempre ligados, independentemente da escassez de luz, exibem as advertências mais

recentes sobre inundações e quarentenas. Algumas são sobre os Patriotas. Dessa vez por mais um bombardeio em Sacramento, que matou meia dúzia de soldados. Uns cadetes, meninos de onze anos com faixas amarelas nas mangas, permanecem nos degraus externos de uma escola preparatória, na qual as letras antigas, gastas, quase completamente desbotadas, dizem *Sala de Concertos Walt Disney*. Vários outros jipes militares passam pelo cruzamento na rua, e vejo o rosto impassível dos soldados. Alguns usam óculos de proteção, de modo que não consigo ver os olhos deles.

O céu está mais encoberto do que o normal, o que significa uma tempestade iminente. Puxo o capuz para cobrir a cabeça, caso eu esqueça quando finalmente sairmos do jipe.

Quando concentro minha atenção novamente na janela, vejo a parte do centro da cidade, que fica dentro de Batalla. Todas as luzes desse setor militar estão acesas. A torre do hospital aparece distorcida, a apenas alguns quarteirões de distância.

Thomas repara que estou esticando o pescoço para ver melhor, e diz:

– Estamos quase chegando.

Ao nos aproximarmos, vejo as fitas de isolamento amarelas circundando a parte inferior da torre, um grupo de patrulheiros municipais (com faixas vermelhas nas mangas, como Metias), alguns fotógrafos e policiais municipais, furgões pretos e caminhões de remédios. Ollie solta um gemido.

– Suponho que não tenham prendido a pessoa – digo a Thomas.

– Como você pode saber?

Aponto com a cabeça para o edifício:

– É espantoso – digo. – Quem fez isso sobreviveu a um salto de dois andares e meio, e ainda teve força para fugir.

Thomas olha para a torre e tenta ver o que eu vejo: a janela quebrada da escadaria do terceiro andar, o local isolado com fita adesiva bem embaixo, os soldados procurando nos becos, a falta de ambulâncias.

– A gente ainda não pegou o sujeito – ele admite, após um momento. A graxa de rifle na testa lhe dá uma expressão aturdida. – Mas isso não quer dizer que não vamos encontrar o corpo dele depois.

– Vocês não vão encontrar o corpo, se não acharam até agora.

Thomas abre a boca para dizer alguma coisa, mas resolve ficar calado e volta a se concentrar na rua. Quando o jipe finalmente para, a Comandante Jameson se afasta do grupo de guardas com quem está e se dirige à porta do meu veículo.

– Eu lamento – Thomas me diz abruptamente. Sinto uma pequena pontada de remorso por minha frieza e resolvo acenar com a cabeça para ele. Seu pai havia sido zelador do nosso prédio de apartamentos antes de morrer, e sua falecida mãe trabalhara como cozinheira na minha escola elementar. Metias havia recomendado Thomas, que teve pontuação alta na Prova, às prestigiosas patrulhas municipais, apesar de seus antecedentes humildes. Ele deve, então, se sentir tão entorpecido quanto eu.

A Comandante Jameson vem até o jipe e dá duas pancadinhas na janela para chamar minha atenção. Seus lábios finos estão pintados de vermelho forte, e à noite seu cabelo ruivo parece castanho-escuro, quase preto.

– Ande logo, Iparis. O tempo é essencial. – Seus olhos se mexem vacilantes ao verem Ollie no assento traseiro. – Esse não é um cão da polícia, garota. – Mesmo agora, sua atitude é inabalável.

Desço do jipe e a cumprimento com uma rápida continência. Ollie salta para junto de mim.

– A senhora mandou me chamar, Comandante.

A Comandante Jameson sequer comenta o que eu disse: ela começa a se afastar, e sou forçada a me apressar ao lado dela, esforçando-me para manter seu ritmo. Ela diz:

– Seu irmão Metias está morto. – Seu tom de voz se mantém inalterado. – É do meu conhecimento que seu treinamento como agente está quase no fim, certo? E que você já terminou seus cursos de rastreamento?

Eu me esforço para respirar. Era a segunda confirmação da morte de Metias.

– É isso mesmo, Comandante – consigo dizer.

Nós nos dirigimos ao hospital. A sala de espera está vazia, todos os pacientes foram liberados. Guardas se amontoam perto da entrada da escadaria. É provavelmente ali que começa a cena do crime. A Comandante Jameson mantém os olhos para a frente e as mãos atrás das costas, então me pergunta:

– Qual foi sua contagem na Prova?

– Mil e quinhentos, Comandante. – Todo mundo na área militar sabe da minha contagem, mas a Comandante finge não saber nem se importar.

Ela não para de andar e diz:

– Ah, está certo. – Diz como se fosse a primeira vez que ouvisse. – Afinal de contas, talvez você seja útil. Liguei para a Universidade de Drake e disse a eles que você está dispensada de mais treinamento. De qualquer forma, você está quase terminando seus cursos.

Enrugo a testa e pergunto:

– Como assim, Comandante?

– Recebi o histórico integral de suas notas na faculdade. Elas são perfeitas. Você já quase acabou a maioria dos seus cursos em metade do número normal de anos, certo? Eles também me disseram que você é uma criadora de casos. Isso é verdade?

Não entendo o que ela quer de mim e respondo:

– Às vezes, Comandante. Estou com algum problema? Eles me expulsaram?

A Comandante Jameson sorri e responde:

– Absolutamente. Eles a diplomaram com antecedência. Siga-me. Há uma coisa que quero que você veja.

Tenho vontade de perguntar sobre Metias, sobre o que aconteceu, mas a frieza de sua atitude me detém.

Percorremos um corredor do primeiro andar até chegarmos a uma porta de saída de emergência no final. Lá, a Comandante Jameson dispensa os soldados que vigiavam a porta e me faz entrar. Ollie emite um pequeno rosnado. Saímos para um local descoberto, desta vez nos fundos do prédio. Percebo que estamos na área cercada pela fita adesiva amarela. Dezenas de soldados se amontoam ao nosso redor.

– Depressa! – Ordena-me a Comandante Jameson. – Aprese o passo.

Um instante depois, compreendo o que ela quer me mostrar e onde estamos andando. Perto, há um objeto coberto por um lençol branco. Tem 1,83 m, é humano. Os pés e os membros parecem intactos debaixo do pano. É claro que ele não pode ter caído tão naturalmente assim, alguém teve de endireitá-lo. Começo a tremer. Quando olho para Ollie, vejo que está com o pelo eriçado nas costas. Eu o chamo várias vezes, mas ele se recusa a se aproximar, de modo que sou obrigada a seguir a Comandante Jameson e deixá-lo para trás.

“Metias me beijou na testa e respondeu: ‘Vou ficar com você para sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar para a minha cara.’”

A Comandante Jameson para em frente do lençol branco, então se inclina e o atira para o lado. Olho fixamente para o cadáver de um soldado vestido de uniforme militar preto, com uma faca ainda sobressaindo no peito. Sangue escuro lhe mancha a camisa, o ombro, as mãos, as ranhuras do cabo da faca. Os olhos estão fechados. Ajoelho à frente dele e retiro do seu rosto fios do cabelo preto. É estranho. Não absorvo nenhum detalhe da cena. Continuo sem sentir nada, estou profundamente entorpecida.

– Conte-me o que pode ter acontecido aqui, cadete – ordena-me a Comandante Jameson. – Considere isto um questionário improvisado. A identidade deste soldado deve motivá-la a responder corretamente.

Nem a mordacidade das palavras dela me abala. Os detalhes vêm em jorro, e começo a falar:

– Quem o atingiu com a faca, o apunhalou, ou tem um braço que atira com muita força. E é destro. – Passo os dedos no cabo da faca, manchado de sangue. – A mira desse sujeito é impressionante. A faca faz parte de um

par, certo? Está vendo esse padrão desenhado na parte mais baixa da lâmina? Ele se interrompe abruptamente.

A Comandante Jameson concorda com a cabeça e diz:

– A segunda faca está enfiada na parede da escadaria.

Olho para o beco escuro para o qual apontam os pés do meu irmão, e reparo na tampa do bueiro a vários metros de distância. Digo então:

– Foi por ali que ele fugiu. – Calculo a direção que indica a tampa do esgoto. – Ele também é canhoto. Interessante. Ele é ambidestro.

– Continue, por favor.

– Daqui, os esgotos o levam mais para dentro da cidade, ou para o mar, a oeste. Ele vai escolher a cidade, provavelmente está machucado demais para agir de outra maneira, mas agora já é impossível rastreá-lo exatamente. Se ele for pelo menos um pouco inteligente, deu uma meia dúzia de voltas lá embaixo e fez o mesmo no esgoto também. Ele não deve ter tocado nas paredes, para não nos dar uma pista para rastreá-lo.

– Vou deixar você ficar aqui um pouquinho, para pôr seus pensamentos em ordem. Encontre-me em dois minutos na escada do terceiro andar, para que possamos dar algum espaço aos fotógrafos. Ela relanceia o olhar uma vez para o corpo de Metias antes de se virar para ir embora. Por um instante, seu rosto se suaviza e ela diz: – Que desperdício de um bom soldado! – Depois ela sacode a cabeça e vai embora.

Eu a observo ir embora. Os demais ao meu redor ficam bem afastados, aparentemente preocupados em evitar uma conversa constrangedora. Olho novamente o rosto do meu irmão. Para minha surpresa, ele parece em paz. Sua pele está bronzeada, e não pálida, como supus que estaria. Eu quase espero que seus olhos pisquem rapidamente, ou que sua boca sorria. Pedacinhos de sangue seco caem nas minhas mãos. Quando tento tirá-los, eles grudam à minha pele. Não sei se é isso que provoca minha raiva. Minhas mãos começam a tremer tanto, que eu as comprimo na roupa de Metias, numa tentativa de firmá-las. Eu deveria estar analisando a cena do crime, mas não consigo me concentrar.

– Você devia ter me levado com você – sussurro a ele. Depois encosto a cabeça na dele e começo a chorar. Mentalmente, faço uma promessa silenciosa dirigida ao assassino do meu irmão:

“Vou perseguir você até o inferno. Vou vasculhar as ruas de Los Angeles à sua procura. Se preciso, vou procurar em todas as ruas da República. Vou enganar você, usar de truques, mentir, fraudar, roubar para encontrar você, atraí-lo para que saia do seu esconderijo, e persegui-lo até você não ter mais para onde fugir. Estou fazendo um juramento: sua vida é minha”.

Antes do que eu esperava, chegam soldados para levar Metias para o necrotério.

03H17M

MEU APARTAMENTO.

NA MESMA NOITE.

COMEÇOU A CHOVER.

Estou deitada no sofá, abraçando Ollie. O lugar onde Metias costuma sentar está vazio. Pilhas de álbuns de fotos antigas e diários de Metias enchem a mesinha de centro. Ele sempre adorou o estilo antiquado de nossos pais, e mantinha registros escritos, da mesma forma que eles haviam guardado todas as fotos de papel. “Você não pode rastrear nem identificá-las *on-line*” – ele dizia sempre. Isso era muito irônico, em se tratando de um *hacker* muito habilidoso.

Foi mesmo esta tarde que ele me pegou na Drake? Queria falar comigo uma coisa importante, pouco antes de ir embora, mas agora eu nunca vou saber o que ele tinha a dizer. Papéis e relatos cobrem minha barriga. Uma das minhas mãos aperta um cordão, uma prova que eu tenho examinado há algum tempo. Eu olho de soslaio para sua superfície lisa, sua falta de padrões. Depois deixo a mão cair, com um suspiro. Minha cabeça dói.

Soube mais cedo por que a Comandante Jameson me tirou da Drake. Há muito tempo ela estava de olho em mim. Agora, subitamente, ela tem menos um elemento na patrulha, Metias, e está precisando acrescentar um

agente. Era a hora perfeita para me contratar, antes que outros recrutadores o fizessem. A partir de amanhã, Thomas vai assumir o cargo de Metias, provisoriamente, então eu vou participar da patrulha como uma agente em treinamento.

Minha primeira missão de rastreamento: Day.

“Já tentamos diversas táticas para pegar Day, mas nenhuma delas funcionou”, disse-me Jameson pouco antes de me mandar para casa. “Então, isto é o que vamos fazer: eu vou continuar com os projetos da minha patrulha. Quanto a você, vamos testar suas habilidades com exercícios repetitivos. Mostre-me como você rastrearia o Day. Talvez você consiga ter sucesso, talvez não. Mas você é um elemento com novas perspectivas das coisas e, se me impressionar, vou promovê-la a agente efetiva de patrulha. Vou tornar você famosa: a agente mais jovem que já houve.

Fecho os olhos e tento pensar.

Day matou meu irmão. Sei disso porque encontrei um crachá de identidade roubado na metade da escadaria e isso nos levou ao soldado que aparecia no crachá, que indicava uma descrição da aparência do garoto. Sua descrição não combinava com nada que nós tínhamos no arquivo sobre Day, mas a verdade é que sabemos pouco sobre como ele é, exceto que é muito jovem, como o garoto do hospital dessa noite. As impressões digitais no crachá de identidade são as mesmas encontradas no mês passado numa cena de crime ligada ao Day, mas não combinam com as de nenhum civil que a República tenha nos bancos de dados.

Day esteve no hospital. Ele foi descuidado o bastante para deixar lá o crachá de identidade.

O que me faz pensar. Day invadiu o laboratório à procura de remédios, como parte de um plano desesperado, de última hora, e mal elaborado. Ele deve ter roubado supressores da praga e analgésicos porque não conseguiu encontrar nada mais forte. Ele certamente não está infectado, pois, se estivesse, não teria conseguido fugir, mas outra pessoa que ele conhece deve estar com a praga, alguém com quem ele se importe o suficiente para

arriscar a vida. Alguém que more em Blueridge, Lake, Winter ou Alta, áreas recentemente afetadas pela praga. Se isso for verdade, tão cedo Day não sairá da cidade. Ele está ligado aqui por esse vínculo, motivado por emoções.

Day também pode ter alguém que o patrocine, que o tenha contratado para fazer esse serviço. Como o hospital é um lugar perigoso, ele teria de ter dado muito dinheiro a Day. Mas se tanto dinheiro assim estivesse envolvido no esquema, ele certamente teria planejado mais minuciosamente, e saberia quando chegaria ao laboratório o próximo carregamento de remédios contra a praga. Além disso, em nenhum dos seus crimes Day agiu como mercenário. Ele já havia atacado sozinho propriedades militares da República, atrasado aviões e caças destinados ao *front*. Ele tem uma espécie de agenda para nos impedir de vencer as Colônias. Durante algum tempo, pensamos que ele poderia estar trabalhando para as Colônias, mas as tarefas que ele executa são simples, não requerem equipamentos de alta tecnologia nem recursos financeiros evidentes. Isso não é mesmo o que se espera de um inimigo. Ao que eu saiba, esse garoto nunca foi criminoso de aluguel, e é improvável que começasse agora. Quem contrataria um mercenário inexperiente? Outro possível patrocinador seriam os Patriotas, mas se Day estivesse trabalhando para eles nessa tarefa, um dos Patriotas já teria fixado sua bandeira (treze faixas vermelhas e brancas, com cinquenta pontos brancos num retângulo azul) numa parede em algum lugar perto da cena do crime. Eles nunca perdem uma oportunidade de declarar suas vitórias.

Entretanto, o que mais me intriga é isto: Day nunca matou ninguém antes. Essa é outra razão pela qual não acho que ele tenha alguma ligação com os Patriotas. Em um de seus delitos anteriores, ele rastejou até uma zona de quarentena, tendo amarrado um policial. O policial não sofreu um arranhão (exceto por um olho roxo). Numa outra vez, ele invadiu o cofre-forte de um banco, mas não machucou nenhum dos quatro guardas que ficavam na entrada dos fundos, o que deixou os guardas estupefatos. Certa ocasião, ele incendiou um esquadrão de caças num aeródromo vazio, no

meio da noite, e em duas outras vezes impossibilitou aviões de alçar voo por ter danificado seus motores. Numa outra, ele vandalizou a lateral de um prédio militar. Ele já roubou dinheiro, alimentos e produtos, mas não coloca bombas nas laterais das estradas. Ele não atira em soldados. Ele não tenta assassinar ninguém. Ele não *mata*.

Então, por que o Metias? Day poderia ter fugido sem o matar. Será que Day tinha algum ressentimento contra ele? Teria meu irmão prejudicado o Day no passado? A morte não foi acidental: a faca entrou direto no coração de Metias.

Direto no seu coração inteligente, burro, teimoso e superprotetor.

Abro os olhos, levanto a mão e analiso de novo o medalhão. Ele pertence ao Day, segundo nos informaram as impressões digitais. É um disco circular sem nada gravado, um objeto que encontramos no piso da escadaria do hospital, com o crachá roubado. Não representa nenhuma religião que eu conheça. Em termos financeiros, não vale nada: é feito de níquel e cobre ordinários, a parte do cordão é feita de plástico. O que quer dizer que ele não deve tê-lo roubado, esse objeto tem um significado diferente para ele, e vale a pena andar com ele mesmo correndo o risco de perdê-lo ou deixá-lo cair. Talvez seja um amuleto de sorte. Talvez lhe tenha sido dado por uma pessoa com quem ele tenha laços emocionais. Talvez se trate da mesma criatura para quem ele tentou roubar remédios contra a praga. Esse objeto tem um segredo, não sei qual.

As ações de Day costumavam me fascinar, mas agora ele é meu inimigo, meu alvo, minha primeira missão.

Em dois dias, concluo meus pensamentos. No terceiro dia, ligo para a Comandante Jameson e digo: tenho um plano.

DAY

Sonho que estou em casa de novo. Éden está sentado no chão, desenhando. Ele está com quatro ou cinco anos, com as bochechas ainda redondas do bebê gordo que foi. De tempos em tempos, ele se levanta e me pede para dizer o que acho de sua arte. John e eu estamos sentados com os joelhos dobrados no sofá, tentando em vão consertar um rádio que está na nossa família há anos. Ainda me lembro de quando papai o levou para casa e disse: “Ele vai nos informar quais os quarteirões atacados pela praga”. Agora, porém, os parafusos e o mostrador do aparelho estão desgastados e inertes em nossos colos. Peço ajuda ao Éden, mas ele apenas dá um risinho e diz para a gente se virar sem ele.

Mamãe está sozinha na nossa minúscula cozinha, tentando preparar o jantar. Conheço bem essa cena. Suas mãos estão enroladas em espessas ataduras. Ela deve ter se machucado com garrafas quebradas ou latas vazias enquanto limpava os latões de lixo em redor da Union Station hoje. Ela treme de dor quando abre pacotes de milho congelado com a lâmina lisa de uma faca. Suas mãos feridas estremecem.

“Para, mãe, eu te ajudo.” Tento me levantar, mas meus pés parecem estar grudados no chão.

Após algum tempo, levanto a cabeça para ver o que Éden está desenhando agora. A princípio não consigo distinguir o que significam as imagens, estão todas misturadas, amontoadas em padrões aleatórios sob sua mãozinha ágil.

Quando olho mais de perto, percebo que ele está desenhando soldados invadindo nossa casa. Ele os desenha com um lápis de cera vermelho cor de sangue.

Acordo assustado. Raios indistintos de luz, cinzentos e pouco intensos, passam através de uma janela próxima. Escuto um primeiro som fraco de chuva. Estou no que parece um quarto abandonado de criança. O papel de parede é azul e amarelo, e está descascado nos cantos. Duas velas iluminam o quarto. Sinto meus pés pendurados na extremidade da cama. Debaixo da minha cabeça há um travesseiro. Quando mudo de lugar, emito um gemido e fecho os olhos.

A voz de Tess chega até meus ouvidos.

– Você pode me ouvir? – ela pergunta.

– Não fale tão alto, amiga.

Minha voz sai como um sussurro pelos meus lábios secos. Minha cabeça lateja, com uma enxaqueca lancinante. Tess reconhece a dor no meu rosto e então se cala, enquanto eu mantenho os olhos fechados e espero. A dor continua, como um picador de gelo na minha nuca.

Depois de uma eternidade, a enxaqueca finalmente começa a ceder. Abro os olhos e pergunto:

– Onde estou? Você está bem?

Focalizo o rosto de Tess. Ela prendeu o cabelo para trás numa pequena trança, e seus lábios cor-de-rosa estão sorridentes:

– Se *eu* estou bem? – ela pergunta. – Você saiu do ar faz mais de dois dias. Como se sente?

A dor me atinge em ondas. Desta vez sinto os ferimentos do corpo. Respondo:

– Estou ótimo.

O sorriso de Tess esmaece e ela diz:

– Desta vez foi por um triz, cara. Se eu não tivesse encontrado alguém para nos acolher, acho que você já estaria no andar de cima.

De repente me lembro rapidamente de tudo. Lembro da entrada do hospital, do crachá de identidade roubado, das escadarias, do laboratório, da queda lá do alto, da minha faca atirada no capitão, dos bueiros, dos remédios.

“Dos remédios!” Tento me sentar, mas me mexo muito depressa e a dor me faz morder o lábio. Minha mão toca no meu pescoço, lá não está mais o medalhão para eu agarrar. Alguma coisa me dói no peito. “Perdi o medalhão.” Meu pai tinha me dado esse medalhão, e eu fui descuidado o bastante para perdê-lo.

Tess tenta me acalmar:

– Ei, dá um tempo.

– Minha família está bem? Algum remédio sobreviveu à minha queda?

– Uma parte. – Tess me ajuda a deitar de novo antes de apoiar os cotovelos na minha cama. – Acho que supressores são melhores do que nada. Já entreguei o que sobrou na casa da sua mãe, com seu embrulho de presentes. Fui pelos fundos e entreguei tudo ao John. Ele me pediu que te agradecesse.

– Você não contou ao John o que aconteceu, não é?

Tess revira os olhos e pergunta:

– Você acha que consigo ocultar isso dele? Todo mundo já sabe sobre a invasão do hospital, John sabe que você se machucou. Ele está danado da vida.

– Ele contou quem está doente? É o Édén? Ou a mamãe?

Tess morde os lábios e responde:

– É o Édén. John diz que os outros estão bem, por enquanto. Mas o Édén está falando normalmente e parece bem. Ele tentou sair da cama para ajudar sua mãe a consertar o vazamento debaixo da sua pia, para provar que estava forte, mas é claro que ela o mandou de volta para a cama. Ela rasgou duas blusas para usar como compressa, para diminuir a febre do Édén, por isso John mandou dizer que se você encontrar algumas roupas que deem na sua mãe, ele vai ficar muito feliz em aceitá-las.

Respiro profundamente. Édén. É claro que é o Édén, ainda agindo como um pequeno engenheiro, mesmo com a praga. Pelo menos consegui alguns remédios. “Tudo vai dar certo.” Édén vai ficar legal por algum tempo, e eu não me importo de ter de ouvir os sermões de John. Quanto ao meu

pingente perdido... bem, por um instante fico satisfeito por mamãe não saber o que houve, porque isso lhe partiria o coração.

– Eu não consegui encontrar nenhum remédio específico e não tive tempo de procurar.

– Tudo bem – responde Tess.

Ela prepara uma nova atadura para meu braço. Vejo meu antigo e usado boné, pendurado nas costas da cadeira dela.

– Sua família ainda dispõe de algum tempo. Vamos ter outra oportunidade.

– Estamos na casa de quem?

Logo que faço essa pergunta, ouço uma porta se fechar, e depois pisadas no cômodo ao lado do nosso. Olho para Tess, assustado. Ela faz um sinal tranquilizador com a cabeça e me diz para me acalmar.

Um homem entra, sacudindo gotas sujas de chuva de um guarda-chuva. Nas mãos, um saco de papel pardo. Ele me diz:

– Você está acordado, ótimo!

Examino seu rosto. Ele é muito pálido e meio rechonchudo, tem sobrancelhas cerradas e um olhar bondoso.

– Menina – ele diz, olhando para Tess –, você acha que ele pode ir embora amanhã à noite?

– A essa altura, já estaremos com o pé na estrada.

Tess pega uma garrafa com alguma coisa clara – suponho que álcool – e molha a beira da atadura. Recuo quando ela toca onde uma bala passou de raspão pelo meu braço. A sensação é de um fósforo aceso na minha pele. Tess diz:

– Obrigada, senhor, por ter deixado que ficássemos aqui.

O homem resmunga, com expressão insegura, e, constrangido, acena afirmativamente com a cabeça. Olha ao redor do quarto, como se procurasse alguma coisa perdida, e diz:

– Receio que eu não possa abrigar vocês mais do que esse período. A patrulha do controle da praga vai fazer outra varredura em breve. – Ele hesita, então tira duas latas do saco de papel e as põe em cima da cômoda. – Isto aqui é chili^{3]} para vocês. Não é o melhor, mas vai satisfazer vocês. Eu também vou trazer pão.

Antes que um de nós dois possa dizer alguma coisa, ele sai apressado do quarto, com o resto de seus mantimentos.

Pela primeira vez, olho para o meu corpo. Estou vestindo calças militares marrons, meu peito e braço nus estão cobertos por ataduras, assim como uma das minhas pernas.

– Por que ele está anos ajudando? – pergunto baixinho à Tess.

Ela ergue os olhos da atadura nova que estava pondo no meu braço e responde:

– Não seja tão desconfiado. Ele teve um filho que combateu no *front* e morreu da praga há alguns anos.

Dou um grunhido quando Tess amarra um nó na atadura. Ela me diz:

– Respire para eu ver.

Faço como ela disse. Várias e fortes pontadas me causam dores agudas quando ela pressiona os dedos delicadamente em partes do meu peito. Suas faces ficam rosadas enquanto ela trabalha.

– É possível que você tenha uma fissura em uma das costelas, mas não é nada de fratura. Você em breve deve estar curado. Como o homem não perguntou nosso nome, eu também não perguntei o dele. É melhor não saber. Eu contei a ele por que você ficou tão machucado. Acho que isso lhe lembrou o filho.

Deito a cabeça no travesseiro. Todo o meu corpo dói.

– Perdi minhas duas facas – sussurro, para que o homem não me ouça. Eram boas facas.

– Lamento saber disso, Day – diz Tess.

Ela tira um fio do cabelo do rosto e se debruça para mim. Levanta um saco plástico transparente, com três balas de prata dentro.

– Achei estas balas nas dobras das suas roupas, achei que você talvez possa usar no seu estilingue ou em outra coisa qualquer. – Ela mete o saco em um dos meus bolsos.

Sorrio. Quando conheci Tess há três anos, ela era uma órfã magricela de dez anos de idade vasculhando latas de lixo no setor Nima. Naqueles primeiros anos ela havia precisado tanto da minha ajuda, que às vezes esqueço o quanto dependo dela agora.

– Obrigada, amiga – digo. Ela murmura algo que não compreendo, e desvia o olhar.

Depois de algum tempo, volto a dormir profundamente. Quando acordo de novo, não sei quanto tempo se passou. A dor de cabeça foi embora, e está escuro lá fora. Pode ser o mesmo dia, embora eu sinta que dormi demais para isso. Nada de soldados, nada de polícia. Continuamos vivos. Fico imóvel por um instante, bem acordado na escuridão. Parece que nosso guardião não nos denunciou. Ainda não.

Tess está cochilando na beira da cama, com a cabeça entre os braços. Às vezes tenho vontade de encontrar um bom lar para ela, com uma família generosa disposta a aceitá-la. Mas toda vez que tenho esse pensamento, eu o afasto, porque Tess estaria de volta à tutela da República se fizesse parte de uma família de verdade, e seria obrigada a fazer a Prova, porque nunca a fez. Ou, pior ainda, saberiam de sua ligação comigo e a interrogariam. Sacudo a cabeça. Ela é muito ingênua, muito facilmente manipulada. Eu não a confiaria a nenhuma outra pessoa. Além disso... eu sentiria falta dela. Os primeiros dois anos que passei vagando sozinho pelas ruas foram muito solitários.

Cautelosamente, faço um círculo com o tornozelo. Está meio duro, mas não me causa dor, não rompi músculos, nem está muito inchado. O ferimento à bala ainda queima e minhas costelas doem pra caramba, mas desta vez consigo me sentar sem problema. Minhas mãos vão automaticamente para meu cabelo, que está solto, e passa dos ombros. Com uma das mãos, faço um rabo de cavalo de qualquer jeito, e o prendo com

um forte nó. Depois me inclino sobre Tess, pego na cadeira o meu boné surrado, e o ponho. Meus braços ardem com o esforço.

Sinto o cheiro de chili e pão. Há uma tigela com vapor subindo da cômoda ao lado da cama, e um pão equilibrado na beira da tigela. Lembro das duas latas que nosso anfitrião havia posto na cômoda.

Meu estômago rosna. Devoro a tigela toda.

Quando estou lambendo dos dedos o que resta do chili, ouço uma porta se fechar em algum lugar da casa e, instantes depois, ruídos de passos correndo até nosso quarto. Fico tenso. A meu lado, Tess acorda de súbito e agarra meu braço.

– Que foi isso? – Pergunta de repente. Eu ponho um dedo nos lábios, em sinal de silêncio.

Nosso guardião se apressa a entrar no quarto, com um roupão esfarrapado em cima do pijama. Ele sussurra: – Vocês devem partir agora. – O suor lhe pinga da testa. – Acabei de saber que um homem está procurando por vocês.

Eu o olho intensamente. O rosto de Tess mostra uma expressão apavorada.

– Como é que o senhor sabe? – Pergunto.

O homem começa a limpar o quarto, agarra minha tigela vazia e arruma a cômoda:

– Ele está dizendo por aí que tem remédios para curar a praga, para quem precisar. Ele diz saber que você está ferido. Não disse nenhum nome, mas deve estar falando de você.

Eu me sento ereto e jogo as pernas para o lado da cama. Agora não há escolha.

– Ele está falando de mim, sim – concordo.

Tess pega algumas ataduras limpas e as enfia debaixo da blusa:

– É uma armadilha. Vamos embora imediatamente.

O homem faz um sinal positivo com a cabeça e diz:

– Vocês podem sair pela porta dos fundos. Vão diretamente pelo corredor, à sua esquerda.

Por um instante, eu o encaro e percebo que ele sabe exatamente quem sou eu, mas não o diz em voz alta. Como outras pessoas em nosso setor que compreenderam quem eu era e me ajudaram. Ele não desaprova os distúrbios que causei à República.

– Nós somos muito gratos – digo a ele.

O homem não responde. Agarro a mão de Tess e saímos do quarto, percorremos o corredor e saímos pela porta dos fundos. A noite está muito úmida. Meus olhos se enchem de lágrima, causada pela dor dos meus ferimentos.

Caminhamos por becos silenciosos durante seis quarteirões, até finalmente desacelerarmos. Minhas lesões estão doendo muito. Toco o pescoço para ver se o medalhão me consola um pouco, mas então me lembro de que ele já não está no meu pescoço. Meu estômago se contrai de medo. E se a República decifrar o que ele significa? Será que nos destruirão? Será que vão rastrear o pingente até a minha família?

Tess cai, exausta, no chão e apoia a cabeça na parede do beco.

– Precisamos sair da cidade – ela diz. – Aqui está muito perigoso, Day, você sabe que está. Arizona ou Colorado seria mais seguro ou, até, Barstow. Não me importo com os arredores.

Pois é, pois é, eu sei. Olho para baixo e digo:

– Eu também quero ir embora.

– Mas você não vai. Está escrito na sua cara.

Ficamos calados por um tempo. Se dependesse de mim, eu atravessaria o país inteiro sozinho, e fugiria para as Colônias na primeira oportunidade. Não me importo de arriscar a vida, mas há muitas razões pelas quais não posso ir. Tess sabe disso. John e mamãe não podem simplesmente deixar o trabalho que lhes foi designado para então fugir comigo, não sem despertar suspeitas. Nem é possível Éden deixar de frequentar a escola que lhe foi atribuída. A não ser que queiram se tornar fugitivos como eu.

– Vamos ver no que dá – eu digo finalmente.

Tess me dá um sorriso trágico:

– Quem você acha que está te procurando? – Ela pergunta, após um momento. – Como sabem que você está no setor Lake?

– Sei lá. Pode ser um revendedor de materiais que soube da invasão do hospital. Vai ver eles pensam que sou podre de rico. Pode ser um soldado, até um espião. Perdi meu medalhão no hospital. Não sei como eles o usariam para saber alguma coisa sobre mim, mas tem sempre alguma possibilidade.

– O que você vai fazer?

Dou de ombros. O ferimento à bala começa a latejar, e me encosto na parede.

– Não sei de quem se trata, mas confesso que estou curioso para ver o que ele tem a dizer. E se ele tiver mesmo os remédios para curar a praga?

Tess me olha fixamente, com a mesma expressão da noite em que a conheci: esperançosa, curiosa e medrosa, tudo ao mesmo tempo.

– Bem, não pode ser mais perigoso do que a sua pirada invasão do hospital, certo?



Não sei se é porque a Comandante Jameson ficou com pena de mim, ou se realmente sente a falta de Metias, um de seus melhores soldados, mas ela está me ajudando a providenciar o enterro dele, embora nunca tenha feito isso para nenhum de seus subordinados. Ela se recusa a dizer por que decidiu agir assim.

Famílias ricas como a nossa sempre têm funerais pomposos. O de Metias acontece num edifício com elevadas arcadas barrocas e vitrais. Cobriram o piso com tapetes brancos, e mesas de banquete redondas e brancas, transbordando de lilases brancos, enchem o recinto. As cores se originam das bandeiras da República e do emblema circular dourado que pende atrás do altar principal. O retrato de nosso glorioso Eleitor sobressai em meio ao resto.

Todos os presentes usam suas melhores roupas brancas. Eu visto um refinado vestido branco longo de renda com espartilho, com uma saia de seda por cima, e camadas drapeadas nas costas. Um minúsculo broche de ouro branco com o emblema da República está preso ao corpete. O cabeleireiro prendeu meu cabelo no alto da cabeça, com cachinhos soltos sobre um ombro, e pôs uma rosa branca atrás da minha orelha. Há uma gargantilha de pérolas em redor do pescoço. Minhas pálpebras estão revestidas de sombra branca brilhante, meus cílios estão brancos, as olheiras avermelhadas sob meus olhos estão disfarçadas com pó de arroz branco. Tudo em mim está sem cor, assim como a minha vida depois que Metias foi tirado de mim.

Metias certa vez me disse que não era sempre assim, que somente após as primeiras inundações e erupções vulcânicas, depois que a República erigiu uma barreira ao longo do *front* para evitar que os desertores das Colônias fugissem ilegalmente para nosso território, só então é que as

peessoas começaram a mostrar luto usando branco. Ele disse: “Após as primeiras erupções, quando cinzas vulcânicas brancas caíram dos céus durante meses, os mortos e os moribundos ficaram cobertas por elas. Por isso, usar branco agora é relembrar os mortos.”

Ele me contou isso porque perguntei como havia sido o enterro de nossos pais.

Agora perambulo entre os convidados, perdida, sem rumo, respondendo às palavras solidárias dos que me rodeiam com respostas adequadas e ensaiadas. Eles dizem: “Lamento muito sua perda”. Reconheço alguns dos professores, colegas soldados e superiores de Metias. Estão presentes até alguns colegas meus da Drake. Fico surpresa ao vê-los: eu nunca tive muita habilidade para fazer amigos durante meus três anos de faculdade, considerando minha idade e a pesada carga de estudos. Mas eles estão aqui, alguns vindos dos exercícios vespertinos, outros da aula de história da República, classe 421. Eles pegam minha mão e sacodem a cabeça, dizendo: “Primeiro seus pais, e agora seu irmão. Nem consigo imaginar como deve estar sendo duro para você”.

Não consegue mesmo, mas sorrio gentilmente e inclino a cabeça, porque sei que a intenção deles é boa, e digo: “Obrigada por ter vindo. Significa muito para mim. Sei que Metias sentiria orgulho por ter dado a vida pelo seu país”.

Às vezes percebo um olhar rápido de admiração de alguém no outro lado do recinto, mas ignoro. Esse tipo de sentimento não me adianta nada. Meu traje não se destina a eles, é apenas em homenagem a Metias que uso este vestido desnecessariamente deslumbrante, para demonstrar sem palavras o quanto o amo.

Depois de algum tempo, sento-me a uma mesa perto da frente do recinto, encarando o altar decorado de flores que logo será ocupado por uma fila de pessoas lendo seus discursos laudatórios ao meu irmão. Inclino a cabeça respeitosamente para as bandeiras da República. Depois meus olhos vagueiam até o caixão branco ao lado das bandeiras. De onde estou, consigo apenas ver um indício da pessoa que está no caixão.

– Você está encantadora, June.

Levanto os olhos e vejo Thomas fazer uma mesura, depois sentar-se a meu lado. Ele trocou o uniforme militar por um terno elegante de colete branco, e o cabelo foi cortado recentemente. Percebo que o terno é novo em folha, deve ter custado uma fortuna.

– Obrigada, você também. Isto é, você está ótimo para as circunstâncias, em vista de tudo que aconteceu.

– Entendo o que você quer dizer.

Eu me debruço e dou uma pancadinha na mão dele, para restaurar-lhe a confiança. Ele sorri para mim. Parece ter vontade de dizer mais alguma coisa, mas decide não o fazer e desvia o olhar.

Demora meia hora até que todos encontrem seus assentos, e mais meia hora até que os garçons comecem a chegar com travessas de alimentos. Eu não como nada. A Comandante Jameson está sentada à minha frente, na extremidade da mesa de banquete, entre ela e Thomas estão três colegas meus da Drake. Troco um sorriso forçado com eles. Ao meu lado esquerdo está um homem chamado Chian, que organiza e supervisiona todas as Provas realizadas em Los Angeles. Ele administrou a minha. Só não entendo o que ele está fazendo aqui, nem por que sequer se importa com a morte de Metias. Ele era um conhecido de nossos pais, de modo que sua presença não é inesperada, mas por que se sentou bem a meu lado?

Então me lembro que Chian havia supervisionado Metias antes que ele fizesse parte da unidade da Comandante Jameson. Metias o odiava.

O homem franze as sobrancelhas cerradas para mim e põe uma das mãos no meu ombro nu durante algum tempo. Ele pergunta:

– Como está se sentindo, minha cara?

Suas palavras distorcem as cicatrizes no seu rosto: um talho na parte superior do nariz e outra marca irregular que vai da orelha à parte inferior do queixo.

Consigo dar um sorriso constrangido e respondo:

– Melhor do que esperado.

– Concordo. – Ele dá uma gargalhada que me faz recuar e me olha de cima a baixo. – Esse vestido faz que você pareça uma flor desabrochando.

Preciso me controlar muito para manter o sorriso. *Fique calma*, digo a mim mesma. Chian não é homem para se ter como inimigo.

– Eu gostava demais do seu irmão – ele continua, com simpatia exagerada. – Lembro quando ele era garoto. Você devia tê-lo visto. Ele costumava correr na sala de visitas dos seus pais, com a mão estendida como se segurasse uma arma. Ele estava destinado a fazer parte dos nossos batalhões.

– Obrigada, senhor – digo.

Chian corta um naco de bife e o enfia na boca:

– Metias era muito atento quando eu fui seu mentor. Era um líder natural. Ele chegou a comentar com você?

Uma lembrança passa rapidamente pela minha cabeça. A noite chuvosa em que Metias começou a trabalhar para Chian. Ele havia levado a mim e a Thomas, que ainda estava no colégio, ao setor Tanagashi, onde comi minha primeira tigela de *edame*^[4] de porco com espaguete e rolinhos de cebola adocicada. Lembro que eles dois estavam de uniforme completo: Metias com o paletó aberto e a camisa solta, Thomas com o paletó completamente abotoado e o cabelo cuidadosamente penteado para trás. Thomas implicou comigo por causa das minhas trancinhas todas bagunçadas, mas Metias estava quieto. Então, uma semana depois, seu aprendizado com Chian terminou abruptamente. Metias tinha solicitado mudar de patrulha, e foi transferido para a patrulha da Comandante Jameson.

– Ele disse que era tudo confidencial – eu minto.

Chian ri e diz:

– Era um bom garoto, o Metias. Um grande aprendiz. Imagine meu desapontamento quando ele foi designado para as patrulhas municipais. Ele me disse que não tinha inteligência para julgar as Provas nem organizar os garotos que se submetiam a elas. Ele era muito modesto. Sempre foi mais inteligente do que achava ser. Igualzinho a você.

Ele ri para mim. Concordo com a cabeça. Chian fez que eu me submetesse à Prova duas vezes, porque alcancei o máximo de pontos em tempo recorde: 1 hora e 10 minutos. Ele achou que eu tinha colado. Não apenas sou a única adolescente que tem o maior número de pontos da nação, como provavelmente também sou a única jovem que fez a Prova *duas vezes*.

– O senhor é muito gentil – respondo. – Meu irmão foi um líder melhor do que eu jamais serei.

Chian me faz calar com um gesto e diz:

– Bobagem, minha cara. – E então se inclina constrangedoramente para perto de mim. Há alguma coisa escorregadia e desagradável nele.

– Estou pessoalmente arrasado pela forma como ele morreu, nas mãos daquele menino perverso. Que pena! – Chian aperta os olhos, o que faz suas sobrancelhas parecerem ainda mais cerradas. – Fiquei muito satisfeito quando a Comandante Jameson me contou que você está encarregada de achar esse garoto. Este caso precisa de um par de olhos novos e observadores, você é exatamente a criaturinha adequada. Que joia de missão-teste, hem?

Eu o abomino com todo o meu ser. Thomas deve ter notado minha rigidez, porque sinto sua mão sobre a minha debaixo da mesa. *Faça o jogo dele*, está tentando me dizer. Quando Chian finalmente se vira para responder a uma pergunta de um homem no outro lado, Thomas se debruça para mim e sussurra:

– Chian tem um rancor pessoal por Day.

– Verdade? – Murmuro de volta.

Ele faz que sim com a cabeça:

– Quem você acha que fez aquela cicatriz nele?

Foi Day? Não escondo a expressão de surpresa. Chian é um homem grandão, e trabalha há anos na administração da Prova. É um oficial competente. Um adolescente poderia mesmo feri-lo daquela maneira? E teria conseguido se safar? Olho de relance para Chian e examino a cicatriz.

É bem definida, foi feita com uma lâmina de ponta macia. Deve ter sido executada rapidamente, porque é uma linha reta. Não posso imaginar Chian parado enquanto alguém lhe fatiava o rosto daquele modo. Por uma fração de segundo, fico do lado de Day. Olho de relance para a Comandante Jameson, que me olha fixamente, como se estivesse lendo meus pensamentos. Isso me deixa sem graça.

A mão de Thomas volta a tocar na minha:

– Ei! – Ele diz. – Day não pode se esconder do governo para sempre, mais cedo ou mais tarde vamos chegar a esse rato de rua e fazer dele um exemplo. Ele não é páreo para você, especialmente quando você se dedica a fazer alguma coisa.

O sorriso bondoso de Thomas me afeta, e de súbito sinto que é Metias sentado a meu lado, dizendo-me que vai dar tudo certo, garantindo que a República não me vai decepcionar. Meu irmão que uma vez me prometeu ficar a meu lado para sempre. Desvio o olhar de Thomas e o focalizo no altar, para que ele não veja as lágrimas em meus olhos. Não consigo retribuir seu sorriso. Acho que nunca mais voltarei a sorrir.

– Vamos acabar logo com isso – sussurro.

DAY

Está tremendamente quente, mesmo sendo de noitinha. Manco pelas ruas ao longo dos limites dos setores de Alta e Winter, ao longo do lago e a céu aberto, perdido na multidão que vai e vem. Meus ferimentos estão ainda no processo de cura. Uso as calças do exército que nosso anfitrião me deu, com uma camiseta fina de gola que Tess encontrou numa lata de lixo. A aba do meu boné está puxada para baixo, e acrescentei a meu disfarce um tapa-olho sobre o olho direito. Nada de incomum, na verdade, não nesse mar de operários com lesões causadas pelo trabalho nas fábricas. Hoje estou sozinho: Tess está na encolha, a várias ruas daqui, escondida no parapeito de um segundo andar. Não há razão para nos arriscarmos juntos, a não ser que necessário.

Barulhos familiares me rodeiam, camelôs anunciam aos gritos suas mercadorias: olhos cozidos de ganso, rosquinhas fritas e cachorros-quentes. Vendedores ficam à porta de mercearias e lanchonetes, tentando atrair fregueses. Um carro que deve ter algumas décadas passa chocalhando. Operários do segundo turno lentamente se dirigem para casa. Algumas garotas reparam em mim e ficam tímidas quando as olho. Barcos percorrem o lago com seus sons explosivos, tomando cuidado para evitar as gigantescas turbinas d'água que giram e causam agitação ao longo da margem. As sirenes que anunciam inundações estão silenciosas e apagadas.

Algumas áreas estão bloqueadas. Fico longe delas, os soldados as demarcaram como zonas de quarentena.

Os alto-falantes que se aglomeram nos telhados dos edifícios estalam e emitem sons agudos, telões fazem uma pausa nos comerciais. Ou, em alguns casos, alertam-nos sobre mais um ataque dos Patriotas e mostram

um vídeo com nossa bandeira. Todo mundo para nas ruas e fica imóvel quando começa o juramento.

“Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!”

Quando surge o nome do Primeiro Eleitor, prestamos continência em direção à capital. Resmungo o juramento baixinho, mas fico calado nas duas últimas passagens, quando os policiais militares não estão olhando para cá. Eu me pergunto o que dizia o juramento antes de entrarmos em guerra com as Colônias.

Quando o juramento termina, a vida continua. Vou a um bar com motivos chineses cobertos de grafite. O porteiro me dá um largo sorriso, e vejo que lhe faltam vários dentes. Ele rapidamente me faz entrar no bar.

– Temos a verdadeira cerveja Tsingtao hoje – ele cochicha. – Caixotes que sobraram de um presente importado enviado para nosso glorioso Eleitor. A oferta vale até às seis horas.

Os olhos do homem se mexem nervosamente quando ele diz isso. Eu fico olhando fixamente para ele. Cerveja Tsingtao. Tá certo, fica combinado. Meu pai teria rido. A República não assinou nenhum contrato de importação com a China para enviar produtos de qualidade para as áreas de favelas (ou, como a República afirma com prazer, “queremos conquistar a China e assumir seus negócios”). É provável que esse sujeito esteja muito atrasado no pagamento dos impostos bimestrais ao governo. Não há outra razão para se arriscar e colocar rótulos falsos de Tsingtao nas garrafas de sua cerveja feita em casa.

Agradeço ao cara e entro no bar. Este é um lugar tão bom para conseguir informações quanto qualquer outro.

Está escuro. O ar cheira a fumaça de cachimbo, carne frita e lampiões a gás. Ando com dificuldade pela confusão de mesas e cadeiras, pegando comida de algumas travessas desprotegidas e enfiando-a debaixo da camisa, até chegar ao balcão. Atrás de mim, um grande número de fregueses torce diante de uma luta de Skiz. Acho que este bar tolera jogos ilegais. Se eles

forem inteligentes, devem estar prontos para, a qualquer minuto, subornar os guardas municipais com parte de seus lucros, a não ser que quisessem assumir que estão ganhando dinheiro livre de impostos.

A atendente do bar nem verifica minha idade. Aliás, nem olha para mim. Ela pergunta:

– O que quer beber?

Sacudo a cabeça e respondo:

– Só água, por favor. – Atrás de nós ouço muitos gritos, quando um dos lutadores é derrubado.

Ela me olha de relance, sem acreditar. Seus olhos imediatamente focalizam a atadura no meu rosto e ela pergunta:

– Que aconteceu com seu rosto, garoto?

– Um acidente de trabalho: eu tomo conta de vacas.

Ela faz uma expressão de nojo, mas parece estar interessada em mim:

– Poxa, que pena! Tem certeza de que você não quer uma cerveja para aliviar isso aí? Deve doer.

Sacudo a cabeça de novo e digo:

– Obrigada, amiga, mas eu não bebo. Gosto de ficar sempre alerta.

Ela sorri para mim. É bonitinha sob a luz vacilante do lampião, com sombra verde reluzente nos olhos de pálpebras suaves, e cabelo preto curto e liso. Uma tatuagem de videira começa no pescoço e desaparece na blusa justa. Um par sujo de óculos, provavelmente proteção contra as brigas do bar, está pendurado no pescoço. Fico meio chateado. Se eu não estivesse ocupado atrás de informações, gastaria um tempo com essa garota, bateria um papo e talvez conseguisse uns dois ou três beijos.

– Você é do Lake, né? – Ela pergunta. – Resolveu dar um giro por aqui e deixar umas meninas caídas por você? Ou você vai lutar? – Ela aponta com a cabeça para a luta de Skiz.

Dou um risinho e respondo:

– Deixo isso pra você.

– Por que você pensa que eu luto?

Aponto as cicatrizes nos braços e as contusões nas mãos. Ela sorri lentamente para mim.

Eu dou de ombros e digo, após um instante:

– Nem morto eu pisaria num desses ringues. Estou apenas me protegendo do sol um pouco. Sabe? Você parece ser uma companhia legal. Isto é, desde que você não esteja com a praga.

É uma piada universal, mas mesmo assim ela ri, debruça-se no balcão e diz:

– Eu moro bem no limite do setor. Até agora, não teve nenhum caso de praga por lá.

Eu me inclino para ela e digo:

– Você tem sorte. – Fico sério. – Há pouco tempo, marcaram a porta de uma família que conheço.

– Que chato!

– Quero perguntar uma coisa, só por curiosidade. Você ouviu falar de um homem andando por aqui recentemente? Um cara que diz ter remédios para a praga?

Ela levanta a sobrancelha e responde:

– Ouvi, sim. Tem uma galera querendo encontrar esse cara.

– Você sabe o que ele diz às pessoas?

Ela hesita um instante. Reparo que a moça tem minúsculas sardas no nariz. Ela responde:

– Ouvi dizer que ele está dizendo ao povo que quer dar um remédio que cura a praga a uma pessoa, só a uma pessoa. E que essa pessoa vai saber sobre quem ele está falando.

Tento parecer que acho graça:

– Pessoa sortuda, hem?

Ela dá um risinho e diz:

– Falando sério: ele disse que essa pessoa deve se encontrar com ele *hoje* à meia-noite, no lugar-dos-dez-segundos.

– Lugar-dos-dez-segundos?

A atendente do bar dá de ombros e diz:

– Não tenho noção do que isso quer dizer. Aliás, ninguém tem. – Ela se debruça no balcão e abaixa a voz. – Sabe o que eu acho? Acho que esse cara é *piradaço*.

Rio com ela, mas minha cabeça está girando. Não tenho dúvida de que essa pessoa está procurando por mim. Há quase um ano, invadi um banco em Arcádia pelo beco que fica atrás do banco. Um dos seguranças tentou me matar. Quando ele cuspiu em mim e me disse que os raios *lasers* do cofre-forte do banco iam me fazer virar picadinho, debochei e respondi que em dez segundos eu ia invadir a sala do cofre-forte. Ele não acreditou em mim, mas o que acontece é que ninguém nunca acredita no que digo até que eu acabo fazendo o que disse. Com aquele dinheiro, comprei um par legal de botas, e até uma bomba eletromagnética no mercado negro, uma arma que desativa armas à sua volta. Ela foi bem útil quando ataquei uma base aérea. E Tess ganhou um guarda-roupa completo, blusas, sapatos e calças compridas novas em folha, além de ataduras, álcool e um vidro de aspirina. Nós dois conseguimos comprar muita comida. O resto eu dei à minha família e a um pessoalzinho lá do Lake.

Depois de vários minutos de flerte, eu me despeço da assistente do bar e vou embora. O sol ainda está no céu, e sinto gotas de suor no rosto. Agora já sei o suficiente. O governo deve ter encontrado alguma coisa no hospital e quer me atrair para uma armadilha. Vão mandar um cara para o lugar-dos-dez-segundos à meia-noite, e posicionar soldados no beco dos fundos. Aposto que pensam que estou *muito* desesperado.

Provavelmente também vão levar remédios contra a peste, para me atrair. Aperto os lábios enquanto penso, e aí mudo da direção para onde estava indo. Vou para a área financeira.

Eu tenho um encontro marcado.

JUNE



23H29.

SETOR BATALLA.

22 °C EM AMBIENTE FECHADO.

As luzes no Batalla Hall são frias e fluorescentes. Visto-me num banheiro no andar de observação e análise. Estou usando mangas pretas compridas por baixo de um colete preto listrado, calças pretas justas enfiadas nas botas, e um longo sobretudo preto, que envolve meus ombros e me cobre como um cobertor. Uma faixa branca passa pelo centro do sobretudo e vai até o chão. Uma máscara preta cobre meu rosto, óculos infravermelhos protegem-me os olhos. Fora isso, tudo o que tenho é um minúsculo microfone e um fone de ouvido menor ainda. E uma arma. Só por precaução.

Preciso parecer sem qualquer característica feminina, genérica, não identificável. Preciso me passar por contrabandista. Alguém rico o bastante para comprar os remédios que curam a praga.

Matias acenaria para mim negativamente com a cabeça. “Você não pode ir sozinha numa missão confidencial, June”, ele diria. “Você pode se machucar.” Que ironia!

Aperto o fecho que mantém minha capa no lugar (é de aço borrifado com um jato líquido de bronze, provavelmente importado do Texas Ocidental) e depois me dirijo à escada que me levará para fora do Batalla Hall, rumo ao banco Arcádia. Onde supostamente devo encontrar o Day.

Meu irmão foi morto há 120 horas. Parece que foi há uma eternidade. Há setenta horas, obtive autorização para navegar na internet e descobri o máximo que pude sobre Day. Há quarenta horas, mostrei à Comandante Jameson um plano que preparei para rastrear Day. Há 32 horas ela o

aprovou. Duvido que se lembre dos detalhes. Há trinta horas, enviei um olheiro a todos os setores infectados pela praga em Los Angeles: Winter, Blueridge, Lake e Alta. Ele espalhou o boato: alguém tem um remédio contra a praga para você, vá ao lugar-dos-dez-segundos. Há 29 horas, assisti ao funeral do meu irmão.

Não planejo pegar Day hoje à noite. Não planejo sequer vê-lo. Ele vai saber exatamente onde é o lugar-dos-dez-segundos e que eu sou uma agente enviada pelo governo ou pelos corretores do mercado negro que pagam impostos ao governo. Ele não vai mostrar a cara. Mesmo a Comandante Jameson, que está me testando com essa primeira tarefa, sabe que não vamos conseguir vê-lo nem de relance.

Mas eu sei que ele estará lá. Precisa desesperadamente de remédios contra a praga. E ele aparecer é tudo que espero esta noite: uma pista, um ponto de partida, algo que inalice a direção a ser seguida, alguma coisa pessoal sobre esse garoto criminoso.

Tomo cuidado para não andar sob os postes de luz. Na verdade, eu teria andado pelos telhados, se não estivesse indo para o setor financeiro, onde guardas se postam nos telhados. À minha volta os telões expõem em som alto e estridente suas campanhas coloridas, o som distorcido e forte de seus comerciais sai dos alto-falantes. Um telão mostra um perfil atualizado de Day, desta vez com cabelo preto comprido. Perto dos telões estão operários do turno da noite, policiais e camelôs. De vez em quando, passa um tanque, seguido por vários pelotões de tropas. Eles têm faixas azuis nas mangas. São soldados de volta do *front*, ou em rodízio para irem para o *front*. Mantêm as armas ao lado do corpo e as seguram com as duas mãos. Para mim, todos se parecem com Metias, então preciso respirar com mais força, andar mais depressa, para continuar concentrada.

Tomo um caminho mais comprido até Batalla, pelas transversais do setor e pelos edifícios abandonados, e só paro quando estou a uma boa distância da área militar.

Os guardas municipais não podem saber que estou numa missão. Se me virem vestida assim, equipada com óculos infravermelhos, certamente vão

me interrogar.

O banco Arcádia fica numa rua sossegada. Dou a volta pelo lado dos fundos do banco, até estar em frente a um estacionamento no fim de um beco. Lá, espero na sombra. Meus óculos eliminam a maior parte das cores do local. Olho ao redor e vejo filas de alto-falantes nos telhados, um gato perdido cujo rabo bate na tampa de uma lata de lixo, um quiosque abandonado com folhetos antigos contra as Colônias colados nele.

O relógio do meu visor diz que são 23h53. Passo o tempo me forçando a refletir sobre a história de Day. Antes do roubo desse banco, a ficha criminal de Day já apontava três delitos. Esses foram os únicos incidentes onde encontramos suas impressões digitais. Imagino os inúmeros outros crimes cometidos por ele. Olho mais detidamente o beco do banco. Como ele conseguiu invadir o banco em dez segundos, com quatro guardas armados na entrada dos fundos? O beco é estreito. Ele talvez tenha achado suficientes pontos de apoio para subir até o segundo ou terceiro andar, o tempo todo usando as armas dos guardas contra eles mesmos. Provavelmente conseguiu que os guardas atirassem uns nos outros. Provavelmente quebrou os vidros de uma janela para entrar. Isso teria demorado apenas alguns segundos. O que ele fez quando entrou, não tenho a mínima ideia.

Já sei que Day é muito ágil. Sobreviver a uma queda de dois andares e meio comprova isso. Mas ele não vai ter oportunidade de fazer isso hoje à noite. Não me interessa o quanto ele é ágil: não se salta de um prédio e depois se espera andar normalmente. Day não vai escalar paredes nem escadarias pelo menos por mais uma semana.

De repente fico tensa. Passam dois minutos da meia-noite. Um clique ecoa de algum lugar distante, e o gato sentado na lata de lixo corre, assustado. Pode ser um isqueiro, o gatilho de uma arma, ou uma luz vacilante da rua, pode ser um monte de coisas. Examino os telhados. Nada ainda.

Mas os fios de cabelo na minha nuca se eriçam. Sei que ele está aqui. Sei que está me observando.

– Saia daí – digo. O minúsculo microfone colocado perto da minha boca faz minha voz parecer masculina.

Silêncio. Nem mesmo as camadas de prospectos grudados no quiosque se movem. Não há vento esta noite.

Retiro um frasco de um coldre no meu cinto. Minha outra mão não larga o cabo da minha arma.

– Eu tenho o que você quer – digo, acenando com o frasco para enfatizar a frase.

Nada ainda. Desta vez, contudo, ouço o que parece um ligeiro suspiro. Um respirar. Meus olhos se dirigem imediatamente para os alto-falantes nos telhados. O clique era isso. Ele mexeu com a fiação para poder falar comigo sem denunciar onde está. Sorrio atrás da máscara: eu teria feito a mesma coisa.

– Eu *sei* que você precisa disto – digo, acenando de novo com o frasco. Eu o viro nas minhas mãos e o levanto. – Ele tem todos os rótulos oficiais, o selo de aprovação. Garanto a você que é o remédio verdadeiro contra a praga.

Mais um respirar.

– Alguém com quem você se importa gostaria que você viesse me cumprimentar. – Olho para os meus óculos. – São meia-noite e cinco. Eu lhe dou dois minutos. Depois, vou embora.

O beco volta a ficar silencioso. De vez em quando, escuto um leve respirar vindo dos alto-falantes. Meus olhos se movem da hora no meu visor para as sombras dos telhados. Ele é esperto. Não consigo saber de onde ele está transmitindo. Poderia ser nesta rua, ou a vários quarteirões daqui, ou de um andar mais alto. Mas sei que ele está perto o bastante para me ver.

A hora no meu visor mostra 00h07. Eu me viro, enfio o frasco de novo no meu cinto e começo a me afastar.

– Que é que você quer pela cura, amigo?

A voz é quase um sussurro, mas pelos alto-falantes soa instável e assustada, tão débil, que tenho dificuldade em compreender o que ele diz. Os detalhes me acorrem rapidamente a cabeça. É homem. Tem um leve sotaque. Não é de Óregon, Nevada, Arizona, Novo México, Texas Ocidental, nem de outro estado da República. Nasceu no sul da Califórnia. Usa o termo familiar *amigo*, que o pessoal do setor Lake usa muito. Ele está perto o bastante para ter me visto guardar o frasco, mas não tão perto que os alto-falantes possam transmitir sua voz claramente. Deve estar no próximo quarteirão, com uma boa perspectiva, isto é, está num andar alto.

Subjacente aos detalhes que me percorrem a mente surge um ódio forte e crescente. Essa é a voz do assassino do meu irmão. Pode ter sido a última voz que meu irmão ouviu.

Espero dois segundos antes de voltar a falar. Quando falo, minha voz está suave e calma, e não mostra nenhum sinal de ira:

– O que eu quero? – Pergunto a ele. – Depende. Você tem dinheiro?

– Mil e duzentas Notas.

Notas, não ouro da República. Ele rouba a classe alta, mas não tem capacidade para roubar os extremamente ricos. Provavelmente age sozinho. Rio e digo:

– Com mil e duzentas Notas você não compra este frasco. Que mais você tem? Bens de valor? Joias?

Silêncio.

– Ou tem habilidades a oferecer, como estou *certo* de que tem?

– Não trabalho para o governo.

Seu ponto fraco. Naturalmente.

– Não quis ofender, perguntei por perguntar. E como você sabe que eu não trabalho para outra pessoa? Não acha que está valorizando demais o governo?

Ligeira pausa, e depois a voz volta:

– O nó da sua capa. Não sei o que é, mas não parece coisa de civil.

Isso me surpreende um pouco. O nó da minha capa é realmente um nó canto, um nó vigoroso que os oficiais militares gostam de usar. Aparentemente, Day tem algum conhecimento específico da aparência dos uniformes do governo. Ele é muito observador. Rapidamente disfarço minha hesitação:

– É bom encontrar alguém que saiba o que é um nó canto, mas acontece que viajo muito, amigo. Vejo e conheço muitas pessoas, gente com quem não tenho vínculos.

Silêncio.

Espero, tentando ouvir outro respirar através dos alto-falantes. Nada, nem mesmo um clique. Não respondi com a rapidez adequada, a breve hesitação da minha voz foi o bastante para convencê-lo de que não podia confiar em mim. Aperto o manto ao redor do meu corpo e percebo que comecei a suar no calor da noite. Meu coração bate a mil por hora.

Outra voz soa na minha cabeça. Desta vez vem do meu minúsculo fone de ouvido:

– Você está aí, Iparis?

É a Comandante Jameson. Ouço o ruído de outras pessoas na sala dela.

– Ele foi embora – murmuro –, mas me deu pistas.

– Você deu pistas a ele sobre para quem trabalha, não deu? Bem, é sua primeira vez trabalhando sozinha. De qualquer forma, tenho as gravações. Vejo você no Batalla Hall.

Sua repreensão me irrita um pouco. Antes que eu possa responder, a estática interrompe a chamada.

Espero mais um minuto, só para ter certeza de que não interpretei errado a saída de Day. Silêncio. Eu me viro e começo a ir embora do beco. Queria contar à Comandante Jameson qual seria a solução mais fácil, simplesmente reunir todos do setor Lake cujas portas estivessem marcadas. Isso atrairia Day para fora do esconderijo. Mas posso até ouvir a resposta incisiva da Comandante Jameson: “Absolutamente não, Iparis. Seria muito dispendioso, e o quartel não aprovaria. Você vai ter de pensar em outra

coisa”. Olho de relance para trás, na esperança de ver um vulto vestido de preto me seguindo, mas o beco está vazio.

Não serei autorizada a forçar Day a vir a mim, o que só me deixa uma opção: eu vou ter de ir atrás dele.

DAY

– Vê se come alguma coisa, tá?

A voz de Tess me desperta da minha vigília. Desvio o olhar do lago e a vejo me estendendo um pedaço de pão com queijo, insistindo para eu pegá-lo. Eu devia estar com fome. Só comi metade de uma maçã desde meu encontro com o estranho agente do governo ontem à noite, mas o pão com queijo, ainda que seja fresco, da loja onde Tess havia trocado algumas Notas preciosas por eles, não me abre o apetite. Mesmo assim, eu o pego. Não tenho a menor vontade de desperdiçar um alimento perfeitamente saudável, especialmente porque devemos economizar tudo que temos, para comprar os remédios contra a praga.

Tess e eu estamos sentados na areia debaixo de um píer, na parte do lago que atravessa nosso setor. Nós nos comprimimos ao máximo contra o lado da margem, para evitar que soldados à toa e operários bêbados acima possam nos ver depois do gramado e das pedras. Nós nos misturamos às sombras. De onde estamos sentados, sentimos o gosto do sal no ar, e vemos as luzes do centro de Los Angeles refletidas na água. Ruínas de prédios mais antigos salpicam o lago, são edifícios que foram abandonados por proprietários de negócios e residentes quando as águas da inundação se elevavam. Gigantescas rodas e turbinas hidráulicas se agitam ao longo da beira da água, atrás de cortinas de fumaça. Essa é provavelmente minha vista favorita de nosso pequeno, devastado e bonito setor Lake.

Retiro o que disse. Esta é minha favorita e também a menos favorita vista. Porque, embora as luzes do centro da cidade ofereçam um bonito panorama, também consigo ver, indistintamente a leste, o estádio onde a Prova é realizada.

– Você ainda tem tempo – Tess me diz. Ela desliza para tão perto de mim que consigo sentir seu braço nu contra o meu. Seu cabelo cheira a pão e canela da loja. – Provavelmente um mês ou mais. Tenho certeza de que antes disso a gente vai encontrar os remédios contra a praga.

Para uma garota sem família e sem casa, Tess é surpreendentemente otimista. Tento sorrir para agradar e digo:

– Talvez. Quem sabe o hospital relaxa a guarda daqui a umas duas semanas. – Mas, em meu coração, sei que não é bem assim.

Mais cedo, arrisquei dar uma espiada na casa da minha mãe. O estranho X continuava marcado na porta. Minha mãe e John pareciam bem, pelo menos fortes o bastante para andar pela casa. Mas o Édén... dessa vez Édén estava deitado na cama, com um pano na testa. Mesmo a alguma distância, dava pra ver que ele já havia emagrecido. Sua pele estava pálida, a voz, débil e rouca. Quando mais tarde encontrei John atrás da nossa casa, ele me disse que o Édén não comia desde a última vez em que fui lá. Lembrei ao John que ficasse fora do quarto do Édén sempre que pudesse. Ninguém sabe como essa maldita praga está se espalhando. John me advertiu para parar de gracinhas, para não ser morto. Tive de rir quando ele disse isso. John nunca vai admitir para mim, mas sei que sou a única oportunidade de salvamento para Édén.

A praga pode acabar com a vida de Édén antes mesmo que ele se submeta à Prova.

Talvez seja uma bênção disfarçada. Édén nunca precisaria ficar do lado de fora da nossa porta em seu décimo aniversário, esperando um ônibus para levá-lo ao estádio da Prova. Nunca teria de seguir dezenas de crianças subindo os degraus do estádio para chegar ao círculo interno, ou dar uma volta completa na pista de corrida enquanto os administradores da Prova analisam sua respiração e postura, nem responder a páginas e páginas de perguntas idiotas de múltipla escolha, nem sobreviver a uma entrevista feita por meia dúzia de oficiais impacientes. Não precisaria esperar em um dos vários grupos depois da Prova, sem saber quais voltariam para casa e quais seriam enviados para os assim chamados *campos de trabalho*.

Não sei bem. Se o pior acontecer, talvez a praga seja um meio mais piedoso de partir desta vida.

– Sabe, o Éden sempre adocece – digo após um tempo. Dou uma grande mordida no sanduíche de queijo e continuo: – Quando ele era bebê, quase morreu. Pegou um tipo de vírus, ficou com febre e assaduras, chorou por uma semana inteirinha. Os soldados quase marcaram nossa porta com um X, mas obviamente a doença não era uma praga, e ninguém mais pegou aquilo. – Sacudo a cabeça e digo: – John e eu nunca ficamos doentes.

Desta vez, Tess não sorri.

– Tadinho do Éden! – Depois de um instante, ela continua: – Eu estava muito doente quando a gente se conheceu. Você se lembra de como eu estava cheia de perebas?

De repente me sinto culpado por estar falando tanto sobre meus problemas nos últimos dias. Pelo menos eu tenho uma família com a qual me preocupar. Ponho um braço ao redor do ombro dela e digo:

– É, você estava com uma aparência péssima.

Tess ri, mas seus olhos continuam focalizados nas luzes da cidade. Ela encosta a cabeça no meu ombro. Essa menina faz isso desde a primeira semana em que a conheci, quando a localizei num beco no setor Nima.

Ainda não sei o que me fez parar e falar com ela naquela tarde. Talvez o calor tivesse me abrandado, ou talvez eu só estivesse de bom humor porque tinha encontrado um restaurante que jogara fora a produção de sanduíches encalhados do dia inteiro. Eu gritei para ela:

– Ei!

Duas outras cabeças surgiram ao lado de lata de lixo. Recuei, surpreso. Eram uma mulher mais velha e um adolescente, que imediatamente saíram desordenadamente da bagunça e fugiram correndo do beco. Aquela terceira pessoa, uma menina que não parecia ter mais de dez anos, permaneceu onde estava, tremendo ao me ver. Era magricela como um palito, vestia uma blusa e uma calça rasgadas. O cabelo estava curto e cortado de qualquer jeito logo abaixo do queixo, e era ruivo à luz do sol.

Esperei um instante para não a assustar, como havia acontecido com os outros.

– Ei! – Repeti. – Posso me juntar a você?

Ela me olhou fixamente sem dar uma palavra. Eu mal podia distinguir seu rosto, de tanta fuligem.

Quando ela não respondeu, dei de ombros e comecei a ir a seu encontro. Talvez eu pudesse resgatar alguma coisa útil da lata de lixo.

No minuto em que cheguei a três metros da garota, ela soltou um grito angustiado e começou a correr. Corria tão depressa que tropeçou e caiu no asfalto, com mãos e pés. Eu manquei até ela. Minha antiga lesão no joelho estava pior, me lembro que tropecei ao correr.

– Ei! – Gritei. – Você está bem?

Ela recuou e levantou as mãos arranhadas para proteger o rosto.

– Por favor! – Ela disse. – Por favor!

– Por favor *o quê?* – Então suspirei, constrangido por minha irritação. Vi que os olhos dela começavam a se encher de lágrimas. – Pare de chorar. Não vou machucar você.

Ajoelhei ao lado dela. A princípio ela choramingou e começou a se afastar engatinhando, mas, quando eu não me mexi, ela parou e me olhou fixamente. A pele dos dois joelhos tinha sido arrancada na queda e a carne nas rótulas estava muito vermelha e irritada.

– Você mora perto? – Perguntei.

Ela concordou com a cabeça. Depois, como se tivesse se lembrado de algo, ela sacudiu a cabeça e disse:

– Não.

– Posso ajudá-la a chegar à sua casa?

– Eu não tenho casa.

– Não tem? Onde estão seus pais?

Ela balançou a cabeça de novo. Suspirei, larguei minha sacola de lona no chão e estendi a mão para ela:

– Escute uma coisa: você não quer ficar com os joelhos inflamados. Eu te ajudo a limpar os dois e depois você pode continuar seu caminho. Eu também posso lhe dar um pouco da minha comida. Bom negócio, não?

Ela demorou muito para pôr a mão na minha, e suspirou – Tudo bem – tão baixinho, que mal a ouvi.

Naquela noite, acampamos atrás de uma loja de penhores, onde tinha duas cadeiras velhas e um sofá rasgado, em um beco. Limpei os joelhos da garota com álcool roubado de um bar, e pedi que ela mordesse um trapo para não gritar e chamar a atenção para nós. A não ser quando eu estive cuidando dos ferimentos, ela nunca deixava que eu me aproximasse dela. Sempre que minha mão acidentalmente passava pelo seu cabelo ou encostava em seu braço, ela recuava como se estivesse sendo queimada pelo vapor de uma chaleira. Finalmente desisti de tentar falar com ela. Deixei que dormisse no sofá. Enquanto isso, dobrei a camisa para servir de travesseiro e tentei ficar confortável no chão.

– Se você quiser ir embora de manhã, pode ir – eu disse a ela. – Não precisa me acordar, nem se despedir, nem fazer nada.

Minhas pálpebras estavam ficando pesadas, mas a garota continuava bem acordada, olhando fixamente para mim, sem piscar, mesmo quando adormeci.

Ela continuava lá de manhã. Seguia-me enquanto eu escarafunchava as latas de lixo, pegando roupas velhas e porções ainda comestíveis de sobras de comida. Tentei pedir a ela que fosse embora, tentei até gritar com ela. Uma órfã seria uma enorme inconveniência, mas, embora eu a tenha feito chorar algumas vezes, quando eu olhava por cima do ombro a guria ainda estava lá, seguindo-me a pouca distância.

Duas noites depois, quando estávamos sentados perto de uma fogueira improvisada, ela finalmente falou comigo:

– Meu nome é Tess – murmurou. Depois examinou meu rosto, como se quisesse adivinhar minha reação.

Só dei de ombros e disse:

– É bom saber.

E nada mais foi dito.

Tess acorda subitamente. Seu braço bate na minha cabeça.

– Ai! – exclamo e esfrego a testa. A dor percorre meu braço em recuperação. Ouço o tinir no meu bolso das balas de prata que Tess tirou das minhas roupas. – Se você queria me acordar, era só me tocar.

Ela ergue um dedo até os lábios. Agora eu é que me assusto. Ainda estamos sentados debaixo do píer, mas devem faltar umas duas horas para o amanhecer, a silhueta dos edifícios ainda está escura. A única luz vem de vários antigos postes à beira do lago. Olho de relance para Tess. Seus olhos brilham na escuridão.

– Você ouviu alguma coisa? – Ela cochicha.

Franzo a testa. Normalmente escuto algo suspeito antes de Tess, mas desta vez não escuto nada. Nós dois ficamos imóveis por um longo momento. Ouço o bater ocasional de ondas, o som agitado do metal empurrando a água e, de vez em quando, um carro que passa.

Olho de novo para Tess e pergunto:

– O que foi que você ouviu?

– Parecia alguma coisa borbulhando – ela sussurra.

Antes que eu possa refletir sobre isso, ouço passos e depois uma voz se aproximando no píer acima de nós. Nós dois nos encolhemos ainda mais na sombra. A voz é de homem, e seus passos soam estranhamente pesados. Dou-me conta, um instante depois, de que o homem está andando com um outro. Deve ser uma dupla de guardas municipais.

Chego ainda mais para trás na margem, parte da poeira e das pedras soltas cede e rola silenciosamente até a areia. Continuo a me empurrar para trás até minhas costas atingirem uma superfície firme e suave. Tess faz a mesma coisa.

– Tem alguma coisa pra acontecer – diz um dos guardas. – A praga desta vez apareceu no setor Zein.

Os passos dos dois fazem barulho acima, e vejo o vulto deles caminhar ao longo do início do píer. A distância, os primeiros sinais de luz estão colorindo o horizonte com um cinza turvo.

- Nunca ouvi falar que a praga estivesse naqueles lados.
- Deve ser um surto mais forte.
- O que eles vão fazer?

Tento ouvir o que o outro guarda tem a dizer, mas a esta altura os dois já andaram para bem longe e suas vozes são agora murmúrios. Respiro fundo. O setor Zein fica a uns 50 quilômetros daqui. Mas, e se a estranha marca vermelha na porta da minha mãe significar que eles estão infectados com novo surto? E o que o Eleitor vai fazer a respeito?

- Day – murmura Tess.

Eu a olho. Ela se vira contra a margem, de modo que suas costas ficam de frente para o lago. Ela aponta para a profunda reentrância que fizemos na margem. Quando me viro, vejo o objeto que ela está indicando.

A superfície dura na qual eu havia encostado é, na verdade, uma placa de metal. Quando espalho mais das pedras e da poeira, vejo que o metal está profundamente enterrado na margem e que deve ser o que está mantendo a margem no lugar. Reexamino a superfície.

Tess olha para mim e diz:

- Está oco.
- Oco?

Encosto minha orelha no metal gelado. Uma onda de ruídos me invade: o borbulhar e o som sibilante que Tess ouviu antes. Esta não é apenas uma estrutura metálica para sustentar as margens do lago. Quando me afasto dela e olho mais detidamente para o metal, reparo que há símbolos entalhados na sua superfície.

Um deles é a bandeira da República, gravada no metal mas já perdendo o relevo. Outro é um pequeno número em vermelho: 318.



– Eu é que devia ir lá, não você.

Cerro os dentes e tento não olhar para Thomas. Suas palavras são idênticas às que Metias teria dito. Respondo então:

– Eu vou parecer menos suspeita do que você. Pode ser que as pessoas confiem em mim mais facilmente.

Estamos em frente a uma janela na ala norte do Batalla Hall, observando a Comandante Jameson trabalhar no outro lado do vidro. Hoje pegaram um espião das Colônias que estava divulgando secretamente propaganda sobre “como a República está mentindo para você!” Geralmente enviam-se os espiões para Denver, mas se são apanhados numa cidade grande como Los Angeles, nós os prendemos antes que a capital faça isso. Neste instante ele está pendurado de cabeça para baixo na sala de interrogatórios. A Comandante Jameson segura uma tesoura.

Inclino um pouco a cabeça para olhar para o espião. Já o odeio tanto quanto odeio qualquer coisa que diga respeito às Colônias. É certo que ele não tem ligação com os Patriotas, mas isso o torna ainda mais covarde. Até agora, todo Patriota que encurralamos se matou antes de ser preso. Esse espião é jovem, deve ter uns vinte e tantos anos. Mais ou menos da mesma idade que meu irmão tinha. Lentamente, estou me habituando a falar sobre Metias com o verbo no passado.

Pelo canto do olho, vejo que Thomas continua a me olhar. A Comandante Jameson o promoveu oficialmente para o cargo do meu irmão, mas Thomas tem pouco poder sobre o que escolher fazer nessa missão de teste, e isso o leva à loucura. Ele teria se recusado a me deixar ir disfarçada ao setor Lake por incontáveis dias: não sem uma dupla forte de apoio e uma equipe para me seguir.

Mas vai acontecer de qualquer modo, a partir de amanhã de manhã.

– Preste atenção: não se preocupe comigo. – Através do vidro, vejo o espião dobrar as costas, em agonia. – Posso tomar conta de mim. Day não é bobo, se eu tiver uma equipe me seguindo pela cidade, ele vai reparar de cara.

Thomas dá as costas para o interrogatório e me diz:

– Eu sei que você é boa no que faz. – Espero o “mas” na frase, porém ele não a pronuncia. – Mantenha o microfone ligado. Eu tomo conta de tudo por aqui.

Sorrio para ele e agradeço. Ele não me olha, mas vejo seus lábios se inclinarem nos cantos. Talvez esteja se lembrando de quando eu costumava caminhar com ele e Metias, fazendo a eles perguntas tolas sobre como trabalhavam os militares.

Atrás do vidro, o espião subitamente grita algo para a Comandante Jameson e se atira violentamente contra as correntes. Ela nos olha de relance e faz um sinal com a mão para que entremos. Não hesito. Thomas e eu, e mais um soldado que estava perto da sala de interrogatório, todos entramos apressadamente e nos espalhamos perto da parede dos fundos. Instantaneamente sinto que a sala é abafada e quente. Observo o prisioneiro continuar a gritar.

– O que foi que a senhora disse a ele? – Pergunto à Comandante.

Ela me dirige um olhar gélido e diz:

– Eu disse a ele que o próximo alvo das nossas aeronaves vai ser a cidade natal dele. – Ela se volta para o prisioneiro. – Ele vai começar a colaborar, se tiver juízo.

O espião nos olha furioso. O sangue lhe escorre da boca até a testa e cabelos, e goteja no chão embaixo dele. Sempre que se sacode com força, a Comandante Jameson pisa também com força na corrente em volta do seu pescoço, então o sufoca até ele parar.

Ele agora rosna e cospe sangue nas nossas botas, fazendo que eu, enojada, esfregue as minhas no chão.

A Comandante Jameson se inclina e sorri para ele:

– Que tal começarmos? Qual é seu nome?

O espião desvia o olhar e não diz nada.

A Comandante Jameson suspira e faz um sinal com a cabeça para Thomas.

– Minhas mãos estão cansadas – ela diz. – Faça você as honras.

– Sim, senhora.

Thomas bate continência e dá um passo à frente. Endurece a mandíbula, fecha o punho e soca o espião violentamente no estômago. Os olhos do espião se arregalam, e ele tosse mais sangue no chão. Eu me distraio ao analisar os detalhes de sua roupa: botões de bronze, botas militares, um pino azul na manga. Isso quer dizer que ele se disfarçou de soldado, e que o pegamos perto de San Diego, a única cidade que requer que todo mundo use esses pinos azuis. Sei o que o denunciou também. Um dos botões de bronze parece ligeiramente mais chato do que os feitos na República. Ele mesmo deve ter pregado esse botão, um botão de um antigo uniforme das Colônias. Burrice! Um erro que apenas um espião das Colônias cometeria.

– Qual é seu nome? – Pergunta-lhe de novo a Comandante Jameson. Thomas abre uma faca e agarra um dos dedos do espião.

O espião engole em seco e responde:

– Emerson.

– Emerson *de quê?* Seja mais específico.

– Emerson Adam Graham.

– Sr. Emerson Adam Graham, do Texas Oriental – diz a Comandante Jameson, com voz suave e persuasiva. – É um prazer conhecê-lo, jovem senhor. Diga, Sr. Graham, por que as Colônias o mandaram para nossa ótima República? Para espalhar mentiras?

O espião ri debilmente:

– Ótima República... – Retruca. – A sua República não vai durar mais uma década. E o melhor é que, quando as Colônias dominarem as terras de vocês, elas as utilizarão melhor do que vocês.

Thomas atinge o espião no rosto com o cabo da faca. Um dente rola no chão. Quando olho novamente para Thomas, seu cabelo lhe caiu no rosto e um prazer cruel substituiu a habitual bondade. Franzo a testa. Não vejo muito essa expressão no rosto de Thomas. Ela me apavora.

A Comandante Jameson para à sua frente antes que ele possa bater no espião de novo.

– Tudo bem. Vamos ouvir o que nosso amigo tem a dizer contra a República.

O rosto do espião está bastante vermelho por ter ficado pendurado muito tempo:

– Vocês chamam isso de república? Matam seu próprio povo e torturam os que eram seus irmãos?

Reviro os olhos ao ouvir essa frase. As Colônias querem que pensemos que permitir que eles nos dominem é uma coisa positiva, como se eles estivessem nos anexando, ou nos fazendo algum favor. É assim que eles nos consideram: uma pobre nação marginal, como se *eles* fossem os poderosos. Essa noção é do maior interesse para eles, afinal, pois ouvi dizer que as inundações alagaram muito mais áreas das terras deles do que das nossas. Este sempre foi o motivo básico de tudo: terra, terra, terra. Mas tornar-se uma união... isso *nunca* aconteceu, *nem* acontecerá. Nós os derrotaremos primeiro, ou morreremos tentando.

O espião continua:

– Não vou contar nada a vocês. Podem tentar o máximo que quiserem, mas nada ouvirão da minha boca.

A Comandante Jameson sorri para Thomas, que retribui o sorriso. Ela diz:

– Bem, você ouviu o que o Sr. Graham disse. Tentemos o máximo.

Thomas vai para cima dele e, após certo tempo, o outro soldado na sala precisa unir-se a ele para manter o espião no lugar. Eu me forço a olhar enquanto eles tentam extrair informações do homem. Preciso aprender isso, preciso me familiarizar com isso. Nos meus ouvidos ressoam os gritos de

dor do espião. Ignoro o fato de que o cabelo do espião é liso e preto como o meu, ou que sua pele é pálida. Sua juventude não para de me lembrar Metias. Digo a mim mesma que Metias não é a pessoa que Thomas está torturando. Isso seria impossível.

Metias não pode ser torturado: ele já está morto.

Naquela noite, Thomas me acompanha de volta a meu apartamento e me beija no rosto antes de ir embora. Recomenda que eu tenha cuidado, e diz que ele estará monitorando todos os ruídos através do meu microfone.

– Todo mundo vai ficar de olho em você – ele me garante. – Você só vai ficar sozinha se quiser.

Consigo retribuir o sorriso. Peço a ele que cuide de Ollie enquanto eu estiver fora.

Quando finalmente entro no apartamento, enrosco-me no sofá e descanso o braço nas costas de Ollie. Ele está dormindo profundamente, e se espremeu contra a lateral do sofá. Provavelmente sente a ausência de Metias tanto quanto eu. Na mesinha de centro, pilhas de fotos antigas de nossos pais, fotos que estavam no armário do quarto de Metias, e que estão agora espalhadas no vidro. Assim como periódicos e um livreto onde ele costumava guardar pequenas memórias das coisas que fazíamos juntos: uma ópera, jantares tarde da noite, exercícios feitos de manhãzinha na pista. Desde que Thomas saiu, tenho olhado todas essas coisas, esperando que o assunto sobre o qual Metias queria me falar esteja mencionado em algum lugar. Folheio os escritos de Metias e releio as notas que papai gostava de escrever nos rodapés das fotos. A foto mais recente mostra nossos pais junto de Metias, bem jovem, em frente ao Batalla Hall. Todos os três estão fazendo o gesto positivo, com os polegares para cima. *A futura carreira de Metias está aqui! 12 de março.* Olho fixamente para a data. A foto foi tirada várias semanas antes de meus pais morrerem.

Meu gravador está na beira da mesinha de centro. Estalo os dedos duas vezes, e depois escuto repetidamente a voz de Day. Que rosto combina com essa voz? Tento imaginar a aparência de Day. Jovem e atlético,

provavelmente, e magro, devido aos anos passados nas ruas. A voz sai dos alto-falantes mas tão interrompida e distorcida que há trechos incompreensíveis.

– Ouve isso, Ollie? – Sussurro. Ollie ronca um pouco e esfrega a cabeça na minha mão. – Esse é o cara que precisamos achar. E eu vou conseguir.

Adormeço com as palavras de Day ressoando em meus ouvidos.



06h25.

Estou no setor Lake, observando a luz do dia, cada vez mais forte, colorindo de dourado as rodas e as turbinas de água que se agitam. Uma camada de fumaça paira perpetuamente sobre a beira d'água. Do outro lado do lago vejo o centro de Los Angeles pertinho da margem. Um guarda municipal se aproxima e me manda parar de vadiar e sair andando. Concorde com a cabeça sem dizer uma palavra e continuo ao longo da beira.

À distância, me misturo completamente aos que caminham a meu redor. Minha blusa de meia manga e gola veio de um brechó na divisa entre Lake e Winter. Minhas calças estão rasgadas e sujas, o couro das minhas botas está descascando. Tenho muito cuidado com o tipo de nó que uso para amarrar os cadarços: é um simples nó rose, coisa que qualquer operário usaria. Puxei o cabelo para trás, num rabo de cavalo apertado. Uso um boné de jornaleiro.

O medalhão de Day está bem seguro no meu bolso.

É inacreditável como são sujas as ruas daqui, talvez ainda mais sujas do que os arredores deteriorados de Los Angeles. A terra é baixa, fica no nível da água, igual aos demais setores. Provavelmente por isso, sempre que cai uma tempestade o lago inunda todas as ruas perto da margem, com água suja e contaminada por esgotos. Todos os prédios estão desbotados, em ruínas, e pichados, à exceção, obviamente, da sede da polícia. As pessoas caminham ao redor de pilhas de lixo que estão encostadas nas paredes e é

como se não estivessem lá. Moscas e cachorros perdidos permanecem perto do lixo, assim como algumas pessoas. Torço o nariz por causa do fedor (de claraboias fumegantes, gordura, esgoto). Então paro, percebendo que, se quero passar por uma cidadã do Lake, tenho de fingir que estou habituada à fedentina.

Vários homens sorriem para mim quando passo. Um chega até a gritar para mim. Eu os ignoro e continuo andando. Eram um bando de panacas, homens que mal haviam passado na Prova. Será que posso pegar a praga dessa gente, embora esteja vacinada? Sabe-se lá por onde eles andam.

Eu então me detenho. Metias me disse para nunca julgar os pobres assim. *Bem, ele era uma pessoa melhor do que eu*, penso amargamente.

O minúsculo microfone dentro da minha face vibra um pouquinho, então ouço um som débil vindo do fone de ouvido:

– Srta. Iparis. – A voz de Thomas soa como um zunido baixinho que mal posso ouvir. – Tudo dando certo?

– Tudo – murmuro. O pequeno microfone capta as vibrações da minha garganta. – Estou agora no centro do Lake. Vou ficar em silêncio um pouco.

– Tudo bem – diz Thomas, e se cala.

Faço um som de clique com a língua, para desligar o microfone.

Passo a maior parte dessa primeira manhã fingindo revirar as latas de lixo. Dos outros mendigos escuto histórias sobre vítimas da praga, sobre quais as áreas com que a polícia se preocupa mais e quais delas começaram a se recuperar. Eles indicam os melhores lugares para encontrar comida e água potável, os melhores lugares para se esconder durante os furacões. Alguns dos mendigos são jovens demais para terem feito a Prova. Os mais novos falam sobre os pais e como bater a carteira de um soldado.

Mas ninguém comenta sobre Day.

As horas se arrastam até chegar o entardecer, e depois a noite. Quando encontro um beco tranquilo onde descansar, com alguns outros mendigos já dormindo nas latas de lixo, eu me encolho num canto escuro e ligo meu

microfone. Depois tiro do bolso o pingente de Day, o levanto ligeiramente para analisar sua forma lisa.

– Acabei por hoje – cochicho. Minha garganta mal vibra.

Meu fone de ouvido chia com a estática.

– Srta. Iparis? – Diz Thomas. – Teve sorte hoje?

– Não, nenhuma. Amanhã vou tentar alguns lugares públicos.

– Tudo bem. Vamos ter gente aqui para dar apoio 24 horas por dia, em todos os dias da semana.

Por “gente aqui para dar apoio 24 horas por dia, em todos os dias da semana”, sei que Thomas quer dizer que ele é o único que vai ficar me ouvindo.

– Obrigada – digo. – Está escurecendo.

Desligo o microfone. Meu estômago ronca de fome. Pego uma fatia de frango que encontrei nos fundos da cozinha de uma lanchonete e me obrigo a mastigá-la, ignorando a camada de gordura fria. Se preciso viver como uma cidadã do Lake, tenho de comer como se fosse. *Talvez eu deva conseguir um emprego*, penso. A ideia me faz rir com desdém.

Quando finalmente adormeço, tenho um pesadelo, do qual Metias faz parte.

No dia seguinte não encontro nada substancial, nem no dia depois desse. Meu cabelo fica todo embaraçado e opaco por causa do calor e da fumaça, a sujeira começou a se espalhar no meu rosto. Quando olho meu reflexo no lago, dou-me conta de que agora pareço exatamente uma mendiga. Tudo parece sujo. No quarto dia, vou até a divisa entre Lake e Blueridge, e decido passar o tempo vagando entre os bares.

É então que acontece uma coisa: dou de cara com uma luta de Skiz.

DAY

As normas para se assistir a uma luta de Skiz, e se apostar, são bastante simples:

Escolha quem você pensa que será o vencedor;

Aposte nessa pessoa.

É só isso. O único problema quando se tem má reputação é correr o risco de ser preso pela polícia ao fazer uma aposta pública.

Nesta tarde estou agachado atrás da chaminé do depósito de um andar em ruínas. Daqui consigo ver a multidão reunida no prédio abandonado vizinho a este. Estou perto o bastante para conseguir escutar algumas conversas das pessoas.

E Tess. Ela está lá com eles, o corpo delicado quase perdido na confusão, com uma pochete com nosso dinheiro e um sorriso no rosto. Eu a observo enquanto ela escuta os apostadores discutirem sobre os lutadores. Ela lhes faz uma série de perguntas. Não ousa tirar os olhos dela. Guardas municipais insatisfeitos com suas propinas às vezes interrompem as lutas de Skiz para prender os frequentadores e, por isso, não fico com a multidão quando Tess e eu assistimos às lutas. Se eles me pegarem e tirarem minhas impressões digitais, está tudo acabado para nós. Tess, porém, é esbelta e astuta. Ela consegue escapar de uma batida muito mais facilmente do que eu, mas isso não quer dizer que eu vá deixá-la sozinha.

– Continue se movimentando, amiga – resmungo baixinho quando Tess fica parada para rir da piada de um jovem jogador. *Não se aproxime muito dela, sua zebra!*

Ouve-se uma algazarra na outra extremidade da multidão. Meus olhos se desviam para lá por um segundo. Uma das lutadoras está incentivando os

presentes, acenando com os braços e berrando. Sorrio. O nome dessa garota é Kaede, segundo me informam os gritos do povo. Kaede é a mesma atendente de bar que conheci há dias, enquanto passava pelo setor Alta. Ela flexiona os pulsos, depois fica saltitando com os pés e sacode os braços.

Kaede já ganhou uma partida. Seguindo as regras tácitas do Skiz, ela agora precisa lutar até perder um round, até que a adversária a atire no chão. Cada vez que ela vence, recebe parte das apostas feitas em sua rival. Meus olhos vagueiam até a garota que ela escolheu para desafiá-la agora. A menina tem a pele morena, com sobrancelhas cerradas e uma expressão indefinida. Reviro os olhos. Obviamente a multidão deve saber que essa luta vai ser mole. Essa garota vai ter sorte se Kaede deixar que ela sobreviva.

Tess espera um momento em que ninguém está prestando atenção nela e olha de relance na minha direção. Levanto um dedo. Ela dá um risinho, pisca para mim e olha para os frequentadores. Dá dinheiro à pessoa que organiza as apostas, um grandalhão parrudo. Apostamos 1.000 Notas, quase todo o nosso dinheiro, em Kaede.

A luta demora menos de um minuto. Kaede soca rapidamente e com força, dando estocadas e atingindo a garota brutalmente no rosto. A outra moça cambaleia. Kaede brinca com ela como um gato brincando com a comida, antes de atacar de novo com os punhos. A adversária se esborracha no chão e bate com a cabeça no piso de cimento, onde fica estirada paralisada. Nocaute. O povo grita. Várias pessoas ajudam a menina a sair do ringue aos tropeções. Troco um leve sorriso com Tess, que recolhe nossos ganhos e põe o monte de dinheiro numa bolsa.

1.500 Notas. Engulo em seco, mas me advirto para não me entusiasmar muito. Estou um passo mais perto de conseguir um frasco de cura da praga.

Volto minha atenção para o pessoal que aplaude. Kaede balança o cabelo para a plateia e faz uma pose de zombaria, o que os leva à loucura, e pergunta:

– Quem é a próxima?

A multidão responde:

– Escolhe! Escolhe!

Kaede olha vagorosamente o círculo de gente, sacudindo a cabeça ou inclinando-a para o lado. Mantenho os olhos em Tess. Ela está na ponta do pé, atrás de várias pessoas mais altas, esforçando-se para conseguir ver direito. Então ela dá uma pancadinha hesitante nos ombros delas, diz alguma coisa e abre caminho aos empurrões. Ao ver isso, aperto a mandíbula. Da próxima vez eu fico com ela. Ela então vai poder sentar nos meus ombros e ver direito as lutas, em vez de chamar atenção indesejada para si mesma.

Um segundo depois, eu me contraio todo. Tess abriu caminho ao empurrar um dos jogadores mais fortes. Ele grita algo para ela, irado, e antes que Tess possa se desculpar, vejo que ele a empurra grosseiramente para o centro do ringue. Ela tropeça, a multidão tem um acesso de riso.

A raiva começa a ferver no meu peito. Kaede se diverte com tudo isso, e grita:

– Está me desafiando, garota? – Um sorriso lhe surge no rosto. – Isso vai ser *bem* divertido.

Tess olha em volta, atônita. Tenta recuar para juntar-se novamente à multidão, mas eles bloqueiam a passagem. Quando vejo Kaede apontar com a cabeça na direção de Tess, eu me levanto. Essa idiota vai escolher Tess.

Droga! não! Não comigo olhando. Não se Kaede quer sobreviver.

De súbito, uma voz soa de baixo. Paro. Uma garota chegou à frente do ringue, de onde olha fixamente para Kaede. Ela revira os olhos e grita:

– Isso não me parece uma luta justa.

Então Kaede replica:

– Quem tu *pensa* que é, falando assim comigo, garota? Tu *acha* que é melhor do que eu?

Ela aponta para a menina, e a multidão aplaude. Vejo Tess se afastar rapidinho para voltar à segurança da multidão. A nova garota fica no lugar de Tess, querendo ou não.

Emito um longo suspiro. Quando me acalmo, olho detidamente para a nova oponente de Kaede.

Ela não é muito mais alta do que Tess e certamente é mais magra do que Kaede. Por um segundo parece que a atenção das pessoas a constrangeu, quase acho que ela não é de nada, até examiná-la de novo. Não, essa guria não é carta fora do baralho. Ela está hesitando não porque tenha medo de lutar, nem porque receie perder, mas porque está refletindo. Calculando. Seu cabelo negro está amarrado num rabo de cavalo, no alto da cabeça, e seu corpo é esbelto mas atlético. Ela está de pé de modo confiante, como se nada no mundo a pudesse pegar desprevenida. Acabo admirando seu rosto.

Por um momento, fico perdido em meus pensamentos.

A menina sacode a cabeça para Kaede. Isso também me surpreende, nunca vi ninguém se recusar a lutar. Todo mundo conhece a norma: se você é escolhido, tem de lutar. Essa garota não parece temer a ira da multidão. Kaede ri de modo debochado e diz algo que não consigo entender direito. Mas Tess escuta, e me lança um olhar rápido e preocupado.

Desta vez a garota concorda com a cabeça. A multidão aplaude novamente, Kaede sorri. Eu me debruço um pouquinho do lado de trás da chaminé. Essa menina tem alguma coisa diferente. Não sei o que é, mas seus olhos parecem emitir faíscas, e embora esteja quente e possa ser minha imaginação, creio ver um esboço de sorriso no rosto dela.

Tess me dirige um olhar interrogativo. Hesito por uma fração de segundo e depois volto a erguer um dedo. Estou grato a essa garota misteriosa por ajudar Tess, mas, como é meu dinheiro que está em jogo, resolvo não arriscar. Tess concorda com a cabeça, depois faz nossa aposta a favor de Kaede.

Mas no instante em que a nova menina pisa no ringue e vejo sua atitude... concluo que cometi um grande erro. Kaede ataca como um búfalo, como um aríete.

E a menina ataca como uma víbora.



Não estou com receio de perder essa luta.

Estou mais com receio de matar acidentalmente minha adversária.

Mas, se eu correr agora, serei morta.

Silenciosamente me censuro. Por que fui me envolver com este jogo? Quando vi esse grupo de jogadores, quis deixar pra lá. Não queria nada com rixas. Não era um bom lugar para ser presa pela polícia municipal e levada ao centro da cidade para ser interrogada. Mas então achei que talvez eu conseguisse umas informações valiosas de um grupo como este. Com tantos habitantes locais, talvez alguns até conhecessem Day pessoalmente. Certamente Day não é um *completo desconhecido* para todo mundo no Lake, e se alguém sabe quem é ele, é a multidão que frequenta as lutas ilegais de Skiz.

Mas eu não devia ter dito nada sobre a magricela que empurraram no ringue: ela que se virasse pra se defender.

Mas agora é tarde demais.

A garota chamada Kaede inclina a cabeça para mim e dá um sorrisinho quando nos enfrentamos no ringue. Suspiro profundamente. Ela já começou a me rodear, intimidando-me como uma presa. Analiso sua postura. Ela dá um passo à frente com o pé direito. Ela é canhota. Normalmente isso seria uma vantagem contra suas oponentes, que ficariam desnorteadas, mas treinei para isso. Mudo meu modo de andar. Meus ouvidos são abafados pelo barulho.

Deixo que ela ataque primeiro. Ela arreganha os dentes para mim e avança para a frente rapidamente, com o punho erguido. Mas vejo que ela se prepara para me chutar, então me desvio para o lado. O pontapé passa diretamente por mim. Uso esse impulso para bater com força quando ela se vira de costas. Ela perde o equilíbrio e quase cai. A multidão aplaude.

Kaede se move em círculos para me encarar de novo. Desta vez seu sorriso desapareceu: consegui deixá-la com raiva. Ela me ataca de novo. Bloqueio seus dois primeiros socos, mas seu terceiro soco me pega no queixo e faz minha cabeça girar.

Todos os músculos do meu corpo querem acabar com essa história agora, mas eu me obrigo a me acalmar. Se eu lutar bem demais, as pessoas podem desconfiar. Meu estilo é muito preciso para uma mendiga de rua.

Deixo que Kaede me atinja uma última vez. A multidão vem abaixo. Ela recomeça a sorrir, sua confiança está voltando. Espero até ela estar pronta para atacar, e logo me lanço à frente, esquivo-me e a faço tropeçar. Ela estava desprevenida e caiu pesadamente de costas. A multidão grita, aprovando.

Kaede se levanta com esforço, embora a maioria dos lutadores de Skiz considerasse derrotado o adversário que cai no fim de um *round*. Ela limpa um pouco de sangue da boca. Antes que possa sequer voltar a respirar normalmente, emite um grito furioso e se atira contra mim de novo. Eu devia ter visto o minúsculo sinal de luz perto de seu pulso. Os primeiros socos de Kaede atingem violentamente um lado do meu corpo, eu sinto uma dor terrível e aguda. Eu a afasto com um empurrão. Ela pisca para mim e começa a me rodear de novo. Toco um lado do meu corpo e é aí que sinto alguma coisa quente e molhada na cintura. Olho para baixo.

Foi uma facada. Apenas uma faca serrilhada poderia ter rasgado minha pele dessa maneira. Aperto os olhos para Kaede. Supostamente, armas não devem fazer parte de uma luta de Skiz, mas esta não é bem uma luta em que as regras são seguidas.

A dor me deixa tonta e zangada. Ah, então é assim? Nada de regras. Tudo bem.

Quando Kaede me ataca novamente, eu me esquivo e torço seu braço com força. Com um movimento, eu o quebro. Ela grita de dor. Quando tenta se livrar, continuo a segurá-la, torcendo o braço quebrado atrás das suas costas até ver sangue lhe escorrer do rosto. Uma faca se solta de sua camiseta e faz barulho ao cair no chão. É uma faca serrilhada, exatamente

como pensei. Kaede não é uma indigente comum. Ela tem a habilidade de conseguir uma boa arma como aquela, o que quer dizer que pode estar no mesmo ramo de atividades que Day. Se eu não estivesse sob disfarce, eu a prenderia na hora e a levaria para ser interrogada. Meu ferimento arde, mas cerro os dentes e continuo agarrando o braço dela.

Finalmente Kaede me estapeia freneticamente com a outra mão. Eu a solto. Ela desaba no chão, de joelhos, se apoiando no braço que não está quebrado. A turba vai à loucura. Seguro o lado sangrento do meu corpo com a maior força possível, e, quando olho em volta, vejo dinheiro trocando de mãos. Duas pessoas a ajudam a sair do ringue, ela me olha com ódio antes de virar as costas, e o resto dos espectadores começa a gritar:

– Escolhe! Escolhe! Escolhe!

Talvez seja a dor vertiginosa do meu ferimento que me deixa imprudente. Já não consigo conter a raiva. Eu me viro sem dizer uma palavra, enrolo as mangas da blusa até os cotovelos e levanto a gola. Depois saio do ringue e começo a abrir caminho aos empurrões entre a multidão.

O coro do grupo agora muda: começam as vaias. Fico tentada a ligar meu microfone e a dizer ao Thomas para mandar soldados como reforço, mas fico em silêncio. Eu havia prometido a mim mesma só pedir apoio em último caso, certamente não vou destruir meu disfarce por causa de uma rixa de rua.

Quando consigo sair do prédio, arrisco olhar para trás. Meia dúzia de espectadores me segue, e a maioria parece enraivecida. Penso então: *Esses são os apostadores, os caras que são viciados na luta*. Eu os ignoro e continuo a andar.

– Volta aqui! – Berra um deles. – Tu não *pode* ir embora!

Começo a correr. Maldito ferimento de faca! Chego a uma grande lixeira, consigo girar e entrar nela, depois me preparo para pular até o parapeito de uma janela do segundo andar. Se eu conseguir subir alto o bastante, eles não vão me alcançar. Salto na altura máxima que posso, e consigo agarrar a beira do parapeito com uma das mãos.

Mas o ferimento me faz desacelerar. Alguém agarra minha perna e a puxa firmemente. Largo o parapeito, fico toda arranhada por causa da parede, e me esborracho no chão. Bato com a cabeça com força suficiente para ver estrelas. Eles então me arrastam até me colocarem de pé e de volta à turba que grita. Eu me esforço para pensar claramente. Estrelas aparecem em meu campo de visão. Tento clicar meu microfone, mas minha língua, de tão lenta, parece estar coberta de areia. Sussurro “Thomas”, mas acaba saindo “Metias”. Sem ver nada, estendo a mão para o meu irmão, mas logo me lembro que ele já não pode segurá-la.

De repente escuto um estouro e alguns gritos. As pessoas me soltam. Volto a cair no chão. Tento me levantar de qualquer jeito, mas tropeço e volto a cair. De onde veio tanta poeira? Aperto os olhos, tentando ver alguma coisa. Ainda ouço o barulho e o caos provocados entre os espectadores. Alguém deve ter explodido uma bomba de poeira.

Então ouço uma voz me mandando levantar. Quando olho para o lado, vejo um adolescente estendendo a mão para mim. Ele tem olhos azuis brilhantes, poeira no rosto, e um boné surrado na cabeça. Neste momento acho que é o garoto mais gato que já vi na vida.

– Venha – ele incentiva. Pego sua mão.

Em meio à poeira e à confusão, descemos correndo a rua e desaparecemos nas sombras prolongadas da tarde.

DAY

Ela não quer dizer seu nome.

Compreendo muito bem. Muitos adolescentes das ruas do Lake tentam manter sua identidade secreta, especialmente depois de participar de algo ilegal como uma luta de Skiz. Além disso, não quero saber o nome dela. Continuo chateado por ter perdido a aposta. A derrota de Kaede me custou 1.000 Notas. Esse dinheiro era destinado à compra de um frasco da cura da praga. O tempo está acabando, e tudo por culpa dessa menina. Sou mesmo burro. Se ela não tivesse sido responsável por tirar Tess do ringue, eu a teria deixado se virar sozinha.

Mas sei que Tess ficaria me olhando triste como um cachorrinho abandonado, e durante o resto do dia, por isso ajudei a garota.

Tess continua a fazer perguntas enquanto ajuda a Menina (acho que é assim que vou chamá-la) a limpar da melhor forma possível o ferimento na lateral de seu corpo. Fico calado a maior parte do tempo. Estou alerta. Depois da luta de Skiz e da bomba de detritos, nós três acabamos acampando na sacada de uma antiga biblioteca. (Será que pode ainda ser considerada uma sacada, se toda a parede desmoronou e deixou o andar ao ar livre?) Na verdade, quase todos os andares têm paredes desmoronadas. A biblioteca é parte de um antigo edifício que agora está quase inteiramente cheio d'água, fica a centenas de metros da margem oriental do lago, todo coberto por vegetação selvagem. É um bom lugar para gente como nós encontrar abrigo. Observo as ruas à procura de apostadores furiosos que ainda estejam à procura da Menina. De onde estou sentado, na beira da sacada, olho para as duas, por cima do ombro. A Menina diz alguma coisa à Tess, que retribui o sorriso cautelosamente.

– Meu nome é Tess – eu a ouço dizer. Ela sabe que não deve dizer o meu, mas continua falando. – De que parte do Lake você é? Você é de outro setor? – Ela examina o ferimento da Menina. – É uma ferida feia, mas nada que não possa ser curado. Vou tentar encontrar leite de cabra de manhã. Vai ser bom para você. Até lá, você vai ter de cuspir nela. Isso ajuda com infecções.

Pela expressão da Menina, deduzo que ela já sabe disso.

– Obrigada – ela murmura para Tess. Olha de relance na minha direção e diz: – Sou grata por sua ajuda.

Tess sorri de novo, mas percebo que até ela está pouco à vontade com essa recém-chegada.

– E eu sou grata pela sua.

Endureço o queixo. Daqui a mais ou menos uma hora será noite, e tenho uma desconhecida lesionada acrescentada às minhas obrigações.

Após um tempo, eu me levanto e me junto à Tess e à Menina. Em algum lugar, à distância, começa a retumbar o juramento de fidelidade à República, pelos alto-falantes da cidade.

– A gente vai passar a noite aqui. – Olho para a Menina e pergunto: – Como você está se sentindo?

– Legal – ela responde, mas é óbvio que está sentindo dor. Não sabe o que fazer com as mãos, por isso fica tocando na ferida, e depois retirando a mão. Sinto um impulso de consolá-la.

Ela pergunta:

– Por que você me salvou?

Eu digo, de modo meio áspero:

– Não tenho a menor ideia. Só sei que você me custou uma nota preta.

A Menina sorri pela primeira vez, mas há algo eternamente cauteloso em seus olhos. Ela parece absorver e analisar cada palavra que eu digo. Ela não confia em mim.

– Você aposta alto, não é? Desculpe pelo que aconteceu. Ela me deixou furiosa! – Ela se mexe do lugar. – Suponho que Kaede não era amiga sua.

– Ela é atendente de bar na divisa entre Alta e Winter. Eu só a conheci há pouco tempo.

Tess ri e me olha de um jeito que não consigo interpretar, e diz:

– Ele gosta de conhecer garotas bonitinhas.

Eu a repreendo:

– Morda a língua, amiga. Já não chega você ter quase morrido hoje?

Tess concorda com a cabeça, sorri timidamente, e diz:

– Vou pegar água pra gente.

Ela se levanta com um salto e se dirige à escadaria aberta até a beira da água.

Depois que ela sai, eu me sento ao lado da Menina, e minha mão acidentalmente toca a sua cintura. Ela respira assustada, e eu me afasto, com medo de tê-la machucado.

– Esse ferimento deve ficar bom logo, se não infeccionar. Mas você talvez queira descansar alguns dias. Pode ficar com a gente.

A Menina dá de ombros e diz:

– Obrigada. Quando eu me sentir melhor, vou atrás da Kaede.

Eu me encosto e analiso o rosto da Menina. Ela é um pouco mais pálida do que as outras garotas que vejo no setor, tem grandes olhos negros que brilham dourados à luz do entardecer. Não sei dizer o que ela é, mas é incomum por aqui. Talvez seja nascida aqui mesmo, ou então caucasiana. Ou outra coisa. Ela é bonita, de uma forma que me distrai a atenção, como fez no ringue de Skiz. Não, *bonita* não é a palavra certa. *Linda* a descreve melhor. E não só isso: ela me lembra alguém. Talvez seja a expressão dos olhos, algo ao mesmo tempo friamente lógico e ferozmente desafiador. Sinto meu rosto ficando corado, e de repente desvio o olhar, feliz porque a escuridão está chegando. Talvez eu não devesse tê-la ajudado. É uma tentação muito grande. Neste momento tudo em que penso é no que eu daria pela oportunidade de beijá-la ou passar os dedos por seu cabelo negro.

– Menina – digo, após algum tempo –, sua ajuda hoje valeu! Para Tess, isto é. Onde você aprendeu a lutar daquele jeito? Você quebrou o braço da

Kaede sem nem tentar!

A menina hesita. Pelo canto do olho, vejo que me observa. Viro-me para encará-la, ela finge observar a água, como se estivesse constrangida por ser apanhada me olhando. Ela distraidamente toca seu lado machucado e faz um som de estalo com a língua, como se fosse um hábito.

– Eu passo muito tempo na divisa de Batalla, gosto de observar os cadetes se exercitarem.

– Nossa, você gosta de se arriscar, mas luta muito bem. Aposto que você não tem muito problema em se virar sozinha.

A Menina ri:

– Dá pra você ver como me saí bem sozinha na luta hoje. – Ela sacode a cabeça. Seu comprido rabo de cavalo balança. – Eu nem devia ter ficado para ver a luta de Skiz, mas o que posso dizer? Sua amiga precisava de ajuda. – Ela então me olha com firmeza. A expressão cautelosa ainda está presente em seus olhos. – E você? Estava assistindo também?

– Não. Tess estava lá embaixo porque ela gosta de ação e é um pouco míope. Eu gosto de observar a uma certa distância.

– A Tess é sua irmã mais nova?

Hesito e respondo:

– Somos muito ligados. Era realmente a Tess que eu queria manter a salvo com minha bomba de detritos, sabe?

A Menina levanta a sobrancelha e me olha. Observo seus lábios se curvarem num sorriso:

– Você é muito gentil. Todo mundo por aqui sabe fazer uma bomba de detritos?

Aceno a mão num gesto de desinteresse:

– Claro, até os guris. Não é nada demais, é fácil. – Olho para ela. – Você não é do setor Lake, é?

A Menina sacode a cabeça:

– Sou do setor Tanagashi, quer dizer, eu morava lá.

– Tanagashi é muito longe. Você percorreu esse caminho todo só para ver uma luta de Skiz?

– Claro que não. – A Menina se debruça e cuidadosamente se deita. Vejo que o centro da atadura está ficando vermelho escuro. – Eu fico fuçando as ruas. Bato muita perna por aí.

– O Lake não é um lugar seguro agora – digo. Um respingo azul turquesa no canto da sacada me chama a atenção. Há um pequeno ramo de margaridinhas crescendo de uma rachadura no chão. Eram as flores favoritas de mamãe. – Você pode pegar a praga aqui.

A Menina sorri para mim, como se soubesse uma coisa que não sei. Gostaria de saber quem ela me lembra.

– Não se preocupe – ela me diz. – Sou uma *Menina* cautelosa, quando não estou zangada.

Quando a noite finalmente chega, a Menina cai em um sono bastante sobressaltado. Peço à Tess para ficar com ela para eu poder dar uma fugidinha e ver como está minha família. Tess aceita com prazer. Ir às áreas do Lake infectadas pela praga a deixa nervosa, e ela sempre volta coçando os braços, como se a infecção estivesse se espalhando por sua pele.

Enfio um punhado de margaridinhas na manga da camisa e algumas Notas no bolso, por precaução. Tess me ajuda a enrolar as mãos num pano, para evitar que eu vá deixando impressões digitais em tudo que é lugar.

A noite está surpreendentemente fresca. Nenhuma patrulha contra a praga perambula pelas ruas, e os únicos sons vêm de carros ocasionais e do estardalhaço distante dos comerciais nos telões. O estranho *X* ainda está na nossa porta, mais evidente do que nunca. Na verdade, tenho quase certeza de que os soldados voltaram pelo menos uma vez, porque o vermelho do *X* está muito vivo, a tinta está fresca. Eles devem ter feito uma segunda verificação na área. O que os fez marcar nossa casa aparentemente ficou só por ali mesmo. Espero na sombra perto da casa de minha mãe, perto o bastante para poder espreitar através dos vãos da cerca pouco estável de nosso quintal.

Quando tenho certeza de que ninguém está patrulhando nossa rua, corro na sombra em direção à casa e engatinho até uma tábua rachada que leva até a varanda. Deslizo a tábua para o lado e me arrasto até uma fenda escura com cheiro de mofo, então puxo a tábua de volta no lugar logo depois que passo.

Pequenas réstias de luz vêm de entre as tábuas do assoalho dos cômodos acima de mim. Ouço a voz de minha mãe nos fundos, onde fica nosso único quarto de dormir. Vou até lá. Depois me agacho ao lado da ventilação do quarto e olho para dentro.

John está sentado na beirada da cama com os braços cruzados. Sua postura indica que ele está exausto. Os sapatos estão sujos de terra. Sei que mamãe deve tê-lo repreendido por causa disso. John está olhando para o outro lado do quarto, onde mamãe deve estar.

Ouço de novo a voz dela, desta vez alta o bastante para eu compreender:

– Nenhum de nós está doente ainda. – John desvia o olhar e observa a cama. – Não é contagiosa. E a pele do Éden continua boa. Não está sangrando.

– *Ainda* não – responde John. – Temos de nos preparar para o pior, mamãe. Caso o Éden...

A voz de mamãe é firme:

– Não admito que você diga isso na minha casa, John. Ele precisa de mais do que supressores. Quem nos deu aqueles é muito generoso, mas isso não basta.

John sacode a cabeça e se levanta. Mesmo agora, *especialmente* agora, ele precisa proteger minha mãe da verdade sobre o meu paradeiro. Quando ele se afasta da cama, vejo que Éden está deitado com um cobertor até o queixo, apesar do calor. Sua pele está oleosa de suor. A cor também é estranha, de um verde doentio. Não me lembro de outras pragas com sintomas assim. Sinto um nó na garganta.

O quarto está exatamente igual, os poucos objetos que contém estão velhos e usados, mas ainda é confortável. Há o colchão rasgado no qual

Éden está deitado, e a seu lado a cômoda desgastada na qual eu costumava rabiscar. Há também o retrato obrigatório do Eleitor pendurado na parede, cercado por um punhado de fotografias nossas, como se ele fosse membro da família. Isso é tudo o que nosso quarto contém. Quando Éden era bem pequenininho, John e eu costumávamos segurar suas mãos e ajudá-lo a andar de um lado do quarto ao outro. John batia com a palma da mão na palma da mão dele sempre que ele o fazia sozinho.

Agora vejo a sombra de mamãe, parada no meio do quarto. Ela não diz nada. Imagino seus ombros curvados, sua cabeça entre as mãos, e seu rosto sem a expressão corajosa de sempre.

John suspira. Passos ecoam acima de mim, sei que ele deve ter atravessado o quarto para abraçá-la:

– Éden vai ficar bem. Talvez esse vírus seja menos perigoso e ele se recupere sozinho. – John faz uma pausa. – Vou ver o que temos para a sopa. – Eu o ouço sair do quarto.

Estou certo de que John detesta trabalhar na central de energia a vapor, mas, pelo menos quando ele sai de casa, desanuvia a mente por um tempo. Agora ele está encurralado em casa, sem uma maneira de ajudar Éden. Isso deve estar acabando com ele. Agarro a terra solta debaixo de mim e a aperto com a maior força que posso.

Se pelo menos o hospital tivesse remédio para curar a praga...

Um pouco depois vejo mamãe atravessar o quarto e sentar na beirada da cama de Éden. Suas mãos estão de novo envoltas em ataduras. Ela sussurra algo para consolá-lo e se debruça para lhe tirar o cabelo do rosto. Fecho os olhos. Mentalmente formo uma lembrança do rosto dela, suave, lindo e preocupado, os olhos azuis brilhantes e a boca rosada e sorridente. Minha mãe me colocava na cama, alisava meus cobertores e sussurrava o desejo de que eu tivesse lindos sonhos. Eu me pergunto o que ela estará sussurrando para o Éden agora.

Subitamente a saudade dela me sufoca. Quero sair correndo daqui de baixo e bater em nossa porta.

Afundo as mãos na terra. Não, o risco é muito grande. *Vou encontrar uma forma de ajudá-lo, Éden, prometo.* Eu me xingo por arriscar tanto dinheiro em uma aposta de Skiz, em vez de achar um meio mais confiável de conseguir dinheiro.

Tiro da manga da camisa as margaridinhas que eu tinha guardado nela. Alguns dos brotos estão amassados, mas eu os arrumo cuidadosamente, com suavidade limpo-os da terra. Mamãe provavelmente nunca vai vê-los, mas eu sei que eles estão aqui. As flores são uma prova para mim mesmo de que continuo vivo, e sempre tomando conta da minha família.

Algo vermelho na terra ao lado das margaridas me chama a atenção. Franzo a testa, depois tiro mais terra para ver melhor. Há um símbolo nelas, algo escrito debaixo da terra e dos cascalhos.

É um número, como o que Tess e eu havíamos visto na margem do lago, exceto que desta vez o número é 2544.

Eu costumava me esconder aqui algumas vezes quando era mais novo, meus irmãos e eu brincávamos de esconde-esconde. Mas não me lembro de ter visto isso antes. Eu me inclino e encosto a orelha na terra.

A princípio não há nada. Depois ouço um som débil, outro rápido, um sibilante e outro murmurante. Como um tipo de líquido ou vapor. Provavelmente há um sistema inteiro de tubulações lá embaixo, algo que leva até o lago. Ponho de lado mais terra, mas nenhum outro símbolo ou palavra aparece. O número parece desbotado com o tempo, a pintura está lascada, sem alguns pequenos flocos.

Fico lá algum tempo, silenciosamente analisando aquilo. Olho de relance mais uma vez para o quarto pela ventilação, depois abro caminho debaixo da varanda, penetro na escuridão, e vou embora para a cidade.



Acordo ao amanhecer. A luz me faz estreitar os olhos. De onde ela está vindo? De trás de mim? Por um instante, fico desorientada, sem saber por que estou dormindo num prédio abandonado de frente para o oceano, com margaridas marinhas crescendo a meus pés. Uma dor aguda no meu estômago me obriga a respirar com dificuldade. *Fui esfaqueada*, dou-me conta, apavorada. Então me lembro da luta de Skiz, da faca e do garoto que me salvou.

Tess se apressa a vir para junto de mim, quando vê que me mexi:

– Como está se sentindo?

Ela ainda me olha desconfiada:

– Dolorida – murmuro. Não quero que pense que não fez direito minha atadura, por isso acrescento: – Mas muito melhor que ontem.

Levo um minuto para perceber que o garoto que me salvou está sentado no canto do cômodo, balançando as pernas sobre a varanda e observando a água. Preciso esconder meu constrangimento. Num dia normal, sem ferimento de faca, eu nunca deixaria um detalhe como esse passar despercebido. Ele foi a algum lugar ontem à noite. Enquanto eu dormia e acordava, anotei mentalmente a direção que ele tomou: sul, rumo à Union Station.

– Espero que você não se importe de esperar algumas horas antes de comer – ele me diz. Está usando seu velho boné de jornaleiro, mas dá pra ver alguns fios de cabelo louro como trigo sob o boné. – Como perdemos o dinheiro da aposta no Skiz, estamos sem dinheiro para comida agora.

Ele me culpa por haver perdido. Eu simplesmente concordo com a cabeça. Relembro o som da voz entrecortada de Day vinda dos alto-falantes e a comparo silenciosamente com a desse garoto. Ele me olha um instante sem sorrir, como se soubesse o que estou pensando, depois retoma sua

vigília. Não, não tenho certeza se a voz é a dele. Milhares de pessoas no Lake podem ter essa voz.

Dou-me conta de que o microfone na minha bochecha ainda está desligado. Thomas deve estar uma fera comigo. Digo então:

– Tess, vou dar um pulo até a água. Não demoro.

– Tem certeza de que consegue ir sozinha? – Ela pergunta.

– Sem problema. – Eu sorrio. – Mas se você me vir boiando inconsciente rumo ao oceano, por favor, vá me buscar.

Os degraus deste edifício certamente eram parte de uma escadaria interna, mas agora estão ao ar livre. Levanto-me e desço mancando os degraus, um de cada vez, tomando cuidado para não escorregar e me precipitar dentro da água. O que Tess fez ontem à noite está dando certo. Embora um lado do meu corpo continue ardendo, a dor está menos aguda e consigo andar com menos esforço do que ontem. Chego ao térreo do prédio mais rapidamente do que pensava. Tess me lembra Metias, de como ele cuidou de mim quando eu não estava bem, no dia de sua formatura como militar.

Mas não posso me entreter com lembranças de Metias neste instante. Pigarreio e me concentro em trilhar o caminho até a beirada da água.

O sol nascendo a leste já está alto o bastante para banhar o lago inteiro numa penumbra dourada, e vejo a tênue faixa de terra que separa o lago do oceano Pacífico. Dirijo-me ao andar do prédio que fica bem ao nível da água. Todas as paredes deste andar estão derrubadas, de modo que posso caminhar reto até a beira do edifício e aliviar na água a dor das pernas. Quando olho para as profundezas, vejo que esta velha biblioteca continua por muitos andares. Talvez haja uns quinze pavimentos, a julgar pela forma como os prédios estão na costa e como a terra se inclina a partir da borda da água. E aproximadamente seis andares devem estar debaixo d'água.

Tess e o garoto se sentam no topo do prédio, vários andares acima de mim, onde certamente não possam ser ouvidos. Olho para o horizonte, dou um pequeno estalo com a língua, e ligo o microfone.

Escuto vários ruídos de estática do meu fone de ouvido. Um segundo depois, ouço uma voz familiar:

– Srta. Iparis? – pergunta Thomas. – É a senhorita mesmo?

– Sou eu – murmuro –, e estou bem.

– Gostaria de saber o que a senhorita andou aprontando. Tenho tentado contatá-la nas últimas 24 horas. Já estava pronto para mandar uns soldados a sua procura, e nós dois sabemos que a Comandante Jameson *adoraria* isso.

– Estou bem – repito. Minhas mãos tiram do meu bolso o medalhão de Day. – Tive um pequeno ferimento numa luta de Skiz, nada sério.

Ouçõ um suspiro do outro lado, e Thomas diz:

– Bem, você não vai ficar mais tanto tempo assim com o microfone desligado, entendido?

– Tudo bem.

– Encontrou alguma coisa?

Olho de relance para onde o garoto está balançando as pernas e digo:

– Não sei direito. Um menino e uma menina me ajudaram a sair da bagunça do Skiz. A garota fez uma atadura no meu ferimento. Estou com eles temporariamente, até poder andar melhor.

– *Andar* melhor? – Thomas levanta a voz. – Que tipo de *pequeno ferimento* é esse?

– Um ferimento a faca. Nada demais. – Thomas emite um som sufocado, mas eu ignoro e continuo falando: – Bem, isso não importa. O garoto fez uma pequena e sofisticada bomba de pó para nos livrar da multidão do Skiz. Ele tem habilidades. Não sei quem é, mas vou obter mais informações.

– Você acha que ele é o Day? – Thomas pergunta. – Day não me parece o tipo de cara que anda por aí salvando gente.

A maioria dos crimes de Day envolve o salvamento de pessoas. Todos, menos Metias. Respiro fundo e respondo:

– Não, acho que não.

Baixo a voz até soar praticamente um sussurro. É melhor não ficar lançando suposições infundadas para Thomas agora, para que ele não se precipite e mande tropas atrás de mim. A Comandante Jameson vai me expulsar direto da sua patrulha se a gente fizer uma coisa cara dessas sem comprovação. Além disso, esses dois me livraram de um problema grave.

E então continuo:

– Mas eles talvez saibam alguma coisa sobre Day.

Thomas se cala um momento. Escuto uma confusão lá no fundo, um pouco de estática, depois a voz baixa dele, falando com a Comandante Jameson. Ele deve estar contando a ela sobre meu ferimento, perguntando se é seguro me deixar aqui sozinha. Suspiro, irritada. *Até parece que nunca fui ferida antes.* Após alguns minutos, ele volta a falar:

– Bem, tome cuidado. – Thomas faz uma pausa e depois diz: – A Comandante Jameson me instruiu a manter você na sua missão, desde que seu ferimento não esteja incomodando muito. Ela agora está preocupada com a patrulha, mas estou avisando: se seu microfone ficar fora do ar de novo por mais de algumas horas, eu mando soldados atrás de você, mesmo que isso arruíne seu disfarce. Entendido?

Eu me esforço para conter a irritação. A Comandante Jameson não acredita que eu possa fazer alguma coisa nesta missão, sua falta de interesse está evidente em cada palavra da resposta de Thomas. Quanto a Thomas... ele raramente fala tão firmemente comigo. Só posso imaginar como deve ter ficado estressado nas últimas horas. Então eu respondo:

– Sim, senhor.

Quando Thomas não reage, olho de novo para o garoto. Insisto comigo mesma para observá-lo mais atentamente quando subir a escada, e para não deixar que meu ferimento me distraia.

Guardo o pingente no bolso de novo e me levanto.

Observo meu salvador o dia todo, enquanto o sigo pelo setor Alta de Los Angeles. Memorizo tudo, mesmo que seja um detalhe mínimo.

Por exemplo, ele dá preferência a andar com a perna esquerda. Ele manca tão ligeiramente, que não percebo isso quando está andando ao lado de Tess e de mim. Eu só reparo quando se senta ou levanta; há uma leve hesitação quando ele dobra o joelho. Ou é uma lesão grave que nunca se curou, ou uma lesão pequena mas recente, talvez causada por uma queda feia.

Essa não é sua única contusão. De vez em quando ele estremece quando move o braço. Depois de ele fazer isso umas duas vezes, percebo que deve ter uma espécie de distensão no antebraço, que dói quando ele o estende muito para cima ou para baixo.

Seu rosto é perfeitamente simétrico, uma linda combinação anglo-asiática, oculta pela terra e pelas manchas de sujeira. O olho direito é ligeiramente mais claro do que o esquerdo. A princípio acho que possa ser uma ilusão causada pela luz, mas fico observando quando passamos por uma padaria e admiramos os pães. Eu me pergunto como ele ficou assim, ou se é de nascença.

Observo também outras coisas: que ele conhece bem as ruas muito distantes do setor Lake, e acho até que poderia andar vendado nelas sem se perder; que seus dedos são muito ágeis quando alisam as pregas no cós da sua camisa; que ele olha para os edifícios como se quisesse memorizá-los. Tess nunca se refere a ele pelo nome. Da mesma forma que eles me chamam de *Menina*, não usam nada que identifique quem ele é. Quando me canso e fico tonta de caminhar, o garoto nos para e vai pegar água para mim enquanto descanso. Ele é capaz de perceber minha exaustão sem que eu pronuncie uma palavra.

A tarde vem chegando. Fugimos do pior calor do sol ao ficarmos perto dos vendedores do mercado, na área mais pobre do Lake. Debaixo do toldo onde estamos, Tess estreita os olhos para as barracas. Nós estamos a mais de cinco metros delas. Tess é míope, mas de alguma forma consegue distinguir as diferenças entre os vendedores de frutas e os de legumes, os

rostos dos diversos vendedores, quem tem dinheiro, e quem não tem. Sei disso porque percebo os movimentos sutis do rosto dela, sua satisfação ao distinguir algo, ou sua frustração ao não conseguir fazer isso.

– Como você faz isso? – Pergunto.

Tess olha de relance para mim e seu olhar muda de foco.

– Quê? Fazer o quê?

– Você é míope. Como consegue ver tantas coisas a seu redor?

Tess fica surpresa por um instante, e depois, impressionada. Ao lado dela, reparo que o garoto me olha rapidamente. Tess responde:

– Consigo distinguir as diferenças sutis entre as cores, embora elas fiquem meio enevoadas. Consigo ver Notas de prata saindo da bolsa daquele homem, por exemplo.

Ela olha rapidamente para um dos fregueses falando com um vendedor.

Aceno com a cabeça para ela e digo:

– Você é muito esperta.

Tess enrubesce e olha para os sapatos. Por um instante ela parece tão suave que não consigo deixar de rir, mas na mesma hora sinto remorso. *Como posso estar rindo pouco depois da morte do meu irmão?* Esses dois têm o estranho dom de me fazer perder a postura.

– Você é muito observadora, Menina – diz o garoto, tranquilamente. – Os olhos dele estão fixos no meu. – Entendo bem por que você sobrevive nas ruas.

Eu apenas dou de ombros e digo:

– É a *única* forma de sobreviver, não é?

O menino desvia o olhar. Solto a respiração. Percebo que tinha estado sem respirar enquanto os olhos dele me mantinham paralisada no lugar.

Ele prossegue:

– Talvez você possa nos ajudar a roubar comida, e não eu. Os vendedores sempre confiam mais numa garota, especialmente uma como você.

– Não entendi o quer você quis dizer.

– Você é muito objetiva.

Não consigo evitar um sorriso, e digo:

– Assim como você.

Quando paramos para observar as barracas, faço algumas anotações para meu uso. Posso me dar ao luxo de permanecer com estes dois mais uma noite, até eu me recuperar o suficiente para ir atrás de informações sobre Day. Quem sabe eles até me deem uma pista?

Quando a noite finalmente chega, e o calor do sol começa a diminuir, voltamos para a beirada da água e procuramos um lugar para acampar. Ao nosso redor vejo luzes de vela estremecendo nas janelas, mesmo nas sem vidro, e por todo o lado os habitantes locais fazem pequenas fogueiras ao longo das bordas dos becos. Novos turnos de policiais municipais começam a fazer as rondas. Agora já são cinco noites em campo. Ainda não me habituei às paredes desmornadas, às fileiras de roupas usadas penduradas nas varandas, ou aos grupos de jovens mendigos esperando que os passantes lhes deem algo para comer. Porém, no mínimo, meu desprezo diminuiu. Relembro, envergonhada, a noite do funeral de Metias, quando deixei um enorme bife intocado no prato, sem hesitação. Tess caminha à nossa frente, completamente alheia aos arredores, com o andar alegre e despreocupado. Eu a ouço cantarolar baixinho uma canção.

– *A Valsa do Eleitor* – digo em voz baixa –, reconhecendo a canção.

O menino me olha de soslaio, andando ao meu lado, e dá um risinho:

– Parece que você é fã da Lincoln, não é?

Não posso dizer a ele que tenho todos os discos da Lincoln, bem como alguns objetos autografados, nem que já a vi cantar hinos políticos ao vivo num banquete municipal, nem que ela certa vez escreveu uma canção em honra de cada um dos generais do *front* da República. Em vez disso, apenas sorrio e concordo:

– É, sou sim.

Ele retribui meu sorriso. Seus dentes são perfeitos, os mais bonitos que já vi nestas ruas. Ele comenta:

– A Tess adora música. Ela sempre me arrasta para os bares daqui e nos faz esperar do lado de fora enquanto escuta os hinos que estão tocando lá dentro. Sei não, mas acho que isso deve ser coisa de mulher.

Meia hora depois, o garoto repara de novo no meu cansaço. Chama Tess e nos leva para um dos becos, onde uma série de grandes lixeiras de metal estão colocadas entre duas paredes. Ele empurra uma delas para a frente, para nos dar espaço, depois se agacha atrás dela, faz sinal para Tess e eu nos sentarmos, e começa a desabotoar a jaqueta.

Fico vermelha que nem um tomate e agradeço a todos os deuses do mundo pela escuridão que nos cerca.

– Não estou com frio nem sangrando – digo a ele. – Pode ficar vestido.

O menino me olha. Eu achava que seus olhos brilhantes ficariam menos vivos à noite, mas eles parecem refletir a luz que vem das janelas acima de nós. Ele brinca:

– Quem disse que estou fazendo isso para *você*, meu bem?

Ele tira a jaqueta, dobra direitinho e a coloca no chão, ao lado de uma das rodas da lixeira. Tess se senta e, sem a menor cerimônia, apoia a cabeça na jaqueta, como se fosse um antigo hábito.

Pigarreio e murmuro, sem graça:

– É claro que não. – Ignoro a risadinha do garoto.

Tess se levanta e conversa conosco, mas logo suas pálpebras começam a fechar, e ela adormece com a cabeça na jaqueta do garoto. Ele e eu ficamos em silêncio. Meu olhar se concentra em Tess.

– Ela parece tão frágil – sussurro.

– Verdade, mas é mais resistente do que parece.

Eu olho de relance para ele e digo:

– Sorte a sua ela estar com você.

Meu olhar se fixa na perna dele, que percebe meu olhar e rapidamente endireita a postura.

– Ela deve ter sido útil quando cuidou da sua perna.

Ele se dá conta de que percebi que ele manca e diz:

– Não. Eu fiquei assim há muito tempo. – Ele hesita, depois resolve não tocar mais no assunto e me pergunta: – A propósito, como está a cicatrização de seu ferimento?

Faço um gesto de desinteresse e respondo:

– Nada demais – mas cerro os dentes quando falo isso. Andar o dia inteiro não ajudou nada, e a dor está voltando firme e forte.

O adolescente vê a tensão no meu rosto:

– Vamos trocar as ataduras. – Ele se levanta e, sem incomodar Tess, habilmente puxa um rolo de panos brancos do bolso dela. – Não sou tão bom quanto ela – murmura –, mas prefiro não acordá-la.

Ele se senta a meu lado e abre dois botões da minha blusa, depois a puxa para cima até expor minha cintura coberta pela atadura. Sua pele roça na minha. Tento manter o foco nas mãos dele. Ele tira do lado de trás de uma das suas botas o que parece uma faca compacta de cozinha, com cabo de prata sem padrão e a beira desgastada. Ele deve tê-la usado muitas vezes, e o objeto deve ter cortado coisas muito mais duras do que pano. Uma de suas mãos se apoia no meu estômago. Apesar de seus dedos terem calos causados pelos anos passados na rua, são tão cuidadosos e suaves que sinto as bochechas quentes.

– Fique bem quieta – ele sussurra, colocando a faca entre minha pele e as ataduras, e rasga o pano. Eu me contraio. Ele tira a atadura do meu ferimento.

Minúsculas gotas de sangue ainda escorrem lentamente de onde a faca de Kaede me atingiu, mas felizmente não há sinais de infecção. Tess sabe o que faz. O garoto retira o resto das ataduras da minha cintura, joga para o lado e começa a aplicar novas ataduras.

– Vamos ficar aqui até o final da manhã – ele diz, enquanto executa a tarefa. – A gente não devia ter viajado tanto hoje, mas acho que você concorda que foi bom você ficar bem distante do pessoal do Skiz.

Não consigo evitar de olhar para o rosto dele. Esse garoto deve ter passado raspando pela Prova, mas isso não faz sentido. Ele não se comporta como um garoto de rua desesperado. Tem tantas *facetas*, que me pergunto se ele sempre morou nos setores pobres. Ele me olha de relance, vê que eu o estou analisando, e para por um instante. Uma emoção secreta surge rapidamente em seus olhos. *Um lindo mistério*. Ele deve ter perguntas semelhantes sobre mim, sobre como sou capaz de imaginar tantos detalhes de sua vida. Talvez esteja até se perguntando o que vou deduzir em seguida. Ele agora está tão perto do meu rosto, que consigo sentir sua respiração. Engulo em seco. Ele chega mais perto.

Por um instante, acho que vai me beijar.

Mas então ele rapidamente olha para meu ferimento. Suas mãos roçam minha cintura enquanto ele coloca a atadura. Percebo que suas bochechas também estão rosadas. Ele está tão envergonhado quanto eu.

Finalmente ele aperta a atadura, põe minha blusa de volta no lugar, e recua. Encosta na parede atrás de mim, descansa os braços nos joelhos e pergunta:

– Cansada?

Sacudo a cabeça. Meus olhos vagueiam pelas roupas penduradas lá em cima, a vários andares de altura. Se nós ficarmos sem ataduras, é lá que vamos conseguir pano para outras.

– Acho que daqui a um dia já vou poder deixar vocês em paz – digo, após algum tempo. – Sei que estou atrapalhando.

Sinto um certo pesar, mesmo enquanto as palavras saem da minha boca. Estranho. Eu não *quero* deixá-los tão cedo. Há alguma coisa de reconfortante em estar com Tess e esse garoto, como se a ausência de Metias não tivesse me tirado completamente as pessoas que se importam comigo.

Eu não devo estar batendo bem. Esse é um garoto que veio das favelas. Fui treinada para lidar com caras assim, a observá-los do outro lado do vidro.

– Pra onde você vai? – O garoto pergunta.

Eu me concentro e minha voz sai fria e equilibrada:

– Talvez para o leste. Estou mais habituada aos setores situados mais no interior.

O menino mantém o olhar para frente e diz:

– Você pode ficar mais tempo com a gente, se tudo que vai fazer é bater perna pelas ruas em outro lugar. Uma boa lutadora como você pode ser útil a mim. Podemos ganhar uma grana rapidinho em lutas de Skiz e dividir nossa comida. Vai ser melhor pra todo mundo.

Ele apresenta sua ideia com tanta sinceridade, que tenho de sorrir. Resolvo não perguntar por que ele mesmo não luta Skiz, e digo:

– Obrigada, mas prefiro trabalhar sozinha.

Ele fica impassível, e diz:

– Tudo bem.

Depois, encosta a cabeça na parede, suspira e fecha os olhos. Eu o observo por um instante, esperando que ele exponha seus olhos brilhantes novamente, mas ele não o faz. Após um tempo, ouço sua respiração se firmar e sua cabeça pender, então sei que ele adormeceu.

Penso em contatar Thomas, mas não estou a fim de ouvir sua voz agora. Não sei bem por quê. *Amanhã de manhã, então, cedinho.* Eu também encosto a cabeça na parede e focalizo as roupas penduradas acima de nós. A não ser pelos sons distantes das turmas do turno da noite e ocasionais transmissões nos telões, é uma noite sossegada, igualzinha às que passo em casa. O silêncio me faz pensar em Metias.

Tomo cuidado para que o som do meu choro não acorde Tess nem o garoto.

DAY

Eu quase beijei a Menina ontem à noite.

Mas nada de bom pode resultar se você se apaixonar por alguém nas ruas. Essa é a pior fraqueza que se pode ter, assim como ter uma família presa numa zona de quarentena ou uma órfã de rua precisando de você.

Mesmo assim... parte de mim ainda quer beijar essa garota, independentemente de poder ser uma pisada de bola. Essa Menina consegue detectar um detalhe nas ruas a dois quilômetros de distância. “As persianas nas janelas do terceiro andar daquele prédio devem ter sido retiradas de um setor rico. A madeira é cerejeira sólida”. Com uma faca, em um arremesso apenas, ela pode atingir um cachorro-quente de uma barraca cujo vendedor não esteja presente. Percebo sua inteligência em todas as perguntas que ela me faz e em todas as suas observações. Contudo, ao mesmo tempo, há uma inocência que a torna completamente diferente da maioria das pessoas que conheci. Ela não é cínica nem cética. As ruas não a debilitaram, pelo contrário, a deixaram fortalecida.

Como a mim.

Durante toda a manhã, procuramos mais oportunidades de ganhar dinheiro: guardas ingênuos dos quais possamos bater a carteira, coisas em lixeiras para revender, caixotes não vigiados no píer para que possamos abri-los. Enquanto isso é feito, buscamos um novo local para passar a noite. Tento concentrar meus pensamentos no Éden, no dinheiro que preciso antes que seja tarde demais, mas, em vez disso, começo a pensar em novas maneiras de bagunçar a campanha de guerra da República. Eu poderia pegar carona num avião, extrair com um sifão seu precioso combustível, depois vender no mercado ou dividir entre pessoas que precisem dele. Eu poderia destruir completamente a aeronave, antes que ela partisse para o

front. Ou poderia também marcar como alvos as redes elétricas de Batalla ou os aeroportos, cortar a energia deles e impedi-los de operar. Esses pensamentos me mantêm ocupado.

Mas, de vez em quando, quando olho rapidamente para a Menina, ou sinto que ela está me olhando, não consigo deixar de pensar nela.

JUNE

QUASE 20H00.

QUASE 25º

O garoto e eu estamos sentados lado a lado nos fundos de outro beco, enquanto Tess dorme, a uma pequena distância de nós. O garoto deu para ela sua jaqueta, de novo. Observo enquanto ele lixa as unhas ao raspá-las com a ponta da faca. Desta vez, tira o boné da cabeça e penteia o cabelo emaranhado.

Ele está de bom humor, e me pergunta:

– Quer um gole?

Uma garrafa de vinho doce está entre nós. É uma bebida barata, provavelmente feita das uvas brancas suaves que são cultivadas em águas oceânicas, mas o menino age como se esse vinho fosse a melhor coisa do mundo. No fim da tarde ele roubou uma caixa de garrafas de uma loja do setor Winter e vendeu todas, menos esta, ganhando um total de 650 Notas. Ele nunca deixa de me surpreender com a rapidez com que se movimenta entre os setores. Sua agilidade é equivalente à dos principais estudantes da Drake.

Eu respondo:

– Se você beber, eu também bebo. Não posso desperdiçar os produtos que você rouba, não é?

Ele dá um risinho. Observo enquanto ele enfia a faca na rolha da garrafa, a retira e vira a cabeça para trás ao tomar um grande gole da bebida. Limpa os lábios com o polegar e sorri para mim:

– Uma delícia! Tome um gole.

Aceito pegando a garrafa e tomo um golinho antes de devolvê-la a ele. O sabor é meio salgado, como eu pensava. Pelo menos pode aliviar a dor que sinto de um lado do corpo.

Continuamos nos alternando. Goles grandes para ele, e pequenos para mim, até ele voltar a pôr a rolha na garrafa, no instante em que pensa que a bebida está atrapalhando a sua percepção. Mesmo assim, seus olhos estão mais brilhantes, as íris azuis expressam um reluzir encantador e reflexivo.

Ele pode não ter perdido sua capacidade de concentração, mas percebo que o vinho o deixou mais à vontade, por isso resolvo perguntar:

– Me conte uma coisa: por que você precisa de tanto dinheiro? O garoto ri e diz:

– Está falando sério? Quem é que não quer mais dinheiro? Nunca se tem o bastante, não é?

– Você gosta de responder às minhas perguntas fazendo perguntas também?

Ele ri de novo, mas quando fala, sua voz soa triste:

– Dinheiro é a coisa mais importante do mundo, guria. Dinheiro pode comprar felicidade, não me importo com o que os outros dizem. Dinheiro pode comprar alívio, *status*, amigos, segurança... todo tipo de coisas.

Observo seus olhos expressarem algo distante e digo:

– Mas você está com muita pressa de juntar dinheiro.

Desta vez ele me dirige um olhar divertido e fala:

– E por que eu não estaria? Você provavelmente vive na rua há tanto tempo quanto eu. Você deve saber a resposta, certo?

Olho para baixo. Não quero que ele veja a verdade. Digo:

– É, pode ser.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo.

O garoto então fala. Ao fazê-lo, seu tom de voz é tão terno, que não consigo deixar de olhar para ele.

– Não sei se alguém já te disse isto. – Ele não enrubesce, e seus olhos não se desviam. Eu me vejo olhando fixamente para dois oceanos: um perfeito, o outro manchado por uma minúscula ondulação. Ele continua: – Você é muito atraente.

Já fui elogiada por minha aparência antes, mas nunca nesse tom de voz. De todas as coisas que ele disse, não sei por que *essa* me pega desprevenida, mas me assusta tanto, que digo, impetuosamente:

– Posso dizer o mesmo a seu respeito. – Faço uma pequena pausa. – Caso você não saiba.

Um risinho malicioso se espalha no rosto dele, que diz:

– Ah, não se preocupe, eu sei.

Eu rio:

– É bom ouvir alguma coisa sincera. – Não consigo deixar de encarar o olhar fixo dele. Finalmente, consigo acrescentar: – Sabe? Acho que você bebeu vinho demais, meu amigo. – Mantenho a voz o mais suave possível. – Acho que um soninho vai te fazer bem.

Mal as palavras saem da minha boca, o menino se debruça na minha direção e coloca a mão no meu rosto. Todo o meu treinamento deveria fazer que bloqueasse a mão dele e a prendesse no chão, mas eu nada faço, permaneço totalmente imóvel. Ele me puxa para si. Prendo o ar antes que seus lábios toquem os meus.

Sinto o sabor do vinho nos lábios dele. Ele me beija suavemente a princípio e depois, como se estivesse querendo mais alguma coisa, ele me empurra contra a parede e me beija com mais força. Seus lábios são quentes e muito macios, seu cabelo roça minha face. Eu tento me concentrar. Esta não é a primeira vez dele, que certamente já beijou outras meninas, e eu diria que muitas meninas. Ele... ele parece estar com falta de ar. Os detalhes desaparecem. Tento agarrá-los, mas em vão. Levo um instante para perceber que eu o estou beijando com a mesma avidez. Sinto a faca na sua cintura contra minha pele, estremeço. Aqui faz muito calor, meu rosto deve estar em fogo.

Ele se afasta primeiro. Nós nos olhamos fixamente, num silêncio espantado, como se nenhum dos dois pudesse entender o que acaba de acontecer.

Ele então recupera a postura, eu me esforço para recuperar a minha. Ele se encosta na parede ao meu lado, e suspira.

– Desculpe – ele murmura e me olha maliciosamente. – Eu não pude evitar, mas pelo menos agora acabou.

Continuo olhando firmemente para ele, ainda sem conseguir falar. Minha mente me impele fortemente a ordenar meus pensamentos. O menino retribui meu olhar, depois sorri, como se soubesse o efeito que ele tem, então dá as costas. Eu recomeço a respirar.

É aí que vejo um gesto que provoca um solavanco e faz minha mente voltar totalmente ao lugar: antes de se deitar para dormir, ele tenta pegar uma coisa pendurada ao pescoço. É um movimento tão inconsciente, que duvido de que ele se dê conta de tê-lo feito. Olho fixamente para seu pescoço, mas não vejo nada pendurado. Ele havia agarrado o fantasma de um cordão, o fantasma de uma correntinha ou um fio.

E é então que me lembro, nauseada, do cordão no meu bolso: o pingente de Day.

DAY

Quando a Menina finalmente adormece, eu a deixo com Tess e vou visitar minha família novamente. O ar mais fresco me desanuvia a cabeça. Quando estou a uma boa distância do beco, respiro fundo e apresso o passo. *Eu não devia ter feito aquilo*, digo a mim mesmo. *Eu não devia ter beijado a Menina*. Principalmente, eu não devia estar contente de ter feito isso, mas estou. Ainda sinto os lábios dela nos meus, a pele macia e gostosa do rosto e dos braços dela, o ligeiro tremor de suas mãos. Já beijei um bocado de garotas bonitas antes, mas não como essa. Eu queria ter beijado mais. Não acredito que consegui me afastar.

Do que adiantou ficar me lembrando para nunca me apaixonar por uma garota das ruas.

Eu agora me obrigo a me concentrar em me encontrar com John. Tento ignorar o estranho *X* na porta de minha família e vou direto até as tábuas do chão ao lado da varanda. Velas tremeluzem perto da janela quebrada do quarto. Minha mãe deve estar acordada até tarde, cuidando do Éden. Eu me agacho na escuridão por um tempo, olho por cima do ombro para as ruas vazias, depois empurro a tábua para o lado e caio de joelhos.

Alguma coisa se agita na sombra do outro lado da rua. Paro por um minuto e espreito a noite. Nada. Como não vejo nada mais, abaixo a cabeça e rastejo debaixo da varanda.

John está aquecendo uma sopa na cozinha. Emito três pequenos apitos que soam como os de um grilo. Faço algumas tentativas antes de John ouvir e se virar. Então saio da varanda e me dirijo à porta dos fundos da casa, onde encontro meu irmão na escuridão.

– Tenho 1.600 Notas – sussurro. Mostro a ele a pochete. – Quase o bastante para a cura. Como está o Éden?

John sacode a cabeça. A ansiedade no rosto dele me irrita, porque sempre espero que ele seja o mais forte de nós.

– Nada bem – ele responde. – Emagreceu mais, porém está sempre alerta, e nos reconhece. Acho que ele tem mais algumas semanas.

Faço um aceno positivo com a cabeça. Não quero pensar na possibilidade de perder o Éden e digo:

– Prometo que vou ter o dinheiro em pouco tempo. Só preciso de mais um golpe de sorte, vou ao hospital, e a gente vai ter o remédio para ele.

– Você está tendo cuidado, certo? – ele pergunta. No escuro, podemos passar por gêmeos: temos o mesmo cabelo, os mesmos olhos, a mesma expressão. – Não quero que você se coloque em perigo desnecessariamente. Se há algum jeito de eu ajudá-lo, é só dizer. Talvez eu possa sair às escondidas com você algumas vezes e...

Franzo a testa e digo:

– Não seja burro. Se os soldados te pegarem, vocês todos morrem, você sabe disso. – A expressão frustrada de John me faz sentir culpado por recusar tão rapidamente a ajuda dele. – Eu trabalho melhor assim. Sério. É melhor que só um de nós esteja atrás do dinheiro. Você não vai fazer nenhum bem à mamãe se for morto.

John acena com a cabeça, embora eu perceba que ele quer dizer mais coisas, o que eu evito ao me virar para ir embora:

– Preciso ir agora. A gente se vê logo.



Day deve ter pensado que adormeci, mas eu o vejo se levantar e sair no meio da noite, e então vou atrás. Ele penetra numa zona de quarentena, entra numa casa marcada com um *X* de três linhas, e reaparece vários minutos depois.

É tudo que eu preciso saber.

Subo até o telhado de um prédio próximo. Quando chego lá, eu me agacho à sombra de uma chaminé e ligo o microfone. Estou com tanta raiva de mim mesma que não consigo impedir que minha voz fique tremida. Eu me deixei encantar pela última pessoa por quem queria. A última pessoa por quem eu queria sofrer.

Talvez Day não tenha matado Metias, disse a mim mesma. *Talvez tenha sido outra pessoa*. Meu Deus! Eu agora estou inventando justificativas para defender esse garoto?

Agi como uma idiota com o assassino de Metias. Será que as ruas do Lake me transformaram numa débil mental? Será que acabei de envergonhar a memória de meu irmão?

– Thomas – sussurro –, encontrei o sujeito.

Decorre um minuto de estática antes que eu ouça o Thomas me responder. Quando ele o faz, soa estranhamente alheio:

– Pode repetir isso, Srta. Iparis?

Fico muito nervosa:

– Eu disse que encontrei o cara, o Day. Ele acaba de visitar uma casa numa das zonas de quarentena do Lake, uma casa com um *X* de três linhas na porta. Na esquina de Figueroa com Watson.

– Tem certeza? – Thomas está mais alerta agora. – Está *absolutamente* certa?

Tiro o medalhão do meu bolso:

– Estou. Não tenho a menor dúvida.

Escuto um tumulto do outro lado da linha. A voz dele fica animada:

– Esquina de Figueroa com Watson. É esse o caso especial de praga que tencionamos investigar amanhã de manhã. A senhorita está certa de que é o Day? – pergunta de novo.

– *Estou!*

– Ambulâncias vão a essa casa amanhã. Vamos levar os moradores para o Hospital Central.

– Então mande mais tropas. Quero reforço quando Day aparecer para proteger sua família. – Lembro da forma como Day engatinhou debaixo das tábuas do chão. – Ele não vai ter tempo de tirar os parentes de lá, de modo que provavelmente vai esconder o pessoal na casa. Devemos levar todos para a ala hospitalar do Batalla Hall. Ninguém deve se machucar. Quero todos eles lá para serem interrogados.

Thomas fica surpreso com o meu tom e consegue dizer:

– A senhorita vai ter as tropas que quer. E espero sinceramente que esteja certa.

A sensação dos lábios de Day, nosso beijo ardente, as mãos dele tocando minha pele... isso não pode significar mais nada para mim. Menos que nada.

– Eu estou certa.

Volto para o beco antes que Day dê por minha falta.

DAY

Nas poucas horas de sono que consigo antes do amanhecer, sonho com minha casa.

Pelo menos, parece a casa de que eu me lembro. John está sentado com nossa mãe numa extremidade da mesa de jantar, lendo para ela contos sobre a antiga República. Mamãe faz um sinal positivo de incentivo com a cabeça, quando ele chega no fim da página sem trocar palavras nem letras. Eu sorrio para eles de onde estou, do lado da porta. John é o mais forte de nós, mas ele tem uma característica que eu não herdei, a de ser paciente e suave. É um traço de nosso pai. Éden está rabiscando num papel, na outra extremidade da mesa. Nos meus sonhos, Éden está sempre desenhando. Ele nunca levanta os olhos, mas sei que está ouvindo a história de John, porque ri nas horas certas.

Então me dou conta de que a Menina está de pé a meu lado. Eu seguro sua mão. Ela me dá um sorriso que enche de luz a sala, e eu retribuo seu sorriso.

– Gostaria que você conhecesse minha mãe – digo a ela.

Ela sacode a cabeça. Quando volto a olhar para a mesa de jantar, John e mamãe continuam lá, mas Éden desapareceu.

O sorriso da Menina esmaece, e ela me olha com olhos trágicos.

– O Éden morreu – ela diz.

Uma sirene distante me acorda, com um susto.

Continuo deitado silenciosamente por um tempo, olhos abertos, tentando respirar direito. Meu sonho está fortemente nítido na minha cabeça. Concentro-me no som da sirene para me distrair, mas depois percebo que não estou ouvindo o som agônico normal de uma sirene de polícia, nem o de uma ambulância. É o som de uma ambulância militar, as

que se usam para transportar soldados feridos para o hospital. É mais alta e aguda do que as demais porque ambulâncias militares têm prioridade máxima.

Acontece que não temos soldados feridos voltando para Los Angeles. Eles são tratados na fronteira do *front*. A outra circunstância em que essas ambulâncias são usadas é para transportar casos especiais de praga para os laboratórios, devido a seus melhores equipamentos de emergência.

Até a Tess reconhece o som e pergunta:

– Aonde eles estão indo?

– Sei lá – digo. Sento-me ereto e olho em volta. A Menina parece estar acordada já faz algum tempo. Ela está sentada a alguns metros de distância, com as costas para a parede, os olhos observando a rua, o rosto sério e concentrado. Ela está tensa.

– Dia – digo a ela. Meus olhos se fixam rapidamente nos lábios dela. Será mesmo verdade que eu a beijei ontem à noite?

Ela não me olha. Sua expressão não muda.

– Sua família está com a porta marcada, não está?

Tess a olha, surpresa. Olho fixamente para a Menina, sem saber o que responder. É a primeira vez que alguém que não seja Tess me fala da minha família.

– Você me seguiu ontem à noite.

Digo a mim mesmo que deveria estar zangado, mas não sinto nada, apenas confusão. Ela deve ter me seguido por curiosidade. Fico surpreso, na verdade, chocado, com o silêncio com que ela consegue se locomover.

Mas alguma coisa está diferente na Menina nesta manhã. Ontem à noite ela estava tão a fim de mim quanto eu dela, mas hoje ela está distante, retraída. Será que fiz alguma coisa para ela ficar tão arredia assim? A Menina me olha diretamente e me pergunta:

– É pra isso que você está economizando todo esse dinheiro? Para curar a praga?

Ela está me testando, mas não sei por quê.

– É – respondo. Por que você se interessa?

– Você está muito atrasado – ela diz. – Porque hoje a patrulha contra praga vai buscar sua família e levar todos eles embora.



Não preciso dizer muito mais para convencer Day a se movimentar. E as sirenes de ambulância, quase certamente dirigindo-se a Figueroa e Watson, vieram exatamente como Thomas prometeu.

– Que é que você quer dizer? – pergunta Day. O choque ainda não o abalou. – Que é que você quer dizer com a patrulha contra praga vem buscar minha família? Como você sabe?

– Não faça perguntas. Você não tem tempo para isso.

Eu hesito. Os olhos de Day parecem tão aterrorizados, tão vulneráveis, que de repente preciso de toda a minha força para mentir para ele. Tento recorrer à raiva que senti ontem à noite:

– Vi você visitar a zona de quarentena de sua família ontem à noite e ouvi alguns guardas comentando sobre a varredura de hoje. Eles mencionaram a casa com o X de três linhas. É melhor você se apressar. Estou tentando ajudar, estou falando sério quando digo que você precisa ir até lá *imediatamente*.

Eu me aproveitei da maior fraqueza de Day. Ele não hesita, não se detém para questionar o que eu disse, nem se pergunta por que eu não contei tudo logo que soube. Em vez disso, se levanta de um salto, localiza a direção de onde estão soando as sirenes, e sai correndo do beco. Sinto uma surpreendente pontada de remorso. Ele confia em mim. Ele confia em mim de verdade, insensatamente, de todo o coração. Na verdade, não sei se alguém antes dele acreditou no que eu disse tão prontamente. Talvez nem mesmo Metias.

Tess o observa ir embora com uma expressão de medo crescente, e exclama:

– Anda logo, vamos atrás dele! – Ela se põe de pé com um pulo e segura minhas mãos – Ele pode precisar de nossa ajuda!

– Não – retruco. – Você espere aqui. Eu vou atrás dele. Fique abaixada e sem fazer barulho; um de nós voltará para buscar você.

Nem espero a resposta de Tess, começo a descer a rua. Quando olho por cima do ombro, vejo Tess de pé no beco, com os olhos fixos na minha figura que desaparece. Resolvo voltar, mas depois mudo de ideia: é melhor deixá-la fora disso. *Se prendermos Day hoje, o que vai acontecer com ela?* Dou um estalido com a língua e ligo o microfone.

Por um instante, ouço a estática zunir em meu minúsculo fone de ouvido, depois escuto a voz de Thomas:

– Conte tudo. Que está acontecendo? Onde está você?

– Day está indo para Figueroa e Watson neste momento. Estou atrás dele.

Thomas engole em seco:

– Certo. Nossa unidade militar já está pronta. Vejo você daqui a pouco.

– Espere minha instrução: ninguém deve ser ferido... – começo a dizer, mas a estática interrompe a chamada.

Corro velozmente rua abaixo. Meu ferimento lateja, protestando. Day não pode estar longe, ele saiu menos de meio minuto antes de mim. Tomo a direção que me lembro de ter visto Day tomar na véspera: sul, indo para a Union Station.

Efetivamente, em pouco tempo vejo o boné velho de Day se sobressaindo bem à minha frente na multidão.

Toda a minha raiva, medo e ansiedade se concentram em sua nuca. Preciso me obrigar a manter distância suficiente entre nós, para que ele não descubra que o estou seguindo. Parte de mim recorda a maneira como ele me salvou da luta de Skiz, que ele me ajudou a curar o ferimento que ardia em um lado do corpo, que suas mãos foram muito suaves. Quero gritar com ele. Quero odiá-lo por me deixar tão confusa. *Menino burro!* É surpreendente que você tenha conseguido escapar do governo por tanto tempo, mas agora você não pode se esconder, não quando sua família ou

amigos estão em risco. *Eu não tenho nenhuma simpatia por um criminoso,*
lembro duramente a mim mesma. *Tenho um acerto de contas a fazer.*

DAY

Normalmente sou grato pelas multidões nas ruas do Lake: é fácil entrar e sair delas, despistando quem possa estar me seguindo ou atrás de briga. Já perdi a conta do número de vezes que usei as ruas atravancadas em meu benefício. Hoje, porém, as pessoas estão me atrasando. Mesmo com um atalho ao longo do lago, estou correndo praticamente à frente das sirenes e não terei como me adiantar para chegar à casa da minha família.

Não terei tempo de tirá-los de lá, mas preciso tentar. Preciso chegar a eles antes dos soldados.

De vez em quando paro, para ter certeza de que as ambulâncias continuam a ir na direção em que penso que estão indo. Realmente, elas prosseguem em caminho reto até nosso bairro. Corro mais rápido. Não paro nem mesmo quando acidentalmente esbarro num velho. Ele tropeça e cai na calçada. – Desculpe! – Grito. Ele grita comigo, mas não ousa perder tempo olhando para trás.

Estou todo suado quando me aproximo da nossa casa, ainda silenciosa e vedada, como parte da quarentena. Eu me esgueiro pelos becos dos fundos até chegar à cerca em ruínas do nosso quintal. Então consigo entrar por uma fenda na cerca, empurro para o lado a tábua solta, e engatinho debaixo da varanda. As margaridinhas que deixei debaixo da ventilação continuam lá, intocadas, mas já feneceram e morreram. Através das fendas do chão, vejo minha mãe sentada na cabeceira de Éden. John está lavando um pano de prato numa bacia próxima. Meus olhos se fixam rapidamente em Éden. Ele parece pior, como se toda a cor lhe tivesse sido retirada da pele. Sua respiração é superficial e áspera, e tão alta, que consigo ouvi-la aqui.

Minha mente clama por uma solução. Eu poderia ajudar John, Éden e minha mãe a fugir agora mesmo, e me arriscar a dar de cara com as

patrulhas contra praga ou os guardas municipais. Talvez pudéssemos encontrar refúgio nos lugares em que Tess e eu costumamos nos esconder. John e minha mãe são certamente fortes o bastante para correr, mas como Éden poderia acompanhar o ritmo deles? John conseguiria carregá-lo apenas durante um certo período. Talvez eu possa encontrar um meio de colocá-los furtivamente num trem de carga, e ajudá-los a fugir para o interior até... algum lugar, sei lá. Se as patrulhas já estão atrás de Éden, as coisas não vão piorar se John e mamãe simplesmente abandonarem seu emprego e fugirem. De qualquer forma, eles estão de quarentena. Eu poderia ajudá-los a chegar ao Arizona ou talvez ao Texas Ocidental, então, depois de certo tempo, talvez as patrulhas não se preocupem mais em procurá-los. Além do mais, para começo de conversa, eu talvez esteja enganado. Quem sabe a Menina está errada, e as patrulhas não estão vindo pegar minha família? Eu posso continuar economizando para comprar o remédio contra a praga para o Éden. Toda essa minha ansiedade talvez seja à toa.

Mas, à distância, ouço a sirene da ambulância cada vez mais alta.

Estão vindo pegar o Éden.

Tomo uma decisão. Saio de qualquer jeito de debaixo da varanda e me apresso até a porta dos fundos. Daqui consigo escutar as ambulâncias muito mais claramente. Elas estão se aproximando. Abro a portas dos fundos e subo correndo os poucos degraus que levam à nossa sala de estar.

Respiro fundo.

Abro a porta com um pontapé, e corro para a luz.

Minha mãe solta um grito assustado. John gira o corpo na minha direção. Ficamos um instante parados nos olhando, sem saber o que fazer.

– Qual é o problema? – O rosto dele fica lívido ao ver minha expressão.
– O que você está fazendo aqui? Que aconteceu?

Ele tenta firmar a voz, mas sabe que alguma coisa está muito errada, alguma coisa tão grave que me forçou a me revelar para a família inteira.

Tiro meu boné desgastado da cabeça. Meu cabelo cai de repente na minha testa, numa confusão só. Mamãe põe a mão com atadura na frente da boca. Seus olhos mostram desconfiança, depois se arregalam.

– Sou eu, mamãe. É o Daniel.

Observo várias emoções lhe passarem pelo rosto: descrença, alegria, confusão, antes que ela dê um passo à frente. Seus olhos se fixam em John e em mim. Não sei dizer o que a deixa mais atônita, se é o fato de eu estar vivo ou de John parecer que já sabia disso.

– Daniel? – Ela sussurra.

É estranho vê-la pronunciando meu antigo nome de novo. Corro para pegar as mãos feridas de mamãe. Elas tremem e eu digo:

– Não há tempo para explicações agora.

Tento ignorar a expressão dos olhos dela. Outrora eles eram azuis e brilhavam, exatamente como os meus, mas o desgosto os esmaeceu. Como encarar minha mãe, que me julgava morto há tantos anos? Eu digo:

– Estão vindo pegar o Éden. Vocês têm de escondê-lo.

– É mesmo o Daniel? – Seus dedos tiram o cabelo dos meus olhos. De repente, voltei a ser seu menininho. – Meu Daniel, você está vivo! Isso deve ser um sonho.

Eu a pego nos ombros e digo:

– Escute, mamãe. A patrulha contra praga está chegando, com uma ambulância militar. Seja lá qual for o vírus que o Éden tem, eles vão levá-lo. Temos de esconder vocês todos.

Ela me observa um instante, depois concorda com a cabeça, e me leva à cama de Éden. De perto posso ver que os olhos escuros de Éden, de alguma forma, agora são negros. Não há nenhum reflexo neles, me dou conta, horrorizado, que eles estão negros porque as íris estão sangrando. Mamãe e eu cautelosamente ajudamos Éden a se sentar. Sua pele está ardendo. John suavemente o levanta e o põe nos ombros, sussurrando palavras tranquilizadoras ao fazê-lo.

Da garganta de Éden sai um chorinho dolorido, sua cabeça se pendura, frouxamente, para um lado, e encosta no pescoço de John.

– Ligue os dois circuitos – ele diz.

As sirenes lá fora continuam a tocar. Devem estar a menos de dois quarteirões. Troco um olhar desesperado com minha mãe.

– Debaixo da varanda – ela sussurra. – Não temos tempo de fugir.

Nem John nem eu a contrariamos. Mamãe aperta minha mão com força. Saímos pelos fundos. Paro por um minuto lá fora, verificando a direção e a distância das patrulhas: elas estão quase chegando. Corro para a varanda e deslizo a tábua para um lado.

Mamãe murmura:

– Éden primeiro.

John ajusta Éden em seu ombro, depois se ajoelha e engatinha até entrar no lugar. Em seguida eu ajudo mamãe, depois entro precipitadamente atrás deles, limpo qualquer marca que tenhamos deixado na terra, e cuidadosamente coloco a tábua de volta no lugar. Espero que seja o bastante.

Nós nos amontoamos no canto mais escuro, onde mal conseguimos nos ver. Olho fixamente para os raios de luz que passam pelas ventilações. Eles dividem o chão de terra em pedaços, e só consigo distinguir as margaridinhas amassadas. As sirenes da ambulância soam distantes por um momento. Estão fazendo a volta em algum lugar. Então, de repente, ficam ensurdecedoras. Botas pesadas são ouvidas em seu rastro.

Malditos infelizes! Pararam do lado de fora da nossa casa e estão se preparando para entrar à força.

– Fiquem aqui – murmuro. Torço meu cabelo em cima da cabeça e depois o meto de volta no boné. – Vou despistar esses caras.

– Não – diz John. – Não volte lá, é muito perigoso.

Sacudo a cabeça e digo:

– É muito perigoso para vocês se eu ficar. Confiem em mim.

Olho rapidamente para minha mãe, que está se esforçando ao máximo para controlar o medo, enquanto conta uma história ao Éden. Eu me lembro de como ela parecia sempre calma quando eu era pequeno, com sua voz suave e sorriso gentil. Faço um sinal com a cabeça para John, e digo:

– Volto rapidinho.

Lá em cima, ouço alguém bater na porta e uma voz gritar:

– Patrulha contra praga! Abram a porta!

Corro até a tábua solta, cuidadosamente ponho-a de lado alguns centímetros, depois me esgueiro e saio. Reponho cautelosamente a tábua no lugar. A cerca da nossa casa me impede de ser visto, mas através das fendas posso ver os soldados esperando do lado de fora da porta. Preciso agir rapidamente. Eles não devem estar esperando alguém revidar agora, especialmente alguém que não podem ver. Vou depressa e em silêncio para os fundos da nossa casa, consigo me apoiar firmemente num tijolo solto, e me arremesso para cima. Agarro a beira do nosso telhado, depois giro o corpo e subo nele.

Os soldados não conseguem me ver aqui, por causa de nossa larga chaminé e das sombras lançadas pelos edifícios mais altos a nosso redor. Mas eu tenho uma boa visão deles. Na verdade, a visão me faz parar. Há alguma coisa errada. Temos pelo menos uma pequena possibilidade contra uma patrulha contra praga, mas há muito mais do que uma dúzia de soldados em frente à nossa casa. Conto pelo menos vinte, talvez mais, todos com máscaras brancas presas firmemente em volta da boca. Alguns têm no rosto máscaras completas contra gases. Dois jipes militares estão estacionados perto da ambulância. Em frente a um deles, uma oficial de alta patente está esperando, com uniforme ornado por franjas vermelhas e um quepe de comandante. A seu lado está um rapaz de cabelo preto, vestindo um uniforme de capitão.

E à frente dele, imóvel e sem proteção, está a Menina.

Franzo o rosto, confuso. Eles devem tê-la prendido, e agora a estão usando para alguma coisa. Isso quer dizer que devem ter apanhado a Tess também. Procuro na multidão, mas não vejo Tess. Viro-me de novo para a

Menina. Ela está calma e imperturbável, mesmo com o mar de soldados que a cercam. Ela aperta sua máscara em redor da boca.

E então, numa fração de segundo, percebo por que a Menina tinha me parecido tão familiar: seus olhos. Aqueles olhos escuros, com tons dourados. O jovem capitão chamado Metias. O sujeito de quem escapei na noite em que invadi o Hospital Central de Los Angeles. Ele tinha os olhos exatamente como os dela.

Metias deve ser parente dela. Como ele, ela também trabalha para os militares. Não posso acreditar na minha burrice. Eu deveria ter percebido isso antes. Rapidamente examino o rosto dos outros soldados, perguntando-me se o próprio Metias também está presente, mas vejo apenas a Menina.

Eles a mandaram para me achar.

E agora, por causa da minha idiotice, ela me rastreou diretamente até minha família. Talvez tenha até matado Tess. Fecho os olhos. Eu havia confiado nessa menina, tinha até sido induzido a beijá-la. E até mesmo a gostar dela. Esse pensamento me deixa louco de raiva.

Um barulho alto repentino vem da nossa casa. Ouço gritos e berros. Os soldados os encontraram. Eles quebraram as tábuas do chão e os arrastaram para fora. *Desça já para lá! Por que você está escondido neste telhado? Ajude sua família!* Mas isso só serviria para revelar nossa relação, e o destino deles estaria definido. Meus braços e pernas ficam paralisados.

Então, dois soldados com máscaras de gás surgem por trás da casa, arrastando minha mãe. Bem perto deles há soldados contendo fortemente John, que grita para que eles deixem nossa mãe em paz. Dois médicos saem por último. Elas prenderam Éden a uma maca, que estão empurrando até a ambulância.

Preciso fazer alguma coisa. Do meu bolso, tiro as três balas de prata que Tess me deu, as três balas obtidas na minha invasão do hospital. Ponho uma delas no meu estilingue improvisado. A lembrança de quando eu tinha sete anos e arremessei a bola de neve em chamas na sede da polícia me vem à cabeça. Aponto o estilingue para um dos soldados que seguram John, puxo o máximo que posso para trás, e atiro.

Ele raspa o pescoço dele com tanta força, que vejo sangue sair provocado pelo impacto. O soldado cai, e agarra freneticamente a máscara. No mesmo instante, outros soldados apontam as armas para o telhado. Eu estou agachado, imóvel, atrás da chaminé.

A Menina dá um passo à frente e diz:

– Day! – Sua voz ressoa na rua. Devo estar delirando porque creio ter percebido solidariedade na sua voz. – Eu sei que você está aqui, e sei também por quê.

Ela aponta para John e minha mãe. Éden já desapareceu dentro da ambulância.

Agora minha mãe sabe que sou o criminoso que ela vê em todos os alertas nos telões, mas eu não digo nada. Ponho mais uma bala no estilingue e o aponto para a Menina.

– Você quer sua família a salvo, eu compreendo isso – ela continua. – Eu também queria que minha família estivesse a salvo.

Eu recuo meu braço.

A voz da Menina fica mais suplicante, e até urgente:

– Eu estou dando uma oportunidade de salvar sua família. Entregue-se, por favor. Ninguém vai se machucar.

Um dos soldados perto dela levanta sua arma. Por instinto, giro o estilingue para ele e disparo. A bala o atinge bem no joelho e faz que ele caia para a frente.

Os soldados disparam uma saraivada de balas contra mim. Eu me escondo atrás da chaminé. Fagulhas voam por toda parte. Cerro os dentes e fecho os olhos. Não posso fazer nada nesta situação. Estou impotente.

Quando o tiroteio para, olho lá para baixo e vejo a Menina ainda lá. Sua comandante cruza os braços. E a Menina não se move.

Então vejo a comandante dar um passo à frente. Quando a Menina começa a protestar, ela a empurra para o lado.

– Você não pode ficar aí para sempre – grita a comandante para mim. Sua voz é muito mais fria que a da Menina. – E sei que você não vai deixar

sua família morrer.

Ponho a última bala no estilingue e miro diretamente na comandante.

Ela sacode a cabeça quando não digo nada.

– Tudo bem, Iparis – ela diz à Menina. – Tentamos sua tática, agora vamos tentar a minha. – Ela se vira para o capitão de cabelo preto, faz um sinal com a cabeça e diz: – Acabe com ela.

Não tenho tempo de impedir o que acontece em seguida.

O capitão levanta a arma, aponta-a para minha mãe, então atira em sua cabeça.

JUNE

A mulher em que Thomas atira ainda nem caiu no chão quando vejo o garoto se lançar do telhado. Fico paralisada. Está tudo errado. *Não era para ninguém se machucar.* A Comandante Jameson não me informou que pretendia matar alguém da casa. Nós devíamos levar os moradores ao Batalla Hall, para serem presos e interrogados. Meus olhos se fixam rapidamente em Thomas, e me pergunto se ele sente o mesmo horror que eu, mas ele permanece impassível, com a arma ainda na mão.

– Segurem esse garoto! – Grita Jameson. O menino cai em cima de um soldado e o derruba no chão, com uma nuvem de sujeira. – Vamos levá-lo vivo!

O menino que agora sei ser Day emite um grito agudo, e ataca o soldado mais próximo quando eles o cercam. De alguma forma, ele consegue agarrar a arma do militar, mas logo outro soldado a tira de suas mãos.

A Comandante Jameson olha para mim e tira a pistola do cinto.

– Comandante, não faça isso! – Grito de súbito, mas a mulher me ignora. Imagens de Metias me passam pela cabeça.

– Não vou esperar que ele mate meus soldados – ela retruca, e depois mira a perna esquerda de Day e dispara. Eu estremeço. A bala erra o alvo. Ela tinha mirado a rótula. Mas atinge a carne da parte exterior da coxa. Day grita de agonia, depois cai em meio a um círculo de soldados. Seu boné cai da cabeça. Seu cabelo louro se espalha. Um soldado o chuta com força o bastante para deixá-lo fora de ação. Depois os soldados o algemam, vendam e amordaçam, e o arrastam até um dos jipes à espera. Demoro um minuto para concentrar minha atenção no outro prisioneiro que tiramos da casa, um rapaz que deve ser irmão ou primo de Day. Ele grita algo ininteligível. Os soldados o empurram para dentro do segundo jipe.

Thomas me dá um olhar de aprovação, mas a Comandante Jameson apenas franze a testa para mim e diz:

– Entendo por que a Drake te chamou de encrenqueira. Isto aqui não é uma faculdade. Não se questiona as minhas ações.

Parte de mim quer pedir desculpas, mas estou impressionada demais com o que aconteceu, com muita raiva, ansiosa ou aliviada.

– E nosso plano? Comandante, com o devido respeito, não discutimos a morte de civis.

A Comandante Jameson ri ironicamente e diz:

– Ah, Iparis! Passaríamos a noite inteira aqui, se negociássemos. Viu como foi tudo mais rápido? E muito mais persuasivo para nosso alvo. – Ela desvia o olhar. – Não importa. Está na hora de você entrar num jipe e voltarmos ao quartel-general.

Ela faz um movimento rápido com a mão, e Thomas grita uma ordem. Os outros soldados se apressam para compor suas formações. Ela sobe no primeiro jipe.

Thomas se aproxima, me cumprimenta com o quepe, dizendo:

– Parabéns, June. – Ele sorri. – Você realmente conseguiu. Espetacular sua maneira de agir. Você viu a expressão no rosto do Day?

Você acabou de matar uma pessoa! Não consigo olhar para Thomas. Não consigo perguntar como ele suporta cumprir ordens tão passivamente. Meu olhar se dirige para onde está o corpo da mulher na calçada. Médicos já cercaram os três soldados feridos, sei que eles serão colocados cuidadosamente na ambulância e levados de volta ao quartel-general, mas o cadáver da mulher jaz sozinho, abandonado. Algumas cabeças nos espreitam das outras casas da rua. Algumas delas veem o corpo e rapidamente dão as costas, enquanto outras olham timidamente para Thomas e para mim. Uma pequena parte de mim quer sorrir à visão da senhora imóvel, quer sentir a alegria por causa da morte de meu irmão ter sido vingada. Faço uma pausa, mas não sinto nada. Minhas mãos se abrem

e fecham com força. A poça de sangue debaixo da mulher está começando a me deixar nauseada.

Eu fico me dizendo: *Lembre-se que Day matou Metias, Day matou Metias, Day matou Metias.*

As palavras ressoam ocas e incertas na minha cabeça.

– Pois é –, digo a Thomas. Minha voz soa como a de uma estranha. – Acho que consegui mesmo.

Parte 2

**A MENINA
QUE ESTILHAÇA
O VIDRO RELUZENTE**

DAY

O mundo está enevoado. Lembro-me de armas e vozes altas, e do respingo de água gelada na minha cabeça. Às vezes reconheço o som de uma chave virando numa fechadura, ou o cheiro metálico de sangue. Máscaras de gás olham para mim. Alguém não para de gritar. Uma sirene de ambulância, de som pungente, não cessa de soar. Quero desligá-la, e fico tentando achar o interruptor, mas meus braços estão estranhos. Não consigo movê-los. Uma dor terrível na minha perna esquerda umedece de lágrimas meus olhos e faces. Talvez minha perna inteira esteja perdida.

Visualizo várias vezes o momento em que o capitão atirou na minha mãe, como se fosse um filme que congelou na mesma cena. Não compreendo por que ela está tão imóvel. Grito a ela que se mexa, que se esquive, que faça *qualquer coisa*, mas ela continua parada até que a bala a atinge, e ela tomba no chão. Seu rosto está apontado para mim, mas a culpa não é minha, *não é*.

O que estava enevoado entra em foco após uma eternidade. Quanto tempo se passou? Quatro ou cinco dias? Um mês, talvez? Não tenho ideia. Quando finalmente abro os olhos, vejo que estou numa cela pequena e sem janelas, com quatro paredes de aço. Soldados estão de pé nos dois lados de uma porta pequena, semelhante à de um cofre-forte. Faço uma careta de dor. Minha língua está rachada e completamente seca. Lágrimas se secaram na minha pele. Uma coisa que dá a sensação de algemas de metal prende minhas mãos com força no espaldar de uma cadeira, levo um instante para me dar conta de que estou sentado. Meu cabelo cai no rosto em tiras pegajosas. Sangue mancha minha jaqueta. Um medo súbito toma conta de mim: *Meu boné*. Estou totalmente exposto.

Então sinto dor na minha perna esquerda. É a pior que já tive, pior ainda do que a primeira vez em que me cortaram naquele joelho. Começo a suar

frio e vejo estrelas cintilarem nos cantos dos meus olhos. Nesse momento, eu daria qualquer coisa por um analgésico ou por gelo, para extinguir o ardor na minha coxa machucada, ou até mais uma bala para acabar de vez com minha infelicidade. *Tess, preciso de você. Onde é que você está?*

Quando ousou olhar para minha perna, porém, vejo que está envolta numa atadura apertada e encharcada de sangue.

Um dos soldados repara que estou me mexendo. Ele comprime a mão contra a orelha e diz:

– Ele acordou, senhora.

Minutos depois, talvez horas, a porta de metal se abre e a comandante que ordenou a morte de minha mãe entra na cela, com grandes passadas. Está vestindo seu uniforme completo, com manto e tudo, e sua insígnia de três setas reluz sob as luzes fluorescentes. *Eletricidade. Estou num prédio do governo.* Ela diz alguma coisa para os soldados no outro lado da porta, depois a fecha de novo, então caminha vagarosamente, e sorrindo, até onde estou.

Não sei se a névoa vermelha que me embaça a visão é causada pela dor na minha perna, ou pela fúria da presença dela.

A comandante para à frente da minha cadeira, inclina-se até perto do meu rosto, e diz:

– Meu caro rapazinho. – Percebo a ironia em sua voz. – Fiquei muito animada quando me disseram que você estava acordado. Eu precisava vir vê-lo pessoalmente. Você tem muita sorte: os médicos dizem que você não está infectado pela praga, mesmo depois de ter passado algum tempo com aquele bando infectado que você chama de família.

Eu me mexo rapidamente para trás e cuspo nela. Mesmo esse movimento é suficiente para fazer minha perna tremer de tanta dor.

– Você é um garoto lindo. – Ela me dá um sorriso venenoso. – É uma pena que tenha escolhido uma vida de criminoso. Sabe que você poderia ter se tornado uma celebridade por seu próprio mérito, com um rosto desses? Seria vacinado gratuitamente contra a praga todos os anos. Não seria bom?

Eu seria capaz de arrancar a pele de seu rosto nesse minuto, se não estivesse amarrado.

– Onde estão meus irmãos? – Minha voz soa triste e rouca. – O que você fez com o Éden?

A comandante apenas sorri de novo e estala os dedos para os soldados atrás dela.

– Acredite quando digo que adoraria ficar para batermos um papo, mas tenho de conduzir uma sessão de treinamento. Há uma pessoa muito mais ansiosa para ver você do que eu. Vou deixar que ela assuma daqui para frente.

A mulher sai sem dizer mais nenhuma palavra.

Então vejo outra pessoa, alguém menor, com uma estrutura mais delicada, entrar na cela com o ruído de uma capa negra. Demoro um minuto para reconhecê-la. Não está mais usando calças rasgadas nem botas lamacentas, e não há terra em seu rosto. A Menina está limpa e arrumada, com o cabelo preto puxado para trás num rabo de cavalo alto e lustroso. Veste um uniforme elegante, dragonas douradas brilham do alto de sua vestimenta militar com manto, cordas brancas lhe circundam os ombros, uma insígnia com uma seta dupla está gravada em ambas as mangas. Seu manto vai até os pés, e tem uma faixa preta e dourada. Um nó requintado prende a parte superior da capa firmemente no lugar. Fico surpreso com sua aparência jovem, ainda mais jovem do que quando a conheci. Certamente a República não daria a uma garota da minha idade um posto tão elevado. Olho para sua boca: os mesmos lábios que beijei brilham com um tom suave de gloss. Um pensamento meio doido me vem à cabeça e tenho vontade de rir. Se ela não tivesse provocado a morte da minha mãe e a minha captura, se eu não desejasse que ela estivesse morta, eu a acharia absolutamente deslumbrante.

Ela deve ter percebido o reconhecimento em meu rosto.

– Você deve estar tão emocionado quanto eu estou por nos reencontrarmos. Pode atribuir a um gesto de extrema bondade da minha parte eu ter pedido que pusessem uma atadura em sua perna – ela diz de

repente. – Quero ver você de pé quando for executado, não quero que morra de infecção antes de eu acabar com você.

– Valeu! Você é muito gentil.

Ela ignora meu sarcasmo e diz:

– Quer dizer que você é o Day.

Fico em silêncio.

A Menina cruza os braços e me olha de modo penetrante:

– Mas suponho que eu deva te chamar de Daniel. Daniel Altan Wing. Consegui extrair essa informação do seu irmão John.

À menção do nome de John, eu me inclino para frente e no mesmo instante lamento ter feito isso, quando minha perna explode de dor:

– Fale logo! Onde estão meus irmãos?

A expressão dela não muda, ela nem sequer pisca:

– Você não precisa mais se preocupar com eles.

Ela dá vários passos à frente. São passos firmes, indubitavelmente, passos da elite da República. Ela os disfarçava incrivelmente bem nas ruas. Isso me deixa mais irado ainda.

– Eis como a coisa funciona, Sr. Wing. Vou fazer uma pergunta, e o senhor vai me responder. Vamos começar com uma pergunta fácil: qual a sua idade?

Eu olho fixamente para ela e digo:

– Eu nunca devia tê-la salvado daquela luta de Skiz. Devia ter deixado que morresse.

A Menina olha para baixo, depois tira uma arma do cinto e me bate com força no rosto. Por um segundo só consigo ver uma luz branca ofuscante. O gosto de sangue me enche a boca. Ouço um clique, logo depois um metal frio nas minhas têmporas.

– Resposta errada. Vou ser bem clara. Se você me der outra resposta errada, vou garantir que você ouça daqui os gritos do seu irmão John. Se

você me responder errado pela terceira vez, seu irmãozinho, Édén, pode partilhar o mesmo destino.

John e Édén. Pelo menos ambos estão vivos. Então percebo, pelo som do clique da sua arma, que a arma não está carregada. “Aparentemente ela só quer me bater.”

A Menina não afasta a arma.

– Quantos anos você tem?

– Quinze.

– Assim é melhor. – A Menina abaixa o revólver um pouco. – É hora de algumas confissões. Você foi o responsável pela invasão do banco Arcádia?

O lugar que invadi em dez segundos:

– Fui.

– Então você deve também ser o responsável pelo roubo de 1.650 Notas de lá.

– É isso mesmo.

– Você foi o responsável por vandalizar o Departamento de Defesa Interna há dois anos, e destruir os motores de dois aviões do *front*?

– Fui.

– Você incendiou uma série de caças F-472 estacionados na base aérea de Burbank pouco antes de eles rumarem para o *front*?

– Isso aí me deixou até orgulhoso.

– Você agrediu um cadete que estava montando guarda na divisa da zona de quarentena do setor Alta?

– Eu amarrei o cara e levei comida para umas famílias que estavam de quarentena. Me deixe em paz.

A Menina despeja mais alguns dos meus delitos passados, alguns dos quais eu mal me lembro. E depois ela indaga sobre mais um crime, meu último:

– Você foi o responsável pela morte de um capitão da patrulha municipal durante uma incursão no Hospital Central de Los Angeles? Você

roubou suprimentos médicos e invadiu o terceiro andar?

Levanto o queixo e digo:

– O capitão chamado Metias.

Ela me olha friamente e diz:

– Isso mesmo. Meu irmão.

Ah! É por isso que ela me perseguiu. Respiro fundo e digo:

– Seu irmão. Eu não o matei, eu não poderia ter feito isso. Ao contrário de vocês, idiotas que adoram disparar um gatilho, eu não mato pessoas.

A Menina não responde. Ficamos nos olhando um momento. Sinto uma estranha sensação de solidariedade, mas rapidamente a afasto. Não posso ter pena de uma agente da República.

Ela se dirige a um dos soldados ao lado da porta:

– O prisioneiro na 6822. Decepe os dedos das mãos dele.

Avanço subitamente para frente, mas as algemas e a cadeira me impedem. Minha perna explode de dor. Não estou habituado a que alguém tenha tanto poder sobre mim. Eu grito:

– Sim, eu fui o responsável pela invasão! Mas estou sendo sincero quando digo que não o matei. Admito que o feri, porque eu precisava fugir e ele tentou me deter. Mas não há como a faca que atirei nele ter causado mais do que um ombro machucado. Por favor, vou responder às suas perguntas. Até agora já respondi a tudo que você me perguntou.

A Menina me olha de novo:

– Nada mais do que um ombro machucado? Você devia ter verificado.

Seus olhos expressam profunda fúria, e me assustam. Tento lembrar da noite em que enfrentei Metias, do momento em que ele tinha a arma apontada para mim, e eu, minha faca apontada para ele. Eu atirei a faca e ela atingiu o ombro dele, tenho certeza.

Tenho mesmo?

Após um instante, ela manda o soldado não fazer nada.

– De acordo com os bancos de dados da República – ela continua – Daniel Altan Wing morreu há cinco anos, de varíola, num de nossos campos de trabalho.

Dou um risinho de desdém ao ouvir isso. *Campos de trabalho, é?* Me engana que eu gosto. E o Eleitor é eleito legalmente em todos os mandatos também. Essa menina acredita de verdade nessa bosta que inventam, ou está querendo me sacanear. Uma antiga lembrança vem à tona, uma agulha injetada num dos meus olhos, uma maca de metal frio e uma luz acima da minha cabeça, mas desaparece rapidamente.

– Daniel está morto – respondo. – Eu o deixei para trás há muito tempo.

– Acho que isso foi quando você começou sua farra criminosa nas ruas, há cinco anos. Parece que você se habituou a se dar bem com seus delitos. Começou a baixar a guarda, foi? Você já trabalhou para alguém? Alguém já trabalhou para você? Você já foi afiliado aos Patriotas?

Sacudo a cabeça. Uma pergunta apavorante me vem à cabeça, uma pergunta que tenho muito medo de fazer: *O que foi que ela fez com a Tess?*

– Não. Eles tentaram me recrutar, mas prefiro agir sozinho.

– Como você escapou dos campos de trabalho? Como você acabou aterrorizando Los Angeles, quando devia estar trabalhando para a República?

Então é isso que a República pensa das crianças que não passam na Prova.

– O que interessa? Estou aqui agora.

Desta vez consigo irritar a Menina. Ela chuta minha cadeira para trás, até não poder avançar mais, depois bate minha cabeça na parede. Estrelas me embaçam a visão.

– Vou dizer por que interessa – ela diz, sibilando e com raiva. – Interessa porque, se você não tivesse fugido, meu irmão estaria vivo agora. E quero me certificar de que mais nenhum delinquente safado das ruas enviado para os campos de trabalho fuja do sistema, para que esse cenário jamais se repita.

Rio na cara dela. A dor na minha perna alimenta minha raiva:

– Ah, é *só* com isso que você está preocupada? Com um bando de crianças que se submeteram à Prova e conseguiram escapar da morte? É, suponho que crianças de dez anos de idade sejam um grupo perigoso, não é? Eu afirmo que você está com os fatos distorcidos. Eu não matei seu irmão, mas você matou minha mãe. *Foi você quem colocou aquela arma na cabeça dela!*

A expressão da Menina se endurece, mas subjacente a ela, percebo alguma coisa vacilar, por um momento, e ela parece a garota que conheci nas ruas. Ela se inclina para mim, tão perto que seus lábios tocam minha orelha e sinto seu respirar na minha pele. Um calafrio percorre a minha coluna vertebral. Ela baixa a voz num sussurro que só eu posso ouvir:

– Lamento por sua mãe. Minha comandante tinha me prometido que não machucaria nenhum civil, mas não cumpriu a palavra. Eu... – Sua voz estremece. Ela parece estar se desculpando, como se isso adiantasse. – Eu queria ter impedido o Thomas. Você e eu somos inimigos, não se iluda, mas eu não queria que aquilo acontecesse. – Ela então se apruma e começa a ir embora: – Isso é tudo por enquanto.

– Espere! – Com grande esforço, engulo meu orgulho e pigarreio. A pergunta que eu temia fazer me escapa antes que eu possa me deter: – Ela está viva? Que foi que você fez com ela?

A Menina me olha de relance. A expressão em seu rosto me diz que ela sabe exatamente a quem me refiro: *Tess. Ela está viva?* Eu me preparo para o pior.

Em vez disso, a Menina apenas sacode a cabeça e diz:

– Não sei. Ela não me interessa.

Ela faz um aceno com a cabeça para um dos soldados e ordena:

– Não lhe dê água até o fim do dia, e o transfira para uma cela no fim do corredor. Talvez amanhã de manhã ele esteja menos temperamental.

É esquisito ver o soldado prestar continência a alguém tão jovem.

Ela está mantendo Tess em segredo. Percebo então. Pelo meu bem? Pelo bem de Tess?

A Menina sai, fico sozinho na cela com os soldados. Eles me tiram com força da cadeira, me puxam com força pelo chão e pela porta. Minha perna ferida se arrasta nos azulejos. Não consigo segurar as lágrimas que descem dos meus olhos. A dor me deixa tonto, como se eu estivesse me afogando num lago sem fundo. Os soldados estão me levando por um largo corredor que parece ter dois quilômetros de extensão. Tropas estão em tudo que é lugar, assim como médicos usando óculos protetores e luvas brancas. Devo estar na ala médica, provavelmente por causa da minha perna.

Minha cabeça cai para frente. Já não consigo mantê-la na posição normal. Na mente, vejo a imagem do rosto da minha mãe, encolhida no chão. “Eu não matei”, quero gritar, mas não sai nenhum som da minha boca. A dor na perna ferida me impede.

Pelo menos Tess está a salvo. Tento enviar um alerta mental a ela, dizer que saia da Califórnia e corra para o lugar mais distante possível.

É então que, na metade do corredor, uma coisa me chama a atenção: um pequeno número vermelho, um zero, escrito da mesma forma como os que vi debaixo da varanda da nossa casa e nas margens do lago do nosso setor. É aqui. Viro a cabeça para olhar melhor enquanto passamos pelas portas duplas em que o zero está pintado. As portas não têm janelas, mas no instante em que uma figura mascarada e vestida de branco entra, dou uma olhada para dentro. Não vejo muito mais do que névoas, mas consigo perceber uma coisa dentro de um saco, em cima de uma maca: um corpo. O saco está marcado com um *X* vermelho.

Então as portas deslizam e se fecham, e nós continuamos a andar.

Uma série de imagens começa a passar na minha cabeça. Os números vermelhos. A marca do *X* de três linhas na porta da casa da minha família. As ambulâncias militares que levaram Éden. Os olhos de Éden: grandes e sangrentos.

Querem alguma coisa do meu irmãozinho. Alguma coisa que tem a ver com a doença dele. Visualizo de novo o *X* de três linhas.

E se não foi acidentalmente que Éden pegou a praga? E se não for por acaso que outras pessoas tenham se infectado?



Nessa noite, eu me obrigo a usar um vestido para participar de um baile não planejado, com Thomas me segurando o braço. Esse baile de gala está sendo realizado para celebrar a captura de um perigoso delinquente, e para nos recompensar por ter conseguido fazer que seja julgado. Os soldados se esforçam para agradar, até mantêm as portas abertas para mim quando chegamos. Outros me prestam continência. Grupos de oficiais que conversam sorriem para mim quando passo, meu nome é citado em quase todas as conversas que escuto sem querer. “Essa é a Iparis... Ela parece muito jovem... Só tem quinze anos, meu amigo... O próprio Eleitor está impressionado.” Algumas palavras denotam mais inveja do que outras: “Na verdade, não foi nada demais... Para ser sincero, é a Comandante Jameson que merece o reconhecimento... Ela não passa de uma criança...”

Entretanto, independentemente do tom de voz, sou eu que estou na berlinda.

Tento me orgulhar disso. Chego a dizer a Thomas, enquanto percorremos o magnífico salão de baile, com suas intermináveis mesas de banquete e candelabros, que prender Day preencheu o vácuo que a morte de Metias deixou na minha vida, mas, mesmo quando digo isso, não acredito nas minhas palavras. Tudo aqui me parece errado, tudo a respeito deste salão, como se fosse tudo uma ilusão que se espatifará se eu estender o braço e o tocar.

Eu me sinto mal, como se tivesse feito uma coisa terrível ao trair um garoto que confiou em mim.

– Que bom que você está aliviada – diz Thomas. – Pelo menos Day está servindo para alguma coisa.

O cabelo dele está cuidadosamente penteado para trás, e ele parece mais alto do que normalmente, no seu impecável uniforme franjado de capitão. Ele toca meu braço com uma das mãos enluvadas. Antes do assassinato da mãe de Day, eu teria sorrido para ele, mas agora sinto um calafrio e retiro o braço.

É por causa de Day que fui forçada a usar este vestido, quero dizer, mas, em vez disso, apenas amacio o tecido já liso da minha roupa de baile. Thomas e a Comandante Jameson haviam insistido que eu usasse um vestido bem bonito, mas nenhum dos dois me disse por quê. Jameson apenas fez um gesto de desinteresse com a mão quando perguntei:

– Para variar, Iparis – ela disse –, faça o que mandam e não questione.

Então ela acrescentou algo sobre uma surpresa, o surgimento inesperado de alguém de quem gosto muito.

Por um momento ilógico, pensei que ela talvez se referisse a meu irmão. Que de alguma forma ele havia sido ressuscitado e que eu o veria nessa noite de celebração.

Por enquanto, só permiti que Thomas me conduzisse entre a multidão de generais e aristocratas.

Acabei escolhendo um vestido cor de safira com corpete, revestido de minúsculos brilhantes. Um dos meus ombros está coberto de renda, e o outro, escondido sob um longo trecho de seda. Meu cabelo está liso e solto, o que é um desconforto para quem passa a maioria dos dias de treinamento com o cabelo puxado firmemente para trás. Thomas ocasionalmente me olha, e cora. Mas eu não entendo por que tanta onda. Já usei vestidos mais bonitos, este é muito moderno e assimétrico. Este vestido poderia comprar comida para vários meses para uma garota das favelas.

– A comandante me informou que vão lavrar a sentença de Day amanhã de manhã – diz Thomas um instante depois, quando terminamos de cumprimentar um capitão do setor Esmeralda.

À menção de Jameson, desvio o rosto, sem saber se quero que Thomas observe minha reação. Parece que ele já esqueceu o que aconteceu com a mãe de Day, como se vinte anos tivessem se passado, mas resolvo ser educada, e digo:

– Já?

– Quanto antes, melhor, certo? – A súbita irritação na voz dele me assusta.
– E pensar que você foi obrigada a passar tanto tempo na companhia dele! Fico surpreso por ele não ter te matado enquanto você dormia. Eu estou... – Thomas faz uma pausa, e decide não terminar a frase.

Eu recordo o calor do beijo de Day, a maneira como ele pôs uma atadura no meu ferimento. Desde sua captura, já pensei intrigada sobre isso uma centena de vezes. O Day que matou meu irmão é um criminoso cruel e impiedoso, mas quem é o Day que conheci nas ruas? Quem é esse menino que arriscaria a própria segurança por uma garota que nem conhecia? Quem é o Day que sofre tão profundamente por sua mãe? Seu irmão, John, com aparência quase idêntica à dele, não pareceu má pessoa quando o interroguei na sua cela, barganhando sua vida pela de Day, barganhando dinheiro escondido pela liberdade de Éden. Como é possível que um criminoso tão implacável seja parte dessa família? A lembrança de Day preso à cadeira, padecendo por causa da perna ferida, me deixa zangada e confusa ao mesmo tempo. Eu poderia tê-lo matado ontem. Eu poderia ter carregado a arma com algumas balas, poderia ter disparado o revólver e o matado, então o assunto estaria resolvido, mas deixei a arma sem balas.

– Esses maus elementos de rua são todos iguais – continua Thomas, repetindo o que eu disse a Day na sua cela. – Você soube que o irmão doente de Day, o pequenino, tentou cuspir na Comandante Jameson ontem? Ele queria infectá-la com a praga que o contaminou.

O assunto do irmão mais novo de Day ainda não foi investigado por mim. Eu digo, pausando para olhar para Thomas:

– Me diga uma coisa: o que exatamente a República está querendo com esse menino? Por que o levaram para o laboratório do hospital?

Thomas baixa a voz:

– Não posso dizer. Grande parte da história é confidencial, mas sei que vários generais do *front* vieram vê-lo.

Franzo a testa e pergunto:

– Vieram só para vê-lo?

– Bem, muitos deles estão aqui para uma reunião, mas fizeram questão de ir ao laboratório.

– Por que o *front* estaria interessado no irmãozinho do Day?

Thomas dá de ombros:

– Se for alguma coisa que a gente precise saber, os generais vão nos contar.

Momentos depois, somos interceptados por um grandalhão com uma cicatriz que vai do queixo à orelha. É Chian. Ele dá um enorme sorriso ao nos ver e põe a mão no meu ombro:

– Agente Iparis! Esta noite é a sua noite. Você é uma estrela! Vou lhe dizer, minha cara, todo mundo nos escalões superiores está comentando sobre seu desempenho prodigioso, especialmente sua comandante, ela parece uma mãe coruja. Parabéns por sua promoção a agente e pela ótima recompensa. Duzentas mil Notas devem dar para comprar uma dúzia de vestidos elegantes.

Consigo inclinar a cabeça educadamente e dizer:

– O senhor é muito gentil.

Chian sorri, distorcendo sua cicatriz, e bate palmas com as mãos enluvadas. Seu uniforme tem suficientes insígnias e medalhas para afundá-lo num oceano. Surpreendentemente, uma das insígnias é roxa e dourada, o que quer dizer que Chian já foi herói de guerra, embora eu ache difícil acreditar que ele tenha arriscado a vida para salvar seus companheiros. Também quer dizer que ele sofreu a perda de um membro. Suas mãos estão intactas, então ele deve ter uma prótese na perna. O ângulo sutil em que ele está inclinado me diz que ele favorece a perna esquerda.

– Siga-me, agente Iparis. E o senhor também, capitão – instrui Chian. – Há uma pessoa que quer conhecê-la.

Deve ser a pessoa que a Comandante Jameson mencionou. Thomas me dirige um sorriso dissimulado.

Chian nos conduz pelo corredor do banquete e pelo salão de baile, em direção a uma espessa cortina azul-acinzentada que isola grande parte da sala. Mastros com bandeiras da República estão posicionados em ambos os lados da cortina, e, quando nos aproximamos, vejo que a cortina também tem um pálido desenho da bandeira.

Chian abre a cortina para nós, e a fecha depois que ele entra no recinto.

Há doze poltronas de veludo dispostas em círculo, em cada uma está sentado um oficial com uniforme completo negro, os ombros adornados de reluzentes dragonas douradas, bebendo de delicadas taças. Reconheço alguns deles: são generais do *front*, os mesmos que Thomas mencionou antes. Um deles nos vê e se aproxima, com um jovem oficial atrás, mas quando eles

saem do círculo, o resto do grupo se levanta e faz uma reverência na sua direção.

O oficial mais velho é alto, com cabelo grisalho nas têmporas e um queixo finamente moldado, como se por um cinzel. Sua pele parece cansada e abatida. Ele usa um monóculo com aros dourados sobre o olho direito. Chian está ereto, e quando Thomas solta meu braço, vejo que ele faz a mesma coisa. O homem acena com a mão, então todos ficam em posição de descanso. Só agora eu o reconheço afinal. Ele é diferente em pessoa do que nos seus retratos ou nos telões da cidade, onde a cor de sua pele é muito mais saudável, e não tem rugas. Eu também reconheço alguns dos guarda-costas espalhados entre os oficiais.

Esse senhor é o nosso Primeiro Eleitor.

– Você deve ser a agente Iparis. – Seus lábios sorriem quando ele vê minha expressão atônita, mas seu sorriso não é nada caloroso. Ele agarra minha mão e a aperta firme e rapidamente. – Esses cavalheiros me contam coisas excelentes sobre você. Dizem que é um prodígio e, mais importante, que pôs um dos nossos mais procurados criminosos atrás das grades. Por isso, achei apropriado que eu pessoalmente a cumprimentasse. Se tivéssemos mais jovens patriotas como você, com mentes tão brilhantes quanto a sua, teríamos vencido a guerra contra as Colônias há muito tempo. Concorda? – Ele faz uma pausa para olhar para os outros, e todos murmuram em aprovação. – Eu lhe dou os parabéns, minha cara.

Inclino a cabeça e digo:

– É uma grande honra conhecê-lo, senhor. É um prazer, Eleitor, fazer o que posso por nosso país.

Fico surpresa com a serenidade da minha voz.

O Eleitor faz um gesto para o jovem oficial a seu lado e diz:

– Este é meu filho, Anden. Hoje ele faz vinte anos, por isso eu quis trazê-lo comigo a esta encantadora celebração.

Eu me viro para Anden. Ele se parece muito com o pai, é alto (um metro e noventa), tem aparência refinada, e o cabelo é preto e encaracolado. Como Day, ele tem sangue asiático, mas, diferentemente de Day, seus olhos são verdes, e sua expressão, insegura. Usa luvas de combate Condor, com

revestimento bem trabalhado. Ele é canhoto. As abotoaduras de ouro nas mangas do paletó negro do *smoking* militar têm o brasão do Colorado gravado. O que significa que ele nasceu lá. Está de colete escarlate, com fileira dupla de botões. Ele usa seu posto na aeronáutica em primeiro lugar, ao contrário do pai.

Anden sorri com a minha reverência demorada, faz uma reverência, e pega minha mão. Em vez de apertar minha mão como fez o Eleitor, ele a leva aos lábios e beija o dorso. Fico constrangida porque meu coração está a mil por hora.

– Agente Iparis – ele diz, fixando os olhos em mim por um momento.

– É um prazer – respondo, insegura quanto ao que dizer.

– Meu filho vai concorrer ao cargo de Eleitor no fim da primavera. – O Eleitor sorri para Anden, que se curva. – Animador, você não acha?

– Então, eu desejo a ele muita sorte na eleição, embora esteja certa de que ele não vai precisar dela.

O Eleitor dá um risinho e diz:

– Obrigado, minha cara. Nossa conversa chegou ao fim. Por favor, agente Iparis, divirta-se esta noite. Espero que tenhamos oportunidade de nos rever.

Ele se vira e vai embora. Anden o segue e o Eleitor diz:

– Dispensado.

Chian nos leva para fora da área acortinada e de volta ao salão de baile. Respiro de novo.

01H. SETOR RUBI.

21º EM AMBIENTE FECHADO.

Depois que termina a celebração, Thomas me acompanha de volta ao meu apartamento sem dizer nada. Ele permanece um instante do lado de fora da minha porta.

Eu sou a primeira a quebrar o silêncio:

– Obrigada. Foi divertido.

Thomas concorda com a cabeça e diz:

– É. Nunca antes vi a Comandante Jameson tão orgulhosa de um de seus soldados. Você é a menina de ouro da República.

Em seguida, ele fica em silêncio de novo. Está triste, e de alguma forma eu me sinto responsável.

– Você está bem? – Pergunto.

– Hem? Estou, estou ótimo. – Thomas passa uma das mãos no cabelo liso. Um pouco de gel sai na luva dele. – Eu não sabia que o filho do Eleitor estaria lá.

Vejo uma emoção misteriosa nos olhos dele. Raiva, ciúme? Isso anuvia o seu semblante e lhe dá uma expressão feia.

Deixo pra lá.

– Conhecemos o próprio Eleitor. Dá para acreditar? Acho que foi uma noite vitoriosa. Ainda bem que você e a Comandante Jameson me convenceram a usar um vestido bonito.

Thomas me examina. Ele não parece contente.

– June, tenho querido lhe perguntar... – Ele hesita. – Quando você estava com Day no setor Lake, ele te beijou?

Faço uma pausa. Meu microfone. É assim que ele sabe. Meu microfone deve ter ligado quando nos beijamos, ou talvez eu não o tenha desligado direito. Olho para Thomas e respondo firmemente:

– Beijou.

A mesma emoção volta ao olhar dele.

– Por que ele fez isso?

– Talvez ele tenha me achado atraente, porém, o mais provável, seja porque ele bebeu um vinho ordinário, e eu também. Eu não queria comprometer a missão depois de ter chegado tão longe.

Ficamos em silêncio um momento. Então, antes que eu possa protestar, uma das mãos enluvadas de Thomas roça meu queixo enquanto ele se debruça para me beijar nos lábios.

Eu me afasto antes que sua boca toque a minha, mas agora ele passa a mão na minha nuca. Fico surpresa com a repulsa que sinto. Tudo que vejo à minha frente é um homem com sangue nas mãos.

Thomas me olha demoradamente, depois me solta e recua. O descontentamento está estampado nos seus olhos.

– Boa noite, Srta. Iparis.

Ele sai apressadamente pelo corredor antes que eu possa responder. Engulo em seco. Certamente não posso me encrencar por cumprir o que se espera de mim quando estou em missão na rua, mas não é preciso ser gênio para ver que Thomas ficou aborrecido. Eu me pergunto se ele vai fazer alguma coisa com essa informação.

Eu o vejo desaparecer, abro a porta e lentamente entro em casa.

Ollie me cumprimenta com entusiasmo. Eu o acarinho, solto-o na área dos fundos, tiro o vestido assimétrico e entro no chuveiro. Quando acabo, visto uma jaqueta preta e uma bermuda.

Tento em vão dormir. Muita coisa aconteceu hoje: o interrogatório de Day, conhecer o Primeiro Eleitor e seu filho, e depois o ato de Thomas. A cena do crime de Metias volta a meus pensamentos, mas, enquanto a relembro, vejo o rosto dele se transformar no da mãe de Day. Esfrego os olhos, pesados de exaustão. Minha cabeça gira com tantas informações, tentando processar todas e me confundindo às vezes. Tento imaginar meus pensamentos como blocos de dados organizados em caixinhas arrumadas, todas claramente etiquetadas. Contudo, o padrão não faz sentido esta noite e estou muito cansada para raciocinar logicamente. O apartamento está vazio e esquisito. Quase sinto falta das ruas do Lake. Meus olhos vagueiam para uma pequena cômoda debaixo da minha mesa de trabalho, cheia das 200 mil Notas que recebi por capturar Day. Sei que devia pôr o dinheiro num lugar mais seguro, porém não consigo tocar nele. Depois de um tempo, salto da cama, encho um copo d'água e vou até o meu computador. Já que não vou dormir, posso muito bem continuar a pesquisar os antecedentes de Day e as provas contra ele.

Passo o dedo no monitor, bebo um gole de água, depois entro com minha senha para acessar a internet. Abro os arquivos que a Comandante Jameson me mandou. Estão cheios de documentos, fotos e matérias de jornais escaneadas. Toda vez que examino coisas assim, escuto mentalmente a voz de Metias: “Parte da nossa tecnologia já foi melhor. Antes das inundações, antes que milhares de bancos de dados fossem eliminados”. Ele suspirava com ironia,

depois piscava para mim e dizia: “Legal eu ter escrito minhas informações à mão, hem?”

Analiso os documentos que já li antes, e logo começo com os documentos novos. Minha mente separa os detalhes:

NOME:	DANIEL ALTAN WING
IDADE/SEXO:	15/ M. ANTES ETIQUETADO COMO FALECIDO AOS 10 ANOS
ALTURA:	1,78
PESO:	66,40
TIPO SANGUÍNEO:	o
CABELO:	MUITO LOURO, COMPRIDO
OLHOS:	AZUIS-CLAROS
PELE:	MORENA CLARA
ETNIA PREDOMINANTE:	MONGOL

Interessante. É uma alta proporção, para o que no ensino elementar nos ensinaram ser um país extinto.

ETNIA SECUNDÁRIA:	CAUCASIANA
SETOR:	LAKE
PAI:	TAYLOR ARSLAN WING. FALECIDO
MÃE:	GRACE WING. FALECIDA

Minha mente faz uma pequena pausa. Mais uma vez visualizo a mulher caída na rua em cima do próprio sangue, mas rapidamente me livro da imagem.

IRMÃOS:	JOHN SUREN WING, 19 ANOS/ SEXO MASCULINO ÉDEN BATAAR WING, 9 ANOS/ SEXO MASCULINO
---------	--

Seguem-se páginas e páginas de documentos detalhando os delitos de Day. Tento examiná-los o mais rapidamente que posso, mas não posso evitar de me deter no último:

CASOS FATAIS:	CAPITÃO METIAS IPARIS
---------------	-----------------------

Fecho os olhos. Ollie geme a meus pés, como se soubesse o que estou lendo, depois encosta o focinho na minha perna. Distraidamente, acaricio-lhe a cabeça.

“Eu não matei seu irmão.” Foi isso que ele me disse. “Mas foi você quem colocou aquela arma na cabeça da minha mãe.”

Eu me obrigo a passar para outro documento. De qualquer forma, já memorizei o relatório do crime do começo ao fim.

Sou atraída então por alguma coisa. Sento mais ereta. O documento à minha frente mostra a contagem da Prova de Day. É um papel escaneado, com um gigantesco carimbo vermelho, muito diferente do carimbo azul que vi na minha Prova.

DANIEL ALTAN WING

CONTAGEM: 674/1500

REPROVADO

Algo sobre esse número me incomoda: 674? Nunca soube de alguém com uma contagem tão baixa. Um garoto que conheci no ensino elementar falhou, mas sua contagem foi quase 1.000. A maioria das contagens dos que são reprovados fica entre 825 e 890, nunca menos de 800. E essas são alcançadas pelas crianças que se espera que sejam reprovadas, as que não prestam atenção, ou não têm capacidade.

Mas 674?

– Ele é inteligente demais para isso – digo baixinho.

Volto a ler o relatório, caso eu tenha perdido algum detalhe, mas o número continua lá. Impossível. Day é bem articulado e racional, e sabe ler e escrever. Ele deveria ter passado na entrevista da Prova. É a pessoa mais ágil que já conheci, deveria ter tirado o grau máximo nos testes físicos. Tendo contagens elevadas nessas áreas, teria sido impossível para ele marcar menos de 850 pontos, o que ainda o reprovava, mas seria mais do que 674. E ele só teria feito 850 pontos se tivesse deixado toda a parte discursiva em branco.

Penso então: “*a Comandante Jameson não vai ficar satisfeita comigo*”. Abro uma ferramenta de busca e aponto para uma URL confidencial.

As contagens finais da Prova são de conhecimento comum, mas os reais documentos da Prova nunca são revelados, nem mesmo aos investigadores criminais. Mas meu irmão era o Metias, e nós nunca tivemos problema em ter acesso aos bancos de dados da Prova, graças aos conhecimentos dele. Fecho os olhos, relembrando o que ele me ensinou.

“Determine o Sistema Operacional, e consiga *privilégios de root* [5]. Veja se consegue alcançar o sistema remoto. Conheça seu alvo e proteja a segurança de sua máquina.”

Encontro uma porta aberta no sistema depois de uma hora escaneando, e então assumo os privilégios da administração. O *site* apita um som de *bip* uma vez, antes de mostrar uma única barra de busca. Silenciosamente, digito o nome de Day no meu computador.

DANIEL ALTAN WING.

Aparece a página da frente do documento da sua Prova. A contagem ainda indica 674/1500. Vou então para a página seguinte, com as respostas de Day. Algumas das perguntas são de múltipla escolha, ao passo que outras requerem várias frases como resposta. Examino todas as 32 páginas antes de confirmar algo muito estranho.

Não há marcas vermelhas. Na verdade, todas as respostas dele estão intocadas. Sua Prova parece tão correta quanto a minha.

Volto à primeira página. Depois leio cada resposta com o maior cuidado e a respondo mentalmente. Levo uma hora para respondê-las todas.

Todas as respostas são iguais às minhas.

Quando chego ao fim desse documento da Prova, vejo as contagens separadas para as seções de entrevista e as físicas. Ambas estão perfeitas. A única coisa estranha é uma breve anotação junto à contagem da entrevista dele: “Atenção”.

Day não foi reprovado na sua Prova. Não chegou nem perto disso. Na realidade, ele alcançou a mesma contagem que eu: 1500/1500. Não sou mais o único prodígio da República que tem uma contagem perfeita.

DAY

– Levanta. *Tá* na hora.

O cabo de um rifle me cutuca as costelas. Sou arrancado de um sonho agitado: minha mãe me levando para o curso elementar, depois as íris sangrentas de Éden, e o número vermelho na nossa porta. Dois pares de mãos me põem de pé com violência antes que eu possa ver adequadamente, grito quando minha perna contundida tenta suportar parte do meu peso. Não achei que fosse possível a perna doer mais do que ontem, mas é isso que está acontecendo. Lágrimas caem dos meus olhos. Quando minha visão melhora, vejo que minha perna está inchada sob as ataduras. Tenho vontade de gritar novamente, mas minha boca está seca demais.

Os soldados me puxam para fora da cela. A comandante que tinha me visitado na véspera está esperando por nós no corredor e, ao me ver, sorri e diz:

– Bom-dia, Day. Como vai?

Não respondo. Um dos soldados para e presta uma continência rápida à comandante.

– Comandante Jameson – ele pergunta –, a senhora está pronta para levá-lo para receber a sentença?

A comandante concorda com a cabeça e diz:

– Sigam-me e, por favor, ponham uma mordaca nele, se não se importam. Não queremos que ele fique berrando obscenidades o tempo todo, não é?

O soldado presta continência novamente, e logo enfia um pano na minha boca.

Vamos caminhando pelos compridos corredores. Passamos mais uma vez pelas portas duplas com o número vermelho, depois por várias portas

fortemente vigiadas, e outras com painéis de vidro espesso. Minha mente está num turbilhão. Preciso de uma forma de confirmar meu palpite, uma forma de falar com alguém. Estou fraco por causa da desidratação, a dor me deixa o estômago embrulhado.

De vez em quando, vejo uma pessoa dentro de uma das salas com painéis envidraçados, algemada a uma parede e gritando. Por seus uniformes rasgados, deduzo que são prisioneiros de guerra das Colônias. *E se John estiver em uma dessas salas? Que vão fazer com ele?*

Após um tempo que parece uma eternidade, entramos num enorme corredor principal, de pé-direito alto. Do lado de fora, uma multidão entoia um cântico, mas não consigo distinguir as palavras. Soldados se enfileiram junto às portas que levam à frente do prédio.

E então os soldados se dividem. Estamos do lado de fora. A claridade do dia me cega, e ouço os gritos de centenas de pessoas. A Comandante Jameson ergue uma das mãos e se vira para a direita, então os soldados me arrastam para uma plataforma. Consigo agora ver finalmente onde estou: em frente a um edifício no centro de Batalla, o setor militar de Los Angeles. Uma enorme multidão está presente para me ver, e é contida e patrulhada por um pelotão, quase igualmente tão numeroso, de soldados empunhando armas. Eu não tinha ideia de que tantas pessoas se importavam o bastante para me ver em pessoa hoje. Levanto a cabeça o mais alto que posso e vejo os telões embutidos nos prédios ao redor. Todos eles têm um close do meu rosto, acompanhado por manchetes frenéticas de notícias como estas:

PRESO O NOTÓRIO CRIMINOSO CONHECIDO COMO DAY.
ELE DEVERÁ RECEBER SUA SENTENÇA HOJE,
DO LADO DE FORA DO BATALLA HALL

FINALMENTE CAPTURADA A PERIGOSA AMEAÇA
À SOCIEDADE

ADOLESCENTE BANDIDO CONHECIDO COMO DAY

AFIRMA AGIR SOZINHO, SEM LIGAÇÃO
COM OS PATRIOTAS

Olho fixamente para meu rosto nos telões. Estou machucado, sangrando e apático. Uma linha vívida de sangue mancha um trecho grosso do meu cabelo, que adquire um tom vermelho-escuro. Meu couro cabeludo deve estar com um corte.

Por um momento fico contente por minha mãe não estar viva para me ver assim.

Os soldados me empurram para um bloco elevado de cimento no centro da plataforma. À minha direita, um juiz com toga vermelha e botões de ouro espera atrás de um pódio. A Comandante Jameson está a seu lado, e à sua direita está a Menina. Ela está usando seu uniforme completo de novo, austera e alerta. Sua face impassível está virada para a multidão, mas uma vez, apenas uma vez, ela se vira e olha para mim, antes de rapidamente desviar a vista.

– Ordem! Por favor, ordem na multidão! – Soa a voz do juiz pelos altofalantes dos telões, mas o povo continua a gritar e os soldados empurram as pessoas para trás. Toda a fila da frente está ocupada por repórteres, com suas câmeras e microfones dirigidos para mim.

Finalmente, um dos soldados grita uma ordem. Eu o olho. É o jovem capitão que atirou na minha mãe. Seus soldados disparam vários tiros para o alto. Isso acalma a multidão. O juiz espera alguns segundos para garantir que o silêncio se mantenha, depois endireita os óculos.

– Obrigado pela cooperação – ele começa a dizer. – Sei que está fazendo muito calor esta manhã, por isso a sentença será rápida. Como os senhores podem ver, nossos soldados estão presentes e servem para lhes recordar que devem se manter calmos durante estes procedimentos. Permitam-me começar com o anúncio oficial de que no dia 21 de dezembro, às 8h36m da manhã, horário padrão da Costa Oeste, o delinquente de quinze anos conhecido como Day foi preso e posto sob custódia militar.

Ouvem-se vários *vivas*. Embora eu esperasse por isso, ouço também algo que me surpreende, muitas pessoas da multidão vão, e não estão com os punhos no ar. Alguns dos que protestam mais alto são abordados pela polícia, algemados e arrastados do local.

Um dos soldados que me seguram me golpeia nas costas com seu rifle. Caio de joelhos. No instante em que minha perna ferida atinge o cimento, grito o mais alto que posso. O som é abafado pela mordaça. A dor me atormenta, minha perna inchada estremece com o impacto, e sinto um jorro de sangue fresco nas ataduras. Quase caio, mas os soldados me levantam. Quando olho para a Menina, vejo que ela vacila ao me olhar, e concentra os olhos no chão.

O juiz ignora o tumulto. Começa a listar meus crimes, depois conclui:

– Em vista dos delitos do réu e, em especial, de suas ofensas contra a gloriosa nação da República, a alta corte da Califórnia recomenda o seguinte veredicto: Day é, como resultado do exposto, condenado à morte...

A multidão se manifesta de novo. Os soldados seguram as pessoas.

– ... por um pelotão de fuzilamento, ato a ser realizado quatro dias depois desta data, no dia 27 de dezembro às 18 horas, horário padrão da Costa Oeste, em local não revelado...

Quatro dias! Como vou poder salvar meus irmãos antes disso? Levanto a cabeça e olho fixamente para a multidão.

– ... a ser transmitido ao vivo para a cidade. Incentivam-se os cidadãos a permanecerem vigilantes para alguma possível atividade criminosa que possa ocorrer antes e depois de tal acontecimento...

Vão fazer de mim um exemplo.

– ... e a relatarem imediatamente qualquer atividade suspeita aos guardas municipais ou à sede da polícia mais próxima dos senhores. Isso conclui oficialmente nossa sentença.

O juiz se apruma e sai do pódio. A multidão continua a se empurrar contra os soldados. Eles estão gritando, dando vivas, vaiando. Sinto que

estou sendo arrastado de novo para ser colocado de pé. Antes que eles possam me empurrar para dentro do Batalla Hall, vejo pela última vez que a Menina me olha fixamente. Sua expressão parece impassível, mas, subjacente a ela, alguma coisa hesita. É a mesma emoção que vi em seu rosto antes de ela saber a minha verdadeira identidade. Depois de um instante, essa emoção desaparece. Penso então: *Eu preciso te odiar pelo que você fez*, mas seus olhos permanecem em mim, de uma forma que se recusam a me deixar.

Depois da sentença, a Comandante Jameson não permite que seus soldados me levem de volta à minha cela. Em vez disso, entramos num elevador sustentado por enormes rodas dentadas e correntes, e subimos um nível, depois outro, depois mais outro. O elevador nos leva ao telhado do Batalla Hall, a doze andares de altura, onde as sombras dos prédios que nos cercam não nos protegem do sol.

A Comandante Jameson conduz os soldados para um pátio circular e liso, no alto do edifício, um terraço com o emblema da República gravado e pesadas correntes presas em volta. A Menina nos leva até a parte traseira. Sinto o olhar dela nas minhas costas. Quando chegamos ao centro do círculo, os soldados me forçam a ficar de pé enquanto unem minhas mãos algemadas e os pés às correntes.

– Ele deve ficar aqui por dois dias – diz a Comandante Jameson. – O sol já enevoou minha visão, o mundo parece banhado por uma neblina brilhante. Os soldados me soltam. Despenco no chão, e as correntes fazem barulho quando me arrasto.

– Agente Iparis, você fica encarregada de tomar conta dele. Verifique de vez em quando e garanta que ele não morra antes da data de sua execução.

A voz da Menina diz, em tom alto:

– Sim, senhora.

– Ele pode tomar um copo d'água por dia, e comer uma vez diariamente. A comandante sorri, enquanto aperta as luvas. – Se quiser, seja

criativa ao dar as coisas a ele. Aposto que você pode fazer que ele implore por elas.

– Sim, senhora.

– Ótimo.

A Comandante Jameson se dirige a mim pela última vez:

– Parece que finalmente você está se comportando. Antes tarde do que nunca.

Ela então vai embora e desaparece no elevador com a Menina, deixando o resto dos soldados para me vigiar.

A tarde está silenciosa.

Ganho e perco a consciência. Minha perna machucada lateja segundo os batimentos do meu coração, às vezes depressa, às vezes lentamente, e às vezes tão forte que acho que vou desmaiar. Minha boca racha cada vez que eu a movimento. Tento pensar em onde poderá estar o Éden: no laboratório do Hospital Central, numa divisão médica do Batalla Hall, ou mesmo num trem rumo ao *front*. Estou certo de que vão mantê-lo vivo. A República não vai matá-lo até que a praga o faça.

E o John? Só posso tentar adivinhar o que fizeram com ele. Podem conservá-lo vivo, caso queiram extrair mais informações sobre mim. Talvez nós dois sejamos executados ao mesmo tempo. Ou talvez ele já esteja morto. Uma nova dor me apunhala o peito. Penso no dia em que fiz a Prova, quando John foi me pegar e me viu ser levado num trem, com outros garotos que tinham sido reprovados. Depois que fugi do laboratório e adquiri o hábito de tomar conta da minha família à distância, ocasionalmente via John sentado à mesa de jantar com a cabeça entre as mãos, soluçando. Ele nunca disse em voz alta, mas acho que ele se culpa pelo que me aconteceu. Pensa que devia ter me protegido mais. Ou me ajudado a estudar mais. Alguma coisa, *qualquer coisa*.

Se eu conseguir fugir, ainda terei tempo de salvá-los. Ainda posso usar minhas armas. E tenho uma perna que está legal. Eu ainda poderia fazer isso... se soubesse onde eles estão.

O mundo aparece e desaparece. Minha cabeça bate no pátio de cimento, meus braços estão imobilizados pelas correntes. Lembranças do dia da Prova me passam rapidamente pela cabeça.

O estádio. As outras crianças. Os soldados vigiando todas as entradas e saídas. As faixas de veludo que nos mantinham separados das crianças de famílias ricas.

A prova física. O exame escrito. A entrevista.

A entrevista, principalmente. Lembro da banca que me questionou, um grupo de seis psiquiatras, e do oficial que os chefiou, um tal de Chian, que tinha um uniforme enfeitado com medalhas. Ele fez a maioria das perguntas. “Qual é o juramento de fidelidade à República? Bom, muito bom. Diz aqui em seu boletim escolar que você gosta de história. Em que ano se formou oficialmente a República? O que você gosta de fazer no colégio? Ler... isso é muito bom. Um professor certa vez informou que você foi furtivamente a uma área restrita da biblioteca, procurando por antigos textos militares. Pode me dizer por que fez isso? Qual sua opinião sobre nosso ilustre Primeiro Eleitor? Sim, ele é realmente um bom homem e um grande líder. Mas você está enganado ao chamá-lo dessas coisas, meu menino. Ele não é um homem como você e eu. A forma correta de se referir a ele é *nosso glorioso pai*. Sim, aceito suas desculpas.”

As perguntas dele não acabavam, foram várias dezenas, cada qual mais alucinante que a outra, até que eu já nem tinha certeza de por que respondi como respondi. Chian escreveu anotações no meu relatório da entrevista o tempo todo, enquanto um de seus assistentes gravava a sessão com um minúsculo microfone.

Achei que tinha me saído bem. Pelo menos, tive o cuidado de dizer coisas que eu julguei que fossem agradar.

Mas então ele me colocou num trem, e o trem nos levou ao laboratório.

A lembrança me faz tremer, mesmo enquanto o sol continua causticante, assando minha pele até doer. *Preciso salvar o Éden*, digo a mim mesmo sem parar. Daqui a um mês Éden faz dez anos. Quando ele se recuperar da praga, vai ter de se submeter à Prova.

Minha perna machucada parece que vai explodir com as ataduras e inchar até ficar do tamanho do terraço.

As horas se passam. Perco a noção do tempo. Os soldados se revezam em seus turnos. O sol muda de posição.

Então, quando o sol piedosamente começa a se enfraquecer, vejo alguém surgir do elevador e caminhar na minha direção.



Eu mal reconheço Day, embora apenas sete horas tenham se passado desde que ele recebeu sua sentença. Ele está encolhido no centro do emblema da República. Sua pele está mais escura, seu cabelo está completamente encharcado de suor. Ainda se vê sangue seco agarrado a uma longa mecha de cabelo, como se ele tivesse escolhido tingi-lo: está quase preto agora. Ele vira a cabeça na minha direção quando eu me aproximo. Entretanto, não sei bem se consegue me ver, porque o sol ainda não se pôs completamente e provavelmente está ofuscando sua vista.

Mais um prodígio, e não apenas mediano. Já conheci outros prodígios antes, mas certamente nunca um que a República tenha decidido manter escondido. Especialmente um prodígio com uma contagem perfeita.

Um dos soldados em volta do círculo me presta continência. Ele está suado, e seu capacete leve não protege sua pele do sol.

– Agente Iparis – ele diz. (Seu sotaque é do setor Ruby, e a fileira de botões do seu uniforme está bem polida. Ele presta atenção aos detalhes.)

Olho de relance para os demais soldados antes de voltar a olhar para ele:

– Todos vocês estão dispensados por enquanto. Mandê seus homens beberem água e fiquem à sombra. E envie um recado para que seus substitutos cheguem cedo.

– Sim, senhora.

O soldado bate os calcanhares antes de mandar os outros se dispersarem.

Quando eles saem do telhado e fico sozinha com Day, tiro a capa e me ajoelho para ver melhor seu rosto. Ele estreita os olhos para me ver, mas permanece calado. Seus lábios encontram-se tão rachados que um pouquinho de sangue gotejou até o queixo. Ele está debilitado demais para falar. Olho para sua perna ferida. Está muito pior do que de manhã, o que

não é surpreendente, está inchada duas vezes mais do que o tamanho normal. Uma infecção deve ter se instalado. Sangue goteja das beiras da atadura.

Distraidamente, toco a ferida à faca no meu corpo. Já não dói tanto quanto antes.

“Vamos precisar ter essa perna examinada.” Suspiro, e retiro o cantil do meu cinto.

– Tome. Beba água. Não estou autorizada a deixar você morrer ainda.

Pingo água nos lábios dele. Ele estremece a princípio, mas depois abre a boca e deixa que eu despeje um pouco de água. Espero enquanto ele engole, demoradamente, e depois deixo que beba mais ainda.

– Obrigado – ele murmura, então dá uma risadinha seca. – Acho que você já pode ir agora.

Eu o analiso um instante. Sua pele está queimada e o rosto, ensopado de suor, mas os olhos continuam brilhantes, embora um pouco fora de foco. De repente me lembro do primeiro momento em que o vi. Era poeira em todos os lugares, mas, mesmo com ela, surgia esse garoto lindo, com os olhos mais azuis que já vi, estendendo sua mão para me ajudar a me levantar.

– Onde estão meus irmãos? – Ele murmura. – Os dois estão vivos?

Aceno com a cabeça e respondo:

– Estão.

– E a Tess está a salvo? Ninguém a prendeu?

– Não que eu saiba.

– Que estão fazendo com o Éden?

Reflito no que Thomas me disse: que os generais do *front* vieram ver o menino.

– Não sei.

Day vira a cabeça e fecha os olhos. Ele se concentra em respirar, e logo murmura:

– Bem, não mate meus irmãos. Eles não fizeram nada... e Éden... não é uma cobaia. – Ele se cala por um instante. – Eu nunca soube seu nome. Acho que isso agora não é nada demais, certo? Você já sabe o meu.

Eu o olho fixamente e respondo:

– Meu nome é June Iparis.

– June – sussurra Day. Sinto um calor estranho ao ouvir meu nome dito pelos lábios dele. Ele se vira e me encara: – June, lamento a morte do seu irmão. Eu não sabia que alguma coisa aconteceria com ele.

Sou treinada para não acreditar na palavra de um prisioneiro: sei que todos eles mentem e que dizem qualquer coisa para tornar seu captor vulnerável. Mas esse garoto soa diferente. Não sei como, mas ele parece muito sincero, muito sério. E se estiver me contando a verdade? E se alguma outra coisa aconteceu com Metias naquela noite? Respiro profundamente, e me obrigo a olhar para baixo. Digo a mim mesma: *A lógica acima de tudo. A lógica sempre salva, quando nada mais salva.*

– Ei! – Lembro de uma coisa agora. – Abra os olhos de novo e olhe para mim.

Ele faz o que mando. Eu me debruço para analisá-lo. Sim, ainda continua lá, aquela pequena e estranha manchinha num dos seus olhos, uma pequena ondulação numa íris da cor do oceano.

– Como você conseguiu essa coisinha em seu olho? – Aponto para meus próprios olhos. – Essa imperfeição?

Alguma coisa pareceu engraçada, porque Day dá uma risada antes de ser acometido por um acesso de tosse:

– Essa *imperfeição* foi um presente da República.

– Como assim?

Ele hesita. Percebo que está com problema para formular seus pensamentos:

– É que eu já estive antes no laboratório do Hospital Central. Na noite em que fiz a Prova. – Ele tenta levantar uma das mãos para apontar para o

olho, mas as correntes se juntam e arrastam seu braço para baixo. – Eles injetaram uma coisa no olho.

Franzo a testa e pergunto:

– Na noite do seu décimo aniversário? O que você estava fazendo no laboratório? Você devia estar a caminho dos campos de trabalho.

Day sorri como se estivesse quase dormindo:

– Pensei que você fosse inteligente...

Aparentemente o sol não cozinhou sua atitude atrevida.

– E o ferimento antigo do seu joelho?

– A sua República também me ofereceu isso. Na mesma noite em que me ofereceu a *imperfeição* do meu olho.

– Por que a República te causaria esses ferimentos, Day? Por que eles iam querer danificar alguém que atingiu a contagem máxima de 1.500 na Prova?

Isso chama a atenção dele:

– Que é que você está dizendo? Fui reprovado na Prova.

Ele não estava sabendo. Evidente que não saberia. Baixo minha voz e murmuro:

– Não, não foi. Você conseguiu a pontuação máxima.

– Isso é alguma pegadinha? – Day mexe a perna ferida e fica tenso de tanta dor. – Pontuação máxima... sei... Não conheço ninguém que tenha feito 1.500 pontos.

Cruzo os braços e digo:

– Eu fiz.

Ele ergue a sobrancelha e me olha:

– Você fez? É você o tal prodígio com a contagem perfeita?

– Sou – faço um gesto com a cabeça para ele. – E, pelo visto, você também é.

Day revira os olhos e desvia o olhar:

– Isso é ridículo!

Dou de ombros e falo:

– Acredite se quiser.

– Não faz sentido. Eu não devia ter seu cargo? Não é esse o objetivo da sua preciosa Prova? – Day parece querer parar, hesita, mas depois continua:

– Injetaram um troço num dos meus olhos que ardia como a picada de uma vespa. Também cortaram meu joelho, com um bisturi. Depois me obrigaram a tomar um remédio, e quando me dei conta, estava deitado num porão do hospital com uma porção de cadáveres. Mas eu não estava morto. – Ele ri de novo, e sua voz soa muito fraca. – Aniversário maneiro!

Eles o usaram como cobaia, provavelmente para uso militar. Estou certa disso agora, e esse pensamento me enoja. Estavam tirando minúsculas amostras de tecido do joelho dele, bem como de seu coração e de seu olho. Do joelho, eles devem ter querido estudar suas incomuns habilidades físicas, sua velocidade e agilidade. Do olho, talvez não tenha sido uma injeção e sim uma extração, algo para testar por que sua visão era tão apurada. Seu coração, deram a ele algum remédio para ver a quanto diminuiriam seus batimentos cardíacos, e devem ter ficado decepcionados quando o coração dele parou temporariamente. Foi aí que pensaram que estava morto. O raciocínio subjacente a isso tudo é claro: queriam desenvolver as amostras de tecido em alguma coisa, não sei o quê: pílulas, lentes de contato, algo que aperfeiçoasse nossos soldados e os fizesse correr mais velozmente, ver melhor, pensar de modo mais inteligente, ou resistir a situações mais difíceis.

Tudo isso me passa rapidamente pela cabeça, em um minuto, antes que eu possa impedir. De maneira nenhuma. Isso não está de acordo com os valores da República. Por que desperdiçar um prodígio assim?

A não ser que tenham percebido algo perigoso nele. Uma personalidade desafiadora, o mesmo espírito rebelde que ele tem agora. Alguma coisa que os fez pensar que seria mais arriscado instruí-lo do que sacrificar suas possíveis contribuições à sociedade. No ano passado 38 crianças pontuaram acima de 1.400.

Talvez a República desejasse que esse menino desaparecesse.

Mas Day não é apenas um prodígio qualquer. Ele tem uma contagem perfeita. O que deixou os militares tão nervosos?

– Posso te fazer uma pergunta agora? – Day pergunta. – Chegou a minha vez?

– Chegou. – Olho para o elevador, de onde chega agora um novo revezamento de guardas. Levanto uma das mãos e mando que fiquem onde estão. – Você pode perguntar.

– Quero saber por que levaram o Éden. A praga. Sei que vocês, que têm grana, recebem tudo de bandeja: novas vacinas contra a praga todos os anos, e seja lá do que precisem. Mas você não se perguntou... nunca se perguntou por que essa doença nunca vai embora? Nem por que volta periodicamente?

Meus olhos se fixam nele:

– O que você está tentando dizer?

Day consegue focalizar os olhos em mim.

– O que eu estou *tentando* dizer? Ontem, quando me arrastaram para fora da minha cela, vi um *zero* vermelho gravado em algumas portas duplas no Batalla Hall. Vi números assim no Lake também. Por que eles aparecem nos setores pobres? O que estão fazendo lá? O que estão despejando nos setores?

Estreito meus olhos e pergunto:

– Você acha que a República está envenenando as pessoas *de propósito*? Day, você está pisando em território minado.

Mas Day não para. Pelo contrário, sua voz assume um tom mais urgente:

– É para isso que eles queriam o Éden, não é? – Ele sussurra. – Para ver os resultados do vírus mutante da praga que eles criaram, certo? Qual seria o outro motivo?

– Querem impedir a nova doença que ele está espalhando.

Day ri, mas volta a tossir:

– Não. Eles estão usando meu irmão, estão usando meu irmão. – Sua voz baixa de tom. – Estão usando meu irmão.

Seus olhos ficam pesados. O esforço de falar o exauriu.

– Você está delirando – respondo. Mas enquanto o toque de Thomas me cause repulsa, não sinto isso em relação a Day, embora eu *devesse*. Mas simplesmente não consigo ter nojo dele. – Uma mentira dessas é uma traição contra a República. Além disso, por que o Congresso autorizaria uma coisa dessas?

Day não tira os olhos de mim, e logo quando penso que ele perdeu a força para responder, sua voz soa ainda mais insistente:

– Pense sobre o assunto desta forma: como eles sabem que vacinas aplicar em vocês todos os anos? Elas *sempre* dão certo. Você não acha estranho que eles façam vacinas que combinam com todas as novas pragas que surgem? Como podem prever de que vacinas vão precisar?

Eu titubeio. Jamais questionei as vacinas anuais que as autoridades exigem de nós, nunca tive razão para duvidar de sua necessidade. E por que eu deveria? *Meu pai trabalhava atrás dessas portas duplas e dava duro para encontrar novas maneiras de combater a praga.* Não, não consigo mais escutar o que Day está sugerindo. Tiro a capa do chão e a enfio debaixo do braço.

– Mais uma coisinha – sussurra Day quando me levanto. Olho de volta para ele; seus olhos ardem em mim. – Você acha que vamos para campos de trabalho se somos reprovados na Prova? June, os únicos campos de trabalho são os necrotérios nos porões dos hospitais.

Não me atrevo a demorar mais. Eu me afasto da plataforma e de Day, mas meu coração parece que vai explodir no peito. Os soldados esperando ao lado do elevador ficam ainda mais eretos quando me aproximo. Consigo fazer que meu rosto expresse pura irritação.

– Tire as correntes dele – ordeno a um dos soldados. – Leve-o para a ala do hospital e mande que consertem a perna dele, e que deem a ele comida e água, porque senão ele não vai passar desta noite.

O soldado me faz continência, mas nem olho para ele antes de fechar a porta do elevador.

DAY

Volto a ter pesadelos. Desta vez, com Tess.

Estou correndo nas ruas do Lake. À minha frente, Tess também está correndo, mas não sabe onde estou. Ela vira para a esquerda e a direita, desesperada para ver meu rosto, mas só encontra desconhecidos e guardas municipais e soldados. Grito o nome dela, mas minhas pernas mal conseguem se mexer, como se eu estivesse caminhando com dificuldade no lodo.

“Tess!” Grito. “Estou aqui, bem atrás de você!”

Ela não consegue me ouvir. Olho impotente quando ela esbarra num soldado, e quando ela tenta escapar dele, ele a agarra e a atira no chão. Grito alguma coisa. O soldado empunha a arma e a aponta para Tess. Então eu vejo que não é Tess, que é minha mãe, caída numa poça de sangue. Tento correr até ela, mas, em vez disso, eu me escondo atrás de uma chaminé num telhado, agachado como um covarde. É culpa minha ela estar morta.

Então de repente estou de volta ao laboratório do hospital, os médicos e as enfermeiras me rodeiam. Aperto os olhos sob a luz ofuscante. A dor repuxa minha perna. Estão abrindo meu joelho de novo, puxando minha carne para revelar os ossos, raspando-a com seus bisturis. Curvo as costas e grito. Uma das enfermeiras tenta me conter. Meu braço se debate, e derruba uma bandeja em algum lugar.

– Fica quieto! Droga, menino, não vou machucá-lo.

Demoro um minuto para acordar. A cena enevoada do hospital muda, então me dou conta de que estou olhando fixamente para uma luz fluorescente, e que um médico está me olhando. Ele usa óculos de proteção e máscara. Grito e tento me sentar reto, mas estou preso a uma mesa de operação por um par de cintos.

O médico suspira e abaixa a máscara, dizendo:

– Que absurdo! Eu tendo de pôr ataduras num criminoso, quando eu podia estar ajudando soldados do *front*.

Olho em volta, confuso. Guardas se enfileiram contra as paredes desta sala de hospital. Uma enfermeira está limpando equipamentos ensanguentados na pia.

– Onde estou?

O médico me olha, impaciente:

– Você está na ala hospitalar do Batalla Hall. A agente Iparis me ordenou que cuidasse de sua perna. Parece que não temos permissão para deixar você morrer antes de sua execução formal.

Levanto a cabeça ao máximo, e olho para minha perna. Ataduras limpas cobrem o ferimento. Quando tento mexer a perna um pouquinho, noto com surpresa que a dor diminuiu muito. Olho de relance para o médico e pergunto:

– O que foi que o senhor fez?

Ele apenas encolhe os ombros, tira as luvas e começa a lavar as mãos em uma das pias:

– Dei um jeito. Você vai poder ficar de pé em sua execução. – Ele faz uma pausa e diz: – Não sei se você queria ouvir isso.

Eu desabo de novo na maca e fecho os olhos. A pouca dor na minha perna me alivia tanto que tento saboreá-la, mas trechos do meu pesadelo permanecem na minha cabeça, recentes demais para serem eliminados. Onde estará Tess? Será que ela consegue se sair bem sem ninguém lá para cuidar dela? Ela é míope. Quem vai ajudá-la quando não conseguir distinguir as sombras da noite?

Quanto à minha mãe... não estou forte o bastante para pensar nela agora.

Alguém bate ruidosamente na porta:

– Abram! – Grita um homem. – A Comandante Jameson está aqui para ver o prisioneiro.

Prisioneiro... sorriu ao ouvir isso. Os soldados não gostam nem de me chamar pelo nome.

Os guardas na sala mal têm tempo para destrancar a porta e sair do caminho antes que a Comandante Jameson irrompa no quarto, visivelmente aborrecida. Ela estala os dedos e manda:

– Tirem esse garoto da maca e o prendam com correntes – ela praticamente rosna. Depois põe o dedo no meu peito e diz: – Você aí. Você não passa de um menino. Nunca frequentou uma faculdade, foi reprovado em sua Prova! Como conseguiu ser mais esperto do que os soldados nas ruas? Como provoca tantos transtornos? – Ela arreganha os dentes para mim. – Eu sabia que você iria ser um problema muito maior do que aquilo que você vale. Você tem a tendência de desperdiçar o tempo dos meus soldados, para não citar os soldados de vários outros comandantes.

Preciso cerrar os dentes para não revidar seus gritos. Soldados vêm rapidamente até onde estou e começam a soltar os cintos da maca.

A meu lado, o médico inclina a cabeça e pergunta:

– Se não se importa, Comandante, alguma coisa aconteceu? O que está havendo?

Jameson fixa nele o olhar furioso. Ele se encolhe todo:

– Gente protestando em frente ao Batalla Hall – ela responde. – Estão atacando a polícia municipal.

Os soldados me puxam da maca e me põem de pé. Eu me contraio quando transfiro meu peso para minha perna machucada.

– Gente protestando?

– É. Baderneiros. – A Comandante Jameson agarra meu rosto: – Meus próprios soldados foram convocados para ajudar, o que quer dizer que minha agenda está inteiramente desorganizada. Um dos meus melhores homens já voltou para cá com lacerações no rosto. Delinquentes desprezíveis, como você não imagina, estão enfrentando nossos soldados. – Ela empurra meu rosto para o lado, possessa, e dá as costas para mim. – Levem-no daqui – ela grita para os soldados me segurando. – E rápido.

Sáimos do quarto do hospital. No corredor soldados correm para cá e para lá. A Comandante Jameson comprime uma das mãos na orelha, escuta atentamente, depois começa a gritar ordens. Enquanto sou arrastado para o elevador, vejo vários grandes monitores, e paro um minuto para admirar, porque nunca os vi no setor Lake, estão transmitindo exatamente o que Jameson nos contou. Não consigo ouvir a voz do narrador, mas as legendas são inequívocas: “Tumulto do lado de fora do Batalla Hall. Unidades militares reagem. Aguardam futuras ordens”. Dou-me conta de que essa não é uma transmissão pública. O vídeo mostra a praça em frente ao Batalla Hall apinhada, com várias centenas de pessoas. Vejo a cena dos soldados vestidos de preto lutando para conter a multidão perto da entrada. Outros soldados correm em telhados e parapeitos, posicionando-se rapidamente com seus rifles. Quando passamos pelo último monitor, tenho uma boa visão dos que protestam, dos que estão reunidos debaixo das luzes dos postes.

Alguns deles pintaram uma faixa vermelho-sangue no cabelo.

Então chegamos aos elevadores. Os soldados me empurram para dentro. *Eles estão protestando por minha causa.* Esse pensamento me enche de animação e medo. De jeito nenhum os militares vão deixar que isso passe em branco. Vão isolar os setores pobres inteiramente, e prender todo manifestante na praça.

Ou vão matá-los.



Quando eu era criança, às vezes Metias era convocado para lidar com revoltas pouco importantes, e depois ele me contava a respeito. A história era sempre a mesma: mais ou menos uma dúzia de gente pobre (normalmente adolescentes, às vezes rapazes mais velhos) que estava causando tumulto em um dos setores, com raiva das quarentenas da praga ou dos impostos. Várias bombas de poeira depois, eram todos presos e levados a julgamento.

Mas eu nunca tinha visto uma rebelião como esta, com centenas de pessoas arriscando a vida. Aliás, nunca vi uma revolta sequer parecida com esta.

– Qual é o problema com este pessoal? – Pergunto a Thomas. – Enlouqueceram!

Estamos na plataforma elevada fora do Batalla Hall, com toda a patrulha de Thomas encarando a multidão à nossa frente, simultaneamente, outra das patrulhas da Comandante Jameson empurra as pessoas para trás, com escudos e cassetetes.

Antes, eu havia dado uma espiada em Day enquanto o médico operava sua perna. Eu me pergunto se ele está acordado e vendo esse caos pelos monitores do hall. Espero que não. Não há necessidade de que ele veja o que provocou. Pensar nele, e em sua acusação de que a República cria as pragas e mata crianças reprovadas na Prova, me deixa furiosa. Tiro a arma do coldre. É bom que ela esteja pronta.

– Você já viu alguma coisa semelhante? – Pergunto, tentando manter a voz serena.

Thomas sacode a cabeça e responde:

– Só uma vez, faz muito tempo.

Parte de seu cabelo escuro cai no rosto. Não está bem penteado para trás, como de costume. Ele deve ter se metido na multidão mais cedo. Uma de suas mãos está na arma presa ao cinto, enquanto a outra segura o rifle pendurado no ombro. Ele não me olha. Aliás, não me olha direito desde que tentou me beijar ontem à noite no corredor.

– São um bando de idiotas – ele continua. – Se não pararem logo com isso, os comandantes vão fazer que se arrependam.

Olho de relance e vejo vários comandantes em uma das varandas do Batalla Hall. Está muito escuro para eu ter certeza, mas acho que a Comandante Jameson não está com eles. Sei, porém, que ela está dando ordens através do seu microfone, porque Thomas escuta atentamente, com uma das mãos pressionada na orelha. Mas seja lá o que ela está dizendo, visa apenas Thomas, e não tenho ideia do que ela está ordenando a ele. A multidão abaixo de nós continua empurrando. Deduzo, por suas roupas, camisas e calças rasgadas, sapatos que não combinam, cheios de buracos, que quase todos eles são dos setores pobres perto do Lake. Secretamente, espero que se dispersem. *Vão embora daqui antes que as coisas piorem.*

Thomas se inclina para mim e aponta com a cabeça para o centro da multidão:

– Está vendo aquele bando de desgraçados?

Eu já havia reparado no que ele está apontando, mas mesmo assim olho educadamente para o que ele me mostra. Um grupo de manifestantes pintou uma faixa vermelha no cabelo, imitando a mecha manchada de sangue exposta por Day quando ele se postou lá para ouvir sua sentença.

– Escolheram mal seu herói – prossegue Thomas. – Day estará morto em menos de uma semana.

Concordo com a cabeça, mas não digo nada.

A multidão solta alguns gritos. Agora uma patrulha está nos fundos da praça, e encurralou a multidão, empurrando as pessoas para o centro da praça. Franzo a testa. Esse não é o protocolo para se tratar uma multidão incontrolável. Na escola, ensinaram-nos que bombas de poeira ou gás lacrimogêneo são mais do que suficientes para resolver o assunto, mas não

há sinal disso: nenhum soldado usa máscaras contra gases. Agora mais uma patrulha começou a afastar os retardatários reunidos fora da praça, onde as ruas são muito lotadas e estreitas para se protestar adequadamente.

– O que a Comandante Jameson está lhe dizendo? – Pergunto a Thomas.

O cabelo escuro dele lhe cai em cima dos olhos e esconde sua expressão.

– Ela diz que é para nós ficarmos parados e esperarmos suas instruções.

Não fazemos nada por mais de meia hora. Uma das minhas mãos está no bolso, distraidamente esfregando o pingente de Day. De alguma forma, a multidão me lembra do Skiz. Provavelmente, algumas daquelas pessoas estão presentes.

É então que vejo soldados correndo nos telhados dos prédios da praça. Alguns se apressam ao longo dos parapeitos, enquanto outros estão reunidos numa fila reta nos telhados. Estranho! Soldados costumam ter insígnias pretas e uma única fileira de botões prateados nas fardas. Em vez disso, uma faixa branca atravessa diagonalmente o peito deles e suas braçadeiras são cinzentas. Levo um segundo para me dar conta de quem são eles.

– Thomas – eu dou um tapinha no seu ombro –, executores.

Seu rosto não demonstra surpresa, nem há emoção em seus olhos.

Ele pigarreia e diz:

– É isso mesmo.

– Que é que eles estão fazendo? – Levanto a voz. Olho de relance para os manifestantes na praça, depois olho de novo para os telhados. Nenhum dos soldados tem bombas de poeira nem máscara contra gás lacrimogêneo. Em vez disso, cada um deles traz uma arma presa ao ombro. – Os soldados não estão dispersando o povo, Thomas. Eles os estão encurralando.

Thomas me olha com severidade e diz:

– Fique firme, June. Observe a multidão.

Quando meus olhos miram os telhados, reparo na Comandante Jameson chegando ao topo do Batalla Hall, cercada por soldados. Ela fala em seu

microfone.

Passam-se diversos segundos. Uma terrível sensação percorre meu peito: sei no que isso tudo vai dar.

De súbito, Thomas murmura algo em seu microfone. É uma resposta a um comando. Eu o olho de relance. Ele percebe meu olhar por um instante, depois olha para o resto da patrulha que está na plataforma conosco, então grita:

– Atirem à vontade!

– Thomas! – Quero dizer mais, porém, nesse instante, ouvem-se disparos vindos dos telhados e da plataforma. Dou um pulo para frente. Não sei o que pretendo fazer. Acenar os braços em frente dos soldados? Mas Thomas agarra meu ombro antes que eu possa avançar.

– Recue, June!

– Mande seus homens descerem! – Grito, conseguindo, desajeitadamente, me livrar dele. – Mande que eles...

Nesse instante Thomas me atira no chão com tanta força, que sinto que o ferimento do lado do meu corpo se abriu.

– Droga, June! – Ele diz. – *Recue!*

O chão está surpreendentemente frio. Eu me agacho, totalmente desorientada, incapaz de me mexer. Não compreendo bem o que acaba de acontecer. A pele arde ao redor da minha ferida. Uma saraivada de balas atinge a praça. As pessoas na multidão caem como barragens numa inundação. *Thomas, pare! Por favor, pare!* Quero me levantar e gritar na cara dele, magoá-lo de alguma forma. *Se Metias estivesse vivo, Thomas, ele o mataria por fazer isso.* Mas, em vez disso, tampo as orelhas. Os disparos são ensurdecadores.

O tiroteio dura apenas um minuto, se tanto, mas parece uma eternidade. Thomas finalmente ordena o cessar-fogo. As pessoas da multidão que não foram atingidas caem de joelhos e levantam as mãos sobre a cabeça. Soldados correm até elas, algemando-lhes os braços atrás das costas, obrigando-as a se agruparem. Eu me ajoelho. Minhas orelhas ainda se

ressentem do tiroteio. Examino a cena do massacre, com sangue, corpos e prisioneiros. Há 97, 98 mortos. Não, pelo menos 120. E centenas mais em custódia. Não consigo me concentrar o suficiente para contá-los.

Thomas me olha de relance antes de saltar da plataforma: seu rosto está sisudo, demonstra até culpa, mas sei, lamentavelmente, que ele só se sente culpado por ter me atirado no chão, não pelo massacre que ele deixou para trás. Ele se dirige de volta ao Batalla Hall, com vários soldados. Eu desvio o olhar, para não precisar vê-lo.

DAY

Subimos vários andares até eu ouvir as correntes do elevador pararem, com um ruído rascante. Dois soldados me arrastam para um corredor que já conheço. Acredito que estejam me levando de volta à minha cela, pelo menos por enquanto. Pela primeira vez desde que acordei na maca, sinto-me exausto e baixo a cabeça até o peito. O doutor deve ter aplicado algo em mim para evitar que eu me debatesse muito durante a operação. Tudo ao meu redor parece tremido nas bordas, como se eu estivesse correndo.

Então os soldados param subitamente na metade do corredor, a uma boa distância da minha cela. Ergo os olhos, surpreso. Estamos do lado de fora de uma das salas que eu havia observado antes, a com porta de vidro transparente. As salas são câmaras de interrogatório. Isso quer dizer que eles querem mais informações antes de me executarem.

Há estática, depois vem uma voz através de um dos fones de ouvido de um soldado. Ele concorda com a cabeça e diz:

– O capitão disse que já está chegando.

Fico do lado de dentro, esperando, à medida que se passam os minutos. Guardas com expressão impassível ficam ao lado da porta, enquanto outros dois seguram meus braços algemados. Sei que esta sala é supostamente à prova de som, mas juro que ouço o som de armas e as vibrações de gritos distantes. Meu coração se acelera. As tropas devem estar disparando contra a multidão na praça. As pessoas estão morrendo por minha causa?

Passa mais tempo. Espero. Minhas pálpebras ficam pesadas. Quero apenas me enroscar como uma bola no canto da minha cela, e dormir.

Finalmente, ouço passos se aproximando. A porta se abre de repente, e revela um rapaz vestido de preto, com cabelo escuro que lhe cai nos olhos.

Dragonas prateadas estão fixas em cada ombro. Os outros soldados batem os calcanhares.

O homem os dispensa. Agora eu o reconheço. É o capitão que atirou na minha mãe. June já o havia mencionado: seu nome é Thomas. A Comandante Jameson deve tê-lo chamado.

– Sr. Wing – ele diz. Ele se aproxima de mim e cruza os braços. – É um prazer conhecê-lo formalmente. Eu estava começando a me preocupar com a hipótese de isso nunca acontecer.

Eu decido ficar calado. Ele parece se sentir pouco à vontade por estar no mesmo recinto que eu, sua expressão revela que ele me odeia *de verdade*.

– Minha comandante quer que eu lhe faça umas perguntas de praxe antes da data de sua execução. Vamos tentar manter a conversa cordial, embora, é claro, tenhamos começado com o pé esquerdo.

Não consigo evitar de sufocar um riso e dizer:

– É mesmo? Essa é sua opinião?

Thomas não responde, mas vejo que ele engole em seco, num esforço para não reagir. Ele tira do manto um pequeno controle remoto cinza, e o aponta para a parede em branco da sala. Surge uma projeção. É um relatório policial, com fotos de uma pessoa que não reconheço.

– Vou lhe mostrar uma série de fotos, Sr. Wing – ele diz. – As pessoas que o senhor verá são suspeitas de envolvimento com os Patriotas.

Os Patriotas tinham tentado em vão me recrutar. Com bilhetes cifrados rabiscados nas paredes dos becos, logo acima de onde eu dormia. Ou com algum segurança numa esquina de rua que me passava um bilhete. Ou um pacotinho de dinheiro com uma proposta. Depois de ignorar suas propostas por um tempo, deixei de ter notícias deles.

Retruco:

– Eu nunca trabalhei com os Patriotas. Se algum dia eu matar, será de acordo com as minhas convicções.

– O senhor pode afirmar não ter nenhuma ligação com eles, mas talvez alguns deles tenham cruzado seu caminho, e talvez o senhor queira nos

ajudar a encontrá-los.

– Ah, sem dúvida! Você matou minha mãe. Pode imaginar que eu esteja *morrendo* de vontade de ajudá-lo.

Thomas consegue me ignorar de novo. Olha de relance para a primeira foto projetada na parede:

– Conhece esta pessoa?

Sacudo a cabeça:

– Nunca vi na vida.

Thomas aciona o remoto, aparece mais uma foto:

– E esta?

– Não.

Outra foto:

– E esta?

– Não.

Mais uma desconhecida surge na parede:

– Já viu esta garota?

– Nunca na vida.

Mais rostos desconhecidos. Thomas vai clicando o controle sem piscar nem questionar minhas respostas. Ele não passa de uma marionete burra do governo. Eu o observo à medida que continuamos, desejando não estar algemado, porque então eu atiraria esse cara no chão.

Mais fotos. Mais rostos desconhecidos. Thomas não questiona nenhuma das minhas respostas concisas. Na verdade, parece que ele mal pode esperar para sair da sala e ficar longe de mim.

Então surge a foto de alguém que reconheço. A imagem enevoada mostra uma garota de cabelo comprido, mais comprido do que o cabelo curto de que me lembro. Ainda sem nenhuma tatuagem de videira. Aparentemente, Kaede é uma Patriota.

Não ousou permitir que meu rosto expresse o reconhecimento, e digo:

– Se liga, cara. Se eu conhecesse alguma dessas pessoas, você acha mesmo que eu te diria?

Thomas está se esforçando muito para manter a postura.

– Terminamos, Sr. Wing.

– Ah, para com isso! Dá pra ver que você daria qualquer coisa para me dar uma porrada. Faça isso. Eu te desafio.

Seus olhos reluzem de fúria, mas ele se contém:

– Minhas ordens foram para lhe fazer uma série de perguntas – ele diz, tenso. – E já fiz isso. Por isso, terminamos.

– Por quê? Por acaso está com medo de mim? Você só é corajoso para matar a mãe dos outros, né?

Thomas aperta os olhos e dá de ombros:

– Ela é um marginal a menos com quem temos de lidar.

Cerro o punho e cuspo na cara dele.

Isso acaba com a pose dele. Seu punho esquerdo bate com força em meu queixo, minha cabeça vira para o lado. Estrelas explodem diante de meus olhos.

– Você se acha, não é? – Ele diz. – Só porque pregou algumas peças e bancou o assistente social para a escória da rua? Bem, vou lhe contar um segredo. *Eu também venho* de um setor pobre, mas segui as normas. Me esforcei para subir na vida, e *mereci* o respeito do meu país. Vocês todos só sabem ficar sentados, reclamando e culpando o Estado pela sua falta de sorte. Vocês não passam de um bando de meliantes imundos e preguiçosos.

Ele me dá outro soco. Minha cabeça se vira para trás, e sinto gosto de sangue. Meu corpo treme de tanta dor. Ele agarra minha gola e me puxa para perto dele. Minhas algemas fazem barulho. – A Srta. Iparis me contou o que o senhor fez com ela nas ruas. Como é que ousou se meter a besta com alguém da posição dela?

Ah! É isso que o está incomodando: acho que ele descobriu sobre o beijo. Não posso evitar de dar um risinho, apesar de meu rosto estar cheio de dor.

– Agora entendi tudo. É isso o que está perturbando, não é? Já reparei no jeito como você olha para ela. Você está louco por ela, não é? Você também está tentando *merecer* ficar com ela, seu idiota? Lamento destruir sua esperança, mas eu não a forcei a fazer *nada*.

O rosto dele fica vermelho de ódio:

– Ela está ansiosa pela sua execução, Sr. Wing. Posso lhe garantir isso. Dou uma risada:

– Mau perdedor, hem? Vou fazer você se sentir melhor. Vou contar tudo que se passou entre nós dois. Saber detalhes é a segunda melhor coisa, não acha?

Thomas agarra meu pescoço. Suas mãos tremem.

– Eu teria cuidado se estivesse em seu lugar – ele diz, com desprezo. – Talvez tenha se esquecido de que tem dois irmãos, e que ambos estão à mercê da República. Cuidado com a língua, a não ser que queira ver os corpos deles enfileirados juntos ao de sua mãe.

Ele me bate de novo, e um dos seus joelhos me atinge o estômago. Respiro com dificuldade. Imagino Éden e John, então me obrigo a me acalmar e a forçar a dor a ir embora. *Fique forte. Não deixe que ele o tire do sério.*

Ele me dá mais dois socos. Está respirando com força. Com um grande esforço, ele abaixa os braços e expira.

– Agora estamos *mesmo* terminados, Sr. Wing – ele diz em voz baixa. – Eu o verei no dia de sua execução.

Não consigo falar de tanta dor, por isso tento apenas manter os olhos focalizados nele. O sujeito tem uma expressão estranha, como se estivesse zangado ou desapontado porque eu o fiz perder a pose.

Ele se vira e sai do recinto sem dizer uma palavra.



Naquela noite, Thomas passa meia hora do lado de fora da minha porta, dando uma dúzia de desculpas. Ele está realmente arrependido, não queria me magoar, não queria que eu resistisse às ordens da Comandante Jameson, não queria que eu me metesse em complicação, estava tentando me proteger.

Fico sentada no sofá com Ollie, olhando para o nada. Não consigo tirar o som das metralhadoras da cabeça. Thomas sempre foi disciplinado.

Hoje não foi diferente. Ele não hesitou nem por um segundo a obedecer à comandante. Executou o extermínio como se estivesse se preparando para uma varredura rotineira contra a praga, ou para uma noite vigiando um aeroporto. Será pior que ele tenha seguido as ordens tão ao pé da letra ou que ele não faça a menor ideia de que seja por isso mesmo que quero que ele se desculpe?

– June, você está me ouvindo?

Eu me concentro em coçar Ollie atrás das orelhas. As anotações de Metias continuam espalhadas na mesinha de centro, com os álbuns de retratos de nossos pais.

– Você está perdendo seu tempo – grito para ele.

– Por favor, deixe-me entrar, quero ver você.

– Vejo você amanhã.

– Prometo que não demoro. Eu lamento muito mesmo.

– Thomas, vejo você amanhã.

– June...

Levanto a voz:

– Já disse que *vejo você amanhã!*

Silêncio.

Espero mais um minuto, tentando me distrair acariciando Ollie.

Depois de um tempo, eu me levanto e olho pelo olho mágico. O corredor está vazio.

Finalmente me convenço de que ele foi embora. Fico deitada no sofá por mais uma hora. Minha mente se move rapidamente, vai dos acontecimentos na praça ao aparecimento de Day no telhado, e até as afirmações ultrajantes de Day sobre a praga e a Prova, e depois volta a Thomas. O Thomas que obedece cegamente às ordens da Comandante Jameson é um Thomas diferente daquele que se preocupava com minha segurança no setor Lake. Ao crescer, Thomas era desajeitado mas sempre gentil, especialmente comigo. Ou talvez seja eu que tenha mudado. Quando rastreei a família de Day e vi Thomas atirar na mãe dele, ou quando olhei hoje para a multidão na praça sendo alvejada. Nas duas vezes fiquei imóvel e não fiz nada. Isso me faz igual ao Thomas? Estamos fazendo a coisa certa ao seguir as ordens que nos dão? Será verdade que a República é que está certa?

Quanto ao que Day me contou... fico irada só de pensar. Meu pai trabalhou atrás daquelas portas duplas, Metias trabalhou com Chian na supervisão das Provas. Por que envenenaríamos e mataríamos nosso próprio povo?

Suspiro, sento no sofá e agarro uma das anotações de Metias na mesinha de centro.

Esta é sobre uma semana de trabalho exaustivo de faxina, depois que o furacão Elias devastou Los Angeles. Outro registro detalha sua primeira semana na patrulha da Comandante Jameson. Um terceiro é curto, tem apenas um parágrafo, e reclama sobre trabalhar dois turnos noturnos seguidos. Isso me faz sorrir. Ainda me lembro das palavras dele. “Mal consigo ficar acordado”. Metias me disse depois da primeira noite em serviço. “Será que ela acha mesmo que a gente consegue vigiar *qualquer coisa* depois de trabalhar duas noites seguidas? Eu estava tão cansado hoje, que o próprio chanceler das Colônias poderia ter entrado no Batalla Hall, e eu nem teria percebido.”

Sinto uma lágrima me descer no rosto e rapidamente a seco. Ollie geme a meu lado. Estendo minha mão e a afundo no espesso e branco pelo em volta do pescoço dele, ele descansa a cabeça no meu colo, com um suspiro.

Metias se inquietaria com essas coisas tão pequenas.

Meus olhos vão ficando pesados à medida que continuo a ler. As palavras começam a se embaralhar na página, até que já não consigo compreender totalmente o que cada registro significa. Finalmente, ponho o diário de lado e caio no sono.

Day aparece em meus sonhos. Ele segura minhas mãos entre as suas, meu coração se acelera a seu toque. Seu cabelo lhe cai nos ombros como uma cortina de seda e tem uma faixa vermelha de sangue. Seus olhos expressam dor. “Eu não matei seu irmão.” Ele me puxa para perto do seu corpo. “Garanto a você que eu não poderia ter feito isso.”

Quando acordo, fico deitada imóvel por algum tempo, e deixo que as palavras de Day percorram minha cabeça. Meus olhos miram a mesa do computador. O que realmente aconteceu naquela noite fatídica? Se Day atingiu o ombro de Metias, como a faca foi parar no peito de Metias? Essa ideia me dá dor no coração. Olho para Ollie.

– Quem ia querer ferir o Metias? – Eu pergunto. Ollie me retribui o olhar com olhos pesarosos. – E por quê?

Vários minutos depois me levanto do sofá, depois vou até minha mesa de trabalho e ligo o computador.

Volto ao relatório do crime emitido pelo Hospital Central. São quatro páginas de texto e uma de fotos. Resolvo examinar minuciosamente as fotos. Afinal de contas, a Comandante Jameson só tinha me concedido alguns minutos para analisar o corpo de Metias, e eu usei mal esse tempo. Mas como eu poderia ter me concentrado? Nunca duvidei de que o assassino fosse outra pessoa que não o Day. Não estudei as fotos tão detidamente quanto deveria.

Clico duas vezes nas primeiras fotos e as amplio para a tela toda. O que vejo me deixa tonta. O rosto frio e sem vida de Metias virado para o céu, seu cabelo está espalhado debaixo da cabeça, num pequeno círculo. Sangue

lhe mancha a camisa. Respiro fundo, fecho os olhos e digo a mim mesma para me concentrar desta vez. Eu sempre conseguia ler o texto dos relatórios, mas jamais consegui estudar as fotos. Agora, preciso fazer isso. Abro os olhos e focalizo novamente o corpo do meu irmão. Eu queria ter analisado pessoalmente os ferimentos quando tive oportunidade.

Primeiro me certifico de que a faca na foto está realmente enterrada no seu peito. Gotas de sangue mancham o cabo. Não vejo nenhum pedaço da lâmina. Então olho para o ombro de Metias.

Embora esteja coberto pela manga, é possível ver que um grande círculo de sangue mancha o tecido. Não poderia ser do sangue que se espalhou do peito: deve haver outro ferimento. Amplio a foto de novo. Não dá para ver direito, está muito enevoada.

Mesmo se houver um corte semelhante ao de uma faca no ombro dele, não consigo ver deste ângulo.

Fecho a foto e clico em outra.

É então que me dou conta de uma coisa. Todas as fotos desta página foram tiradas do mesmo ângulo. Mal consigo distinguir os detalhes no ombro, e até da faca. Franzo a testa. Fotos mal tiradas de uma cena de crime. Por que não há fotos em close dos ferimentos? Volto ao início do relatório, procurando páginas que eu tenha deixado de ver. Mas é tudo. Volto à mesma página e tento encontrar algum sentido nela.

Talvez as demais fotos sejam confidenciais. E se a Comandante Jameson as pegou, para me poupar o sofrimento? Sacudo a cabeça. Não, isso seria burrice. Se fosse assim, ela não teria mandado nenhuma foto com o relatório. Olho fixamente para a tela, então me atrevo a imaginar uma alternativa.

E se a Comandante Jameson pegou as fotos para esconder alguma coisa de mim?

Não, de jeito nenhum. Eu me recosto na cadeira e fixo a primeira foto mais uma vez. Por que a Comandante Jameson iria querer esconder de mim os detalhes do assassinato do meu irmão? Ela *adora* seus soldados. Ficou

indignada com a morte de Metias, até providenciou o funeral. Ela o *queria* em sua patrulha. Foi ela que o promoveu a capitão.

Mas duvido que o fotógrafo da cena do crime estivesse tão apressado que tirasse um conjunto tão ruim de fotos.

Penso no assunto sob vários ângulos, mas chego sempre à mesma conclusão. Esse relatório está incompleto. Passo a mão no cabelo, frustrada. Não compreendo.

Subitamente, olho mais de perto a faca na foto. Está granulada, é quase impossível distinguir os detalhes, mas algo acende uma antiga lembrança que faz meu estômago dar um nó. O sangue no cabo da faca está escuro, mas lá também há outra marca, algo mais escuro do que o sangue. A princípio penso que é parte do padrão esmaecido da faca, mas essas marcas estão em cima do sangue. Elas são pretas, espessas e irregulares. Tento me lembrar da aparência da faca na noite do acontecimento, quando tive oportunidade de vê-la pessoalmente.

Essas marcas pretas parecem graxa de rifle. Quase como a mancha de graxa na testa de Thomas, na primeira vez que o vi naquela noite.

DAY

Quando June volta a me visitar, na manhã seguinte, até ela se impressiona, pelo menos por um segundo, com a minha aparência, largado contra uma parede da cela. Inclino a cabeça na direção da garota. Ela hesita ao me ver, mas rapidamente se recompõe.

– Suponho que você tenha feito alguém se zangar – ela diz, e estala os dedos para os soldados. – Todos para fora. Quero conversar em particular com o prisioneiro. – Ela aponta com a cabeça para as câmeras de segurança posicionadas em cada canto da cela. – E desliguem essas câmeras também.

O soldado encarregado presta uma continência e diz:

– Sim, senhora.

Quando vários soldados se apressam a desligar as câmeras, eu a vejo pegar duas facas do cinto. *Acho que fiz alguma coisa que a aborreceu.* Uma risada borbulha na minha garganta e se transforma num ataque de tosse. Bem, acho que devemos nos livrar do que nos atrapalha.

Quando os soldados vão embora e a porta se fecha, June se aproxima e se agacha a meu lado. Eu me preparo para sentir uma lâmina contra minha pele.

– Day.

Ela não se mexeu. Em vez disso, repõe as facas no cinto e pega um cantil de água. Acho que foi só um teatrinho para os soldados. Ela derrama um pouco do líquido frio em meu rosto. Eu vacilo, mas depois abro a boca para pegar um pouco da água, que nunca foi tão saborosa.

June derrama alguma água diretamente na minha boca, e depois guarda o cantil.

– Seu rosto está horrível! – Há preocupação e mais alguma coisa em sua expressão. – Quem fez isso com você?

– Legal você perguntar. – Fico surpreso por ela se importar. – Você pode agradecer a seu amiguinho capitão.

– Thomas?

– É esse sujeito aí. Acho que ele não está muito satisfeito porque eu ganhei um beijo de você, e ele não. Por isso, ele me interrogou sobre os Patriotas. Aparentemente, a Kaede é uma Patriota. Mundo pequeno, né?

O rosto de June expressa sua raiva:

– Ele não mencionou nada disso. Ontem à noite ele... bom, vou levar o assunto à Comandante Jameson.

– Obrigado. – Lágrimas gotejam dos meus olhos. – Eu estava me perguntando quando você viria. – Hesito por um segundo e pergunto: – Você já tem alguma notícia sobre Tess? Ela está viva?

June baixa o olhar e responde:

– Desculpe. Não tenho como saber onde ela está. Tess deve estar a salvo, desde que se mantenha discreta. Não falei sobre ela com ninguém. Ela não foi presa recentemente... nem morta.

Fico frustrado com a falta de notícias, mas aliviado, ao mesmo tempo.

– E meus irmãos, como estão?

June aperta os lábios e diz:

– Não tenho acesso ao Éden, embora esteja certa de que ele continua vivo. John está indo tão bem quanto o esperado. – Quando ela ergue os olhos de novo, vejo que eles mostram confusão e tristeza: – Lamento você ter precisado lidar com o Thomas ontem.

– Obrigado – sussurro. – Há alguma razão especial para você estar mais legal comigo hoje do que de hábito?

Não espero que June considere essa pergunta seriamente, mas isso acontece. Ela me olha fixamente, depois se senta à minha frente com as pernas dobradas debaixo do corpo. June está diferente hoje. Dócil, talvez, e até triste. Insegura. Com uma expressão que nunca vi antes, mesmo quando a conheci nas ruas.

– Alguma coisa a está perturbando?

June fica em silêncio por um longo momento, com os olhos para baixo. Finalmente, ela me olha. Percebo que está procurando alguma coisa. Estará tentando encontrar uma forma de confiar em mim?

– Ontem à noite voltei a estudar o relatório da cena do assassinato do meu irmão.

Sua voz baixa até um murmúrio, preciso me inclinar para frente para ouvi-la.

– E daí? – Indago.

Os olhos de June procuram os meus. Ela hesita de novo:

– Day, você pode afirmar, sincera e verdadeiramente, que não matou Metias?

Ela deve ter descoberto alguma coisa. Ela quer uma confissão. A noite no hospital lampeja em meus pensamentos: meu disfarce, Metias me observando quando entrei no hospital, o jovem médico que fiz refém, as balas ricocheteando na geladeira, minha longa queda até o chão, depois o confronto com Metias, a maneira como atirei a faca nele. Eu *vi* que atingiu seu ombro, tão longe do peito que não poderia nunca tê-lo matado. Enfrento o olhar de June e digo:

– Eu não matei seu irmão. – Estendo o braço para tocar sua mão e hesito com a dor que sobe pelo meu braço. – Não sei quem o matou. Lamento tê-lo machucado, mas eu tinha de salvar a minha vida. Eu queria ter tido mais tempo para refletir sobre o que fazer.

June acena positivamente com a cabeça. A expressão em seu rosto é tão emocionante que por um segundo tenho vontade de abraçá-la. *Alguém* precisa abraçá-la.

– Sinto muita falta dele – ela sussurra. – Pensei que ele fosse viver por muito tempo, entende, alguém com quem eu sempre poderia contar. Ele era tudo que tinha me sobrado. E agora ele foi embora. Eu queria saber por quê.

Ela sacode a cabeça lentamente, como se derrotada, depois faz que seus olhos encontrem os meus mais uma vez. Sua tristeza a torna incrivelmente linda, como neve cobrindo uma paisagem árida:

– E eu não sei *por quê*. Essa é a pior parte, Day. Eu não sei por que ele morreu. Por que alguém o queria morto?

Suas palavras são tão semelhantes a meus pensamentos sobre minha mãe, que mal consigo respirar. Eu não sabia que June havia perdido os pais, embora eu devesse ter adivinhado pela maneira como se comporta. Não foi June que atirou na minha mãe. Não foi ela que levou a praga para minha casa. Ela era uma garota que perdeu o irmão e alguém a levou a acreditar que tinha sido eu. Então, angustiada, ela havia me rastreado. Se eu estivesse no seu lugar, teria feito algo de outra maneira?

Ela está chorando. Eu lhe dou um pequeno sorriso, depois me sento mais ereto, e estendo a mão para seu rosto. As algemas no meu pulso chacoalham. Seco as lágrimas sob um dos seus olhos. Nenhum de nós diz coisa alguma. Não é preciso. Ela está pensando. Se eu estou certo sobre o seu irmão, sobre que mais eu não estaria certo?

Depois de um instante, June pega minha mão e a pressiona contra seu rosto. Seu toque faz que um calor gostoso percorra meu corpo. Ela é fascinante. Morro de vontade de puxá-la para junto de mim, comprimir meus lábios nos dela, e desfazer a dor que vejo em seu olhar. Queria muito voltar àquela noite no beco por apenas um segundo.

Sou o primeiro a falar:

– É possível que você e eu tenhamos um mesmo inimigo. E ele tenha nos colocado um contra o outro.

June respira fundo:

– Não tenho certeza ainda – ela diz, embora eu possa dizer pela sua voz que ela concorda comigo. – É perigoso nós estarmos conversando assim. – Ela desvia o olhar, enfia a mão no manto e tira algo que eu pensei ter perdido no hospital. – Tome. Quero devolver isto a você. Não tenho mais uso para ele.

Tenho vontade de tirá-lo da sua mão, mas o peso das correntes me impede. Na palma, está meu medalhão, a textura lisa da superfície gasta e suja, mas ainda quase inteira. A parte do colar está empilhada na mão dela.

– Você estava com ele! – murmuro. – Você o encontrou no hospital naquela noite, não foi? Foi por isso que me reconheceu quando finalmente me encontrou. Eu devo ter tentado pegá-lo.

June acena com a cabeça, depois pega minha mão e larga o pingente na minha palma. Eu o olho, emocionado.

Meu pai. Não consigo afastar sua lembrança agora, que estou de novo contemplando meu medalhão. Recordo o dia em que ele nos visitou, depois de seis meses sem uma palavra. Quando ele estava a salvo dentro de casa, fechamos as cortinas das janelas, ele abraçou minha mãe com força e lhe deu um demorado beijo. Manteve uma das mãos de modo protetor no estômago dela. John, com as mãos nos bolsos, esperou pacientemente para cumprimentá-lo. Eu ainda era muito novo, e abracei suas pernas. Éden ainda não era nascido, ainda estava na barriga da mamãe.

– Como vão meus meninos? – Meu pai perguntou, depois de finalmente largar mamãe. Ele me deu um tapinha nas bochechas, e sorriu para John.

John lhe deu um sorriso grande e dentuço. Ele havia conseguido deixar o cabelo crescer o bastante para prendê-lo num rabo de cavalo. Ele disse:

– Pai! Eu passei na Prova!

– Verdade?

Meu pai deu um tapinha nas costas de John, como se ele fosse um homem. Ainda me lembro do alívio em seus olhos, o tremor de alegria na voz. Naquele tempo, todos nos preocupávamos que John pudesse ser reprovado na Prova, considerando a dificuldade que ele tinha para ler:

– Estou orgulhoso de você, Johnny. Bom trabalho!

Depois ele olhou para mim. Lembro de ter analisado seu rosto. O emprego oficial de papai na República era fazer a limpeza depois que os soldados voltavam do *front*, mas havia indícios de que essa não era a única tarefa que ele tinha. Indícios como as histórias que ele às vezes contava sobre as Colônias, sobre suas cidades reluzentes, sua tecnologia avançada, seus feriados festivos. Nesse momento, eu quis perguntar a ele por que

nunca ia para casa, mesmo quando o rodízio no trabalho deveria proporcionar isso, por que ele nunca ia ver a gente.

Mas outra coisa me distraiu:

– Tem uma coisa no bolso de sua jaqueta, papai.

Era verdade: uma protuberância circular estava comprimida contra o tecido.

Ele deu um risinho, depois pegou o objeto:

– Isso mesmo, Daniel. – Ele olhou de relance para mamãe e comentou:

– Ele é muito observador, não é?

Mamãe sorriu para mim.

Meu pai hesitou, depois nos mandou ir para o quarto, então disse para mamãe:

– Grace, veja o que encontrei.

Ela olhou detidamente para o objeto, e perguntou:

– Que é isto?

– É mais uma comprovação.

A princípio papai tentou mostrar o objeto apenas à mamãe, mas consegui ver direitinho o que era, quando ele o revirou nas mãos. De um lado havia um pássaro, do outro, o perfil de um homem. “Estados Unidos da América, Confiamos em Deus, Vinte e Cinco Centavos” estampado em relevo de um lado, e “Liberty” e “1990” no outro.

– Viu? Prova. – Ele comprimiu a moeda na mão dela.

– Onde você achou isto? – Mamãe perguntou.

– Nos pântanos sulistas, entre os dois *fronts*. É uma moeda oficial de 1990. Viu o nome? Estados Unidos. Era verdade.

Os olhos de minha mãe brilharam de animação, mas ainda assim ela olhou muito séria para papai, e disse:

– Esta é uma coisa perigosa de ter – sussurrou. – Não vamos ficar com isto em nossa casa.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

– Mas não podemos destruí-la. Temos de protegê-la; pelo que sabemos, esta pode ser a última moeda de sua espécie no mundo. – Ele dobrou os dedos da minha mãe sobre a moeda e disse: – Vou fazer uma capa de metal para ela, alguma coisa que cubra ambos os lados. Vou soldar bem, para que a moeda fique segura.

– Que vamos fazer com ela?

– Esconder em algum lugar. – Meu pai fez uma breve pausa, depois olhou para John e para mim. – O melhor lugar pode ser um local óbvio para qualquer pessoa. Dê a moeda a um dos meninos, talvez como um medalhão. As pessoas vão pensar que é apenas um enfeite infantil. Mas, se os soldados a encontrarem aqui em casa quando derem uma batida, escondida debaixo de um piso, vão ter certeza de que se trata de uma coisa importante.

Fiquei calado. Mesmo naquela idade, eu compreendia a preocupação de meu pai. Nossa casa já tinha sido vasculhada antes em inspeções de rotina pelas patrulhas, como todas as casas de nossa rua. Se papai escondesse a moeda em algum lugar, eles a encontrariam.

No dia seguinte meu pai saiu cedo, antes mesmo do nascer do sol. Nós só voltaríamos a vê-lo mais uma única vez. Depois, ele nunca mais foi para casa.

Aquelas lembranças percorrem minha mente num momento. Ergo os olhos para June e digo: – Obrigado por encontrar isto. – Eu me pergunto se ela consegue perceber a tristeza na minha voz. – Obrigado *mesmo*, por me devolver este pingente.



Não consigo parar de pensar em Day.

Quando deito para descansar um pouco à tardinha, no meu apartamento, sonho com ele. Sonho que Day está me abraçando e não para de me beijar, suas mãos acariciam meus braços, meu cabelo e minha cintura, seu peito está apertado contra o meu, sinto sua respiração em meu rosto, pescoço e orelhas. Seu cabelo comprido roça em mim, seus olhos me afogam em sua profundidade. Quando acordo e me vejo sozinha novamente, mal posso respirar.

Suas palavras se embaralham na minha cabeça até que nem consigo compreendê-las mais. Que outra pessoa matou Metias. Que a República está intencionalmente espalhando a praga nos setores pobres. Recordo-me de quando estávamos nas ruas do Lake, quando ele arriscava sua segurança porque eu precisava descansar. E lembro de hoje, ele secando as lágrimas do meu rosto.

Não sei onde está a raiva que eu costumava ter em relação a ele. E se eu descobrir uma prova de que outra pessoa matou Metias, seja lá por que razão, isso quer dizer que não tenho qualquer motivo para odiá-lo. Antes eu ficava fascinada pela sua lenda, por todas as histórias que ouvi antes de conhecê-lo. Agora sinto a mesma sensação de fascínio voltando. Imagino o rosto dele, tão lindo mesmo depois de ele sentir dor, ser torturado e padecer, seus olhos azuis brilhantes e sinceros. Tenho vergonha de reconhecer que gostei do pouco tempo que passei com ele na sua cela. Sua voz pode me fazer esquecer tudo sobre os detalhes que me percorrem a mente, trazendo com ela emoções de desejo ou de medo, às vezes até de raiva, mas sempre provocando alguma coisa em mim. Alguma coisa que eu nunca senti antes.

19H12. SETOR TANAGASHI.

26 °C.

– Soube que você teve uma conversa particular com Day hoje à tarde – Thomas me diz, quando nos sentamos num café para comer tigelas de *edame*. O café é o mesmo que frequentávamos quando Metias estava vivo. A escolha de Thomas desse local não tranquiliza meus pensamentos. Não consigo esquecer a graxa de rifle besuntada no cabo da faca que matou meu irmão.

Talvez ele esteja me testando. Talvez ele saiba do que eu desconfio.

Dou uma mordida na carne de porco para não precisar responder. Fico satisfeita de nós dois estarmos sentados a uma boa distância um do outro. Thomas passou muito tempo me convencendo a perdoá-lo, a deixar que ele me levasse para jantar. Não sei bem por que ele fez isso. Para me induzir a dizer algo? Para que eu revelasse alguma coisa por acaso? Para ver se eu recusaria, e depois levar essa informação à Comandante Jameson? Não é preciso ter muitas provas para começar uma investigação contra alguém. Talvez esta saída seja apenas uma isca.

Mas, por outro lado, talvez ele esteja realmente querendo fazer as pazes comigo.

Não sei, por isso fico pisando em ovos.

Thomas me observa comer e pergunta:

– Que foi que você disse a ele?

Há ciúme em sua voz. Minha voz soa fria e distante:

– Não se incomode com isso, Thomas. – Estendo o braço e toco seu braço, para distraí-lo. – Se um garoto matasse alguém que você ama, você não tentaria descobrir por que ele fez isso? Achei que ele talvez se abrisse comigo se os guardas não estivessem presentes, mas já desisti dele. Vou ficar mais feliz quando ele morrer.

Thomas se acalma um pouco, mas continua a analisar meu rosto.

– Talvez você não devesse mais ver esse garoto – ele sugere, após longo silêncio. – Isso não a está ajudando. Posso pedir à Comandante Jameson

que mande outra pessoa dar ao Day sua porção diária de água. Detesto pensar que você tenha de interagir tanto com o assassino de seu irmão.

Concordo com a cabeça e dou mais uma mordida nos grãos de soja. Ficar calada agora não seria bom. E se eu estiver jantando com o assassino do meu irmão? *Seja lógica e cautelosa.* Pelo rabo do olho, vejo as mãos de Thomas. E se essas forem as mãos que esfaquearam em cheio o coração de Metias?

– Você tem razão – digo, sem hesitar. Faço minhas palavras soarem gratas e atenciosas. – Ainda não consegui nenhuma informação dele até agora. De qualquer modo, ele vai morrer daqui a pouco tempo.

Thomas dá de ombros e diz:

– Que bom que você pensa assim! – Ele deixa cinquenta Notas na mesa quando o garçom se aproxima. – Day é apenas um criminoso no corredor da morte. As palavras dele não devem importar para uma garota da sua posição.

Dou mais uma mordida antes de responder:

– E elas não importam mesmo. É a mesma coisa que se eu estivesse falando com um cachorro.

Mas, internamente, penso: *As palavras de Day vão fazer diferença se ele estiver dizendo a verdade.*



Muito depois de Thomas ter me acompanhado até meu apartamento e ido embora, e muito depois da meia-noite, fico sentada na frente de meu computador, estudando o relatório do assassinato de Metias. Já olhei para as fotos vezes suficientes para não precisar mais me esquivar de analisá-las, mas elas ainda me causam um nó no estômago. Todas as fotos são tiradas de um ângulo distante dos ferimentos. Quanto mais eu olho para as manchas pretas no cabo da faca, mais convencida fico de que são resíduos de graxa de rifle.

Quando não consigo mais olhar as fotos, volto para o sofá e examino novamente os relatos de Metias. Se meu irmão tinha outros inimigos, certamente haveria uma pista qualquer em seus textos. Mas ele não era bobo: nunca teria escrito alguma coisa que pudesse ser usada como prova. Li um número considerável de páginas de suas antigas anotações, todas irrelevantes e triviais. Às vezes ele fala sobre nós. Para mim, essas são as mais difíceis de ler.

Uma anotação comenta a noite em que ele foi admitido no esquadrão da Comandante Jameson, quando fiquei doente. Outra descreve a comemoração que tivemos juntos, quando marquei 1.500 pontos na minha Prova. Pedimos sorvete e dois frangos inteiros, e, a certa altura da noite, cheguei a experimentar um sanduíche de frango com sorvete, que talvez não tenha sido a melhor ideia que já tive. Ainda consigo ouvir nós dois rindo, assim como os aromas saborosos de frango assado e pão quente.

Comprimo os punhos em meus olhos fechados, respiro fundo e sussurro a Ollie: – O que estou fazendo? – Meu cachorro inclina a cabeça para mim, do lugar onde está deitado no sofá: – Estou defendendo um criminoso e afastando pessoas que conheço minha vida inteira!

Ollie me olha com aquela sabedoria canina universal, depois rapidamente volta a dormir. Eu o contemplo por alguns momentos. Não faz muito tempo, Metias estaria cochilando com os braços ao redor das costas de Ollie. Eu me pergunto se Ollie estará imaginando isso agora.

Demoro um minuto para me dar conta de uma coisa. Abro os olhos e volto a olhar para a última página que li no relato de Metias. Acho que vi alguma coisa lá. Estreito os olhos para o rodapé da página.

Era uma palavra escrita de forma errada. Franzo a testa. – Estranho! – digo em voz alta. A palavra está grafada com um *g* a mais: *ggeladeira*. Nunca na vida soube de algum erro de grafia cometido por Metias. Eu analiso a palavra por mais um minuto, sacudo a cabeça, então decido continuar. Anoto mentalmente o número da página.

Dez minutos depois, encontro outro erro. Desta vez a palavra é *elevação*, mas Metias escreveu *elevaçãa*.

Duas palavras escritas erradamente. Meu irmão nunca teria feito isso por acaso. Olho em redor, como se pudesse haver uma câmara de vigilância na sala. Depois me debruço na mesinha de centro, e começo a peneirar todas as páginas dos relatos de Metias. Guardo na cabeça as palavras escritas erradamente. Não há razão para ele tê-las escrito assim para que alguém as encontrasse.

Acho uma terceira palavra: *burguesia*, escrita *bowrguesia*. Depois, uma quarta palavra: *emanação*, grafada *emamenação*.

Meu coração começa a disparar.

Quando termino de examinar todos os doze relatórios de Metias, já são 24 palavras escritas erradamente. Todas vêm de relatórios escritos nos últimos meses.

Encosto-me no sofá e fecho os olhos para visualizar as palavras. Tantas palavras grafadas com erro por Metias só podem significar um recado dele para mim, a única pessoa com mais probabilidade de examinar tudo que ele escreveu. Um código secreto. Deve ser por isso que ele tirou todas as caixas do armário naquela tarde fatídica. Essa talvez seja a coisa importante que ele queria discutir comigo. Alterno a ordem das palavras, tentando formar uma frase que faça sentido, e quando isso não dá certo, troco as letras para ver se cada uma delas poderia ser um anagrama para outra coisa.

Não, nada.

Esfrego as têmporas. Depois tento outra coisa. E se Metias queria que eu juntasse as letras que estão faltando de cada palavra mas também as que não deveriam estar lá? Calmamente relaciono essas letras na minha cabeça, começando com o *g* de *ggeladeira*.

GAOWMESANAWIJHTNCNWIOPOOM

Franzo as sobrancelhas. Não faz sentido. Embaralho as letras repetidas vezes na cabeça, tentando formar várias combinações de palavras. Quando eu era criança, Metias brincava comigo de jogos de palavras: atirava uma porção de blocos com letras na mesa, então me perguntava que palavras eu poderia formar com elas. Agora tento experimentar esse jogo de novo.

Jogo por algum tempo até deparar com uma combinação que faz meus olhos se arregalarem.

“Joaninha!” O apelido de Metias para mim. Engulo em seco e tento ficar calma. Lentamente, alinho as letras que sobraram e tento formar mais palavras com elas. Diversas combinações me passam pela cabeça, até que uma delas me faz parar.

SIGA-ME, JOANINHA.

As únicas letras que sobram depois disso são três *Ws*, e depois O P T O N M C O. Isso deixava apenas um opção lógica.

WWW SIGA-ME JOANINHA PONTO COM

Um site. Reúno as letras várias vezes na cabeça, para me assegurar de que minha hipótese está correta. Depois olho de relance para meu computador.

Primeiro digito o código secreto de Metias, que me permite acessar a internet. Coloco as defesas e as proteções que meu irmão me ensinou: no mundo virtual, há espiões em todos os lugares. Depois desabilito o histórico do meu *browser*, e digito a URL com dedos trêmulos.

Surge uma página em branco. Só uma linha de texto aparece no alto da página.

“Deixe que eu pegue sua mão, que eu lhe darei a minha.”

Sei exatamente o que Metias quer que eu faça. Sem hesitar, estendo uma das mãos e a pressiono com firmeza no meu monitor.

A princípio, nada acontece, mas depois ouço um clique, vejo uma luz fraca passar por minha pele, e a página em branco desaparece. Em seu lugar surge o que parece ser um blog. Minha respiração para na garganta. Há seis curtas anotações no blog. Inclino-me para frente na cadeira e começo a ler.

O que vejo me deixa atônita de pavor.

12 de julho

Isto é para ser lido apenas por June. June, você pode facilmente deletar todos os traços deste blog ao pressionar sua palma direita

na tela e digitar Ctrl+Shift+S+F. Não tenho outro lugar onde escrever isto, por isso tem de ser aqui mesmo. Para você.

Ontem você fez quinze anos. Contudo, gostaria que você fosse mais velha, porque é muito difícil para mim contar a uma garota de quinze anos o que descobri, especialmente quando você deve estar comemorando.

Hoje encontrei uma fotografia tirada por nosso falecido pai. Foi a última do último álbum deles, e eu nunca havia reparado antes porque papai a havia escondido atrás de uma foto maior. Você sabe que vivo olhando as fotos de nossos pais. Gosto de ler os bilhetinhos deles, parece que eles ainda podem falar comigo. Dessa vez, porém, notei que a última foto daquele álbum era muito grossa. Quando mexi nela, a foto secreta caiu.

Papai havia fotografado seu local de trabalho, o laboratório no Batalla Hall. Papai nunca falava conosco sobre seu trabalho, mas tirou essa foto. Estava enevoada e distorcida, mas consegui distinguir a forma de um rapaz, numa maca, implorando pela vida. Ele tinha, estampado em sua bata hospitalar, um sinal em vermelho muito intenso, indicando alto risco de infecção.

Sabe o que papai escreveu no canto inferior dessa foto?

“Vou pedir demissão hoje, 6 de abril.”

Nosso pai tinha tentado se demitir na véspera do dia em que ele e mamãe sofreram aquele acidente fatal de carro.

15 de setembro

Há semanas, procuro pistas. Nada ainda. Quem poderia dizer que o banco de dados dos civis falecidos fosse tão difícil de invadir! Mas não vou desistir ainda. Há alguma coisa estranha por trás da morte de nossos pais, e vou descobrir qual é.

17 de novembro

Você me perguntou por que eu parecia fora de mim hoje. June, se você está lendo isto, provavelmente vai se lembrar desse dia, e agora saberá por quê.

Tenho ido atrás de pistas desde minha última anotação. Nos últimos meses venho fazendo perguntas sutis a outros empregados do laboratório, a velhos amigos do papai, e pesquisando *on-line*. Bem, hoje encontrei uma coisa.

Hoje finalmente consegui acessar o banco de dados dos civis falecidos de Los Angeles. Foi a coisa mais complicada que já fiz. Eu estava tentando entrar de maneira errada. Eles têm uma falha de segurança nos seus servidores que eu não havia observado antes, porque eles a enterravam debaixo de todo tipo de... bem, de qualquer modo, isso permitiu que eu conseguisse acessar o banco de dados. Para minha grande surpresa, na verdade achei um relatório sobre o acidente de carro de nossos pais.

Exceto pelo fato de que não foi acidente. June, nunca vou conseguir dizer isso em voz alta pra você, por isso espero, desesperadamente, que você tome conhecimento de tudo por aqui.

O Comandante Baccarin, outro ex-estudante de Chian (você se lembra do Chian, certo?) apresentou o relatório. O documento dizia que o Dr. Michael Iparis havia despertado a desconfiança dos administradores do laboratório do Batalla Hall quando questionou o verdadeiro objetivo de suas pesquisas. Ele sempre trabalhou para compreender os vírus da praga, evidentemente, mas deve ter descoberto algo que o perturbou tanto, que fez que ele tranquilamente solicitasse uma mudança em sua designação de tarefas. Lembra-se disso, June? Foi poucas semanas antes da colisão do carro.

O resto do relatório não abordou as pragas, mas me disse o que eu queria saber. June, os administradores do laboratório do Batalla Hall ordenaram ao Comandante Baccarin que ficasse de olho em nosso pai. Quando nosso pai tentou que o designassem para outra

tarefa, Baccarin soube que ele tinha deduzido a razão para suas pesquisas. Como você pode imaginar, isso não caiu muito bem. Ordenaram ao Comandante Baccarin que “encontrasse uma forma de resolver o problema”. O relatório termina afirmando que o assunto foi resolvido, sem baixas militares.

Data do relatório: um dia após o acidente de carro.

Eles mataram nossos pais.

18 de novembro

Consertaram a falha de segurança do servidor. Vou precisar encontrar outro modo de acessar os dados.

22 de novembro

Ocorre que o banco de dados dos civis falecidos tem mais informações sobre as pragas do que eu supunha. É claro que eu devia ter sabido disso, pois as pragas matam centenas de pessoas todos os anos. Mas sempre achei que as pragas eram espontâneas. Bem, não são.

Joaninha, você precisa saber disso. Não sei quando você vai encontrar esses meus registros, mas sei que vai acabar encontrando. Escute com cuidado: quando você terminar a leitura, não me diga que sabe de alguma coisa. Não quero que você faça nada precipitadamente. Entendido? Pense primeiro em sua segurança. Você pode encontrar uma forma de ajudar, eu sei que pode. Se alguém pode, esse alguém é você. Mas, em nome da minha segurança, não faça nada que chame a atenção para você. Eu me matarei se a República atacar você por reagir às informações que acabei de revelar.

Se você quiser se rebelar contra o sistema, faça-o de dentro dele. Isso é muito mais forte do que se rebelar estando fora do sistema. E se você escolher se revoltar, leve-me com você.

Papai descobriu que a República é que provoca as pragas anuais.

Elas começam nos lugares mais óbvios. Aquelas encostas elevadas cheias de animais pastando não são os locais de onde vem a maioria da carne que comemos. Você sabia disso? Eu devia ter adivinhado. A República tem milhares de fazendas subterrâneas para os animais. Elas ficam a dezenas de metros de profundidade. A princípio o Congresso não sabia o que fazer com os vírus malucos que continuavam a se desenvolver lá e a dizimar fazendas inteiras de animais. Isso era muito inconveniente, certo? Mas então lembraram da guerra das Colônias. E assim, toda vez que um novo e interessante vírus aparece nas fazendas de gado, os cientistas colhem amostras e as transformam em vírus que podem infectar os humanos. Depois criam uma vacina e a cura adequadas. E depois entregam requisições de vacinações obrigatórias a todo mundo, menos a alguns setores de favelas. Correm boatos de que um novo surto está sendo preparado para Lake, Alta e Winter.

Eles bombeiam o vírus nas favelas por meio de um sistema de tubulações subterrâneas. Às vezes, no fornecimento de água, às vezes diretamente em algumas casas específicas, para ver como ele se propaga. Isso dá início a um novo surto de praga. Quando pensam que já viram provas suficientes do que o vírus pode fazer, secretamente injetam em todos (isto é, todos que ainda estejam vivos) a cura, durante alguma varredura de rotina nos setores, então a praga é eliminada até o próximo teste. Também fazem alguns experimentos individuais com a praga em algumas crianças reprovadas na Prova. Elas não vão para campos de trabalho, June.

Nenhuma delas vai.

Elas todas morrem.

Você entende aonde quero chegar com isso? Usam as pragas para matar a população que tem genes fracos, da mesma forma que a Prova seleciona os mais fortes. Mas estão também criando vírus

para usar contra as Colônias. Há anos que empregam armas biológicas contra elas. Não dou a mínima para o que acontece com as Colônias, nem para exatamente o que nossa República deseja infligir a elas, mas June, nosso próprio povo virou cobaia nos laboratórios. Papai trabalhava nesses laboratórios, e quando ele tentou ir embora, eles o mataram. E a mamãe. Acharam que os dois fossem contar a verdade a todo mundo. Quem quer um motim em massa? Certamente não o Congresso.

Todos nós vamos morrer assim, June, se alguém não fizer alguma coisa. Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo.

26 de novembro

Thomas sabe. Ele sabe de que eu desconfio, que eu acho que o governo pode ter matado nossos pais de propósito.

Fico me perguntando como ele sabia que eu havia pirateado meu acesso ao banco de dados dos civis falecidos. Tudo em que posso pensar é que deixei algum indício, assim os caras da tecnologia que consertaram a falha de segurança encontraram esse indício, e contaram a ele. Por isso ele me abordou hoje, me perguntando a respeito.

Eu disse a ele que eu ainda estava pranteando a morte de nossos pais, e que fiquei meio paranoico. Acrescentei que não achei nada. Disse ainda que você também nada sabia a respeito, e que ele nem deveria mencionar o fato a você. Ele disse que manteria segredo. Acho que posso confiar nele, mas é estressante saber que alguém sabe, mesmo que um pouquinho, sobre minha desconfiança. Quero dizer, você sabe que ele às vezes tem acessos de raiva.

Tomei uma decisão. No fim de semana, vou comunicar à Comandante Jameson que quero deixar sua patrulha. Vou reclamar do número de horas de serviço, dizer que fico muito pouco tempo

com você, qualquer coisa assim. Vou atualizar essas anotações quando for designado para outro posto.

Sigo as instruções de Metias e deleto absolutamente tudo de seu blog.

Depois me enrosco no sofá e durmo até Thomas telefonar. Aperto um botão de meu telefone e a voz do assassino do meu irmão enche a sala de estar. Thomas, o soldado que sente prazer em executar qualquer ordem da Comandante Jameson, mesmo se for para matar um amigo de infância. O soldado que usou Day como um conveniente bode expiatório.

– June? – Ele diz. – Você está bem? São quase dez horas e ainda não te vi. A Comandante Jameson quer saber onde você está.

Invento uma mentirinha: – Não estou passando bem. Vou dormir até um pouco mais tarde.

– Sei... – Pausa. – Quais são seus sintomas?

– Eu vou ficar bem. Estou só desidratada e febril. Acho que comi alguma coisa estragada ontem à noite naquele café. Diga à Comandante Jameson que devo me sentir melhor no começo da noite.

– Tudo bem, então. Lamento saber disso. Melhoras rápidas. – Mais uma pausa. – Se você ainda estiver doente à noite, vou preencher um relatório e mandar a patrulha contra a praga para examinar você. Protocolo, você entende. E se você precisar que eu vá até aí, é só chamar.

Você é a última pessoa que quero ver.

– Se for o caso, eu aviso. Obrigada.

E desligo.

Minha cabeça dói. São muitas lembranças, muitas revelações. Não me admira que a Comandante Jameson tenha mandado que levassem o corpo de Metias com tanta pressa. E eu fui burra o bastante para pensar que ela fez isso por solidariedade. Não me surpreende que ela tenha organizado o funeral. Mesmo minha missão-teste de rastrear Day deve ter sido um artifício para me distrair, enquanto destruíam qualquer prova que restasse.

Penso na noite em que Metias resolveu pedir demissão da tarefa de acompanhar Chian e de ser um dos executores dos resultados das Provas. Ele estava calado e reservado quando foi me pegar no colégio. Lembro de ter perguntado: “Você está bem?”

Ele não respondeu. Apenas pegou minha mão e se dirigiu para a estação de trem.

– Vamos embora, June. Vamos para casa.

Quando olhei para as luvas dele, vi minúsculas manchas de sangue.

Metias não tocou no jantar, nem me perguntou como foi meu dia, o que me aborreceu, até eu me dar conta de que ele estava muito perturbado. Finalmente, pouco antes da hora de dormir, fui até onde ele estava deitado, no sofá, e me aconcheguei sob o seu braço. Ele beijou minha testa.

– Eu te amo – sussurrei, esperando obter alguma informação dele.

Ele se virou e me olhou; seus olhos estavam muito tristes.

– June – ele disse –, acho que vou solicitar outro mentor amanhã.

– Você não gosta do Chian?

Metias ficou em silêncio algum tempo; depois baixou os olhos, como se estivesse envergonhado:

– Hoje eu atirei numa pessoa no estádio da Prova.

Era isso que o estava perturbando. Fiquei calada e deixei que ele continuasse a falar.

Metias passou a mão pelo cabelo e disse:

– Atirei numa garota. Ela foi reprovada na Prova e tentou fugir do estádio. Chian gritou que eu atirasse nela... e eu obedeci.

– Ah! – Na ocasião eu não sabia, mas agora tenho certeza de que Metias se sentiu como se tivesse atirado em mim, quando matou a menininha. – Lamento – murmurei.

Metias ficou olhando para o vazio. Depois de longo silêncio, ele disse:

– Poucas pessoas matam pelas razões certas, June. A maioria faz isso pelas razões erradas. Só espero que você nunca se encontre em alguma

dessas categorias.

A lembrança se dilui, fico presa aos fantasmas das palavras dele.

Não me mexo nas horas que se seguem. Quando o juramento de fidelidade à República tem início lá fora, ouço as pessoas nas ruas entoando cânticos, mas nem me levanto. Não presto continência quando o nome do Primeiro Eleitor é citado. Ollie fica sentado a meu lado, olhando fixamente para mim, e choramingando de vez em quando. Eu olho para ele. Estou pensando, calculando. Preciso fazer alguma coisa. Penso em Metias, em meus pais, na mãe e nos irmãos de Day. A praga lançou suas garras ao redor de nós todos, de uma forma ou de outra. A praga assassinou meus pais. A praga infectou o irmão de Day. A praga matou Metias por descobrir a verdade de toda a farsa. Ela me roubou as pessoas que amo. E subjacente à praga está a própria República. O país do qual eu me orgulhava. O país que faz experiências com crianças e as mata se não passam na Prova. Campos de trabalho... todos fomos enganados. Teria a República também matado parentes dos meus colegas de classe da Drake, todas as pessoas que morreram em combate, de acidentes ou de enfermidades? O que mais é secreto?

Levanto, vou até o computador e apanho meu copo d'água. Olho fixa e inexpressivamente para ele. De algum modo, a visão dos reflexos desarticulados de meus dedos no vidro me assusta. Lembro das mãos ensanguentadas de Day, do corpo fraturado de Metias. Esse copo antigo foi um presente, supostamente importado das ilhas da República, na América do Sul. Vale 2.150 Notas. Alguém poderia ter comprado a cura da praga com o dinheiro gasto nesse copo em que eu costumo beber água. Talvez a República nem seja proprietária dessas ilhas. Talvez nada do que me foi ensinado seja verdade.

Num súbito acesso de raiva, levanto o copo e o atiro contra a parede. O vidro se espatifa em mil cacos reluzentes. Eu permaneço de pé, imóvel, trêmula.

Será que se Metias e Day tivessem se conhecido em outro lugar, que não as ruas do fundo do hospital, teriam se aliado?

O sol muda de posição. Chega a tarde. Continuo parada, de pé.

Finalmente, quando o pôr do sol inunda meu apartamento de tons laranja e dourados, saio do meu transe. Recolho os cacos do vidro quebrado. Visto meu uniforme completo. Certifico-me de que meu cabelo esteja penteado para trás impecavelmente, que meu rosto esteja limpo, calmo e desprovido de emoção. No espelho, pareço a mesma de antes, mas sou uma pessoa diferente internamente. Sou um prodígio que conhece a verdade, e sei muito bem o que vou fazer.

Vou ajudar o Day a fugir.

DAY

Hoje à noite vou tentar fugir da prisão. É assim que vai acontecer.

Quando a noite cai, me restam mais três dias de vida. Ouço mais gritos e um pandemônio vindo dos monitores do lado de fora da minha cela. Patrulhas contra a praga isolaram totalmente os setores Lake e Alta. Os altos e baixos do tiroteio vindo das telas me diz que as pessoas que vivem naqueles setores devem estar enfrentando as tropas. Apenas um lado tem a vantagem das armas. Não é difícil adivinhar quem está vencendo.

Meus pensamentos vagueiam até June. Sacudo a cabeça, surpreso ao recordar como permiti me abrir tanto com ela. Eu me pergunto o que ela estará fazendo agora, em que estará pensando. Talvez em mim. Gostaria que ela estivesse aqui. De alguma forma, sempre me sinto melhor com ela. É como se June pudesse solidarizar-se completamente com meus pensamentos e me ajudasse a afastá-los. Sinto-me confortado ao olhar para seu rosto tão bonito.

Seu rosto também me dá coragem. Sempre tive problema em ser corajoso sem Tess, John, ou minha mãe.

Tenho pensado nisso o dia inteiro. Se eu conseguir encontrar uma forma de escapar desta cela, de me equipar com as armas e um colete à prova de balas de algum soldado, tenho uma oportunidade concreta de sair do Batalla Hall. Já vi o lado de fora deste prédio várias vezes. As laterais não são tão escorregadias quanto as do Hospital Central. Se eu conseguir fugir por uma janela, posso correr ao longo dos parapeitos que cercam o edifício, mesmo com minha perna ainda em processo de cura. Os soldados não poderão me seguir: teriam de atirar em mim do chão ou do ar, mas sou rápido quando encontro pontos de apoio para os pés, e posso tolerar a dor nas mãos. Vou ter também de dar um jeito de retirar John pela janela. Éden provavelmente

já não está no Batalla Hall, mas eu me lembro claramente do que June me disse no primeiro dia da minha captura: “O prisioneiro da 6822.” Esse deve ser o John... e vou encontrá-lo.

Mas primeiro preciso planejar um modo de escapar desta cela.

Olho para os soldados enfileirados na parede e perto da porta. São quatro. Cada um usa um uniforme padrão, botas pretas, camisa preta com uma única fileira de botões prateados, calças cinza-escuro, colete à prova de balas e uma única braçadeira prateada. Cada um deles tem um rifle que mata à queima-roupa e uma arma adicional nos coldres do cinto. Minha mente pensa rapidamente. Num cômodo como este, com quatro paredes de aço, nas quais as balas poderiam ricochetear, os rifles provavelmente usam outro material que não munição de chumbo. Talvez balas de borracha, para me deixar tonto, se necessário. Até tranquilizantes. Mas nada que possa me matar ou matá-los. Nada, isto é, a não ser que disparado à queima-roupa.

Pigarreio. Os soldados se viram para me olhar. Espero mais alguns segundos, faço um som de engasgo, e curvo o corpo. Sacudo a cabeça como se fosse para clarear os pensamentos, depois me encosto na parede e fecho os olhos.

Os soldados ficam alertas. Um deles aponta o rifle para mim. Eles permanecem calados.

Continuo com meu teatrinho por mais dez minutos, aparento estar engasgando duas vezes enquanto os soldados não deixam de me olhar. Então, sem avisar, finjo ter ânsia de vômito, depois irrompo em acessos de tosse.

Os soldados se entreolham. Pela primeira vez, percebo um brilho de insegurança nos olhos deles.

– Qual é o problema? – Um deles me pergunta, irritado. É o que empunha o rifle engatilhado. Eu não respondo. Finjo estar concentrado em conter mais uma ânsia de vômito.

Outro soldado olha de relance para ele, e diz:

– Vai ver é a praga.

– Besteira. Um dos médicos já fez exames nele.

O soldado sacode a cabeça e continua:

– Ele ficou perto dos irmãos. Aquele novinho, o paciente zero, não é? Talvez os médicos não tenham percebido a doença então.

Paciente Zero. Eu sabia! Engasgo de novo, tentando dar as costas para os soldados enquanto finjo, para que eles não pensem que quero chamar sua atenção. Eu vomito e cuspo no chão.

Os guardas hesitam. Finalmente, o que empunha o rifle engatilhado faz um sinal com a cabeça para o soldado a seu lado e diz:

– Bem, eu não quero ficar por aqui, se for mesmo um outro vírus esquisito e mutante da praga. Chame uma equipe de técnicos. É bom a gente levar o garoto para as celas da ala médica.

O outro soldado acena com a cabeça, depois bate na porta. Escuto a porta ser destrancada pelo lado externo. Um soldado no corredor o leva para fora, depois rapidamente volta a trancar a porta.

O primeiro soldado se encaminha na minha direção.

– O resto de vocês mantenha os rifles apontados para ele – ele diz, por cima do ombro. Ele segura um par de algemas. Finjo não perceber que ele se aproxima, por estar muito ocupado em engasgar e tossir. – Levante-se. – Ele agarra um dos meus braços e me puxa com força pelos pés. Eu grito de dor.

Ele solta uma das minhas mãos da corrente, depois a prende nas algemas. Não luto. Depois ele solta a segunda mão, e se prepara para também prendê-la nas algemas.

De súbito, eu viro o corpo, e em uma fração de segundo fico livre. Antes que ele possa reagir, dou um giro rápido com o corpo, arranco sua arma do coldre, e a aponto diretamente para ele. Os outros dois guardas miram seus rifles em mim, mas não disparam: não podem fazer isso sem atingir o primeiro soldado.

– Mande seus homens lá fora abrirem a porta – digo ao soldado que mantenho como refém.

Ele engole em seco. Os outros soldados não se atrevem a piscar.

– Abram a porta! – Ele grita.

Há um tumulto no corredor, depois alguns cliques. O primeiro soldado arreganha os dentes para mim e diz, rudemente:

– Tem dúzias deles aí fora. Você nunca vai conseguir escapar.

Eu simplesmente pisco para ele. No instante em que a porta abre uma nesga, agarro a camisa do soldado e o empurro numa parede. Um dos outros guardas tenta atirar em mim, mas eu me esquivo e rolo no chão. Tiros são disparados a meu redor, soam como balas de borracha. Paro de rolar no chão bem na hora de dar uma rasteira num soldado, que o faz se estatelar de costas. Mesmo isso me faz cerrar os dentes de dor. *Droga de perna doente!* Eu me arremesso pela abertura antes que eles possam fechá-la.

Absorvo a cena no corredor num piscar de olhos. Soldados se amontoam na passagem. Azulejos no teto. Curva em ângulo reto no fim do corredor. Na parede está escrito *4º andar*. O soldado que abriu a porta começou a reagir: a mão empunha a arma como em câmera lenta. Dou um pulo, alcanço uma parede, então agarro a saliência superior da porta. Minha perna machucada me desequilibra completamente, quase volto a cair no chão. Soam mais tiros. Balanço o corpo em direção ao teto, e agarro a interseção metálica entre os azulejos. “Cela 6822 – sexto andar.” Balanço o corpo para baixo, e chuto a cabeça de um soldado com minha perna não machucada. Ele cai, eu rolo com ele. Sinto duas balas de borracha atingi-lo no ombro. Ele grita. Eu me agacho e saio correndo pelo corredor, driblando soldados e armas, e consigo me desviar das mãos que se estendem para me pegar.

Preciso chegar até o John. Se conseguir tirá-lo da cela, podemos nos ajudar a escapar. Se eu conseguir...

A essa altura, uma coisa pesada me atinge no rosto. Minha visão escurece. Luto para me concentrar, mas sinto que caio no chão. Tento me levantar com um salto, mas alguém me derruba de novo, uma dor aguda faz minhas costas se contorcerem. Um soldado deve ter me golpeado com o

cano de um rifle. Sinto mãos prenderem meus braços e pernas. Respiro com muita dificuldade.

Tudo acontece tão rapidamente que mal consigo registrar tudo. Minha cabeça está zozna. Acho que vou desmaiar.

Escuto uma voz familiar acima de mim. É a da Comandante Jameson.

– Que diabo está acontecendo aqui? Ela continua a gritar com seus soldados.

Minha visão volta gradativamente. Percebo que ainda estou tentando me livrar do soldado que me prende.

Certa mão agarra meu queixo. De repente estou olhando diretamente para os olhos da Comandante Jameson. Ela diz:

– Tentativa idiota, essa.

Lança um olhar para Thomas, que lhe presta continência. Ela ordena:

– Thomas, leve-o de volta à cela e, só para variar, ponha guardas eficientes para vigiá-lo.

Ela solta meu queixo e esfrega as mãos enluvadas:

– Quero que os homens que o guardavam sejam dispensados e expulsos da minha patrulha.

– Sim, senhora.

Thomas bate continência mais uma vez, depois começa a dar ordens grosseiramente. Minha mão livre está presa às algemas ainda penduradas no outro pulso. Pelo canto do olho, vejo outra oficial, vestida de preto, ao lado de Thomas. É June. Meu coração quase sai pela boca. Ela estreita os olhos para mim. Em sua mão vejo o rifle que ela usou para me golpear.

Arrastam-me chutando e gritando de volta à minha cela. June fica por perto quando os soldados me acorrentam novamente à parede. Então, quando eles recuam, ela se debruça para perto do meu rosto e diz, de modo rude:

– Recomendo que você não tente isso de novo.

Só há uma fúria gélida em seus olhos. Perto da porta, vejo a Comandante Jameson sorrir. Thomas observa, com expressão séria.

Nesse instante, June se inclina de novo, então sussurra em meu ouvido:

– Não tente de novo, porque você não vai conseguir sozinho. Vai precisar da minha ajuda.

De todas as coisas que eu poderia ter imaginado saindo de sua boca, essas não figuravam certamente entre elas. Tento manter minha expressão inalterada, mas meu coração deixa de bater por um segundo. *Ajuda? June quer me ajudar?* Esta é a mesma garota que acabou de me golpear e me deixar num estado semiconsciente no corredor. Será que está tentando fazer que eu caia numa armadilha? Ou será que está sendo sincera?

June se afasta de mim no instante em que termina a última palavra. Finjo estar zangado, como se ela me tivesse murmurado um insulto. A Comandante Jameson levanta o queixo dela e diz:

– Muito bem dito, Agente Iparis. – June presta uma breve continência. – Siga Thomas até o hall e nos encontraremos lá.

June e o capitão saem. Fico sozinho com a Comandante Jameson e um novo revezamento de soldados perto da porta da cela.

– Sr. Wing – ela me diz, após algum tempo –, foi uma tentativa impressionante de sua parte. O senhor é verdadeiramente tão ágil quanto afirmou a Agente Iparis. Detesto ver um talento assim desperdiçado com criminosos imprestáveis, mas a vida não é muito justa, certo? – Ela sorri para mim.

– Pobre menino! O senhor acreditou mesmo que poderia escapar de uma fortaleza militar, não foi?

A Comandante Jameson vem até onde estou, inclina-se, e apoia o cotovelo num joelho.

– Vou lhe contar uma pequena história – ela diz. – Há alguns anos, prendemos um jovem renegado que tinha muita coisa em comum com o senhor, era ousado e intrépido, estupidamente desafiador e inconveniente. Ele também tentou escapar antes de sua execução. Sabe o que aconteceu,

Sr. Wing? – Ela estende a mão, que põe na minha testa, me empurrando para trás, até comprimir minha cabeça na parede. – Esse garoto foi até a escadaria, onde o pegamos. Quando chegou a data de sua execução, o tribunal me concedeu permissão para matá-lo pessoalmente, ao invés de colocá-lo em frente ao pelotão de fuzilamento. – Sua mão aperta a minha testa. – Acho que ele teria preferido o pelotão de fuzilamento.

– Algum dia a senhora vai morrer de um jeito pior do que ele – retruquei asperamente.

A Comandante Jameson solta uma gargalhada e diz:

– Mal-humorado até o fim, não é? – Ela solta minha cabeça e levanta meu queixo com um dedo. – O senhor é muito divertido, meu lindo rapaz.

Estreito os olhos. Antes que ela me possa impedir, eu me solto da sua pegada e mordo sua mão para valer. Ela emite um grito agudo. Mordo o mais forte que posso, até sentir o gosto de sangue. A Comandante Jameson me atira com violência na parede. O golpe me faz ver estrelas. Ela segura firmemente a mão, desempenhando uma dança agônica enquanto eu pisco, lutando para ficar acordado. Dois soldados tentam ajudá-la, mas a Comandante os repele.

– Espero ansiosa sua execução, Day – ela me diz, quase babando de raiva. Sua mão goteja sangue. – Vou ficar contando os minutos! – Depois ela sai que nem um furacão, batendo a porta da cela com violência.

Fecho os olhos e enterro a cabeça nos braços, para que ninguém possa ver meu rosto. Sangue permanece na minha língua, estremeço com o gosto metálico. Não tive ainda a coragem de pensar na data da minha execução. Como será ficar de diante de um esquadrão de fuzilamento, e sem maneira de fugir? Meus pensamentos vagueiam e depois se concentram no que June me disse: “Você não vai conseguir sozinho. Vai precisar da minha ajuda”.

Ela deve ter descoberto alguma coisa: quem realmente matou seu irmão, ou alguma outra verdade sobre a República. Ela agora não tem nenhuma razão para me fazer cair numa armadilha. Não tenho nada a perder, nem ela a ganhar. Espero até que esse raciocínio seja bem absorvido.

Uma agente da República vai me ajudar a fugir. Vai me ajudar a salvar meus irmãos.

Devo estar enlouquecendo.



Aprendi na Universidade de Drake que a melhor maneira de andar à noite sem ser vista é nos telhados dos prédios. Fico praticamente invisível a uma altura dessas. As pessoas concentram sua atenção na rua, além disso, lá de cima consigo a melhor vista do lugar para onde me dirijo.

Hoje à noite estarei de volta à divisa entre Lake e Alta, onde me meti na luta de Skiz com Kaede. Tenho de encontrá-la logo, antes de voltar ao Batalla Hall de manhã e discutir com a Comandante Jameson os detalhes da fuga frustrada de Day. Kaede vai ser minha melhor aliada na iminente execução de Day.

Pouco depois da meia-noite, visto-me toda de preto: botas pretas de caminhada, uma fina jaqueta preta de aviador, facas no cinto, uma pequena mochila preta nos ombros. Não estou com as minhas armas: não quero que ninguém me rastreie até os setores da praga.

Chego até o topo do edifício, até estar sozinha no telhado com o vento sibilando a meu redor. Dá para sentir o cheiro da umidade do ar. A esta hora, algumas encostas ainda têm animais pastando. Ao olhar para eles, fico me perguntando se tenho estado vivendo sobre uma fazenda subterrânea de carne esse tempo todo. Daqui posso enxergar todo o centro de Los Angeles, bem como vários dos setores que o cercam, e a margem fina que separa o enorme lago do oceano Pacífico. É fácil diferenciar onde os setores ricos fazem divisa com os mais pobres, onde a luz elétrica estável dá lugar a lanternas tremeluzentes, fogueiras e centrais de energia a vapor.

Uso um lançador aéreo de cordas para estender um fino cabo entre dois prédios. Depois deslizo silenciosamente de prédio em prédio, até estar bem distante dos setores Batalla e Ruby. Aqui minha tarefa é mais complexa, porque os edifícios não são tão altos, e os telhados estão em péssimas condições, alguns até ameaçam desmoronar completamente se força

excessiva os atingir. Escolho cuidadosamente os alvos. Algumas vezes sou forçada a mirar o lançador mais baixo do que o telhado, depois apoiar o corpo até o topo dos prédios quando chego ao outro lado. Quando alcanço os arredores do setor Lake, sinto o suor pingando no pescoço e nas costas.

A margem do lago fica a apenas alguns quarteirões. Quando olho atentamente para o setor, reparo que fitas adesivas vermelhas estão em quase todos os quarteirões, e soldados das patrulhas contra a praga, com máscaras de gás e capas pretas, estão em cada esquina. Marcas de *X* aparecem em filas e filas de portas. Vejo uma patrulha indo de porta em porta, fingindo estar fazendo mais uma varredura rotineira. Tenho um palpite de que estão distribuindo curas, exatamente como disse Metias. Daqui a algumas semanas, essa praga terá “magicamente” desaparecido. Esforço-me para não olhar nem para perto de onde fica a casa de Day, ou, talvez, onde ficava. Como se o corpo de sua mãe ainda estivesse lá, caído na rua.

Demoro mais dez minutos para chegar ao local, já do lado de fora do Lake, onde conheci Day. Aqui os telhados são muito frágeis para meu lançador aéreo de corda. Cuidadosamente ando tateando, pelo chão mesmo. Sou ágil, mas não sou Day. Sigo pelos becos sombreados até a beira do lago. Areia molhada vai sendo esmigalhada pelos meus pés.

Vou caminhando pelos becos dos fundos, com cuidado para evitar os postes, os guardas municipais e a infindável multidão da rua. Day certa vez me contou que conheceu Kaede num bar aqui, na divisa entre Alta e Winter. Vou examinando a área enquanto caminho. Dos telhados eu já podia ver que havia cerca de uma dúzia de bares que se enquadravam no local e na descrição que Day fez, mas aqui no chão, conto nove deles.

Paro em becos várias vezes, para coordenar meus pensamentos. Se me apanharem aqui e alguém descobrir o que estou fazendo, provavelmente me matarão. Sem fazer perguntas. Essa ideia acelera meu coração.

Mas então recordo as palavras de meu irmão. Isso basta para fazer meus olhos arderem, e cerrar meus dentes. Já vim longe demais para desistir agora.

Perambulo inutilmente por vários bares. Todos parecem iguais: pouco iluminados, cheios de fumaça e bagunça, a ocasional luta de Skiz acontecendo num canto escuro. Verifico todas as lutas, embora tenha aprendido minha lição o suficiente para ficar afastada dos círculos. Pergunto a todos os atendentes de bar se conhecem uma garota com uma tatuagem de videira. Mas nada de Kaede.

Cerca de uma hora se passa.

E, então, eu a encontro. Na verdade, ela é que me encontra. Nem tenho a oportunidade de entrar no bar.

Mal saio de um beco adjacente e estou indo em direção à porta lateral de um bar, quando sinto algo passar voando por meu ombro. É uma adaga. Instantaneamente pulo para fora do caminho, meus olhos percorrem rapidamente o local. Alguém salta do segundo andar, investe contra mim, derrubando nós duas na sombra. Minhas costas batem violentamente na parede. No mesmo instante pego minha faca no cinto, antes de ver quem me atacou.

– É você! – Exclamo.

A menina que me encara está furiosa. A luz da rua reflete sua tatuagem de videira, a maquiagem preta e pesada lhe delinea os olhos.

– Tudo bem – diz Kaede. – Sei que *tu* está procurando por mim. Você quer falar tanto comigo que está batendo perna em todos os bares da Alta faz mais de uma hora. Que é que *tu* quer? Uma revanche ou coisa assim?

Vou responder, quando percebo um movimento nas sombras atrás de Kaede. Fico paralisada. Há mais alguém conosco.

Quando Kaede vê meu olhar se deslocar para lá e para cá, ela ergue a voz e diz:

– Não se aproxime, Tess. É melhor você não ver isso.

– Tess? – Estreito os olhos para a escuridão. O vulto de pé é pequeno, tem uma estrutura delicada, e o cabelo parece estar puxado para trás numa trança malfeita. Olhos grandes e luminosos me examinam por trás de

Kaede. Tenho vontade de sorrir para ela: sei que essa notícia vai fazer Day muito feliz.

Tess dá um passo à frente. Ela parece saudável, apesar das olheiras. A expressão desconfiada faz que eu me sinta envergonhada.

– Olá! – Ela diz. – Como vai o Day? Está bem?

Faço um sinal positivo com a cabeça.

– Por enquanto. Fico feliz por você também estar bem. O que você está fazendo aqui?

Ela me dá um sorriso cauteloso, depois aponta com os olhos, nervosamente, para Kaede que a olha aborrecida, me apertando com mais força na parede. Então pergunta raivosamente:

– Que tal você responder primeiro à minha pergunta?

Tess deve ter entrado para os Patriotas. Deixo cair minha faca no chão, depois mostro minhas mãos vazias para as duas:

– Estou aqui para negociar com você. – Devolvo o olhar fixo com tranquilidade. – Kaede, preciso de sua ajuda. Preciso falar com os Patriotas.

Isso a pega desprevenida e ela pergunta:

– Por que você acha que sou uma Patriota?

– Trabalho para a República. Sabemos muitas coisas, e algumas delas podem lhe surpreender.

Kaede estreita os olhos para mim e diz:

– Você não precisa da minha ajuda, está mentindo. Você é um soldado da República, e entregou o Day. Por que deveríamos confiar em você?

Pego minha mochila, abro o zíper e retiro um grosso maço de Notas. Tess solta um pequeno suspiro.

– Quero dar isso a você – respondo, entregando o dinheiro a Kaede. – E tem mais, de onde veio isso, mas preciso que você me escute, e não tenho muito tempo.

Kaede examina as notas, com a mão de seu braço sem ferimentos, e testa uma com a ponta da língua. Seu outro braço está numa tipoia. De

repente eu me pergunto se foi Tess que pôs a atadura naquele braço. Os Patriotas devem achá-la útil.

– A propósito, lamento ter feito isso – digo, apontando para seu braço. – Tenho certeza de que você compreende por que fiz isso. Eu ainda carrego os ferimentos que você me causou.

Kaede dá uma risada seca e diz:

– Tudo bem. Pelo menos agora a gente tem mais uma médica nos Patriotas.

Ela dá um tapinha no gesso e pisca para Tess.

– Fico satisfeita em saber – digo, olhando de lado para Tess. – Tome conta dela direito. Ela tem muito valor.

Kaede analisa meu rosto um pouco mais e finalmente me solta. Então faz um sinal com a cabeça para meu cinto:

– Largue suas armas.

Não discuto. Tiro quatro facas do cinto, mostro-as para ela, depois as atiro no chão do beco. Kaede as afasta de mim com um chute.

– Você tem algum equipamento de rastreamento? Algum dispositivo de escuta? – Ela pergunta.

Permito que Kaede verifique minhas orelhas e minha boca, e respondo:

– Não tenho nada disso.

– Se eu ouvir nem que seja uma pisada vindo pra cá – diz Kaede –, eu te mato na hora. Entendido?

Faço que sim com a cabeça.

Kaede hesita, depois abaixa o braço e nos leva ainda mais para as profundezas das sombras no beco. Ela diz:

– De jeito nenhum eu vou te levar até outros Patriotas. Não confio em você o suficiente. *Tu* pode falar com nós duas, aí eu decido se vale a pena passar a informação adiante.

Eu me pergunto se os Patriotas têm muitos seguidores e respondo:

– Sem problema.

De início, conto a Kaede e Tess tudo que descobri. Começo com Metias e sua morte. Conto sobre minha perseguição a Day, e o que aconteceu quando eu o entreguei. Falo o que Thomas fez a Metias, mas não menciono a Kaede por que meus pais morreram nem o que Metias revelou sobre as pragas nos registros de seu blog. Fico muito envergonhada, não consigo contar essa história nojenta diretamente a duas pessoas que vivem nos setores pobres.

– Quer dizer que o amigo de seu irmão matou *ele*, né? Kaede assobia baixinho. – Porque ele sabia como a República matou os pais de vocês? E armaram para o Day?

Fico irritada com o tom indiferente de Kaede, mas deixo isso de lado, e só respondo:

– É.

– Poxa, táí uma história triste. Me conta que diabo isso tem a ver com os Patriotas.

– Quero ajudar Day a fugir antes que seja executado. E eu soube que os Patriotas tentam recrutá-lo há muito tempo. Vocês provavelmente também não querem que ele morra. Talvez os Patriotas e eu possamos chegar a um acordo.

A raiva nos olhos de Kaede transformou-se em ceticismo:

– Quer dizer que você quer vingar a morte de seu irmão ou o quê? *Tu* vai dar as costas à República por causa do Day?

– Quero justiça, quero libertar o garoto que não matou meu irmão. Kaede resmunga, e não acredita:

– Você tem uma vida maneira, né? Protegida num apartamento gostoso num setor rico. Você sabe que se os mandachuvas da República descobrirem que *tu* falou comigo, eles vão te botar diante de um pelotão de fuzilamento, igual ao Day.

A menção de Day de pé diante de um pelotão de fuzilamento faz um arrepio percorrer minha espinha. Pelo canto do olho, vejo Tess se contrair também.

– Eu sei – respondo. – Você vai me ajudar?

– Você é louca pelo Day, não é?

Espero que a escuridão esconda o rubor nas minhas faces e respondo:

– Isso não tem nada a ver.

Ela dá uma gargalhada e diz:

– Essa foi demais! A pobre menina rica se apaixonou pelo criminoso mais famoso da República! E é pior ainda, porque é por sua causa que ele está preso, certo?

Acalme-se.

– Você vai me ajudar? – Pergunto de novo.

Kaede dá de ombros e responde:

– A gente sempre quis o Day. Ele podia ser um perfeito aliado para nós, tá sabendo? Mas a gente não trabalha em nenhum negócio de caridade. Somos profissionais, temos uma agenda longa a cumprir, que não tem nada a ver com projetos de boas ações. – Tess abre a boca para protestar, mas Kaede faz um movimento para que ela fique calada. – Day pode ser uma figura popular aqui nas ruas, mas ele é só um cara. Qual é a vantagem pra gente? Só a alegria de *ter ele* do nosso lado? Os Patriotas não vão arriscar uma dezena de vidas só para libertar um criminoso. Isso é pouco.

Tess suspira. Trocamos olhares. Compreendo que isso é uma coisa que ela vem tentando em vão convencer Kaede a fazer, desde que Day foi preso. Essa talvez seja até a razão pela qual Tess tenha entrado para os Patriotas: implorar que salvem Day.

– Eu sei. – Pego minha mochila e a jogo para Kaede. Ela não a abre. – Foi por essa razão que eu trouxe isto. Aí dentro *tem* 200 mil Notas, menos o que eu já te dei antes. Esse dinheiro é uma pequena fortuna. É o dinheiro da recompensa que ganhei por capturar Day, deve ser suficiente para pagar por sua ajuda. – Abaixo a voz. – Também incluí uma bomba eletromagnética. Nível três. Vale 6 mil Notas. É capaz de desativar armas por dois minutos, num raio de oitocentos metros. Estou certa de que você sabe que é muito difícil conseguir uma dessas no mercado negro.

Kaede abre o zíper da mochila e examina o conteúdo. Não diz nada, mas dá para perceber sua alegria, por sua linguagem corporal, pela maneira com que ela se debruça avidamente sobre as notas e passa a mão saudável na superfície fria do dinheiro. Ela emite um gemido de encantamento quando encontra a bomba, e seus olhos se arregalam enquanto ela ergue a esfera metálica para examiná-la. Tess a observa com um olhar esperançoso.

– Esse dinheiro não passa de troco para os Patriotas – ela diz ao terminar a inspeção –, mas *tu* está certa: deve ser o bastante para convencer meu chefe a deixar que eu te ajude. Mas como a gente pode ter certeza de que isso não é uma armadilha? Você vendeu o Day à República. E se você estiver mentindo para mim também?

Chamar de *troco* essa dinheirama só se os Patriotas estiverem com muitos, mas muitos recursos financeiros mesmo. Mas eu apenas concordo com a cabeça, e digo:

– Você tem o direito de desconfiar de mim, mas pense no caso desta forma: você pode ir embora agora, com 200 mil Notas e uma arma muito útil, e nunca levantar um dedo para me ajudar. Estou confiando em você e nos Patriotas, e imploro que confie em mim.

Kaede respira fundo. Dá para ver que ela ainda não está convencida:

– Bem, qual é seu plano?

Meu coração se acelera, e sorrio sinceramente para ela:

– A prioridade número um: John, o irmão de Day. Planejo ajudá-lo a fugir amanhã à noite, não antes das onze horas da noite, não depois das onze e meia. – Kaede me olha incredulamente, mas eu a ignoro. – Uma morte falsa, vamos afirmar que John está contaminado pela praga. Se eu puder ajudá-lo a escapar do Batalla Hall amanhã à noite, vou precisar de você e de uns dois Patriotas para tirá-lo do setor, depois mantê-lo em segurança.

– A gente vai estar lá, se você conseguir libertar o cara.

– Ótimo. O caso do Day vai ser obviamente mais complicado. A execução dele acontece daqui a duas noites, exatamente às 18 horas. Dez

minutos antes, eu serei a primeira pessoa a levá-lo para o pátio do esquadrão de fuzilamento. Eu tenho uma identidade de acesso seguro – devo conseguir tirar o Day por uma das seis saídas dos fundos, pelo lado leste do corredor. Faça que alguns Patriotas nos esperem lá. Calculo que uma multidão de pelo menos 2 mil pessoas compareça à execução, o que significa uma equipe de pelo menos oitenta guardas de segurança. As saídas dos fundos precisam estar o menos vigiadas possível. Faça alguma coisa, qualquer coisa, para garantir que a maioria dos soldados precise ajudar lá na frente. Se o primeiro quarteirão depois do Batalla Hall não estiver com muitos seguranças, vocês vão ter uma boa vantagem de tempo para fugir.

Kaede levanta uma sobrancelha e diz:

– *Tu* não bate bem. Sabe que isso parece impossível, não sabe?

– Sei. – Faço uma pausa. – Mas não tenho muita escolha.

– Bem, continua. E a praça?

– Desvio tático. – Meus olhos se fixam nos de Kaede. – Tente criar um caos pra valer na Batalla Square, o maior tumulto que você conseguir. O suficiente para obrigar a maioria dos soldados que vigiam as saídas dos fundos a ir para a praça e ajudar a conter a multidão, mesmo que por alguns minutos. É aí que a bomba eletromagnética pode ajudá-la. Solte a bomba no ar, ela vai fazer estremecer o chão do Batalla Hall e seus arredores. Não vai machucar ninguém, mas certamente vai criar pânico. E se as armas nas proximidades estiverem desativadas, os guardas não vão poder atirar no Day, mesmo se o virem fugir pelo telhado. Vão ter de persegui-lo ou tentar a sorte com armas menos precisas, que só imobilizam ou atordoam.

– Legal, tu é um gênio! – Kaede ri, de modo sarcástico. – Mas tenho uma coisinha pra te perguntar: como é que você, vai conseguir tirar o Day do prédio? Acha que você vai ser o único soldado que vai levar *ele* até o pelotão de fuzilamento? Outros soldados devem acompanhar vocês. Talvez um pelotão inteiro!

Sorriso para ela e digo:

– Vai haver outros soldados. Mas quem disse que eles não podem ser Patriotas disfarçados?

Ela não me responde, não com palavras, mas vejo um sorriso se espalhando em seu rosto, então percebo que mesmo que ela me ache maluca, já concordou em ajudar.

DAY

Duas noites antes da data da minha execução, sonho muito enquanto tento dormir encostado à parede da minha cela. Não me lembro dos primeiros sonhos. Eles se misturam numa combinação confusa de rostos familiares e desconhecidos, algo que parece o riso de Tess, outra coisa que soa como a voz de June. Todos estão tentando falar comigo, mas não consigo compreender nenhum deles.

Mas me lembro do último sonho que tive antes de acordar.

É uma tarde linda no setor Lake. Estou com nove anos. John, com treze anos, havia entrado naquela fase de crescer repentinamente. Éden só tem quatro anos, está sentado nos degraus da porta da frente, olhando John e eu jogarmos hóquei de rua. Mesmo nessa idade, Éden é o mais inteligente de nós e, ao invés de participar do jogo, ele prefere ficar sentado lá, brincando com peças de um velho motor de turbina.

John atira uma bolinha de papel em mim. Eu mal consigo pegá-la com o cabo do meu taco.

– Você jogou longe demais – protesto.

John apenas dá um risinho e diz:

– Você vai precisar melhorar seus reflexos, se quiser passar nos exames físicos da Prova.

Bato de volta na bola com a maior força que posso. Ela passa zunindo por John e atinge a parede atrás dele.

– Você conseguiu passar na *sua* Prova – digo. – Apesar de seus reflexos.

– Eu não peguei essa bola de propósito.

John ri ao se virar e dar uma corridinha até a bola. Ele a pega antes que a brisa possa jogá-la para longe. Vários pedestres quase pisam nela. John

diz:

– Eu não quis destruir completamente o seu ego.

É um bom dia. John havia sido recentemente contratado para trabalhar na nossa central de energia a vapor. Para celebrar, mamãe vendeu um de seus dois vestidos e um monte de vasos antigos, e passou toda a última semana substituindo suas colegas de trabalho em seus turnos. O dinheiro extra deu para comprar um frango inteiro, que ela está preparando, na cozinha. O aroma de carne e caldo é tão bom que mantemos a porta entreaberta, para sentirmos um pouquinho do cheiro. John não costuma estar tão bem-humorado quanto hoje. Pretendo me aproveitar disso ao máximo.

John atira a bola para mim, eu a pego com meu taco e a jogo de volta. Jogamos rápida e empenhadamente por vários minutos; nenhum dos dois erra, e às vezes damos saltos tão ridículos para pegar a bola que Éden morre de rir. O cheiro do frango enche o ar. Hoje não está fazendo calor; na verdade, o dia está perfeito. paro por um segundo enquanto John corre para pegar a bola de novo. Tento tirar uma foto mental desse dia.

Atingimos a bola mais algum tempo. Então, cometo um erro.

Um guarda municipal perambula pelo nosso beco quando estou me preparando para atirar a bola de volta para John. Pelo canto do olho, vejo Éden ficar de pé nos degraus. Até John vê o guarda se aproximar, antes de mim, e estende uma das mãos para me deter. Mas é tarde demais. Já estou no meio do balanço do corpo, e jogo a bola direto na cara do guarda.

É claro que a bola quica e cai – é de papel e não machuca –, mas é o suficiente para o policial parar de repente. Seus olhos me fuzilam. Fico paralisado.

Antes que um de nós possa se mexer, o guarda tira uma faca da bota e caminha com passos firmes até onde estou. Ele grita:

– Está pensando que você pode se safar depois de uma coisa dessas, moleque? – Ele ergue a faca e se prepara para me golpear o rosto com o cabo. Em vez de me encolher, olho para ele com raiva e me mantenho firme.

John alcança o policial antes que ele possa me alcançar.

– Senhor! Senhor!

John se põe rapidamente à minha frente e estende as mãos para o guarda. – Lamento muito o que aconteceu. Este é Daniel, meu irmãozinho. Ele não teve a intenção.

O policial empurra John de sua frente. O cabo da faca me golpeia no rosto, eu caio no chão. Éden grita e corre para dentro de casa. Eu tusso, tentando cuspir a terra que me enche a boca. Não consigo falar. O guarda chuta o lado do meu corpo. Meus olhos se arregalam. Eu me curvo numa posição fetal.

– Para, por favor!

John corre de novo para perto do policial e fica firmemente entre nós dois. De onde estou caído no chão, olho rapidamente para nossa varanda; minha mãe veio correndo até a entrada, com Éden escondido atrás dela. Ela grita, desesperada, para o policial. John continua suplicando ao guarda:

– Eu posso pagar ao senhor. A gente não tem muito, mas o senhor pode levar o que quiser, por favor.

A mão de John se abaixa e agarra meu braço. Ele me ajuda a ficar de pé.

O guarda para, analisa a oferta de John, então olha para minha mãe:

– Você aí! – Ele grita. – Pega as coisas que você tiver. E vê se cria melhor esse pestinha.

John me empurra mais para trás dele, e repete:

– Ele não teve a intenção, senhor. Minha mãe vai castigar *ele* pelo seu comportamento. Ele é muito novo, não sabe direito o que faz.

Minha mãe volta apressada alguns segundos depois, com um embrulho de pano. O policial o abre e verifica todas as Notas. Percebo que é quase todo o nosso dinheiro. John fica em silêncio. Depois de algum tempo, o policial volta a embrulhar o dinheiro e o enfia no bolso da sua jaqueta. Ele olha de novo para minha mãe e pergunta:

– Você está cozinhando frango lá dentro? Isso é um luxo para uma família como a sua. Você gosta de desperdiçar dinheiro com frequência?

– Não, senhor.

– Então me dá esse frango também – ordena o homem.

Mamãe volta correndo para dentro, e sai em seguida com uma sacola fortemente amarrada, dentro está o frango, embrulhado em um pano. O guarda pega a sacola, apoia por cima do ombro e me dá mais um olhar enojado:

– Moleques de rua! – Resmungo. E nos deixa para trás. O beco fica em silêncio de novo.

John tenta dizer alguma coisa para consolar mamãe; ela, porém, não escuta e se desculpa com John pela refeição perdida. Ela não me olha. Depois de um tempo, entra correndo em casa para atender a Éden, que começou a chorar.

John gira o corpo para me encarar depois que mamãe sai. Agarra meu ombro e me sacode com força.

– Nunca mais faça isso, entende? Não se atreva.

– Eu não quis acertar! – grito.

John emite um som raivoso e diz:

– Não se trata disso e sim do jeito que você olhou para ele. Você tem minhoca na cabeça? *Nunca* olhe para um policial daquele jeito, entendeu? Você quer que eles nos matem a todos?

Meu rosto ainda arde do golpe com o cabo da faca, e meu estômago queima, como resultado do chute do policial. Consigo me soltar de John e digo, irritado:

– Você não precisava me defender. Eu podia ter dado conta sozinho. Eu vou revidar.

John me segura com força de novo e diz:

– Você é completamente pirado. Preste atenção ao que digo, para valer. Certo? Não é pra revidar. Nunca! A gente faz o que os guardas mandam, e não discute com eles. – Parte da raiva desaparece dos seus olhos. – Prefiro morrer a ver esse pessoal machucar você. Compreende?

Eu me esforço para responder com algo inteligente, mas, para meu constrangimento, lágrimas me enchem os olhos e eu digo num impulso:

– Lamento você ter ficado sem seu frango.

Minhas palavras provocam um pequeno sorriso de John e ele diz:

– Venha cá, menino.

Ele suspira, e me envolve num abraço. Lágrimas escorrem em meu rosto.

Tenho vergonha delas, por isso tento não deixar escapar nenhum som.

Não sou uma pessoa supersticiosa, mas, quando acordo desse sonho, dessa lembrança dolorosamente nítida de John, sinto uma horrível sensação no peito.

Prefiro morrer a ver esse pessoal machucar você.

Eu subitamente receio que, de alguma forma, de algum modo, o que ele disse no sonho vai se tornar realidade.

JUNE



08H00. SETOR RUBY.

18 °C EM AMBIENTE EXTERNO.

Day será executado amanhã à noite.

Thomas aparece na minha casa. Ele me convida para uma sessão de cinema, bem cedo, antes de nos apresentarmos no Batalla Hall. O filme é *Glory of the Flag*^[6].

– Escutei comentários favoráveis – ele me diz. – É sobre uma garota da República que captura um espião das Colônias.

Concordo em ir. Se vou ajudar John a fugir hoje à noite, é melhor garantir um bom relacionamento com Thomas. Não quero que ele desconfie.

O furacão iminente, o quinquagésimo primeiro este ano, mostra seus primeiros sinais quando Thomas e eu pisamos na rua: um vendaval agourento, uma rajada de vento gélido, assustadora, de ar úmido. Os pássaros estão inquietos. Cachorros sem dono se abrigam, em vez de vagar. Veem-se menos motocicletas e carros nas ruas. Caminhões entregam garrafões extras de água potável e alimentos enlatados aos residentes dos espigões. Sacos de areia, lampiões e rádios portáteis estão sendo racionados também. Mesmo os estádios onde as Provas são feitas adiaram as que estavam programadas para os dias da tempestade.

– Suponho que você deva estar animada, em vista de tudo que está acontecendo – diz Thomas, quando entramos no cinema. – Falta pouco agora.

Concordo com a cabeça e sorrio. A sessão está lotada, apesar do tempo tempestuoso e das ameaças de apagão. À nossa frente avulta o gigantesco cubo de cinema, um telão de quatro lados, com um lado apontado para cada

bloco de assentos. Ele mostra uma série ininterrupta de comerciais e notícias atualizadas, enquanto esperamos.

– Não creio que *animada* seja o melhor termo para o que estou sentindo – respondo –, mas devo admitir que estou ansiosa. Você sabe os detalhes da execução?

– Bem, eu sei que eu vou supervisionar os soldados na praça. – Thomas mantém a atenção nos comerciais que se revezam. O nosso lado mostra um aviso chamativo que diz: “Está chegando a hora da Prova de seu filho? Matricule-o no Ace Trials, para uma consultoria grátis de instruções!” – Nunca se sabe o que a multidão pode fazer. – Ele diz ainda. – O povo já deve estar se reunindo. Quanto a você, provavelmente vai ficar do lado de dentro, e levará Day para o pátio do fuzilamento. A Comandante Jameson nos dará mais informações quando for a hora.

– Tudo bem.

Fico repensando meu plano, detalhes que têm passado pela minha cabeça desde que encontrei Kaede ontem à noite. Vou precisar de tempo para entregar uniformes a ela antes da execução, tempo para ajudar vários dos Patriotas a entrar furtivamente no Hall. Não deve ser preciso muito esforço para convencer a Comandante Jameson a me deixar acompanhar o Day até o lado de fora. Mesmo o Thomas parece compreender que quero fazer isso.

– June. – A voz de Thomas interrompe meus pensamentos.

– Sim?

Ele me olha curiosamente e franze a testa um pouco, como se acabasse de se lembrar de algo:

– Você não estava em casa ontem à noite.

Fique calma. Dou um sorriso, depois olho de relance para o telão.

– Por que você pergunta?

– Bem, dei uma passada pelo seu apartamento no meio da noite. Bati por muito tempo, mas você não atendeu. Parecia que Ollie estava, por isso eu sabia que você não tinha ido para a pista de corrida. Onde você estava?

Olho para Thomas com a maior cara de pau e digo:

– Eu não consegui dormir. Fiquei no telhado por algum tempo, observando as ruas.

– Você não levou o fone de ouvido. Tentei ligar para você, mas só ouvi a estática.

– É mesmo? – Sacudo a cabeça. – A recepção devia estar ruim, porque eu estava com o fone de ouvido. Ontem à noite ventou muito.

Ele acena positivamente com a cabeça e diz:

– Você deve estar exausta hoje. É melhor você informar à Comandante Jameson, ou ela é capaz de exigir muito esforço de você.

Desta vez eu é que franzo a testa. “Inverta a situação: a melhor defesa é o ataque.”

– O que você estava fazendo à minha porta no meio da noite? Era alguma coisa urgente? Eu não perdi nenhuma instrução da Comandante Jameson, perdi?

– Não, não, nada disso. – Thomas me olha encabulado, e passa a mão no cabelo. Não consigo entender como alguém com sangue nas mãos pode parecer tão despreocupado. – Para ser sincero, eu também não consegui dormir. Fiquei pensando em como você devia estar ansiosa. Então, quis lhe fazer uma surpresa.

Dou um tapinha no braço dele e digo:

– Obrigada, mas vou ficar muito bem. Vamos executar Day amanhã. E depois disso vou me sentir muito melhor. É como você disse: não vai demorar muito mais.

Thomas estala os dedos:

– Há uma outra razão por que eu queria te ver ontem à noite. Eu não devia te contar, porque é uma surpresa.

Surpresas não me parecem divertidas agora, mas finjo estar animada:

– É mesmo? Qual?

– A Comandante Jameson sugeriu, e fez que os tribunais aprovassem. Acho que ela continua possesca com a força com que Day mordeu a mão dela quando ele tentou fugir.

– Ela fez que os tribunais aprovassem o quê?

– Ah, eis o anúncio. – Thomas olha para o telão e aponta para o comercial que aparece. – Vamos antecipar a data da execução do Day.

O comercial é apenas um cartaz digital, uma única imagem congelada. Parece festiva. O texto é em azul-escuro e as fotos surgem num fundo padronizado branco e verde. Vejo a foto de Day no meio disso: “Apenas lugares em pé, em frente ao Batalla Hall, na quinta-feira, 26 de dezembro, às 17 horas, para a execução de Daniel Altan Wing. Espaço limitado. A execução só poderá ser vista nos telões.”

Fico totalmente sem ar. Olho para Thomas e pergunto:

– Vai ser hoje?

Thomas dá um sorrisinho e concorda:

– Hoje à noite. Não é ótimo? Você não vai precisar se afligir durante mais um dia inteiro!

Mantenho a voz alegre:

– Ótimo! Fico satisfeita em saber.

O turbilhão de meus pensamentos se transforma em um pânico crescente. Isso poderia significar muitas coisas. A Comandante Jameson ter convencido o tribunal a antecipar a execução em um dia inteiro é, por si só, incomum. Isso quer dizer que Day enfrentará o pelotão de fuzilamento daqui a apenas oito horas, bem quando o sol começar a se pôr. Não posso libertar John agora – o dia todo será gasto com as providências para a execução de Day. Até a hora mudou. Os Patriotas talvez não possam estar lá comigo hoje. Não vou ter tempo de conseguir uniformes para eles.

Não posso ajudar Day a fugir.

Mas isso não é tudo. A Comandante Jameson *preferiu* não me contar sobre a mudança. Se Thomas já estava a par ontem à noite, isso quer dizer que ela contou a ele no máximo ontem à noite, antes de mandá-lo para casa.

Por que não quis me contar? Ela deveria achar que eu ficaria satisfeita de saber que Day iria morrer 25 horas antes do planejado. A não ser que ela suspeite de alguma coisa. Talvez ela quisesse me deixar por fora apenas para testar minha reação. Será que Thomas sabe de alguma coisa que está escondendo de mim? Todo esse desconhecimento sobre o plano será apenas uma máscara para ocultar a verdade? Ou será que a Comandante Jameson também está deixando o Thomas de fora?

Começa o filme. Dou graças por não precisar falar mais com Thomas, e então poder pensar em silêncio.

Tenho de mudar meus planos. Do contrário, o garoto que não matou meu irmão morrerá hoje à noite.

DAY

A nova data da minha execução chega sem alarde, a não ser o barulho ocasional dos trovões, que vem do lado de fora do edifício. É claro que não consigo ver a tempestade da minha cela, com suas paredes nuas de aço, câmeras de segurança e soldados nervosos, de modo que só posso calcular a aparência do céu.

Às 6 horas da manhã, os soldados tiram minhas algemas e as correntes que me prendem à parede da cela. É uma tradição. Quando um criminoso tornado público vai enfrentar o pelotão de fuzilamento, o Batalla Hall antes transmite cenas em que ele aparece em todos os telões da praça. Eles tiram as correntes da pessoa para que ela possa ter a oportunidade de fazer algo divertido. Já vi isso acontecer, e os espectadores na praça adoram. Geralmente acontece alguma coisa: a determinação do delinquente começa a enfraquecer, então ele suplica e implora diante dos guardas, ou tenta fazer um acordo ou conseguir uma extensão de prazo, ou às vezes chega até a tentar fugir. Ninguém jamais conseguiu. Eles transmitem ao vivo para a praça a imagem do condenado, até chegar a hora da execução, depois focalizam o pátio do pelotão de fuzilamento no Batalla Hall, em seguida a câmera mostra o infeliz indo ao encontro dos carrascos. Os espectadores, na praça, ficam ofegantes e gritam, às vezes de prazer, quando ocorre o fuzilamento. E a República fica feliz por ter feito de um bandido um exemplo a não ser seguido.

Durante vários dias após a execução, ainda repetem as cenas do fuzilamento.

Estou livre para andar na minha cela, mas, em vez disso, simplesmente fico sentado e me encosto na parede, apoiando os braços nos joelhos. Não tenho vontade de divertir ninguém. Minha cabeça dói de ansiedade e medo, prevendo, preocupado, o que vai acontecer. Guardei meu medalhão no

bolso. Não consigo deixar de pensar em John. O que farão com ele? June prometeu me ajudar. Ela deve ter planejado alguma coisa para John, também. É o que espero.

Se June planeja me ajudar a fugir, ela está testando sua sorte até os limites. A mudança na data da minha execução não deve tê-la ajudado em nada. Meu peito dói com a ideia do perigo a que ela está se expondo. Gostaria de saber as revelações que ela obteve. O que pode tê-la magoado tanto que, apesar de seus privilégios, tenha se tornado uma adversária da República? E se ela estava mentindo... bem, por que ela mentiria sobre me salvar? *Talvez se importe comigo*. Rio um pouquinho dessa ideia. Que pensamento doido numa hora como esta! Talvez eu consiga lhe roubar um beijo de despedida antes de ir para o pátio.

Mas de uma coisa eu sei: mesmo se o plano de June falhar, mesmo se estiver isolado e sem aliados quando me dirigir para o pelotão de fuzilamento... vou lutar. Os soldados vão ter de me encher de balas para me imobilizar. Trêmulo, respiro. Ideias corajosas, mas será que estou preparado para levar isso a cabo?

Os guardas na minha cela estão mais armados do que de costume, e têm também máscaras de gás e coletes de proteção. Nenhum deles se atreve a tirar os olhos de mim. Estão certos de que eu vou fazer alguma coisa de doido. Olho fixo para as câmeras de segurança, imaginando a aparência da multidão na praça.

– Vocês devem estar adorando isto – digo, após algum tempo. Os soldados movem os pés, alguns empunham as armas. – Desperdiçando um dia de sua vida me assistindo numa cela. Que barato!

Silêncio. Os soldados estão com muito medo e não respondem.

Visualizo a multidão lá fora. O que o povo estará fazendo? Talvez alguns deles continuem a ter pena de mim e ainda estejam dispostos a protestar por mim. Quem sabe alguns deles estejam protestando, embora de modo não tão intenso quanto da última vez, pois nesse caso eu provavelmente escutaria parte da gritaria no corredor. Muitos deles

certamente me odeiam, devem estar dando vivas. Outros, ainda, podem estar lá apenas por curiosidade mórbida.

As horas se arrastam. Agora eu estou até ansiando pela execução. Pelo menos vou ver outra coisa que não as paredes cinzentas da minha cela, mesmo que por pouco tempo. Topo qualquer coisa para deter esta espera terrivelmente maçante. Além disso, se June não tiver êxito com seu plano, vou afinal deixar de pensar em John, na minha mãe, na Tess, no Éden, em todo mundo.

Os soldados se revezam na cela. Sei que as 5 horas da tarde devem estar próximas. É quase certo que a praça já esteja lotada. *Tess*. Talvez ela também esteja lá, com muito medo de ver a execução, mas também com muito medo de perdê-la.

Ouçoo passos no corredor, e depois, uma voz que reconheço. A de June. Levanto a cabeça e olho para a porta. Chegou a hora? Da minha fuga... ou da minha morte?

A porta se abre. Os guardas abrem caminho quando June entra na cela, de uniforme completo, acompanhada pela Comandante Jameson e por vários outros soldados. Prendo minha respiração quando a vejo. Nunca havia visto June nessa roupa antes: dragonas reluzentes e luxuosas nos ombros, uma elegante capa espessa de veludo caindo até os pés, um refinado colete vermelho, botas com fivela no peito do pé, um quepe militar típico. Uma maquiagem simples ressalta seu rosto e o cabelo está penteado num rabo de cavalo impecável no alto da cabeça. Esse deve ser a vestimenta padrão dos agentes para eventos especiais.

June para a alguma distância de mim e, quando me esforço para ficar de pé, ela olha para o relógio e diz:

– São 4h45 da tarde. – Ela me olha. Tento examinar seus olhos, para ver se consigo adivinhar qual é seu plano. – Algum último pedido? Se você quer rezar ou olhar pela última vez para seu irmão, é melhor nos informar agora. É o único privilégio que vai ter antes de morrer.

Claro. Últimos pedidos. Olho fixamente para ela e mantenho minha expressão ingenuamente impassível. O que ela quer que eu diga? Os olhos

de June estão intensos e ardentes.

– Eu... – começo. Todos os olhos estão em mim.

Vejo June fazer um movimento muito sutil com os lábios. “John”, ela pronuncia. Olho de relance para a Comandante Jameson.

– Quero ver meu irmão, John – digo. – Pela última vez, por favor.

A comandante faz um gesto impaciente com a cabeça para mim, então estala os dedos, depois resmunga algo para o soldado que se aproxima dela. Ele bate continência e sai. Ela me olha e diz: – Concedido. – Meu coração bate mais forte. June e eu trocamos breves olhares, mas antes de eu poder me focalizar nela, ela se vira para pedir alguma coisa à Comandante Jameson.

– Tudo está no lugar, Iparis – responde a comandante. – Pare de me aborrecer.

Esperamos em silêncio por vários minutos, até eu ouvir passos no corredor de novo. Desta vez, há o som de alguém sendo arrastado, misturado com a marcha firme dos soldados. Deve ser John. Engulo em seco. June não olha de novo para mim.

Então John entra na cela, cercado por dois guardas. Está mais magro e pálido do que antes. Seu cabelo comprido e muito louro está pendurado em mechas sujas, e ele nem parece notar que parte delas está grudada em seu rosto. Meu cabelo deve estar com a mesma aparência. Ele sorri ao me ver, embora haja pouca alegria no sorriso. Tento retribuir o sorriso.

– Oi! – Digo.

– Oi! – Ele responde.

June cruza os braços e diz:

– Cinco minutos. Diga o que quer e acabe logo com isso.

Concordo com a cabeça, e não digo nada.

A Comandante Jameson lança um olhar para June, mas não faz menção de ir embora. – Certifique-se de que sejam exatos cinco minutos, nem mais um segundo. – Ela então pressiona uma das mãos na orelha e começa a gritar mais ordens, sem tirar os olhos de mim.

Durante vários segundos, John e eu apenas nos entreolhamos. Tento falar, mas minha garganta está engasgada, minhas palavras não saem. As coisas não deviam ser assim para John. Talvez para mim, mas não para ele. Sou um cara rejeitado, um criminoso, um fugitivo. Repetidas vezes infringi a lei. Mas John não fez nada de errado. Foi aprovado na Prova de maneira justa e correta. Ele é amoroso, responsável. Nada parecido comigo.

– Você sabe onde está o Éden? – John finalmente quebra o silêncio. – Ele está vivo?

Sacudo a cabeça e respondo:

– Não sei, mas acho que sim.

– Quando você encarar o pelotão – continua John, com voz rouca –, não abaixe a cabeça, está bem? Não dê mole para eles, não deixe que o afetem.

– Não vou deixar.

– Faça que eles se esforcem. Dê um soco em alguém, se precisar. – John me dá um sorriso triste e velhaco. – Você é um garoto assustador. Então... assuste essa gente! Até o fim.

Pela primeira vez em muito tempo sinto-me como seu irmãozinho. Preciso engolir em seco para manter os olhos secos.

– Deixa comigo – sussurro.

Nosso tempo acaba depressa demais. Nós nos despedimos, e os dois guardas que vigiam John agarram seus braços, tiram-no da minha cela e o levam de volta à sua. A Comandante Jameson parece mais tranquila, obviamente aliviada porque meu pedido chegou ao fim. Ela gesticula para os demais soldados e ordena:

– Façam fila. Iparis, acompanhe os guardas de volta à cela desse rapazinho. Eu volto daqui a pouquinho. – A Comandante Jameson desaparece pela porta.

Respiro fundo. Preciso de um milagre agora.

Vários minutos depois, levam-me para fora. Faço o que John disse e mantenho a cabeça ereta, os olhos inexpressivos. Agora ouço a multidão. O som aumenta e diminui; é um fluir constante de vozes humanas. Passo os

olhos pelos painéis de tela plana nas paredes do corredor, enquanto caminhamos. As pessoas na praça estão inquietas, mudando de posição como ondas num dia de tempestade, e consigo distinguir as filas de soldados que as cercam. De vez em quando, vejo pessoas com uma faixa vermelha bem escura pintada no cabelo. Soldados estão percorrendo a multidão e cercando-a para prendê-las, porém elas parecem não dar a mínima.

June se reúne a nós e acompanha a fila, perto dos últimos soldados. Dou uma olhadinha para trás de mim, mas não consigo ver o rosto dela. Os segundos se arrastam. Que acontecerá quando alcançarmos o pátio?

Finalmente, chegamos aos corredores que levam ao pátio do pelotão de fuzilamento.

É aí que escuto Thomas, o jovem capitão, dizer:

– Srta. Iparis!

– Pois não? – Pergunta June.

Então, ouvi palavras que quase fazem meu coração parar. Duvido que ela tenha planejado isto:

– Srta. Iparis – ele repete –, a senhorita está sob investigação. Acompanhe-me.



Meu primeiro instinto é atacar Thomas. É isso que eu teria feito se ele tivesse me pegado sem tantos soldados por perto. Eu avançaria contra ele com tudo, bateria nele até deixá-lo inconsciente, depois pegaria Day e correria até as saídas. Já estaria com John. Em algum lugar dos corredores por onde o levam de volta à sua antiga cela estariam os dois guardas desmaiados no chão. Avistaria John no poço de ventilação. Ele estaria esperando lá para eu tomar minha próxima providência. Eu iria libertar Day, gritar um sinal, então John surgiria da parede como um fantasma, e fugiria conosco. Mas não posso vencer uma luta contra Thomas e todos os guardas sem o elemento surpresa.

Por isso decido fazer o que ele diz:

– Investigação? – Pergunto, com a testa franzida. Ele toca gentilmente no boné, como se estivesse se desculpando, depois pega um dos meus braços e começa a me levar para longe dos soldados que vigiam Day.

– A Comandante Jameson me pediu para deter você – ele diz. Rodeamos o canto do corredor e nos dirigimos à escadaria. Mais dois soldados se juntam a ele. – Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

Exibo um ar de irritação:

– Isso é ridículo! Será que a comandante não poderia escolher um momento menos dramático para essa bobagem?

Thomas não responde.

Ele me conduz pela escadaria, descemos dois andares, até chegarmos ao porão onde as salas de execução, redes elétricas e câmaras de armazenamento ficam ao longo dos corredores. Agora sei por que estou aqui. Eles descobriram que falta uma bomba eletromagnética, a que dei à Kaede. Geralmente o levantamento de estoque só acontece no fim do mês, mas Thomas deve tê-lo feito hoje de manhã. Consigo não transparecer no

rosto o pânico cada vez mais crescente. *Concentre-se*, lembro a mim mesma raivosamente. *Uma pessoa apavorada é uma pessoa morta.*

Thomas para no lance inferior da escada. Põe a mão no cinto, e percebo o reluzir do cabo de sua arma.

– Uma bomba eletromagnética desapareceu. – As luzes que balançam acima lançam sombras malévolas no rosto dele. – Eu vi que estava faltando hoje cedo, depois que bati na porta de seu apartamento. Você disse que estava no telhado ontem à noite, certo? Você sabe alguma coisa sobre esse desaparecimento?

Olho com firmeza para o rosto dele e cruzo os braços:

– Você acha que eu fui a responsável?

– Não a estou acusando de nada, June. – Sua expressão é trágica, até suplicante, mas ele não afasta a mão da arma. – Mas achei que era muita coincidência. Poucas pessoas têm acesso ao arsenal, e sabemos mais ou menos onde estavam as outras pessoas ontem à noite.

– “Sabemos mais ou menos?” – Digo com sarcasmo suficiente para fazê-lo corar. – Isso é meio vago. As câmeras de segurança me filmaram? A Comandante Jameson encarregou você de me interrogar?

– Responda à pergunta, June.

Eu o olho furiosamente. Ele hesita, mas não se desculpa pela mudança de tom. *Será que chegou minha hora?*

– Eu não tirei a bomba de lá – afirmo.

Thomas não está convencido:

– Você não tirou a bomba de lá... – ele repete.

– Que mais posso lhe dizer? Fizeram outra verificação do estoque? Você tem certeza que falta alguma coisa?

Thomas pigarreia e diz:

– Alguém adulterou as câmeras de segurança aqui debaixo, por isso não temos nada filmado. – Ele dá um tapinha na arma. – Foi um trabalho benfeito. E quando penso em trabalho benfeito, penso em uma pessoa: você.

Meu coração acelera.

– Eu não quero fazer isto. – A voz de Thomas fica mais suave. – Mas achei estranho você passar tanto tempo interrogando Day. Você agora está com pena dele? Você planejou alguma coisa para...

Ele não chega ao fim da frase.

Subitamente, uma explosão sacode todo o corredor e nos atira contra a parede. Poeira escorre pelo teto, centelhas tremeluzem no ar. Os Patriotas. A bomba eletromagnética. Eles a explodiram na praça. Afinal de contas, eles acabaram vindo de acordo com o programado, momentos antes de Day entrar no pátio do pelotão de fuzilamento. O que significa que todas as armas deste edifício vão ficar inativas por exatos dois minutos. *Obrigada, Kaede.*

Empurro Thomas com força contra a parede, antes que ele possa recuperar o equilíbrio, depois arranco a faca de seu cinto, alcanço a caixa da rede elétrica e a abro. Atrás de mim, Thomas tenta pegar sua arma, como se estivesse em câmara lenta.

– Peguem essa moça!

Pego a faca e corto toda a fiação elétrica da caixa de luz.

Há um estalo, uma chuva de fagulhas, todo o porão fica às escuras. Escuto Thomas xingar: ele descobriu que sua arma não está funcionando. Os soldados tropeçam uns sobre os outros. Eu rapidamente vou tateando até a escadaria.

– June! – Grita Thomas de algum lugar atrás de mim. – Você não está entendendo! É para seu próprio bem!

As palavras transbordam da minha boca:

– Sei, foi isso que você disse ao Metias?

Não vai demorar para a energia de reserva funcionar. Não espero pela resposta de Thomas. Chego aos degraus e subo de três em três, contando os segundos desde que a bomba explodiu. Até agora, onze segundos. Faltam 109 segundos para as armas voltarem a ser ativadas.

Chego impetuosamente ao primeiro andar e encontro um caos. Soldados correndo para a praça, passos ecoando em todos os lugares. Abro caminho diretamente de volta ao pátio do pelotão de fuzilamento. Detalhes me percorrem a cabeça como uma saraivada de pensamentos. Faltam 97 segundos. Há 33 soldados correndo do outro lado, sendo que doze na minha direção. Algumas telas planas estão negras, deve ser o corte de energia, outras mostram o pandemônio na multidão lá fora. Alguma coisa está caindo do céu até a praça. Dinheiro! Os Patriotas estão jogando dinheiro dos telhados. Metade da multidão está lutando para sair da praça, enquanto a outra metade se embaralha toda para pegar as Notas.

Setenta e dois segundos. Chego ao corredor do pelotão de fuzilamento e num instante absorvo a cena: três soldados inconscientes. John e Day, ele com uma venda solta no pescoço, que os guardas devem ter posto nos olhos dele antes de a bomba explodir. Os dois estão lutando com um quarto soldado. Os outros devem ter sido chamados para ajudar a conter o tumulto na praça, mas não vão demorar, devem voltar logo, logo. Corro até eles e chuto os pés do soldado, fazendo que caia no chão. John lhe dá um soco no queixo. O soldado apaga.

Sessenta segundos. Day está oscilante, como se fosse desmaiar. Um soldado deve tê-lo golpeado na cabeça, ou talvez sua perna esteja causando o problema. John e eu o apoiamos entre nós, e eu os conduzo a um corredor mais estreito, separado dos corredores do pelotão de fuzilamento. Começamos a caminhar rumo às saídas. A voz da Comandante Jameson retumba nos interfones um segundo depois. Ela está furiosa.

– Executem esse garoto! *Agora!* Garantam que a praça transmita o fuzilamento!

– Droga! – Murmura Day. Sua cabeça se inclina para um lado, seus reluzentes olhos azuis estão opacos e desconcentrados. Troco um olhar com John e vamos adiante. Soldados estarão voltando agora, para arrastar Day de volta ao pátio.

Vinte e sete segundos.

Estamos a quase 80 metros das saídas. Estamos percorrendo um metro e meio por segundo, 27 vezes 1,5 equivale a pouco mais de 40 metros. Em 40 metros, as armas serão reativadas. Já posso ouvir as botas dos soldados nos corredores adjacentes aos nossos, fazendo barulho no piso. Provavelmente procurando por nós. Precisamos de pelo menos mais 27 segundos para alcançar as portas, antes que eles nos peguem neste corredor. Eles vão disparar até nos matar, muito antes de conseguirmos sair.

Detesto esses meus cálculos.

John me olha rapidamente e diz:

– Nós não vamos conseguir.

Entre nós, Day está numa espécie de torpor. Se os irmãos continuarem e eu correr de volta para enfrentar os soldados, provavelmente só vou conseguir derrubar alguns, antes que eles acabem comigo, e vão alcançar John e Day.

John para de andar. Sinto o peso de Day em cima de mim.

– O que... – começo a dizer, até que vejo John tirar a venda do pescoço de Day e virar o corpo. Arregalo os olhos. Sei o que ele pretende fazer. – Não, não, fique com a gente!

– Vocês precisam de mais tempo – diz John. – Eles querem uma execução? Pois vão ter uma.

Ele começa a se afastar de nós correndo, voltando para o corredor.

Voltando para o pátio do pelotão de fuzilamento.

Não! “Não, não, John! Aonde você vai?” Gasto um segundo olhando para ele, me debatendo em dúvidas, sem saber se devo persegui-lo.

John vai fazer o que planeja.

Então a cabeça de Day se encosta no meu ombro. Faltam seis segundos. Não tenho escolha. Mesmo quando ouço os gritos dos soldados atrás de nós, no hall que leva ao pelotão de fuzilamento, eu me obrigo a olhar para frente e ir adiante.

Zero segundo.

As armas são reativadas. Continuamos avançando. Passam-se mais segundos. Escuto um tumulto nos corredores atrás de nós. Tomo o cuidado de não olhar para trás.

Então chegamos às saídas, saímos apressadamente para a rua. Um par de soldados nos alcança. Já não tenho força para lutar, mas tento. Eis que alguém está lutando comigo, os soldados caem. Kaede corre na minha linha de visão, gritando:

– Eles estão aqui! Vai!

Eles estavam escondidos perto das saídas dos fundos, como combinamos. *Os Patriotas vieram nos ajudar.* Quero dizer para esperarem por John, mas sei que não adianta. Eles nos agarram e nos levam para suas motocicletas. Tiro minha arma do cinto e a atiro no chão. Não posso permitir que o rastreador me acompanhe. Day vai numa motocicleta, eu, em outra. “Vamos esperar pelo John”, tenho vontade de dizer.

Mas então partimos. O Batalla Hall se afasta de nós.

DAY

Um clarão forte de relâmpago, um retumbar de trovão, o barulho de chuva forte. Longe daqui, o som pungente das sirenes que avisam sobre inundações. Abro os olhos, e os estreito para ver a água caindo neles. Por um instante, não consigo me lembrar de nada, nem do meu nome. Onde estou? O que aconteceu? Estou sentado bem ao lado de uma chaminé, encharcado. Estou no telhado de um edifício alto. A chuva cobre o mundo ao meu redor, o vento assobia através da minha camisa ensopada, ameaçando me fazer voar. Busco abrigo atrás da chaminé. Quando olho para o céu, vejo um campo interminável de nuvens que se movem, negras e furiosas, iluminadas pelos raios.

De repente, lembro de algumas coisas. Do pelotão de fuzilamento, do corredor, das telas planas. De John. Da explosão. De soldados em toda parte. De June. Era para eu estar morto, com o corpo crivado de balas.

– Você acordou!

Largada, quase invisível na noite, usando um traje preto, está June. Ela está sentada desconfortavelmente, encostada na parede da chaminé, sem se importar com o toró que lhe escorre no rosto. Eu mudo de lugar e me viro para ela. Um espasmo de dor me percorre a perna machucada. Palavras parecem se prender na minha língua, e se recusam a sair.

– Estamos nos arredores de Valencia. Os Patriotas nos trouxeram para o lugar mais longe a que se dispuseram. Daqui, foram para Las Vegas.

– Lágrimas escorrem de seus olhos. – Você está livre. Saia da Califórnia enquanto pode. Eles vão continuar a nos perseguir.

Abro e fecho a boca: estarei sonhando? Apresso-me a me aproximar dela. Uma das minhas mãos toca seu rosto.

– Que... que aconteceu? Você está bem? Como você me tirou do Batalla Hall? Eles sabem que você me ajudou?

June apenas olha fixamente para mim, como se tentando decidir se respondia ou não às minhas perguntas. Finalmente, ela olha de relance para a beira do telhado:

– Veja você mesmo.

Esforço-me para me levantar. Agora posso olhar do telhado para os telões que foram as paredes. Vou mancando até a beira do telhado, até a grade e olho para baixo. Estamos mesmo nos arredores. Agora dá para perceber que o edifício em que estamos empoleirados está abandonado e tapado com tábuas, e que apenas dois telões neste quarteirão inteiro estão funcionando. Olho para as telas.

A manchete que nelas aparece me deixa sem fôlego:

DANIEL ALTAN WING EXECUTADO HOJE
POR UM PELOTÃO DE FUZILAMENTO

Um vídeo é mostrado atrás da manchete. Vejo uma gravação em que eu estou sentado na minha cela. Olho para a câmera, e então o vídeo corta para o pátio, onde o pelotão de fuzilamento está perfilado. Vários soldados arrastam até o centro do pátio um rapaz que luta. Não me lembro de nada disso. O garoto está vendado, com as mãos fortemente algemadas às suas costas. Ele parece meu sócia.

Exceto por alguns detalhes que somente eu poderia observar, seus ombros são ligeiramente mais largos do que os meus. Ele caminha com se estivesse mancando falsamente, sua boca parece mais com a do meu pai do que com a da minha mãe.

Aperto os olhos através da chuva. *Não pode ser...*

O rapaz para no centro do pátio. Seus guardas lhe dão as costas e se apressam em voltar ao lugar onde estavam. Uma fila de soldados levanta as armas. Os homens as apontam para ele. Há um breve e terrível silêncio. E então fagulhas e fumaça saem das armas. Vejo o garoto se contorcer a cada

disparo, e depois cair de rosto para baixo na terra. Ouvem-se mais alguns tiros, e logo volta o silêncio.

O pelotão de fuzilamento rapidamente começa a agir. Dois soldados apanham o corpo do garoto e o levam para as câmeras de cremação.

Minhas mãos começam a tremer.

O garoto é John.

Giro o corpo e encaro June. Ela me observa em silêncio.

– Esse aí é o John! – Grito, em meio à chuva. – Esse garoto é *John!* O que ele estava fazendo lá no pátio?

June não diz nada.

Não consigo respirar direito. Compreendo agora o que ela fez.

– Você não o levou de volta à cela! – Consigo balbuciar. – Você simplesmente nos trocou!

– Não fui eu que fiz isso – ela responde. – Foi ele mesmo.

Vou mancando até ela. Agarro seus ombros e a empurro contra a chaminé.

– Quero que você me conte o que aconteceu! Por que ele fez isso? – Grito. – Eu é que devia ter sido executado!

June grita de dor, então me dou conta de que está ferida. Tem um profundo corte no ombro, sua blusa está manchada de sangue. Que estou fazendo, gritando com ela? Rasgo uma faixa de tecido da parte de baixo da minha camisa, e tento passá-la pelo ombro dela, como faria Tess. Aperto o tecido e o amarro. June se retrai.

– Não é nada sério – ela mente. – Foi só uma bala que me pegou de raspão.

– Você está ferida em algum outro lugar?

Passo as mãos no seu outro braço, depois suavemente lhe toco a cintura e as pernas. Ela está tremendo.

– Acho que não – ela responde. – Estou bem. – Quando ponho fios molhados do seu cabelo atrás das suas orelhas, ela me olha e diz: – Day, as

coisas não correram de acordo com meu plano. Eu queria libertar vocês dois e podia ter feito isso, mas...

A imagem do corpo inanimado de John mostrada no telão me desconcentra. Respiro fundo e pergunto:

– O que aconteceu?

– Não havia tempo suficiente. – Ela faz uma pausa. – Por isso John voltou. Ele ganhou tempo para nós ao voltar para o corredor. Eles pensaram que John era você. Ele estava até usando sua venda. Os soldados o agarraram e levaram de volta para o pátio do pelotão de fuzilamento. – Ela sacode a cabeça de novo. – Mas a esta altura a República já deve saber que eles cometeram um erro. Você precisa fugir, Day. Enquanto pode.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não me importa. Ajoelho em frente à June e agarro minha cabeça com as duas mãos, depois caio no chão. Nada mais faz sentido. Meu irmão estava preocupado comigo enquanto eu bobeava na minha cela, como um moleque mimado e egoísta. John sempre me punha em primeiro lugar.

– Ele não devia ter feito aquilo – sussurro. – Eu não mereço.

A mão de June se apoia na minha cabeça e ela diz:

– Ele sabia o que estava fazendo, Day. – Lágrimas também aparecem nos seus olhos. – Alguém precisa salvar o Éden. Por isso John salvou você. Como qualquer irmão faria.

Os olhos dela me olham com fervor. Ficamos aqui, imóveis, paralisados pela chuva. Parece uma eternidade. Recordo a noite que desencadeou isso tudo, a noite em que vi os soldados marcarem a porta da minha mãe. Se eu não tivesse ido àquele hospital, se eu não tivesse cruzado o caminho do irmão de June, se eu tivesse encontrado a cura para a praga em outro lugar... será que as coisas seriam diferentes? Estariam minha mãe e John ainda vivos? Estaria Éden a salvo?

Não sei. Estou com medo demais para avaliar esses pensamentos.

– Você jogou *tudo* fora. – Levanto a mão e toco seu rosto, para tirar a chuva dos seus cílios. – Toda a sua vida, suas convicções. Por que fez isso

por mim?

June nunca esteve mais linda do que agora, sem enfeites e sincera, vulnerável mas invencível. Quando um raio percorre o céu, seus olhos negros reluzem como ouro.

– Porque você estava certo – ela sussurra. – Em relação a tudo.

Quando eu a puxo para abraçá-la, June seca uma lágrima do meu rosto e me beija. Depois enterra a cabeça no meu ombro. E aí eu me permito chorar.

JUNE



**TRÊS DIAS DEPOIS.
BARSTOW, CALIFÓRNIA.
23H40. 11 °C.**

O furacão Evônia finalmente começou a abrandar, mas a chuva, forte e fria, não para de cair em camadas. O céu continua a se agitar em fúria. Mesmo assim, o único telão de Barstow transmite as notícias que chegam de Los Angeles:

ABANDONAR CIDADE: OBRIGATÓRIO PARA
ZEIN, GRIFFITH, WINTER, FOREST.
RECOMENDA-SE QUE TODOS OS CIDADÃOS
DE LOS ANGELES BUSQUEM ABRIGO EM LOCAIS
DE CINCO ANDARES OU MAIS ALTOS.

QUARENTENA SUSPensa NOS SETORES
LAKE E WINTER.

REPÚBLICA OBTÉM VITÓRIA DECISIVA SOBRE
COLÔNIAS EM MADISON, DAKOTA.

LOS ANGELES DECLARA PERSEGUIÇÃO OFICIAL
AOS REBELDES PATRIOTAS.

DANIEL ALTAN WING EXECUTADO EM 26 DEZEMBRO
POR PELOTÃO DE FUZILAMENTO.

É claro que a República divulgaria que a execução de Day foi um êxito, embora Day e eu saibamos que não foi bem assim. Já começaram os sussurros nas ruas e nos becos escuros, os boatos de que Day enganou a morte mais uma vez. E que uma jovem soldado da República o ajudou nisso. Os murmúrios continuam murmúrios, porque ninguém quer chamar a atenção da República, mas, mesmo assim, o povo continua a falar.

Barstow, mais tranquila do que o interior de Los Angeles, continua superlotada de gente, mas a polícia daqui não está procurando por nós, como a polícia da metrópole deve estar. Cidade de ferrovias e de edifícios em ruínas. Bom lugar para Day e eu nos abrigarmos. Gostaria que Ollie pudesse ter vindo conosco também. Se a Comandante Jameson não tivesse antecipado a execução em um dia... Eu queria tê-lo soltado do apartamento, tê-lo escondido num beco e depois voltar para apanhá-lo, mas agora é tarde demais. Que farão com ele? A ideia de Ollie, assustado e sozinho, latindo para os soldados que invadem meu apartamento, me causa um aperto na garganta. Ele é a única lembrança palpável que me resta de Metias.

Agora Day e eu nos esforçamos, por causa da chuva, para voltar para o pátio ferroviário, onde vamos montar acampamento. Tomo cuidado e fico nas sombras, mesmo nesta noite tempestuosa. Day mantém o boné inclinado sobre os olhos. Meti meu cabelo dentro da gola da blusa e passei um velho cachecol, agora encharcado, na parte inferior do rosto. Neste momento, isso é tudo que podemos fazer para nos disfarçarmos. Velhos vagões se acumulam no pátio da sucata, desbotados e enferrujados pelo tempo. São 26, se considerarmos um vagão de carga pela metade, todos da Union Pacific. Preciso me inclinar segundo a direção do vento, para não cair. A chuva causa fisgadas em meu ombro ferido. Nem Day nem eu dizemos uma só palavra.

Quando finalmente encontramos um vagão vazio (um vagão de carga de 150 metros, com duas portas deslizantes – uma fechada pela ferrugem, a outra aberta pela metade; deve ter sido projetado para carregar volumes sólidos), localizado de modo seguro, atrás de outros três no fundo do pátio, entramos nele e nos acomodamos num canto. O local está

surpreendentemente limpo, suficientemente aquecido e, mais importante, está seco.

Day tira o boné e retorce o cabelo. Dá para ver que sua perna está doendo. Ele diz:

– É bom saber que os alertas contra as inundações continuam funcionando.

Concordo com a cabeça e comento:

– Acho difícil as patrulhas nos localizarem com este tempo.

Faço uma pausa para observá-lo. Mesmo agora, exausto e desarrumado, e completamente encharcado, ele tem uma espécie de elegância indomável.

– Que foi? – Ele para de torcer o cabelo.

Dou de ombros e digo:

– Você está com péssima aparência.

Isso faz Day sorrir um pouco, mas o sorriso vai embora tão depressa quanto veio. A culpa toma seu lugar. Eu me calo. Entendo por que ele se sente assim.

– Logo que a chuva parar – ele diz –, quero rumar para Vegas. Quero encontrar Tess e ver que ela está a salvo com os Patriotas, antes que a gente vá até o *front* para achar o Éden. Não posso deixar a Tess para trás. Tenho de saber se ela está melhor com os Patriotas do que conosco. – É como se ele estivesse tentando me convencer de que essa é a coisa certa a fazer. – Você não precisa ir. – Ele continua. – Pegue um outro caminho até o *front* e me encontre lá. Podemos escolher o ponto de encontro. É melhor arriscar apenas um de nós, do que os dois.

Quero dizer a Day que é loucura ir a uma cidade ocupada por militares como Vegas, mas não digo. Tudo o que consigo ver são os ombros estreitos curvados e os olhos arregalados. Day já perdeu a mãe e um irmão. Não pode perder Tess também. Digo a ele:

– Você *deve* mesmo tentar encontrá-la. Não precisa me convencer a fazer isso, mas vou com você, nem adianta.

Day fala, com expressão carrancuda:

– Não, você não vai.

– Você precisa de reforço. Seja razoável. Se alguma coisa lhe acontecer durante o trajeto, como vou saber que você está com problemas?

Day olha para mim. Mesmo na escuridão, não consigo tirar os olhos dele. A chuva limpou seu rosto. A faixa avermelhada de sangue no cabelo desapareceu. Restam apenas alguns hematomas. Ele parece um anjo, se bem que lesionado.

Desvio os olhos, constrangida, e justifico:

– Não quero que você vá sozinho.

Day suspira:

– Tudo bem. Vamos ao *front* para descobrir onde está o Éden, e depois atravessamos a divisa. As Colônias provavelmente vão nos receber bem, talvez até nos ajudar.

As Colônias. Há pouco tempo, elas me pareciam o maior inimigo do mundo.

– Tudo bem – digo.

Day se debruça até onde estou e estende a mão para tocar meu rosto. Percebo que ainda lhe dói mexer os dedos, as suas unhas estão escuras com o sangue seco. Ele diz:

– Você é muito inteligente, mas é uma boba de ficar com alguém como eu.

Fecho os olhos quando ele me toca:

– Então nós dois somos bobos.

Day me puxa para ele, então me beija antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Sua boca é quente e macia, e quando ele me beija com mais ímpeto, passo meu braço pelo pescoço dele e retribuo seu beijo. Nesse momento, não me importo com a dor em meu ombro. Não me importo se soldados nos acharem neste vagão ferroviário e nos arrastarem para fora daqui. Não quero estar em nenhum outro lugar. Só quero ficar aqui, segura contra o corpo de Day, presa em seu forte abraço.

– É estranho – digo depois para Day, quando nós dois nos aconchegamos no chão. Lá fora, o furacão mostra toda sua ira. Em algumas horas vamos precisar ir embora daqui. – É estranho estar aqui com você. Eu mal o conheço... mas às vezes parece que somos a mesma pessoa, nascida em dois mundos diferentes.

Ele fica em silêncio um instante; uma das mãos brinca distraidamente com meu cabelo. Aí divago um pouco:

– Eu imagino como seria se eu tivesse nascido para viver uma vida como a sua, e você tivesse nascido para viver uma vida como a minha. Eu me pergunto se seríamos como somos agora. Será que eu seria um dos mais altos soldados da República? E você? Seria um famoso delinquente?

Tiro a cabeça do ombro dele e o olho:

– Nunca lhe perguntei sobre esse nome de guerra. Por que Day?

– Porque cada dia⁷ significa novas 24 horas. Cada dia quer dizer que tudo é possível de novo. Você pode aproveitar cada instante, pode morrer num instante, e tudo se resume a um dia após o outro. – Ele olha para a porta aberta do vagão da ferrovia, onde faixas escuras de água cobrem o mundo. – E aí você tenta caminhar sob a luz.

Fecho os olhos e penso em Metias, em todas as minhas lembranças favoritas, e até naquelas que eu preferiria esquecer, então o imagino banhado em luz. Na minha cabeça, eu me viro para ele e faço uma última despedida. Algum dia eu o verei novamente, e contaremos nossas histórias um ao outro... mas, por enquanto, eu o tranco em segurança, num lugar onde sua força possa me inspirar. Quando abro os olhos, Day está olhando para mim. Ele não sabe o que estou pensando, mas sei que reconhece a emoção em meu rosto.

Permanecemos deitados juntos, observando os raios e escutando os trovões, e esperando pelo começo de um amanhecer chuvoso.

AGRADECIMENTOS

Todas as vezes em que folheio *Legend*, lembro de mim mesma aos catorze anos, escrevendo à luz de uma lâmpada até altas horas, nas noites de escola, feliz, sem a consciência de que o caminho até a publicação seria muito comprido. Agora sei que são necessárias muitas pessoas para se publicar um livro, e da diferença que faz o trabalho árduo feito por elas. Todos vocês merecem minha gratidão mais profunda:

À minha agente literária, Kristin Nelson, por ter aceitado um primeiro manuscrito que escrevi e não vendeu nada, mas ainda assim nunca haver hesitado na sua confiança em mim enquanto eu escrevia *Legend*, e também por suas brilhantes percepções sobre este livro, que o tornaram o que é hoje. Eu não estaria aqui se não fosse por você. À maravilhosa equipe da Nelson Literary Agency, por assegurar que nada desse errado: Lindsay Mergens, Anita Mumm, Angie Rasmussen e Sara Megibow.

À minha extraordinária editora Jen Besser, por tomar *Legend* sob seu cuidado e aprimorá-la, numa história que brilha muito mais do que eu seria capaz de fazer sozinha. Sou muito afortunada por ter você a meu lado!

À inacreditável equipe da Putnam Children's e Penguin Young Readers que se dedicou a *Legend* apaixonadamente, e me tratou como uma princesa: Don Weisberg, Jen Loja, Shauna Fay, Ari Lewin, Cecilia Yung, Marikka Tamura, Cindy Howle, Rob Farren, Linda McCarthy, Theresa Evangelista, Emily Romero, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Casey McIntyre, Erin Gallagher, Mia Garcia, Lisa Kelly e Courtney Wood, e a todos os editores internacionais que acolheram *Legend* sob suas asas.

À minha incrível agente de entretenimento, Kassie Evashevski, por ter encontrado para *Legend* o melhor estúdio possível, e à Temple Hill e à CBS Films, por serem o já citado melhor estúdio. Isaac Klausner, Wyck Godfrey,

Marty Bowen, Grey Munford, Ally Mielnicki, Wolf-gang Hammer, Amy Baer, Jonathan Levine, Andrew Barrer e Gabe Ferrari: vocês são o máximo! Agradecimentos especiais para Wayne Alexander, por emprestar sua brilhante especialização jurídica a *Legend*.

A Kami Garcia e Sarah Rees Brennan, por terem disponibilizado tempo, apesar de sua vida ocupadíssima e talentosa, para oferecer a uma escritora novata duas espetaculares sinopses, e a JJ, Cindy Pon, Malinda Lo e Ellen Oh, por seus conselhos inestimáveis, palavras generosas e entretenimento pelo Twitter.

A Paul Gregory, pela magia de ter me feito apresentável na minha foto como autora. A meus companheiros do *site* deviantArt, que me ajudam a desenvolver minha criatividade desde 2002, com suas palavras úteis e estimulantes. À minha família extremamente unida, por seu amor incondicional e por sempre me apoiar (e por toda a comida deliciosa).

E, mais importante, a Primo Gallanosa, que viu *Legend* em sua forma inicial (duas frases muito vagas), emprestou-me sua personalidade para eu compor o Day, e seu nome para o cruel ditador da República, sugeriu que June fosse uma garota e prestou atenção ao que eu dizia dia e noite, no medo, na animação, na tristeza e na alegria. Eu te amo.

Notas

[1] *Junebug*, no original, uma espécie de besouro norte-americano. (N.T.)

[2] Prisioneiro de guerra. (N.T.)

[3] Uma espécie de ensopado mexicano, com carne, feijão e pimenta. (N.T.)

[4] Prato japonês. (N.T.)

[5] *Privilégios de root* é ter acessos de administrador a uma determinada máquina com os sistemas citados acima. (N.T.)

[6] *A glória da bandeira*. (N.T.)

[7] *Day*, do inglês, significa *dia* em português. (N.T.)

Título Original: *Legend*

Copyright © 2011 Marie Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direção editorial

Jiro Takahashi

Editora

Luciana Paixão

Editora assistente

Anna Buarque

Assistência editorial

Roberta Bento

Preparação de texto

Virgínia Boechat

Revisão

Dida Bessana

Marcia Benjamim

Produção e arte

Marcos Gubiotti

Capa: © Lori Thorn

Produção Digital: Equire Technologies

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L96L Lu, Marie, 1984-

Legend [recurso eletrônico]: a verdade se tornará lenda / Marie Lu; tradução Ebréia de Castro Alves. – São Paulo: Prumo, 2013.
256p., (Legend; 1)

Tradução de: Legend
Continua com: Prodigy
978-85-7927-259-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros Eletrônicos. I. Alves, Ebréia de Castro. II. Título. III. Série.

13-0918.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Direitos de edição para o Brasil: Editora Prumo Ltda.
Rua Júlio Diniz, 56 – 5º andar – São Paulo/SP – CEP: 04547-090
Tel.: (11) 3729-0244 – Fax: (11) 3045-4100
E-mail: contato@editoraprumo.com.br
Site: www.editoraprumo.com.br

A Autora

MARIE LU trabalhou durante anos como diretora de arte na indústria de vídeo games, mas atualmente se dedica em tempo integral à sua carreira como escritora. Ela se inspirou a escrever *Legend* enquanto assistia na TV a uma adaptação de *Les Misérables* e começou a se perguntar de que modo o relacionamento entre um famoso criminoso e um prodigioso detetive poderia ser apresentado em uma história mais contemporânea. Ela mora na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, onde passa mais tempo do que gostaria em engarrafamentos que parecem não ter fim. Você pode conhecer mais sobre a autora em www.marielu.org.